

Universidade de Vigo

Escola Internacional de Doutoramento

Ana Paula da Fonseca Lopes

TESE DE DOUTORAMENTO

Proposta de Micro-Análise Multimodal de Interação Face a Face: Um Estudo
Exploratório

Dirigida pela Doutora: María del Carmen Cabeza-Pereiro

Ano: 2018

Universidade de Vigo

Escola Internacional de Doutoramento

María del Carmen Cabeza-Pereiro

FAI CONSTAR que o presente traballo, titulado “Proposta de Micro-Análise Multimodal de Interacción Face a Face: Um Estudo Exploratório”, que presenta Ana Paula da Fonseca Lopes para a obtención do título de Doutora, foi elaborado baixo a súa dirección no programa de doutoramento “em Estudos Linguísticos”.

Vigo, 3 de abril de 2018.

A Directora da tese de doutoramento

Dra. María del Carmen Cabeza-Pereiro

Resumo

Ao longo das últimas décadas, vários têm sido os estudos realizados que relacionam os gestos e os restantes movimentos cinésicos com a produção de enunciados verbais. Dentro destes estudos, têm sido analisadas questões como as funções de cada tipo de gesto e de outras partes do corpo em interação, a relação destes movimentos com a fala, a relação entre movimentos cinésicos e o pensamento, o modo como os gestos podem representar imagens concetuais, realidades abstratas ou concretas, emoções, empatia, atitudes e comportamentos (Kendon, 2004; McNeill, 1992; de Jorio, 2000; Duranti, 1997; Kita, 2003).

A presente investigação, de cariz exploratório, analisa comparativamente, tanto numa perspetiva quantitativa como sob o ponto de vista qualitativo¹, estudos de caso realizados com o intuito de tentar perceber diferenças na quantidade e no tipo de gestos (e de outros movimentos cinésicos) executados por falantes nativos do português europeu e por falantes nativos do inglês britânico. Aprofundou-se uma metodologia de micro-análise dos gestos e dos restantes movimentos cinésicos, com base noutras já existentes (Galhano-Rodrigues, 2007; Zagar-Galvão, 2015), para que pudesse ser utilizada como base científica e sustentada na análise de situações de interação face a face que ocorram nos mais diversos contextos. Esta metodologia de micro-análise assenta em pressupostos teóricos desenvolvidos em estudos realizados no âmbito da área dos Estudos do Gesto, nomeadamente da autoria de Kendon (2004; 2013) e de McNeill (1992), bem como, de igual forma, nalgumas áreas da Linguística Aplicada, como sendo a Análise do Discurso, a Análise Conversacional, a Linguística Interacional e, até certo ponto, também a Linguística Forense. Outras áreas do saber são, oportuna e seletivamente, destacadas pelo seu relevo no presente estudo.

O trabalho está dividido em três partes: na primeira parte, são elencadas questões investigadas na área dos Estudos do Gesto, tal como matérias próximas das Ciências da Cultura e das Ciências Cognitivas. Na segunda parte, são analisados os estudos de caso realizados no âmbito do presente trabalho, e é proposta a metodologia de micro-análise

¹ Embora tenha sido efetuada uma análise com base nas duas perspetivas, conferiu-se maior ênfase ao ponto de vista qualitativo, uma vez que se considerou, no contexto dos parâmetros analíticos do presente trabalho, como sendo potenciador de um estudo mais aprofundado e completo.

dos gestos e dos restantes movimentos cinésicos executados em interação face a face para aplicação na análise concreta de contextos em que ocorra uma interação desta natureza. Nestes estudos de caso são comparados falantes nativos do português europeu e falantes nativos do inglês britânico tanto em interação em língua materna (L1) como em língua estrangeira (L2). Na terceira parte, e dado que, entre os mais diversos contextos em que esta análise poderia ser aplicada na prática (políticos, organizacionais, institucionais, entre outros), se tem intenção de a aplicar na análise de interações face a face que ocorram em contextos forenses², são selecionadas e abordadas matérias próximas dos contextos e das Ciências Forenses consideradas de relevo no âmbito do presente trabalho – a Psicologia e a Linguística Forenses –, bem como também matérias próximas das áreas da Linguística Aplicada acima mencionadas.

A análise quantitativa destes estudos de caso revelou que o número de gestos executado pelos falantes nativos do português europeu é consideravelmente superior àquele executado pelos falantes nativos do inglês britânico.

Qualitativamente, foi possível perceber que o modo como cada grupo de falantes interpreta a forma de interagir do outro diverge da realidade. Além disto, e a partir da análise dos diferentes tipos de gestos executados por cada falante em análise, foi possível concluir que se verifica a existência de transmissão de mensagens e de conteúdos semânticos através da execução gestual, mensagens e conteúdos estes que não haviam sido verbalizados pelos falantes.

Fica em aberto o desenvolvimento e aprofundamento futuros deste processo micro-analítico de movimentos cinésicos e a sua possível aplicação neste e noutros contextos interacionais, numa tentativa de contribuir para uma comunicação face a face mais eficaz.

² Esta intenção de aplicação da análise nos contextos forenses de interação será devida e oportunamente explicada e justificada no presente trabalho.

Resumen

A lo largo de las últimas décadas, varios han sido los estudios realizados que relacionan los gestos y los demás movimientos cinésicos con la producción de enunciados verbales. En estos estudios, se han analizado cuestiones como las funciones de cada tipo de gesto y de otras partes del cuerpo en interacción, la relación entre estos movimientos y el habla, la relación entre movimientos cinésicos y el pensamiento, el modo como los gestos pueden representar imágenes conceptuales, realidades abstractas o concretas, emociones, empatía, actitudes y comportamientos (Kendon, 2004; McNeill, 1992; de Jorio, 2000; Duranti, 1997; Kita, 2003).

La presente investigación, de carácter exploratorio, analiza comparativamente, tanto desde un punto de vista cuantitativo como cualitativo³, estudios de caso realizados con el propósito de intentar descubrir diferencias en el número y tipo de gestos (y otros movimientos cinésicos) llevados a cabo por hablantes nativos del portugués europeo y del inglés británico. Se profundizó una metodología de microanálisis de gestos y demás movimientos cinésicos, con base en otras ya existentes (Galhano-Rodrigues, 2007; Zagar-Galvão, 2015), para poder utilizarla como base científica y sostenida en el análisis de situaciones de interacción cara a cara que puedan suceder en los más variados contextos. Esta metodología de microanálisis se basa en supuestos teóricos desarrollados en estudios realizados en el marco de los estudios del gesto, específicamente los de Kendon (2004; 2013) y McNeill (1992), así como, de igual forma, en algunas áreas de la Lingüística aplicada, como el Análisis del discurso, el Análisis conversacional, la Lingüística interaccional y, hasta cierto punto, también la Lingüística forense. Otras áreas del conocimiento son, asimismo, oportuna y selectivamente, destacadas por su importancia en el presente estudio.

El trabajo se divide en tres partes: en la primera parte, se plantean cuestiones investigadas en el área de los Estudios del gesto, como, por ejemplo, materias cercanas a las Ciencias de la cultura y Ciencias cognitivas. En la segunda parte, se analizan los estudios de caso realizados en el marco del presente trabajo, y se propone la metodología de microanálisis

³ Aunque se haya efectuado un análisis basado en los dos puntos de vista, se ha dado mayor destaque al punto de vista cualitativo, ya que se consideró, en el contexto de los parámetros analíticos del presente trabajo, como favorecedor de un estudio más profundo y completo

de los gestos y demás movimientos cinésicos llevados a cabo en interacción cara a cara para aplicación en el análisis concreto de contextos en los que ocurra una interacción de este tipo. En estos estudios de caso se comparan hablantes nativos del portugués europeo y del inglés británico, tanto en la interacción en su lengua materna (L1) y como en una lengua extranjera (L2). En la tercera parte, y dado que, entre los más variados contextos en los que este análisis podría aplicarse en la práctica (políticos, organizacionales, institucionales, entre otros), la intención es aplicarlo en el análisis de interacciones cara a cara que ocurren en contextos forenses⁴, se seleccionan y abordan materias cercanas a los contextos y Ciencias forenses estimadas importantes en el marco del presente trabajo - la Psicología y la Lingüística forenses -, así como también materias cercanas a las áreas de la Lingüística aplicada atrás mencionadas.

El análisis cuantitativo de estos estudios de caso ha demostrado que el número de acciones llevadas a cabo por hablantes nativos del portugués europeo es ampliamente superior al de las llevadas a cabo por hablantes nativos de inglés británico.

Cualitativamente, fue posible observar que el modo como cada grupo de hablantes interpreta la forma de interactuar del otro discrepa de la realidad. Además, y partiendo del análisis de los distintos tipos de gestos realizados por cada hablante analizado, fue posible concluir que, mediante la ejecución gestual, se transmiten mensajes y contenidos semánticos que no habían sido verbalizados por los hablantes.

Dejamos en abierto el desarrollo y profundización futuros de este proceso microanalítico de movimientos cinésicos y su posible aplicación en este y otros contextos interactivos, en un intento de contribuir a una comunicación cara a cara más eficaz.

⁴ Esta intención de aplicación del análisis en los contextos forenses de interacción se explica y justifica debida y oportunamente en el presente trabajo

Abstract

Throughout the past decades, several have been the studies that relate gestures and the other kinesic movements with verbal utterances production. Within these studies, questions such as the functions of each type of gestures and of the other body parts in interaction have been analysed, as well as their relationship with speech, the relationship between kinesic movements and thought, the way gestures can represent conceptual images, abstract and concrete realities, emotions, empathy, attitudes and behaviour (Kendon, 2004; McNeill, 1992; de Jorio, 2000; Duranti, 1997; Kita, 2003).

The present exploratory study analyses comparatively, both under a quantitative and a qualitative perspective⁵, case studies with the goal of understanding differences in the quantity and in the type of gestures and other kinesic movements performed by European Portuguese and British English native speakers. A methodology of micro-analysis of gestures and other kinesic movements has been deepened, based on others already developed (Galhano-Rodrigues, 2007; Zagar-Galvão, 2015), so that it could be used as a scientific basis in a possible analysis of face to face interactions occurring in any type of context. This micro-analysis methodology is based on studies undertaken in the Gesture Studies area, namely from Kendon (2004; 2013) and McNeill (1992). It is also based on some Applied Linguistics studies and areas, such as Discourse Analysis, Conversational Analysis, Interactional Linguistics and Forensic Linguistics. Other areas have been highlighted, selectively and when pertinent, due to their relevance in the present study.

This study is divided into three parts: on the first part, topics studied by the Gesture Studies area, as well as by the Cultural and Cognitive Sciences, are covered. On the second part, the case studies undertaken in the scope of this project are analysed, and a micro-analysis methodology of gestures and other kinesic movements is presented. On these case studies, European Portuguese and British English native speakers are compared, when interacting both in their respective mother tongue (L1) and in a foreign language (L2). On the third part, and because among all the face to face interaction contexts in which this analysis could be applied, it is intended that it may be applied in

⁵ Although the undertaken analysis had been made under the two perspectives, it has been given a bigger emphasis to the qualitative point of view, as, in the context of the analytical parameters of the present work, it has been considered as an enabler of a deeper and more complete study.

forensic contexts⁶, questions about forensic contexts and Forensic Sciences (Forensic Psychology and Forensic Linguistics) are selected and covered, such as issues studied by the afore mentioned Applied Linguistics areas, considered relevant in the context of the present work.

The quantitative analysis of these case studies showed that the number of gestures performed by the European Portuguese native speakers is considerably higher than the number of gestures performed by the British English native speakers.

The qualitative analysis showed that the way each group of speakers interprets the other does not correspond to the reality. Plus, and from the analysis of the different types of gestures performed by each one of the analysed speakers, it has been possible to verify that there are messages and semantic contents transmitted through the gestural production that had not been verbalised by the speakers.

It is hoped that this micro-analytical process of kinesic movements can be further developed, as well as its possible application in this and in other contexts of interaction can be verified, with the aim of contributing for a more efficient face to face communication process.

⁶ This intention of applying the analysis in forensic contexts of interaction will be thoroughly and in due course explained and justified in the present study.

Resumen en español

(según el *Reglamento de estudios de doctorado de la Universidad de Vigo*, art. 34)

La comunicación humana es un proceso enormemente complejo. Cuando interactuamos, transmitimos mensajes no solo través de lo que decimos –el habla– sino también a través de los movimientos cinésicos que realizamos en esa interacción. Todo nuestro cuerpo interviene en el proceso comunicativo y, cuando se pretende analizar de forma completa y detallada una interacción cara a cara, para una interpretación más correcta y cercana a la intención del hablante del mensaje real que se transmitió, tenemos que tener en cuenta las diferentes modalidades que participan en ese procedimiento. En otras palabras, siempre hay que tener en cuenta lo que se ha dicho, la forma en la que se ha dicho y los movimientos que se han realizado al decirlo (Poyatos, 1994, I: 15), adoptando una perspectiva multimodal de análisis. Estas distintas modalidades de la comunicación –el habla y los movimientos del cuerpo– participan de igual forma y con igual importancia en la transmisión de un mensaje en un contexto de interacción cara a cara. Por lo tanto, es preciso incluirlas en un posible análisis de una interacción de esta naturaleza. Ignorar alguna de estas modalidades hace, pues, que este análisis se muestre pobre e incompleto (Merinero, 1996: 272).

Los Estudios del gesto– un área de la Lingüística que investiga, entre otros aspectos, los movimientos del cuerpo, con particular interés hacia los gestos, en contexto de interacción cara a cara– destacan la importancia de estos movimientos en un análisis interaccional. Diversos autores dentro de esta área, así como de áreas adyacentes como la Psicología, la Etnografía, la Etnología, la Antropología, entre otras, han estudiado la relación entre estos movimientos y otros conceptos igualmente importantes en el contexto de un proceso comunicativo de transmisión de mensajes.

A lo largo de las últimas décadas, se han producido diversos estudios relacionando los gestos y demás movimientos cinésicos con la producción de enunciados verbales. En estos estudios, se han analizado cuestiones como las funciones de cada tipo de gesto y de otras partes del cuerpo en interacción, la relación entre estos movimientos y el habla, la relación entre los movimientos cinésicos y el pensamiento, el modo en el que los gestos pueden representar imágenes conceptuales, realidades abstractas o concretas, emociones,

empatía, actitudes y comportamientos (Kendon, 2004; McNeill, 1992; de Jorio, 2000; Duranti, 1997; Kita, 2003).

Se han elaborado ya sistematizaciones de las principales funciones de los gestos (Ekman y Friesen, 1969; Kendon, 2004; 2013; McNeill, 1992), en las que se han definido distintos tipos de gestos, agrupándolos según su función específica en el proceso comunicativo. Pudimos darnos cuenta de que existen gestos que reemplazan el habla, que representan, como hemos afirmado, realidades y / o conceptos concretos y abstractos, que pueden abrir ventanas a la mente (posibilitando una “visualización” del pensamiento del hablante), que pueden además organizar el discurso, marcar el ritmo de un discurso, entre muchas otras funciones. A veces, el mensaje que un gesto transmite no fue, voluntaria o involuntariamente, verbalizado por el hablante. Así, y en un posible análisis de esta interacción concreta, se puede interpretar qué tenía en mente ese hablante cuando transmitió dicho mensaje y, consecuentemente, acceder a información que puede ser más o menos importante, dependiendo del contexto.

Desde muy temprano en la historia mundial diversos autores se dieron cuenta de la importancia y relieve de los gestos (y otros movimientos del cuerpo) en el contexto de una interacción cara a cara y, más recientemente, han surgido, pues, varios estudios que tienen este movimiento en concreto como objeto principal de análisis. Un análisis de una interacción cara a cara que incluya todas las diferentes modalidades de interacción –un análisis multimodal, por lo tanto– permite a quien lo lleva a cabo obtener mucha más información acerca de lo que efectivamente se transmitió que un análisis en el que se estudia parcialmente ese proceso comunicativo. Posibilita, de igual forma, un entendimiento del mensaje más eficaz y cercano a la verdadera intención del hablante. Así, es más factible evitar malentendidos e interpretaciones erróneas de un mensaje que, dependiendo del contexto en cuestión, puede tener consecuencias más o menos graves.

Estas situaciones de malentendidos o interpretaciones erróneas de un mensaje pueden darse en contextos de interacción cara a cara intra o interculturales. Si en una interacción que se produce en un contexto intracultural, en el que los hablantes en cuestión comparten, en principio, la misma lengua, las mismas creencias, los mismos prejuicios y las mismas expectativas, puede suceder una interpretación errónea de un mensaje –o porque lo que fue verbalizado no fue debidamente entendido por el o los interlocutores, o porque tal vez lo que se transmitió a través de los movimientos cinésicos no fue

considerado por los hablantes–, la probabilidad de que estos malentendidos sucedan se incrementa considerablemente en un contexto de interacción intercultural. En la gran mayoría de los casos, las personas no están atentas a las diferencias culturales existentes entre los individuos, y mucho menos al hecho de que, entre culturas distintas, los comportamientos a veces son abismalmente diversos y, por consiguiente, sienten dificultad en interpretar de forma objetiva e imparcial el mensaje transmitido por el otro. Todos estos componentes –habla, movimientos cinésicos, emociones, raíces culturales, prejuicios, expectativas, postura, entre otros– son elementos que no deben ser ignorados cuando se hace necesario un análisis de una interacción cara a cara. Porque cuando le transmitimos algo a alguien, todos estos elementos desempeñan un papel y una función concreta que no debe menospreciarse.

Un análisis completo del proceso comunicativo, teniendo en cuenta todos los elementos antes mencionados, puede aplicarse en cualquier contexto en el que ocurra una interacción cara a cara. A veces, puede ser importante analizar una entrevista o un debate político, un discurso de un dirigente, la charla de un director de una empresa o el interrogatorio dirigido a un sospechoso de un crimen o a un imputado en un tribunal. A veces, comprender la verdad de un mensaje puede resultar vital para evitar un mal juicio o una decisión equivocada. Porque lo que importa es transmitir mensajes y que estos sean correctamente interpretados por quien los recibe.

En Portugal, como en otros países, hay pocas situaciones en las que se analicen las interacciones cara a cara, especialmente para fines de investigación. Sin embargo, si esto sucediera, sería probable que se incrementase considerablemente una mayor constatación de la verdad. En el caso concreto de las interacciones que se dan en contextos forenses –ya sea en un interrogatorio criminal o un juicio ante un tribunal– no hay registros completos que, si fuera necesario, permitan un análisis multimodal del mensaje transmitido. La mayoría de las veces se procede a un registro en audio de las interacciones –a veces, transcrito en papel por individuos sin ninguna formación al efecto– anotándose tan solo de forma simple lo que fue verbalizado por los hablantes. Ahora bien, toda la parte de los movimientos del cuerpo se ignora expresamente, perdiéndose, así, dos tercios de la información dada (Aghayeva, 2011).

Además de este aspecto, es importante destacar el hecho de que, no pocas veces, es manifiesta alguna parcialidad en las valoraciones, opiniones y decisiones sobre lo que fue transmitido por un hablante, independientemente del contexto en el que ocurre la interacción. En un discurso político, por ejemplo, quien lo escucha puede interpretarlo de modo parcial si no comparte igual ideología y creencias. Su mente pondrá en marcha todos los prejuicios, ideologías y pensamientos que defiende y que lo hacen distanciarse del discurso pronunciado por el político. Esta actitud, aunque pueda ocurrir de forma inconsciente, desencadenará un determinado conjunto de percepciones e ideas que llevarán, casi sin lugar a dudas, a que ese individuo no vote, por ejemplo, al partido político del orador. Por otra parte, en un contexto forense, un investigador criminal o un juez son individuos con circunstancias de vida propias, con ciertas creencias, ideologías, pensamientos, expectativas y prejuicios. Todos nosotros, como seres humanos, inevitablemente lo somos. Una vez más, aunque inconscientemente, si alguno de estos individuos tiene que interrogar o juzgar a otro que provenga de una determinada clase o grupo social con historial de alguna turbulencia social y cultural, es casi seguro que, en su mente, se pondrán en marcha todos los estereotipos y su opinión se ajustará a ellos.

Así, y si se pretende que un mensaje –independientemente de su contexto de interacción– sea correcto y fielmente interpretado, de manera a que no se pongan trabas a decisiones más acertadas y justas, parece ser importante que, dependiendo de los contextos y las situaciones, se pueda llevar a cabo un análisis completo del proceso comunicativo en interacción, imparcial, creíble y científicamente sostenido.

Con base en este escenario, en el que, de una parte, se defiende que el proceso comunicativo debe ser analizado, si es necesario, englobando la estructura tripartita que lo conforma –lo que decimos, la forma en la que decimos y los movimientos que realizamos al decir (Poyatos, 1994, I: 15)– y, de otra parte, que a menudo se toman decisiones erróneas en los más distintos contextos de interacción cara a cara, pero sobre todo en los contextos forenses, nos pareció relevante realizar la presente investigación.

Siendo de índole exploratoria, el presente trabajo analiza comparativamente, tanto desde un punto de vista cuantitativo como cualitativo⁷, estudios de caso llevados a cabo con el propósito de intentar comprender las diferencias en la cantidad y tipo de gestos (y otros

⁷ Aunque se haya efectuado un análisis basado en los dos puntos de vista, se ha dado mayor importancia al punto de vista cualitativo, ya que se consideró, en el contexto de los parámetros analíticos del presente trabajo, como favorecedor de un estudio más profundo y completo.

movimientos cinéticos) realizados por hablantes nativos del portugués europeo y hablantes nativos del inglés británico. Se profundizó una metodología de microanálisis de los gestos y demás movimientos cinésicos, con base en otras ya existentes (Galhano-Rodrigues, 2007, Zagar-Galvão, 2015), para poder utilizarse como base científica y sostenida en el análisis de situaciones de interacción cara a cara que ocurran en los más diversos contextos. Esta metodología de microanálisis se basa en supuestos teóricos desarrollados en estudios realizados en el ámbito de los Estudios del gesto, en particular los de Kendon (2004, 2013) y McNeill (1992), así como, de igual forma, en algunas áreas de la Lingüística aplicada, como el Análisis del discurso, el Análisis conversacional, la Lingüística interaccional y, hasta cierto punto, también la Lingüística forense. Otras áreas del conocimiento se destacan, oportuna y selectivamente, por su relieve en el presente estudio.

El trabajo se divide en tres partes: en la primera parte, se plantean cuestiones investigadas en el área de los Estudios del gesto, así como materias cercanas a las Ciencias de la cultura y Ciencias cognitivas. Partiendo de un breve resumen de la historia de los Estudios del gesto, desde su génesis hasta los tiempos presentes, y revisando los principales autores e investigaciones realizadas, se abordan a continuación los principales aspectos, conceptos e ideas defendidos en el marco de esta área. A la par de este tema, también se abordan otros aspectos que relacionan el proceso comunicativo con la cultura y la cognición, en un intento de aunar todos los componentes incluidos en el complejo proceso comunicativo.

En la segunda parte, se analizan los estudios de caso realizados en el ámbito del presente trabajo, y se propone la metodología de microanálisis de los gestos y demás movimientos cinésicos realizados en interacción cara a cara para su aplicación en el análisis concreto de contextos en los que ocurra una situación de interacción de esta naturaleza. En estos casos de estudio se comparan contextos de interacción intra e interculturales, analizando el contexto en el que los hablantes nativos del portugués europeo y del inglés británico interactúan tanto en su lengua materna (L1) como en la lengua extranjera (L2) en un intento de comprender si existen diferencias entre estos dos tipos de interacción, entre estos dos grupos.

En un primer experimento, se compararon cuantitativamente los gestos realizados por los dos grupos de hablantes. En un segundo experimento, se desarrolló y profundizó la

metodología propuesta en este trabajo, analizándose de forma cualitativa los datos recogidos. Se elaboraron tablas y gráficos que esquematizan los resultados obtenidos y se redactaron comentarios, debidamente sostenidos desde el punto de vista científico, sobre las observaciones extraídas. Dentro de este, se llevó a cabo también otro experimento, en el que se pidió a los hablantes nativos de portugués europeo y de inglés británico que analizaran los vídeos relacionados tanto con el grupo opuesto como con su mismo grupo, sin acceso al sonido, y que expresasen sus opiniones sobre esas interacciones.

En el marco del primer experimento realizado, el análisis cuantitativo de estos estudios de caso reveló que el número de acciones realizadas por hablantes nativos de portugués europeo es considerablemente superior a la realizada por hablantes nativos del inglés británico.

Cualitativamente, y en el contexto del segundo experimento, fue posible comprender que la forma como cada grupo de hablantes interpreta la forma de interactuar del otro diverge de la realidad. Aunque, en esas interacciones en concreto, no hubiese ningún momento de especial tensión o irritabilidad, sí lo entendieron así los hablantes nativos de inglés británico con respecto a los hablantes nativos de portugués europeo. Además, con base en el análisis de los distintos tipos de gestos realizados por cada hablante analizado, fue posible confirmar que con la realización gestual se transmiten mensajes y contenidos semánticos que no habían sido verbalizados por los hablantes. Y que algunos gestos revelan el pensamiento del hablante, que otros marcan el ritmo del discurso y que, además, lo organizan. Fue, igualmente, posible percibir que los hablantes nativos del inglés británico realizan la gran mayoría de sus gestos en el espacio físico cercano al torso –con menos amplitud de realización gestual– lo que no ocurre con los hablantes nativos de portugués europeo.

También se realizó un análisis para intentar efectuar una conexión entre el tipo de gestos llevados a cabo y el acto de habla evidenciado. Además, y siempre que fue oportuno, se analizaron algunos momentos de silencio, con el fin de comprender cuál era su carga semántica en aquel contexto concreto de interacción.

En la tercera parte del trabajo, y dado que, entre los más diversos contextos en los que este análisis podría aplicarse en la práctica (políticos, organizacionales, institucionales, entre otros), hay la intención de aplicarlo en el análisis de interacciones cara a cara que

ocurren en contextos forenses⁸, se seleccionaron y abordaron materias cercanas a los contextos y Ciencias forenses consideradas de relieve en el marco del presente trabajo— la Psicología y Lingüística forenses—, así como también materias cercanas a las áreas de la Lingüística aplicada antes mencionadas. Se abordaron, asimismo, otros aspectos como las emociones de quienes interrogan y juzgan. En el marco de estos contextos, se hicieron, además, encuestas a profesionales del área del Derecho, en especial jueces e inspectores de la Policía criminal. Su objetivo fue intentar comprender cuál es la formación —si tienen alguna— de estos profesionales para el análisis de los movimientos del cuerpo en interacción y si habría, por casualidad, apertura por parte de ellos respecto a la existencia de expertos lingüistas que pudieran colaborar con el sistema en el análisis de interacciones cara a cara. Se ha comprobado que, en su gran mayoría, estos profesionales no poseen la formación mencionada y que entienden como positiva dicha colaboración.

En su conjunto, fue posible determinar lo siguiente:

Con sus gestos, los hablantes pueden transmitir información que no habían verbalizado. Así, se puede acceder a mensajes y / o imágenes mentales que los hablantes podrían, voluntaria o involuntariamente, omitir, y que pueden revelarse importantes según el contexto de la interacción —funcionando los gestos, así, como una ventana para la mente (McNeill, 1992, de Ruiter, 2007). Además, los momentos de pausa y duda pueden revelar que un hablante está organizando su pensamiento o, si interactúa en una L2, que necesita más tiempo del que necesitaría en la L1 para elegir elementos léxicos o estructurar sintácticamente su discurso.

Los aspectos comunes compartidos por los hablantes de una interacción (cultura, supuestos, expectativas, creencias, ideologías, educación...) pueden contribuir a que una interacción sea más natural y espontánea y que la transmisión del mensaje sea más eficaz y este más fácilmente comprendido.

Además de los gestos referenciales ya mencionados, se observó lo siguiente para los demás tipos de gestos analizados:

Los gestos estructurantes, siendo movimientos realizados con las manos / brazos y, a veces también, con la cabeza, que marcan el ritmo del habla, pueden ser observados como en

⁸ Esta intención de aplicación del análisis en los contextos forenses de interacción se explica y justifica debida y oportunamente en el presente trabajo.

una aparente conexión con características prosódicas a las que el hablante atribuye un relieve a través de la realización de esos gestos (Kendon, 2013: 16). Kendon (2004) analizó gestos –“*precision grip*” y “*finger-bunch-open-hand*”, por ejemplo– realizados por napolitanos en una coordinación semántica con el contenido del habla. Los gestos de “*precision grip*”, en concreto, se observaron como simultáneos a un contenido del discurso que el hablante considera de vital importancia, pretendiendo destacar algo que entiende como específico e importante en aquel contexto de interacción (Kendon, 2004: 237-247).

Los gestos emblemáticos (Ekman y Friesen, 1969) o “*quotable gestures*” (Kendon, 1992) –gestos con un alto grado de convencionalidad, cuya realización presupone una intención semántica, o sea, existe el objetivo por parte del hablante de crear significado al realizar un gesto emblemático– son gestos marcadamente culturales con significados propios arraigados y visibles en las diversas comunidades en las que se realizan (Kendon, 2013: 12).

Los gestos designados por *butterworth* (McNeill, 1992) –realizados cuando el hablante intenta recordar una palabra, una idea o una expresión (McNeill, 1992: 76-77), pueden revelar, pues, aspectos importantes sobre el pensamiento y su estructuración, así como el estado emocional de un individuo.

Los gestos descriptivos pueden hacer más específico el significado de lo que se dice en simultaneidad con el gesto, pueden representar la forma de un objeto, de una persona o de un lugar, así como sus características espaciales y de tamaño (Kendon, 2004: 185-194).

La forma como los gestos deícticos (Kendon, 2004: 199 y ss.) –gestos en los que el hablante, con las manos y / o el/los dedos, señala hacia uno o más referentes– se realizan varía, como se pudo observar, y esas variaciones pueden transmitir informaciones sobre la forma como el hablante se enfrenta y se relaciona con el referente de ese gesto de señalar (Kendon, 2004: 199).

Los gestos adaptadores (Ekman y Friesen, 1969) son movimientos aprendidos a lo largo del desarrollo social y cognitivo del individuo, usados para satisfacer necesidades del cuerpo o realizar acciones tanto para gestionar estados emotivos como para desarrollar o mantener contactos personales (Ekman y Friesen, 1969: 84); en esta categoría de gestos

se incluyen los gestos de autoadaptación. Son, pues, gestos importantes para la interpretación de estados emotivos, ya que pueden revelar información destacada sobre el hablante (sobre todo, los gestos de autoadaptación) (Galhano-Rodrigues, 2007: 123).

Es importante mencionar que, pese a la intención de aplicar el análisis desarrollado en contextos forenses de interacción cara a cara, no fue posible, debido a limitaciones de carácter legal, recoger datos en estos mismos contextos. Se hicieron varios contactos para solicitar autorización para esta recogida en tribunales y comisarías de policía. Sin embargo, todavía no es legalmente posible registrar en vídeo interacciones cara a cara en este tipo de contextos. Por tanto, esta es una de las limitaciones de este estudio, que imposibilitó un análisis real de verdaderos contextos forenses. A pesar de esta situación, los videos realizados permiten extraer conclusiones plausibles de aplicación en cualquier contexto de interacción, incluido el contexto forense.

En cuanto a aplicaciones y desarrollos futuros del presente trabajo, se podrían realizar estudios en los que se profundizara la relación entre la Psicología y la Lingüística forenses y los Estudios del gesto, y en los que se podrían analizar con más detalle otras materias como las emociones, los prejuicios, las expectativas, las memorias y su relación con los movimientos cinéticos.

Asimismo, podría potencialmente ser interesante para el contexto lingüístico y cultural portugués la creación de una base de datos de gestos y sus interpretaciones limitadas, que pudiera utilizarse como una línea de base científica para el apoyo de la opinión de expertos en diversos campos y esferas.

En relación con este punto anterior, y teniendo en cuenta una aplicación más directa, rápida y tecnológicamente sostenida de la presente investigación, podría además existir interés en el desarrollo de un programa de software / aplicación que reuniera la información recogida en el presente estudio y sirviera de plataforma informática para análisis de interacciones cara a cara.

Defendiendo que, en un futuro, debe poder registrarse en vídeo las interacciones cara a cara, particularmente las ocurridas en contextos forenses, dejamos abierto el desarrollo y profundización futuros de este proceso microanalítico de movimientos cinéticos y su posible aplicación tanto en los contextos forenses como en otros contextos interactivos, en un intento de contribuir a una comunicación cara a cara más eficaz. Porque importa

que lo que transmitimos sea, independientemente de su contexto de producción, interpretado de la forma más cercana posible a la realidad.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, queria agradecer à Professora Doutora Carmen Cabeza-Pereiro, minha orientadora, toda a inextinguível ajuda e colaboração neste projeto de Doutoramento. A sua clareza em expor e explicar as matérias, o seu sentido prático, a sua objetividade e a sua enorme generosidade e elevação de espírito, contribuíram para que, por um lado, este processo pudesse decorrer com a tranquilidade nem sempre fácil de conseguir num projeto desta natureza e, por outro, para que fosse possível concluí-lo.

Manifesto a minha gratidão também à Universidade de Vigo por me ter acolhido no seu Departamento de Tradução e Linguística, proporcionando-me as condições adequadas ao desenvolvimento do meu projeto.

Em segundo lugar, os meus agradecimentos vão para todas as pessoas que me ajudaram ao longo de todo este processo e que fizeram, de igual forma, que o mesmo se desenrolasse e se tornasse possível: ao Professor Doutor Krzysztof Kredens, meu supervisor aquando da minha estada na Universidade de Aston, no Reino Unido, pela sua orientação na parte inicial da elaboração da minha tese; ao Paulo Galante, que me ajudou na execução da árdua e longa tarefa de fazer transcrições no programa ELAN; ao Professor Doutor Francisco Oliveira, que amavelmente colaborou comigo no esclarecimento de dúvidas sobre a investigação realizada; ao Dr. Rui Almeida, Diretor da Polícia Judiciária de Coimbra, que cordialmente me abriu os caminhos necessários; a todos os juízes e investigadores criminais da Polícia Judiciária que, prontamente, responderam aos inquéritos por mim propostos; ao Dr. Euclides Dâmaso, Procurador-Geral Distrital de Coimbra que, sem reservas, me abriu caminhos e ajudou no esclarecimento de dúvidas jurídicas; aos Diretores e Colaboradores dos Serviços Prisionais de Coimbra e do Porto que, sem entraves, colaboraram comigo no desenvolvimento de tarefas necessárias para a concretização deste projeto; aos falantes do português e do inglês que, sem obstáculos, participaram nas gravações dos vídeos e responderam aos inquéritos por mim elaborados.

Em terceiro lugar, mas não menos importante, palavras de agradecimento sentidas à minha família: à minha filha, ao meu marido, ao meu pai, à minha mãe, aos meus irmãos e aos meus sogros, pela inesgotável paciência, inextinguível e incondicional apoio, ajuda e

colaboração em todas as esferas inerentes à elaboração de um projeto desta duração e desta natureza.

Os meus mais sinceros agradecimentos a todos por terem tornado este projeto possível.

Índice Geral

Introdução.....	27
1. Estudos do Gesto.....	37
1.1. História e formação dos Estudos do Gesto (Gesture Studies).....	38
1.2. Fundamentos teóricos dos Estudos do Gesto.....	47
1.2.1. Gesto: definição e partes constituintes.....	47
1.2.2. Fases, sintagmas e unidades dos gestos.....	48
1.2.3. Prosódia (da fala) e gesto.....	49
1.2.4. Funções dos gestos.....	50
1.2.5. Tipologias/Classificações dos gestos.....	52
1.2.5.1. Tipologia de Ekman e Friesen.....	53
1.2.5.2. Tipologia de McNeill.....	54
1.2.5.3. Classificação de Kendon.....	55
1.3. O contínuo de Kendon.....	57
1.3.1. Gestos espontâneos (<i>gesticulation</i>).....	58
1.3.2. Gestos idênticos à língua (<i>language-like gestures</i>).....	58
1.3.3. Pantomimas (<i>pantomimes</i>).....	59
1.3.4. Emblemas (<i>emblems</i>).....	59
1.3.5. As línguas gestuais (<i>sign languages</i>).....	60
1.4. Ponto de geração, reativações, coesão, unidade de ideia global, espaço gestual.....	60
1.5. Polifuncionalidade dos gestos.....	62
1.6. Multimodalidade.....	63
1.7. A fala.....	66
1.8. O olhar.....	68
1.9. As expressões faciais/mímica.....	69
1.10. Os movimentos da cabeça.....	70
1.11. Os movimentos do torso/postura.....	71
1.12. Os movimentos dos membros inferiores.....	72
1.13. A Proxémica.....	73

1.14.	Perspetivas de abordagem da relação gesto-fala-pensamento no processo de comunicação: composto multimodal.....	75
1.15.	Gesto e cultura.....	77
1.16.	Experiências partilhadas e corporização de conhecimento	82
1.17.	A Comunicação e as Ciências da Cultura	84
1.17.1.	A relação entre cultura e indivíduo	85
1.17.2.	Conhecimento e memórias compartilhados, expectativas, pressuposições, estereótipos, preconceitos, discriminação	88
1.18.	Gesto e pensamento.....	89
1.19.	A comunicação intercultural.....	91
1.20.	A fala e os gestos entre falantes de L1 e de L2.....	92
1.21.	Imitação, adaptação e alinhamento no gesto e os neurónios espelho	93
2.	Estrutura e metodologia da investigação.....	98
2.1.	Justificação e perguntas de investigação.....	98
2.2.	Metodologia	100
2.3.	Recolha dos dados	101
2.3.1.	Estudo de Caso 1 – Experiência 1	101
2.3.2.	Estudo de Caso 1 – Experiência 2	103
2.3.3.	Estudo de Caso 2	105
2.4.	Processamento dos dados	107
2.5.	Anotação e análise dos gestos.....	111
2.5.1.	Segmentação dos gestos	111
2.5.2.	Análise da forma e posicionamento dos gestos no espaço gestual.....	111
2.5.3.	Anotação da função dos gestos.....	112
2.6.	Análise e anotação da fala	113
2.7.	Análise e anotação dos movimentos do corpo	113
2.8.	Análise da relação entre gesto e fala.....	114
3.	Resultados da Análise	117
3.1.	Análise do Estudo de Caso 1 – Experiência 1.....	117

3.1.1.	O grupo inglês	117
3.1.1.1.	Contagem dos movimentos do corpo	117
3.1.1.2.	O olhar e a postura	119
3.1.2.	O grupo português	119
3.1.2.1.	Contagem dos movimentos do corpo	119
3.1.2.2.	O olhar e a postura	121
3.2.	Comparação dos resultados da Experiência 1	121
3.3.	Análise do Estudo de Caso 1 – Experiência 2.....	122
3.4.	Análise do Estudo de Caso 2	133
3.4.1.	Análise dos diferentes tipos de gestos	133
3.4.1.1.	Falante 1 (L1)	134
3.4.1.2.	Falante 2' (L1).....	147
3.4.1.3.	Falante 1 (L2)	157
3.4.1.4.	Falante 2' (L2).....	163
3.5.	Observações gerais	167
3.5.1.	O tipo e a quantidade de gestos executados em L1 e em L2	167
3.5.2.	Espaço gestual: zona de execução/dinâmica do movimento	170
3.6.	A relação entre a fala e os gestos	178
3.7.	O sorriso, a proximidade e a empatia.....	179
3.8.	Os gestos e os contextos de interação face a face	183
3.9.	Momentos de silêncio e pausas/hesitações	185
3.10.	Observações	186
4.	Os contextos forenses.....	191
4.1.	Os tribunais	192
4.2.	Os órgãos de polícia criminal	193
4.3.	A comunicação em contextos forenses	195
4.4.	A Psicologia e a Linguística	199
4.4.1.	A Psicologia Forense	199
4.4.2.	A Linguística e a comunicação nos contextos forenses	202
4.4.3.	A Linguística Forense.....	203

4.4.3.1.	Percurso histórico.....	203
4.4.4.	Principais áreas de estudo/investigação.....	204
4.4.5.	O linguista forense.....	205
4.5.	A experiência pessoal e sociocultural de quem interroga e julga.....	208
4.6.	As emoções de quem interroga e julga.....	210
4.7.	Os movimentos cinésicos na interação em contextos forenses.....	215
4.7.1.	Respostas dos juízes.....	215
4.7.2.	Respostas dos investigadores da Polícia Judiciária.....	216
4.8.	Os movimentos cinésicos na deteção de mentiras.....	219
4.9.	Os estudos do discurso e os movimentos cinésicos.....	221
4.10.	Os contextos forenses e os Estudos do Gesto.....	224
5.	Conclusões.....	227
5.1.	Observações e proposta de micro-análise.....	229
5.2.	Limitações do estudo.....	232
5.3.	Estudos posteriores.....	233
6.	Bibliografia.....	236
7.	Anexos.....	265
7.1.	Inquéritos realizados a investigadores criminais da polícia judiciária e a juízes.....	265
7.2.	Inquéritos realizados no âmbito do Estudo de Caso 1 – Experiência 2.....	293
7.3.	Convenções do GAT.....	306
7.3.1.	Sinais de transcrição prosódica (utilizados nas transcrições do presente trabalho).....	306
7.3.2.	Sinais de anotação dos gestos.....	307
7.3.3.	Resumo das principais convenções de transcrição do GAT.....	308
7.3.4.	Vídeos relativos à Experiência 2.....	311

Índice de tabelas

Tabela 1 – Tipologias / classificações dos gestos.....	52
Tabela 2 – A Hierarquia Semiótica (Zlatev, 2009)	83
Tabela 3 – Níveis de comunicação, correspondência aos quatro níveis de significado da Hierarquia Semiótica, níveis de corporização (embodiment), com categorias de sinais comunicativos das diferentes modalidades comunicativas (Zlatev, 2013: 541).	84
Tabela 4 – Exemplo da micro-análise.	115
Tabela 5 – Modalidades em análise.....	115
Tabela 6 – Resultados da contagem relativa ao grupo inglês.....	118
Tabela 7 – Frequências absolutas e relativas referentes ao grupo inglês	118
Tabela 8 – Resultados da contagem relativa ao grupo português.....	120
Tabela 9 – Frequências absolutas e relativas referentes ao grupo português	120
Tabela 10 – Comparação dos resultados do grupo inglês e do grupo português.....	121
Tabela 11 – Respostas dos participantes ingleses relativas ao grupo português	124
Tabela 12 – Respostas dos participantes portugueses relativas ao grupo inglês	126
Tabela 13 – Respostas dos participantes ingleses sobre o vídeo inglês	129
Tabela 14 – Respostas dos participantes portugueses sobre o vídeo português	132
Tabela 15 – Número de gestos por falante	167
Tabela 16 – Tipos de gestos e tipos de enunciados	170
Tabela 17 – Zonas de execução por falante.....	171
Tabela 18 – Número de gestos executados em cada zona (Falante 1)	173
Tabela 19 – Número de gestos executados em cada zona (Falante 2’).....	174
Tabela 20 – Duração e percentagem da fala e dos gestos em 20 minutos (Falante 1 – L1 e L2).....	178
Tabela 21 – Duração e percentagem da fala e dos gestos em 20 minutos (Falante 2’ – L1 e L2).....	178
Tabela 22 – Número de sorrisos (Falante 1 e Falante 2’ – L1 e L2).....	179
Tabela 23 – Sorrisos e fala (contexto 1).....	180
Tabela 24 – Sorrisos e fala (contexto 2).....	180
Tabela 25 – Inquérito realizado aos Inspectores da Polícia Judiciária sobre interrogatórios policiais.....	269
Tabela 26 – Respostas dos juízes ao inquérito sobre movimentos do corpo.....	283

Tabela 27 – Respostas dos investigadores da Polícia Judiciária ao inquérito sobre movimentos do corpo	293
Tabela 28 – Respostas dos ingleses sobre o vídeo português.....	295
Tabela 29 – Respostas dos portugueses sobre o vídeo inglês.....	297
Tabela 30 – Respostas dos ingleses sobre o vídeo inglês.....	298
Tabela 31 – Respostas dos portugueses sobre o vídeo português	302

Índice de imagens

Imagem 1 – Contínuo de Kendon original (McNeill, 1992: 37)	57
Imagem 2 – Contínuo 1: relação entre gestos e fala (McNeill, 2000: 2).....	57
Imagem 3 – Contínuo 2: relação entre gestos e propriedades linguísticas (McNeill, 2000: 3).....	58
Imagem 4 – Contínuo 3: relação entre gestos e as convenções (McNeill, 2000: 4).....	58
Imagem 5 – Contínuo 4: relação entre gestos e o caráter semiótico (McNeill, 2000: 5)	58
Imagem 6 – Espaço gestual (McNeill, 1992)	62
Imagem 7 – Proxémica: os diferentes espaços nas interações sociais (Hall, 1966).	74
Imagem 8 – Grupo Inglês	102
Imagem 9 – Grupo Português	103
Imagem 10 – Contexto 1 (grupo português: da esquerda para a direita – falante 1, falante 2, falante 3).....	106
Imagem 11 – Contexto 2 (grupo inglês: da esquerda para a direita – falante 1’, falante 2’, falante 3’).	106
Imagem 12 – Contexto 3 (grupo híbrido 1: da esquerda para a direita – falante 1, falante 2’, falante 2).....	106
Imagem 13 – Contexto 4 (grupo híbrido 2: da esquerda para a direita – falante 1, falante 2’, falante 3’)	107
Imagem 14 – Contexto 1 (3PT) – ELAN	108
Imagem 15 – Contexto 2 (3EN) – ELAN.....	109
Imagem 16 – Contexto 3 (2EN / 1PT) – ELAN	109
Imagem 17 – Contexto 4 (2PT / 1EN) – ELAN	110
Imagem 18 – Contexto 1: grupo 3 PT	181
Imagem 19 – Contexto 1: grupo 3 PT	181
Imagem 20 – Contexto 1: grupo 3 PT	182
Imagem 21 – Contexto 2: grupo 3 EN.....	182
Imagem 22 – Contexto 2: grupo 3 EN.....	182
Imagem 23 – Contexto 2: grupo 3 EN.....	183
Imagem 24 – As fases etnocêntricas do desenvolvimento (Bennett, 2004: 63)	209

Índice de gráficos

Gráfico 1 – Resultados percentuais relativos ao grupo inglês.....	118
Gráfico 2 – Resultados percentuais relativos ao grupo português.....	120
Gráfico 3 – Percentagem de gestos por falante	168
Gráfico 4 – Zonas de execução por falante (percentagens).....	171

INTRODUÇÃO

No contexto de uma interação, não é apenas através da fala que se transmite mensagens, mas todo o corpo comunica em simultâneo. Raras serão as interações em que os participantes não executam gestos, não movimentam a cabeça, o tronco ou os membros inferiores. Comunicamos de forma constante e permanente, mesmo quando em silêncio. Por vezes, o silêncio pode transmitir mais informação do que um discurso longo, e um gesto pode revelar o que a fala, voluntária ou involuntariamente, omitiu. A informação que o corpo transmite em interação é considerável e comporta dois terços das mensagens que passamos (Aghayeva, 2011). Com efeito, não são apenas as palavras que constituem a base da comunicação humana, mas existem outros elementos – outras modalidades⁹ – que cada um de nós, enquanto falante em interação, utiliza de modo contínuo, com as mais diversas funções, modalidades estas (como os gestos, as expressões faciais, os movimentos dos membros inferiores, por exemplo) que podem adquirir funções comunicativas próprias, podendo inclusive substituir a fala (Merinero, 1996: 272). Assim, a comunicação humana assenta numa base tripla: o que dizemos, a forma como o dizemos e os movimentos que executamos ao dizê-lo (Poyatos, 1994, I:15). Com efeito, Poyatos (1994) definiu a estrutura básica da comunicação humana assente em três vertentes: a linguagem, a paralinguagem e a cinésica. Todos estes componentes formam parte integrante do processo comunicativo e é esta estrutura tripla que nos permite que a comunicação se realize num todo, plenamente e de forma eficaz. Não ter em conta um destes três elementos da estrutura quando analisamos uma interação ou quando tentamos compreender uma mensagem que nos é transmitida dificulta e empobrece de forma substancial a concretização dos nossos objetivos comunicativos (Merinero, 1996: 272). Deste modo, ignorar o que transmitimos através dos movimentos que executamos em interação, por exemplo, é ignorar uma grande parte do que comunicamos (Jones e LeBaron, 2002: 512). Estamos, portanto, perante um processo bastante complexo.

A génese do presente trabalho assenta, por um lado, no interesse por esta complexidade inerente ao processo da comunicação humana e pelos obstáculos que podem ocorrer em qualquer contexto de interação face a face – político, organizacional, institucional, entre outros – na interpretação das mensagens transmitidas. Por outro lado, os problemas que existem em Portugal, e também noutros países, relativamente à resolução de casos

⁹ O conceito de modalidade (bem como o de multimodalidade) será definido e aprofundado ao longo do presente trabalho, sobretudo no capítulo 1.

judiciais – que, não poucas vezes, conduzem injustamente à condenação ou à absolvição do réu em caso de dúvida por falta de prova – despoletaram de igual forma a realização desta investigação, uma vez que se defende aqui que, se os movimentos do corpo fossem analisados de forma científica e sustentada no âmbito de qualquer tipo de interações face a face, mas particularmente nas ocorridas em contextos forenses, talvez esta análise pudesse contribuir para outra sorte de decisões judiciais.

Os obstáculos de interpretação mencionados podem surgir em contextos de comunicação ocorridos entre indivíduos pertencentes ao mesmo grupo linguístico, isto é, indivíduos que partilham o mesmo código de comunicação e as mesmas práticas comunicativas (Hanks, 1996). Mas os mesmos obstáculos podem também surgir em contextos interculturais, ou seja, em interações realizadas entre indivíduos oriundos de diferentes comunidades linguísticas, não partilhando, assim, a mesma língua, os mesmos costumes, as mesmas regras gerais de comunicação. Desta forma, e dentro do complexo processo comunicativo, devemos igualmente ter em conta o conceito de cultura¹⁰, que Poyatos define como uma série de hábitos partilhados pelos membros de um grupo que habita um espaço geográfico, hábitos estes que são aprendidos, mas condicionados biologicamente (Poyatos, 1994, I: 25). Deste modo, e nestes últimos contextos, não será difícil de compreender que a possibilidade de ocorrência de mal-entendidos aumenta de forma considerável e que, dependendo da situação comunicacional, as consequências destas interpretações erradas poderão ser prejudiciais para os participantes em causa.

Tais situações de mal-entendidos podem acontecer, pois a forma de comunicar de cada comunidade linguística, no geral, e de cada indivíduo, em particular, é única: o modo como expomos o nosso pensamento, como executamos gestos, como movimentamos o nosso corpo em interação, como nos posicionamos no espaço, depende sempre de quem somos e de onde provimos – da nossa circunstância única de ser. E esta forma idiossincrática de comunicar é transmitida num todo, uma vez que comunicamos de modo permanente através de um composto multimodal. Por outras palavras, modalidades como a fala, as expressões faciais, os movimentos que executamos com a cabeça, tronco, pernas, mãos e braços – algumas das várias modalidades que integram o processo comunicativo e que adquirem características muito próprias em cada comunidade

¹⁰ O conceito de cultura será abordado de forma mais aprofundada na secção 1.15 do presente trabalho.

linguística e em cada falante – todas passam mensagens, todas comunicam, embora nem sempre com o êxito desejado¹¹, podendo conduzir aos mencionados mal-entendidos.

Deste modo, afigura-se como questão importante tentar evitar a existência destes mal-entendidos ou de dúvidas na interpretação de uma mensagem transmitida em qualquer contexto de interação face a face e, no âmbito do presente trabalho, particularmente em contextos em que pode estar em causa uma decisão justa sobre a absolvição ou a condenação de um indivíduo. Parece importante que a comunicação seja efetuada com eficácia, independentemente do contexto de interação, podendo as mensagens ser interpretadas da forma mais correta, ou seja, indo ao encontro da verdadeira intenção do falante.

Por conseguinte, surgiu o interesse em tentar criar uma ponte entre a área dos Estudos do Gesto – que analisa, entre outros aspetos, os gestos, as suas funções e os seus possíveis significados executados em contextos de interação face a face – e os diferentes contextos de interação face a face, em particular, os contextos forenses. Se, nalguns casos, o que o suspeito, as testemunhas ou o arguido transmitiram fosse analisado, de forma científica e sustentada, tendo em conta a estrutura tripla de comunicação definida por Poyatos (1994), talvez outras conclusões pudessem ser retiradas e os casos pudessem ser julgados de outra forma.

Tendo como base o estado da arte (Estudos do Gesto), que será descrito no capítulo 1 do presente trabalho, os problemas que normalmente existem na interpretação de mensagens transmitidas nos mais diversos contextos de interação e, também, a realidade atual, sobretudo a portuguesa, do que normalmente ocorre nas interações em contextos forenses, que será descrita no capítulo 4, pareceu relevante realizar um estudo exploratório dedicado a esta mesma análise, comparando indivíduos oriundos das comunidades linguísticas portuguesa e inglesa¹². Tem-se, pois, como objetivo o desenvolvimento e aprofundamento de uma metodologia de micro-análise multimodal dos gestos e dos restantes movimentos cinésicos¹³, que poderá ser aplicada no estudo e investigação de

¹¹ Muitas destas modalidades (como alguns gestos, algumas expressões faciais ou alguns movimentos da cabeça, por exemplo) são culturalmente marcadas e o seu significado varia entre diferentes grupos culturais. Estes aspetos serão devidamente descritos e explicados ao longo do presente trabalho.

¹² A escolha destes grupos, e não de outros, prendeu-se sobretudo com motivos de interesse pessoal e logístico.

¹³ Embora seja objetivo do presente trabalho aplicar esta metodologia de micro-análise concretamente em contextos forenses de interação, a mesma metodologia pode ser aplicada em qualquer contexto em que se verifique uma interação face a face.

qualquer contexto em que ocorra uma interação face a face. Esta micro-análise dos movimentos cinésicos executados em interação pretende, através da visualização de imagens registadas em vídeo e de anotações relativas à fala e aos movimentos das diferentes partes do corpo em interação feitas no programa ELAN¹⁴, destacar e interpretar toda e qualquer informação que possa ser retirada a partir dos movimentos executados e que possa ter relevo numa possível análise de uma interação face a face, independentemente da sua natureza.

Tendo como base outras metodologias de análise de movimentos cinésicos já desenvolvidas (Galhano-Rodrigues, 2007; Zagar-Galvão, 2015), bem como estudos já realizados sobre sistematização, funções e significados dos gestos (Kendon, 2004; 2013; McNeill, 1992), teve-se como objetivo aqui aprofundar essas mesmas metodologias e estudos, analisando pormenores na execução dos movimentos cinésicos em interação – particularmente os gestos – como sendo o posicionamento da palma das mãos, a orientação dos dedos e a diferente configuração de diversos tipos de gestos. A análise pormenorizada destas características dos gestos (em simultâneo com o conteúdo dos enunciados verbalizados e o posicionamento e orientação das restantes partes do corpo, sempre que oportuno) tem como finalidade a obtenção de informação interpretativa sobre cada um dos movimentos executados em interação, informação esta que poderá adquirir importância no âmbito de uma análise pormenorizada de uma interação face a face, uma vez que, como afirmado, grande parte do que comunicamos é transmitido através dos movimentos do corpo (Aghayeva, 2011).

Pensando especificamente nos contextos forenses de interação, e apesar do que tem sido estudado sobre a relação entre a comunicação e o Direito, raros têm sido os investigadores que mencionam o papel do comportamento cinésico e a forma como o mesmo se relaciona com a fala neste tipo de contextos. Pelo contrário, e nestes contextos de interação, tem prevalecido unicamente a análise da fala, tendo sido ignorada, até ao momento, a análise dos movimentos do corpo¹⁵ (Matoesian, 2010: 541).

No âmbito deste estudo, importava saber de que forma a maneira idiossincrática de comunicar de portugueses e ingleses poderia ser interpretada (se correta ou

¹⁴ O programa de anotação ELAN será descrito com pormenor mais adiante (cf. secção 2.4).

¹⁵ O título da primeira grande obra que relaciona o discurso e a sua utilização em contextos forenses, *Just Words*, é um indicador de que, até ao momento, apenas se tem destacado a fala nas interações face a face ocorridas especificamente naqueles contextos (Matoesian, 2010: 541).

incorretamente) por investigadores criminais ou por juizes e advogados portugueses que interrogassem suspeitos/arguidos/testemunhas ingleses, bem como a situação culturalmente inversa. Assim, foram levantadas as seguintes questões:

- Em que medida os juizes, os advogados e os investigadores criminais estão sensibilizados para a importância das características cinésicas dos suspeitos/arguidos que inquiram, bem como para as diferenças culturais na transmissão de mensagens por parte dos dois grupos em causa?

Esta questão levou à realização de inquéritos junto a profissionais do Direito e da aplicação da lei, nomeadamente a juizes e a investigadores da Polícia Judiciária, tendo-lhes sido perguntado:

- Se tinham formação em relação à análise e interpretação do comportamento vocal e cinésico dos indivíduos que interrogavam?
- Se consideram útil/pertinente a existência de uma metodologia de micro-análise multimodal para os ajudar a interpretar de forma mais eficaz, mais científica e mais credível os eventos comunicativos dos suspeitos/arguidos?

Concomitantemente, foram levantadas outras questões, numa tentativa de obtenção de resultados objetivos que pudessem comprovar as dúvidas ainda existentes no início da presente investigação, relativas a contextos interacionais em que fossem participantes indivíduos pertencentes aos dois grupos em estudo:

- Existirão diferenças globais, facilmente perceptíveis, entre o comportamento vocal (fala) e cinésico (movimentos do corpo) dos portugueses e dos ingleses?
- Se as houver, de que forma as mesmas são interpretadas em contextos de interação entre estas duas comunidades linguísticas?

No entanto, as respostas que se conseguissem até aqui não seriam ainda totalmente satisfatórias, pois apenas permitiam apurar parte do que seria necessário e pretendido. Assim, e também por esse motivo, surgiram novas questões:

- Que características cinésicas (movimentos do corpo) destes dois grupos se destacam nas interações intra e interculturais? Isto é, quando portugueses

interagem unicamente entre si e quando interagem juntamente com ingleses, que diferenças são possíveis de apurar? A mesma questão se coloca para os ingleses.

- E que interpretações poderão ser feitas dos movimentos cinésicos que executam em simultâneo ao discurso produzido?
- Quais são as diferenças, ao nível do número de movimentos cinésicos executados, nomeadamente dos gestos e do tipo de gestos executados, entre estes diferentes grupos?
- Qual é a interpretação possível de ser feita do significado dos gestos executados, em L1 e em L2, tendo em conta o seu contexto de interação?
- Quais são as diferenças verificadas no que diz respeito ao posicionamento da palma das mãos aquando da execução dos gestos e que interpretações podem daí ser feitas?
- É possível perceber, em contextos de interação em L1 e em L2, se existem gestos que transmitem mais informação do que aquela que foi verbalizada?

Tendo sempre presentes os objetivos acima elencados, nomeadamente a meta de tentar evitar interpretações incorretas de mensagens passadas em interações face a face, bem como o intuito de dar resposta às questões apresentadas, foi realizado o presente estudo, que está dividido em três partes:

Na primeira parte, correspondente ao capítulo 1, disserta-se sobre as premissas que regem os Estudos do Gesto, a área que serve de base teórica para a presente investigação. Esta é uma área científica que perspetiva a comunicação como multimodal e que tem vindo a estudar as diferentes modalidades do corpo em pormenor e tudo o que diz respeito às suas funções nas interações face a face. De todas as modalidades existentes, os movimentos dos membros superiores (mãos e braços) são aqueles que têm merecido mais atenção e destaque por parte dos investigadores, movimentos estes globalmente designados por gestos. Foram igualmente estes os movimentos do corpo aos quais foi dado mais relevo no presente estudo. Primeiramente, neste capítulo 1, foi elaborado um percurso histórico da área, tendo sido também salientados os principais investigadores que se interessaram

pelo estudo do gesto ao longo dos séculos – desde Quintiliano até Kendon, passando também por McNeill e vários outros autores. Foram, de igual modo, destacadas as principais matérias em estudo até ao momento presente, bem como os principais conceitos dos Estudos do Gesto. Foi conferido particular enfoque aos trabalhos desenvolvidos por Kendon (2004; 2013) e McNeill (1992), embora outros autores tenham igualmente sido mencionados pela importância das suas investigações (Ekman e Friesen, 1969; Poyatos, 1993; 1994; 2002; Kita, 2003). Todos os conteúdos descritos e analisados neste capítulo foram destacados, entre outros que o poderiam ter sido, devido à sua particular relevância no contexto do presente trabalho, relevância esta que será explicada e justificada ao longo do capítulo 1, sempre que oportuno.

Para finalizar esta primeira parte, foram ainda abordadas questões relativas às Ciências da Cultura e às Ciências Cognitivas, em que se abarcaram assuntos como a relação entre o indivíduo e a cultura e o indivíduo e a cognição, e conceitos como a memória, as expectativas, a empatia, os preconceitos e os pressupostos de cada falante, fatores sempre presentes em cada interação. Considerou-se importante abordar estas matérias e conceitos, uma vez que são inerentes a qualquer indivíduo e adquirem influência no decurso de qualquer interação face a face, quer intra quer intercultural.

Na segunda parte do trabalho, englobando os capítulos 2 e 3 – uma parte de cariz prático de análise dos estudos de caso realizados no âmbito da presente investigação –, procurou desenvolver-se e aprofundar-se a metodologia acima mencionada de micro-análise multimodal dos movimentos cinésicos executados em contexto de interação. No capítulo 2, descreve-se a estrutura e a metodologia de análise seguidas neste estudo, numa tentativa de criar uma ponte entre a parte teórica anteriormente descrita e apresentada e a subsequente parte de análise prática. No âmbito desta parte prática, e no capítulo 3, apresenta-se, de forma pormenorizada e sustentada, a análise e a descrição dos estudos de caso realizados no âmbito do presente trabalho, bem como as respostas às questões de investigação que foram sendo colocadas ao longo do processo e que têm vindo a ser elencadas neste capítulo introdutório.

Deste modo, foi realizado um primeiro estudo experimental, com intuito de tentar responder às questões seguintes:

- Existirão diferenças globais, facilmente perceptíveis, entre o comportamento vocal (fala) e cinésico (movimentos do corpo) dos portugueses e dos ingleses?

- Se as houver, de que forma as mesmas são interpretadas em contextos de interação entre estas duas comunidades linguísticas?

No âmbito deste primeiro estudo, foi filmado, por um lado, um grupo de falantes ingleses interagindo entre si e, por outro, um grupo de falantes portugueses em igual contexto de interação. Dada a pouca qualidade de som e de imagem dos vídeos – que mais adiante será justificada – e também tendo em conta a disposição física dos indivíduos (com apenas o tronco, os braços/mãos e a cabeça visíveis), foi somente possível efetuar uma contagem do número de gestos e de movimentos do torso e da cabeça executados pelos falantes em causa, com o intuito de perceber se havia diferenças relativamente a este parâmetro quantitativo.

Numa tentativa de resposta à segunda questão, foi pedido a um grupo de portugueses que, sem possuírem qualquer informação sobre o estudo em causa, nem tão-pouco relativamente aos objetivos do que lhes estava a ser solicitado (de maneira a não os influenciar nas respostas), observasse o vídeo do grupo inglês sem acesso à parte sonora e prestando apenas atenção aos movimentos cinésicos, e que afirmasse o que pensavam daquela interação: quem seria aquele grupo, do que falariam, quais as impressões gerais que deixavam passar, entre outros aspetos. Foi solicitado o mesmo a um grupo de ingleses em relação ao vídeo dos portugueses em interação, bem como ainda a um grupo de portugueses para observarem o vídeo do grupo português, e a um grupo de ingleses para observarem o vídeo do grupo inglês.

De igual forma, foi efetuado um segundo estudo experimental, para tentar responder às questões seguintes:

- Quais são as diferenças, ao nível do número de movimentos cinésicos executados, nomeadamente dos gestos e do tipo de gestos executados, entre estes diferentes grupos?
- Qual é a interpretação possível de ser feita do significado dos gestos executados, em L1 e em L2, tendo em conta o seu contexto de interação?

- Quais são as diferenças verificadas no que diz respeito ao posicionamento da palma das mãos aquando da execução dos gestos e que interpretações podem daí ser feitas?
- É possível perceber, em contextos de interação em L1 e em L2, se existem gestos que transmitem mais informação do que aquela que foi verbalizada?

Neste segundo estudo foram realizados novos vídeos, desta vez filmando grupos de três falantes: um grupo formado por três falantes portugueses, outro formado por três falantes ingleses, outro ainda formado por dois falantes portugueses e um inglês e finalmente outro formado por dois falantes ingleses e um português. Nos dois primeiros grupos, os falantes interagiram nas suas respetivas línguas maternas (L1) e, nos outros dois grupos, a interação foi realizada na língua estrangeira do falante que se encontrava em minoria de naturalidade (L2). Os objetivos foram o de tentar perceber diferenças nas características cinésicas das interações em língua materna (L1) e naquelas em que se interagiu em língua estrangeira (L2). As respostas a todas estas questões foram apresentadas ao longo do capítulo 3.

Dado que se pretende que a metodologia desenvolvida possa ser aplicada na análise de contextos forenses de interação face a face – entre outros em que a mesma poderia, de igual forma, ser aplicada –, a tentativa de dar resposta às questões primeiramente apresentadas inicia a terceira e última parte deste trabalho, correspondente aos capítulos 4 e 5, na qual se fez uma abordagem sobre os contextos forenses e onde foram destacadas e descritas questões relativas aos contextos específicos de maior relevo na presente investigação – os tribunais e os órgãos da polícia criminal –, bem como as disparidades de poder linguístico e social existentes numa sala de audiências/sala de interrogatório policial. Por fim, foram abordadas, de forma sucinta e seletiva, as Ciências Forenses que poderão relacionar-se com as matérias em estudo, nomeadamente a Psicologia e a Linguística Forenses¹⁶. Foram também destacados os seus principais autores e ramos de investigação de relevo para a presente análise.

¹⁶ Até ao momento, nem a Psicologia nem a Linguística Forenses abarcam no seu escopo de estudos matérias que incluam a análise pormenorizada dos movimentos cinésicos – particularmente os gestos – executados em contextos forenses de interação. No entanto, são áreas em que, futuramente, esta questão poderia vir a ser incluída.

Além das matérias descritas, foram igualmente abordadas nesta parte questões relativas à sensibilidade intercultural (Bennett, 2004) e à experiência pessoal e sociocultural (Damásio, 1999) de quem julga e interroga em casos judiciais, uma vez que o modo como cada um perspetiva a realidade envolvente pode influenciar a forma como pensa, julga e toma decisões – matérias importantes a ter em conta num contexto forense.

De igual modo, diversas subáreas da Linguística, como sendo a Análise do Discurso (Schiffrin, 1994), a Análise Crítica do Discurso (Fairclough, Mulderrig e Wodak, 2011), a Análise Conversacional (Schegloff, 2007), a Linguística Interacional (Levinson, 2006), a Etnografia da Comunicação (Gumperz, 1972) (cf. secção 4.9) e a (in)existência de relação entre as matérias de análise destas disciplinas e o estudo dos movimentos cinésicos em interação, foram também sucintamente destacadas nesta parte, com o intuito de salientar o que tem sido investigado nestas áreas, bem como com o objetivo de sublinhar a ideia de que a análise dos movimentos cinésicos não tem sido amplamente estudada por estas diferentes subáreas da Linguística, embora analisem o fenómeno da comunicação.

No final desta parte, estabeleceu-se uma ponte entre os contextos forenses e os Estudos do Gesto, numa tentativa de explicar e justificar a aplicação das possíveis contribuições da investigação desenvolvida na análise de casos judiciais.

Em suma, estamos perante um estudo exploratório que teve como principal objetivo tentar perceber e esquematizar as diferenças concretas existentes no comportamento cinésico entre os indivíduos portugueses e ingleses estudados, com a finalidade última de se aprofundar uma metodologia de micro-análise multimodal que poderá ser aplicada na análise de qualquer contexto de interação face a face, quer intra quer intercultural. Nos próximos capítulos, e de forma mais pormenorizada e concreta, será então descrito o que se observou, se analisou e o que foi possível apurar a partir dos estudos de caso realizados. A súmula das observações e dos resultados obtidos foi apresentada no capítulo 5, capítulo este que encerra o presente trabalho e onde se descreveram, além do que foi possível observar, tanto as limitações do mesmo como sugestões de linhas de investigação futuras.

1. ESTUDOS DO GESTO

Estudos do Gesto é uma área de investigação relativamente recente que reúne investigadores de várias áreas disciplinares com um objetivo de investigação comum: o gesto. Mais concretamente, o gesto correlacionado com a fala na comunicação. Estuda-se os diferentes tipos de gestos – gestos que resultam de um esforço cognitivo no processo de enunciação, gestos que marcam o ritmo do discurso e o estruturam, gestos de apontar, gestos para representar objetos, abstrações, entre outros (McNeill, 1992); (Kendon, 2004; Ekman e Friesen, 1969; Kita, 2003). Analisam-se as diferentes funções e polifunções dos gestos (movimentos executados pelas mãos, dedos e braços), dos movimentos da cabeça, a orientação do olhar, os movimentos do tronco e as expressões faciais que, juntamente com a verbalização de um enunciado, transmitem significados que podem ser interpretados de forma distinta consoante as culturas (Kendon, 2004; Kotthoff e Spencer-Oatey, 2007; Kramsch, 2006; McClave, 2000). Descrevem-se as características formais dos gestos e as suas implicações nas diferentes configurações cinésicas a nível semântico (Kendon, 2004). Estudam-se as línguas de sinais e aplicam-se os resultados na formação de línguas gestuais (Wilcox, 2004; Pfau e Steinbach, 2006). Além disso, com vista ao aprofundamento do conhecimento sobre a forma como o gesto está ligado à fala, descrevem-se ainda as suas características neurológicas. Salienta-se a importância do gesto no processo de codificação e decodificação de mensagens e na aquisição de L1 (língua materna) e de L2 (língua estrangeira). Interessa, em suma, aos Estudos do Gesto, quais as formas que os gestos assumem e quais as funções que estes movimentos desempenham numa interação face a face, bem como a relação existente entre os gestos e a fala, entre os gestos e a cultura, entre os gestos e o pensamento.

A área dos Estudos do Gesto não surgiu de nenhum núcleo de estudos em particular, nem de nenhuma área disciplinar isolada, mas da confluência de autores/investigadores provenientes de disciplinas e de épocas distintas, que se dedicaram ao estudo dos movimentos dos membros superiores – gestos – e de outras modalidades cinésicas correlacionadas com a fala. No entanto, e apesar da sua relativamente curta existência, a investigação nesta área tem crescido potencialmente.

Nos próximos parágrafos, serão descritas, de forma breve, as principais correntes na investigação do gesto, que conduziram à formação da área dos Estudos do Gesto. Serão igualmente destacados os principais conceitos teóricos próximos dos Estudos do Gesto,

salientando os investigadores e obras mais relevantes para a investigação do gesto no mundo académico e científico. Serão, por fim, destacados conteúdos relativos aos temas que relacionam o gesto e a cognição e o gesto e a cultura.

1.1. HISTÓRIA E FORMAÇÃO DOS ESTUDOS DO GESTO (GESTURE STUDIES)

Os gestos executados simultaneamente à produção verbal no processo comunicativo, e que resultam do esforço do falante para transmitir a sua mensagem de acordo com as suas intenções, têm sido estudados desde a Antiguidade Clássica. Cícero e Quintiliano foram os primeiros autores a estudar o gesto, através das suas incursões pela Retórica. Quintiliano destacou-se dos outros retóricos ao perceber a *actio* como sendo o movimento do corpo que co-ocorria com a fala, considerado por si um aspeto muito importante no desempenho de um orador. Na sua obra *Institutionis oratoriae* (Quintiliano, 1920)¹⁷, o autor distinguiu diferentes tipos de gestos: gestos que se relacionavam com partes do discurso (início, narração, debate, acusação...); gestos que expressavam os atos do discurso (acusação, denúncia, promessa, conselho, oração, afirmação, pergunta...); gestos que expressavam estados afetivos e emoções (certeza, ênfase, afirmação, modéstia, ansiedade, admiração, indignação, medo...); e gestos que se relacionavam com a estrutura do próprio discurso (apresentação, estruturação, ênfase no discurso, listagens e enumerações e discriminação de aspetos diferentes mencionados no discurso) (Müller *et al.*, 2013: 55).

Nos séculos XVII e XVIII, filósofos como Diderot, Condillac e Vico começaram a entender o gesto como um modo primitivo universal de comunicação a partir do qual a fala evoluiu (Kendon, 2004: 35 e segs.). Com o surgimento de novas áreas das Ciências Humanas (Arqueologia, Etnologia, Antropologia, Sociologia, entre outras) e com o crescente interesse pelo Homem como ser social, bem como pelas línguas faladas noutras culturas, os gestos mereceram a atenção de vários investigadores. Mais tarde, no século XIX, destacam-se quatro grandes contribuições para a área: os trabalhos de Andrea de Jorio, de Edward Tylor, de Garrick Mallery e de Wilhelm Wundt.

¹⁷ Esta obra data originalmente de 95 d.C., embora se cite a sua edição de 1920.

De Jorio (2000)¹⁸ elaborou um estudo sobre os gestos dos napolitanos, num trabalho ligado às áreas da Etnografia e Arqueologia e de particular importância, porque se trata provavelmente do primeiro estudo etnográfico que descreve as formas e as funções dos gestos numa comunidade específica – a napolitana (Kendon, 2004: 45). Enquanto arqueólogo, o seu objetivo era o de comparar e descrever os gestos do quotidiano dos falantes napolitanos seus contemporâneos com os gestos gravados em vasos e mosaicos que representavam os antigos habitantes greco-romanos daquela cidade italiana. De Jorio acreditava que os gestos executados pelos napolitanos que observava na sua época tinham sido mantidos por herança cultural dos seus antepassados greco-romanos (Kendon, 2004: 45). Pela primeira vez, o gesto é entendido como um código comunicativo culturalmente estabelecido semelhante à fala (de Jorio, 2000: xx). Este trabalho de de Jorio abarca também questões como a relação entre a forma física do gesto e o seu significado, de que maneira se pode apresentar o repertório gestual de uma comunidade de um modo consistente, a importância do contexto para a interpretação do gesto, como os gestos podem ser combinados, de que forma desenvolvem expressões metafóricas, entre outras questões (de Jorio, 2000: xx-xxi).

Tanto Tylor (1865) como Mallery (1881) mostraram a necessidade de estudar os gestos no âmbito da comunicação simbólica (Kendon, 2004: 43). Tylor compara as formas de comunicar dos povos em diferentes partes do mundo, justificando, a partir de semelhanças encontradas, que todas as raças humanas provêm da mesma espécie (Kendon, 2004: 50-51).

Mallery (1881), através da sua experiência de relacionamento com os índios da América do Norte, analisou a forma de comunicar destes povos, nomeadamente os gestos e restantes sinais que executavam para transmitir mensagens, tendo descrito de forma pormenorizada a comunicação por gestos e sinais por eles usada (Kendon: 2004: 43).

Por sua vez, Wundt (1901), psicólogo, analisou a relação entre corpo e mente, mais tarde especificamente entre comunicação, língua e mente, contribuindo assim para as classificações semióticas dos gestos (Kendon, 2004: 57-58).

Paralelamente, prevalecia a influência de Charles Darwin (1872), que contribuiu para o entendimento da emoção como estando ligada ao corpo, às origens biológicas, e a mente

¹⁸ Esta obra data originalmente de 1832 e foi objeto de uma edição crítica (a que se cita) por parte de Adam Kendon.

separada deste domínio, uma perspectiva que ia ao encontro do pensamento cartesiano dominante na época. Esta teoria cartesiana teve repercussões em várias áreas e foi a base do mundo científico durante mais de cem anos. Assim, e até então, pensava-se que a língua pertencia à mente e o gesto ao corpo; que a língua se expressava unicamente através da fala; que o gesto era diferente da fala (Wilcox, 2013: 127). A dicotomia cartesiana separando o corpo da mente e a fala dos gestos foi aquela que imperou e influenciou várias áreas do saber, desde a Comunicação à Psicologia, ao longo de várias décadas.

Na primeira metade do século XX, o estudo do gesto não recebeu um grande enfoque. Na década de 1940 (1941), porém, com o estudo pioneiro de David Efron, aluno de Franz Boas – antropólogo americano que já tinha revelado interesse pela gestualidade na comunicação – os gestos voltaram a ser estudados. Efron questionou se o comportamento humano seria moldado pela cultura ou pela natureza. Estudou duas comunidades linguísticas dentro dos EUA, uma formada por imigrantes descendentes de napolitanos e outra formada por descendentes de judeus, e comparou os gestos das comunidades ascendentes e das descendentes. Pôde verificar que, quando comparadas, as diferenças entre os gestos das comunidades descendentes italiana e judaica eram menores. Assim, Efron concluiu que os gestos são padronizados pela tradição cultural e não por traços típicos de uma herança racial (Kendon, 2016). Efron criou igualmente uma classificação de gestos, em que os dividiu e identificou de acordo com as funções que exerciam no discurso co-ocorrente.

Como visto, ao longo de vários séculos, o gesto foi analisado separadamente à fala. Nas décadas de 40 e de 50 do século XX, esta cisão foi ainda mais marcada devido à aplicação dos conceitos da cibernética à comunicação humana (McNeill, 1992: 4; Kendon, 2004: 71). Esta aplicação conduziu à divisão entre o que foi designado por códigos verbal e não-verbal, divisão esta que se deveu sobretudo à colaboração estreita entre cientistas naturais, cientistas sociais e engenheiros nas Conferências de Macy (*Macy Conferences*) que tiveram lugar em Nova Iorque e em Princeton, Nova Jérсия, entre 1946 e 1953, e também à Visão Interacional da Comunicação desenvolvida por Paul Watzlawick e pelo grupo de Palo Alto (Müller *et al.*, 2013). Entre os membros do grupo principal das Conferências de Macy encontrava-se Gregory Bateson que, nos anos 50 do século XX, reinterpretou a comunicação humana à luz da cisão proposta entre comunicação verbal e não verbal (ou comunicação digital e analógica), mantendo a ideia de que se tratavam de códigos e

sistemas diferentes, com funções igualmente distintas (McNeill, 1992: 4; Kendon, 2004: 71; Kendon, 2007: 20). A designação de “comunicação não verbal” materializou-se com a publicação de *Nonverbal Communication: Notes on the Visual Perception of Human Relations* (1956) por parte do psiquiatra Jurgen Ruesch. Tanto Ruesch como Bateson trabalharam em Palo Alto, onde investigaram e filmaram pacientes com esquizofrenia (Kendon, 2007: 20). A análise dos dados recolhidos permitiu a Bateson observar que os movimentos que o ser humano executa em interação desempenham funções totalmente diferentes daquelas atribuídas à fala (Kendon, 2007: 26). Esta observação e a consciência de que fala e movimentos do corpo desempenhavam diferentes funções na comunicação (Feyereisen e de Lannoy, 1991: 49) levou a que estes movimentos passassem a ser estudados numa área autónoma: a cinésica. Esta área de estudos foi fundada por Ray Birdwhistell que, em 1952, publicou a obra *Introduction to Kinesics: an Annotation System for Analysis of Body Motion and Gesture*. Birdwhistell considerou que os movimentos do corpo podiam ser divididos em unidades mínimas (tal como os fonemas na fonética) que designou por quinemas (Birdwhistell, 1970: 257-282).¹⁹ Poyatos (1994, II: 185-186) define a cinésica como “os movimentos do corpo e posições resultantes ou alternantes de base psicomuscular, conscientes ou inconscientes, somatogénicos ou aprendidos, de perceção visual, auditiva, tátil ou cinestésica (individual ou conjuntamente) que, aliados ou combinados com as co-estruturas verbais e paralinguísticas e com os restantes sistemas somáticos e objetuais, possuem um valor intencionado ou não”. Inseridos na cinésica, é necessário distinguir entre gestos, maneiras e posturas, categorias básicas para analisar qualquer trabalho de investigação cinésica (Duque de la Torre, 1996: 183-184).

O encontro de investigadores em 1955 no *Stanford University's Center for Advanced Study in the Behavioral Sciences* é referido como sendo um marco importante para a área dos Estudos do Gesto (Kendon, 1990; Leeds-Hurwitz, 1987). Este grupo de Stanford é também conhecido como o já mencionado grupo de Palo Alto, e reuniu investigadores como Charles Hockett, Gregory Bateson e Ray Birdwhistell. Oriundos de várias áreas – Psiquiatria, Psicologia, Linguística, Antropologia – tinham o interesse comum pela

¹⁹ A través de símbolos base para diferentes partes do corpo (cabeça, face, pescoço, ombros, torso, mãos, pernas e pés), Birdwhistell (1970) desenvolveu um sistema complexo de notação para os movimentos executados pelas mesmas (Nöth, 1995: 400).

cultura e pela comunicação e pelas modalidades usadas para esse efeito. De forma a poder estudar estes fenómenos ao pormenor, recorreram a filmagens. Numa fase inicial, o grupo tentou perceber o comportamento de indivíduos (no que diz respeito a aspetos cinésicos) para poderem aplicar os resultados das suas investigações em tratamentos psiquiátricos, ficando depois associados à emergência da investigação da comunicação verbal e não verbal. É, assim, neste contexto da Escola de Palo Alto que se estabelece os termos “comunicação verbal e não-verbal/digital e analógica” (Watzlawick, Beavin e Jackson, 1967), que acentuam a separação entre os elementos linguísticos e os elementos cinésicos, sendo estes estudados independentemente da comunicação verbal. O termo “comunicação não-verbal” diz respeito a um vasto conjunto de fenómenos comunicativos que ultrapassam a esfera da Linguística, tais como o aspeto exterior (as características físicas de um indivíduo, bem como o seu vestuário), o comportamento espacial dos indivíduos numa interação (a proxémica, a orientação do corpo, a postura), os movimentos do corpo (gestos e restantes movimentos cinésicos), as expressões faciais e a orientação do olhar. Além destas características, a comunicação não-verbal inclui ainda elementos vocálicos, como a entoação de um enunciado, as pausas ocorridas num discurso e outras características prosódicas (Zagar-Galvão e Galhano-Rodrigues, 2015: 280).

No final da década de 1960, os psicólogos Paul Ekman e Wallace Friesen (1969), influenciados por Efron, desenvolveram uma das classificações dos gestos mais conhecidas²⁰, agrupando estes movimentos de acordo com as funções que desempenhavam no contexto interativo.

Em 1972, Adam Kendon – internacionalmente conhecido pelo seu trabalho sobre gestos e comunicação, e influenciado tanto por Birdwhistell (1970) como por Condon e Ogston (1966; 1967) – publicou um artigo intitulado “Some relationships between body motion and speech” em que analisou os gestos e os movimentos da cabeça executados por um falante nativo britânico filmado em interação (Kendon, 2007: 22). A teoria de Kendon sobre a relação entre os gestos e a fala desenvolveu-se ao longo da década de 1970, culminando em 1980 com a publicação de mais um artigo, intitulado “Gesticulation and speech: two aspects of the same process of utterance”. Kendon foi o primeiro investigador a conceber o gesto e a fala como uma unidade. Sugeriu que a fala se manifesta através de duas formas de atividade simultânea: nos movimentos dos órgãos vocais e nos

²⁰ Esta classificação de Ekman e Friesen (1969) será descrita na secção 1.2.5.1.

movimentos do corpo, particularmente nos dos membros superiores (Kendon, 1972: 205). Kendon (1970; 1972; 1980) verifica que os gestos estão relacionados e interligados à fala, tanto no que diz respeito à marcação do ritmo, como às diferentes unidades de significado (Kendon, 1970; 1972; Condon e Ogston, 1966). Os seus pontos máximos de execução (golpes) estão coordenados com os acentos prosódicos (Kendon, 1972; 1980). Os gestos têm sido perspetivados como manifestações de unidades de ideia global em relação ao enunciado ao qual está a conferir expressão; executa-se um segmento de gesto distinto para cada unidade de significado com a qual o falante lida (Kendon, 1980: 218)²¹.

Em 1985, David McNeill publicou o artigo “So you think gestures are nonverbal?”. Corroborando a ideia de Kendon, McNeill considerava que os gestos e a fala faziam parte do mesmo sistema (McNeill, 1992; 2005), e que diferentes tipos de gesto correspondem a diferentes fases de aprendizagem linguística, e diferentes afasias (perdas de fala) implicam que diferentes tipos de gesto desapareçam. Assim, os gestos e a fala devem ser entendidos como dois modos do mesmo processo de construção e de apresentação de significado na comunicação humana (McNeill, 1992: 23-25). McNeill adota também uma perspetiva psicológica da comunicação, em que o gesto é entendido como uma janela para a mente, uma vez que muitos gestos reproduzem imagens cognitivas (McNeill, 2013: 29-30)²².

Nos anos 90 do século XX já se tinham estabelecido vários núcleos de investigação do gesto na Europa, principalmente em Itália e na Alemanha. No entanto, e um pouco por todo o continente, nomes como o de Cornelia Müller, Isabella Poggi, Jürgen Streeck, Luis Payrató, Nick Enfield, Pierre Feyereisen, Roland Posner, Sotaro Kita, entre muitos outros, foram adquirindo cada vez mais relevo devido às suas importantes contribuições na investigação do gesto. Fora da Europa, nomes como o de Susan Goldin-Meadow e Charles Goodwin também se iam salientando em iguais investigações. Estes investigadores não só estão na génese da ISGS – *International Society for Gesture Studies*, como também são os nomes que mais têm influenciado as gerações mais recentes

²¹ Estes conceitos específicos da área dos Estudos do Gesto, como sendo o de “golpe”, “unidade de ideia global”, entre outros, serão mais adiante explicados nas secções 1.2.2 e 1.4.

²² Devido à sua importância no âmbito da área dos Estudos do Gesto, a investigação e o pensamento de Kendon e de McNeill serão mais adiante desenvolvidos com maior profundidade (cf. secções 1.2.5.2, 1.2.5.3, 1.3 e 1.4).

de investigadores nesta área, pelos seus trabalhos pioneiros e de vanguarda sobre fala, gestos e outros movimentos do corpo.

No ano 2000, na Universidade Fernando Pessoa, no Porto, realizou-se a primeira conferência em Portugal exclusivamente dedicada ao gesto: *Gesture, Meaning and Use*, onde foram discutidos assuntos como os aspetos bio-psicológicos, os aspetos comunicativos e os aspetos culturais dos gestos, os gestos nas interações pessoa-computador, gestos e pensamento, gestos e teatro e cinema, para destacar alguns. No âmbito deste evento, destacaram-se investigadores como Cornelia Müller, Isabella Poggi, Monica Rector, Roland Posner, Sotaro Kita, entre outros.

Foi o interesse crescente destes e de outros investigadores pelo assunto dos gestos que levou à criação da associação internacional já mencionada: a ISGS – *International Society for Gesture Studies*, fundada em 2002, e que se dedica essencialmente ao estudo deste movimento do corpo: o gesto. Os Estudos do Gesto reúnem investigadores de diferentes áreas, cujo denominador comum é o corpo num contexto de comunicação, o corpo como um meio de expressão de mensagens, os movimentos do corpo como o resultado da interação do ser humano com o seu ambiente e contexto sociocultural. Nesse sentido, é uma área que abrange tanto a interação, como outros contextos comunicacionais específicos: interação intercultural (Ting-Toomey e Oetzel, 2002; Kim, 1995), artes performativas (dança, teatro, música) (Camurri *et al.*, 2004), rituais e danças etnográficas, hierarquias e interação, língua gestual (*sign language*), interação pessoa-computador, interação médico-paciente (Feldman, 1992), e muitos outros domínios da comunicação em que o corpo é o objeto principal de estudo.

O nome *gesture* foi escolhido sobretudo devido à importância dada ao movimento dos membros superiores co-relacionados com a fala. Áreas como a Linguística, a Etnologia, a Etologia, a Antropologia, a Psicologia, as Ciências Cognitivas, a Informática, a Engenharia e as Artes – Música e Dança – são algumas nas quais os gestos (e os restantes movimentos do corpo) se têm revelado como fundamentais para a interpretação das mensagens transmitidas pelos interactantes. Os assuntos dentro desta área mais estudados até ao momento têm sido: as funções e a organização do gesto na conversação face a face, a relação entre pensamento e fala, o papel do gesto na evolução do Homem e no desenvolvimento da criança, o gesto e a sua relação com outras modalidades

(multimodalidade), o gesto no local de trabalho e a evolução de línguas gestuais a partir do gesto (<http://www.gesturestudies.com/>).

O surgimento de tecnologia de recolha de imagens e de anotação foi um ponto de viragem importante para o estudo da relação entre o corpo, a fala e a comunicação, em várias áreas (como as já mencionadas Linguística, Antropologia, Sociologia, Psicologia, Ciências Cognitivas, entre outras). Atualmente, defende-se que os movimentos cinésicos e a fala são regulados pelo mesmo sistema concetual (Müller *et al.*, 2013). Esta conceção da existência de um composto multimodal de gesto-fala na transmissão de uma ideia é um pressuposto teórico defendido e seguido pelos investigadores desta área disciplinar. Parte-se, assim, do princípio de que, para comunicar, o ser humano tem à sua disposição várias modalidades cinésicas (ou seja, gestos, movimentos da cabeça, do tronco, dos membros inferiores) e uma modalidade sonora formada por sequências de palavras, com as respetivas propriedades prosódicas e outras vocalizações: comunicação humana perspectivada, deste modo, como multimodal (Mondada, 2013).²³ Em 2013 e 2014 é publicada a obra *Body – Language – Communication*, dois volumes de uma compilação interdisciplinar que reúne artigos sobre a fala, movimentos do corpo e todo o sistema de comunicação humana, agrupando investigações sob a perspetiva de diversas áreas (Müller *et al.*, 2013; 2014).

A receção dos Estudos do Gesto em Portugal na parte da Linguística fez-se por Galhano-Rodrigues (2007) e os estudos realizados na área e no país têm vindo a ser desenvolvidos paralelamente por outros investigadores (Galhano-Rodrigues, 2014). O interesse na investigação relativamente aos Estudos do Gesto em Portugal é abrangente e toca vários e diferentes aspetos: entre os mais diversos investigadores e estudos existentes, podem destacar-se a análise de sequências de interações face a face, em que se relacionam os movimentos do corpo e a fala co-ocorrente (incluindo a prosódia) (Galhano-Rodrigues, 2007; 2012), a alternância de vez, a relação entre corpo e fala, os gestos de apontar e o discurso co-ocorrente, tendo em conta o contexto de interação, as expectativas interpessoais e o alvo apontado (Galhano-Rodrigues, 2012), o gesto de contar pelos dedos como sinal de manutenção de vez, o espaço e o gesto, os gestos de listagens e o ritmo da fala (Galhano-Rodrigues, 2006; 2007; 2008a; 2008b; 2010; 2012; 2015); os gestos na interpretação em simultâneo (Zagar-Galvão, 2009; Zagar-Galvão e Galhano-Rodrigues,

²³ Mais adiante neste capítulo (cf. secção 1.6), a questão da multimodalidade na comunicação será abordada com mais pormenor.

2010; 2015), em que são destacados aspetos sobre os gestos que os intérpretes executam aquando do seu desempenho enquanto profissionais da interpretação em simultâneo, numa tentativa não só de descrever os gestos executados no âmbito de uma atividade social e cognitiva complexa, mas também de perceber de que forma os gestos executados pelos intérpretes podem contribuir para a construção do significado que pretendem transmitir (Galhano-Rodrigues, 2013; Zagar-Galvão, 2015); os gestos em interações intra e interculturais com uma aplicação nos contextos forenses (Lopes, 2011; 2012a; 2012b), em que se pretende desenvolver uma metodologia de micro-análise dos gestos e dos restantes movimentos cinésicos, para ser aplicada na investigação de casos judiciais, e que identifique e descreva pistas multimodais que possam ser relacionadas com estratégias de criação de significado; as dificuldades de aprendizagem nas crianças, educação especial, a língua gestual, a aquisição de gestos por parte das crianças com e sem problemas de audição, com o intuito de se perceber até que ponto a capacidade de ouvir pode afetar tanto a aquisição de gestos como a utilização de diferentes tipos de gestos por parte das crianças portuguesas (Cruz-Santos; 2002; 2010; 2012); os gestos em crianças com deficiências auditivas (Vale e Galhano-Rodrigues, 2015); uma abordagem neurológica da investigação sobre a Língua Gestual Portuguesa, que inclui o projeto “Longitudinal Corpus of Portuguese Sign Language” e cujo objetivo é, por um lado, tentar perceber de que forma os indivíduos surdos categorizam a realidade, e por outro, descrever protótipos existentes na cognição desses indivíduos (Mineiro, Duarte, Pereira e Morais, 2009); os gestos e os movimentos do corpo na dança (Fernandes e Jürgens, 2010), nomeadamente o projeto “TKB – a Transmedia Knowledge Base for contemporary dance”, em que são efetuadas anotações em vídeo, anotações linguísticas e análise dos movimentos executados na dança, estabelecendo uma ponte entre a Linguística e os Estudos de Dança Contemporânea; e o projeto VILA_CCC_Mont, em que se pretende efetuar anotações linguísticas de vídeos de dança contemporânea originais filmados durante os ensaios.

Apesar das diferentes orientações dos estudos realizados, os princípios teóricos dos Estudos do Gesto são em grande parte transversais, interessando, por esse motivo, apresentá-los nas próximas secções.

1.2. FUNDAMENTOS TEÓRICOS DOS ESTUDOS DO GESTO

Nos próximos parágrafos, serão apresentados os principais conceitos teóricos que permitem explicar o que se entende por gesto; mostrar-se-á como se identificam e classificam os gestos, tendo em conta as suas características formais e as suas funções comunicativas; quais as diversas modalidades intervenientes no processo comunicativo; qual a relação existente entre gesto e fala, gesto e cultura, e gesto e pensamento.

1.2.1. GESTO: DEFINIÇÃO E PARTES CONSTITUINTES

Os gestos constituem uma das modalidades cinésicas com um papel importante no processo comunicativo. Estão correlacionados com a fala, podendo, entre outros aspetos, reforçá-la, complementá-la, substituí-la. Estão também correlacionados com outras modalidades cinésicas, nomeadamente com os movimentos da cabeça, o olhar, a posição do tronco, as expressões faciais. Os gestos, tal como todas as restantes modalidades cinésicas, são elementos de extrema importância no processo de transmissão de uma mensagem, uma vez que assumem diversas formas e funções com implicações semânticas de relevo na comunicação, implicações estas que serão mais à frente descritas e explicadas.

Gesto é todo e qualquer movimento efetuado pelos braços/mãos que parta de uma posição de repouso, realize um golpe e regresse à posição de repouso. Trata-se de um percurso executado pela mão/dedos de um ponto para outro, podendo cada um destes pontos ser a posição de repouso ou o fim do golpe – ponto máximo de execução do gesto – do gesto anterior (Kendon, 1996). Os gestos (ou ações visíveis) são ainda definidos de acordo com as funções que cada um desempenha no ato comunicativo (Kendon, 2004): são movimentos que não só podem co-ocorrer com a fala, marcando o seu ritmo, estabelecendo ligações, demarcações, entre outros pontos, como também podem substituir a fala, podendo também revelar aspetos importantes relativos ao pensamento/comportamento do falante. É através dos gestos (e dos restantes movimentos do corpo) que os indivíduos estão de modo permanente a fornecer informação acerca das suas intenções, interesses, sentimentos e ideias, de forma voluntária ou não (Kendon, 2013). Poyatos (1994, II: 200-202) define os gestos como “os movimentos conscientes ou inconscientes que se realizam normalmente com a cabeça, a face ou com as

extremidades do corpo e que podem surgir junto a elementos verbais ou paralinguísticos, alternando com os mesmos ou funcionando em simultâneo, e que constituem uma forma principal de comunicação.” São modos “que podem ser conscientes e dinâmicos, que se aprendem e se ritualizam socialmente de acordo com o contexto situacional” (Poyatos, 1994, II: 200-202).

1.2.2. FASES, SINTAGMAS E UNIDADES DOS GESTOS

Cada gesto é formado por várias fases: 1) preparação (*preparation*) – 2) paragem pré-golpe (*prestroke hold*) – 3) golpe (*stroke*) – 4) paragem pós-golpe (*poststroke hold*) – 5) retração (*retraction*)²⁴ (Kendon, 1996; 2004). Na fase da preparação, o braço/mão toma posição para posteriormente executar o golpe, o ponto de maior amplitude do gesto. Kendon (2004) afirma que, normalmente, se verifica uma “coerência semântica” entre o momento do golpe e o momento da fala que o indivíduo pretende destacar (Kendon, 2004: 115). As paragens de pré e de pós-golpe sustentam a posição que o braço/mão adquirem antes e depois do golpe, respetivamente. Por fim, o movimento da retração corresponde ao retorno do braço/mão à posição de repouso.

As paragens são movimentos facultativos, ou seja, nem sempre se verificam aquando da execução de um gesto. A preparação e a retração são movimentos que podem existir; no entanto, nem sempre todos os gestos têm estas fases: um falante pode partir de uma posição de repouso e executar vários golpes de diferente forma e orientação do movimento e regressar posteriormente à posição de repouso. Sendo cada gesto formado por várias fases, o mesmo designa-se por sintagma de gesto ou, quando vários, sintagmas de gesto que constituem uma unidade de gesto. Por outras palavras, as diferentes fases de um gesto formam um sintagma de gesto que, por sua vez, podem ocorrer dentro de uma unidade de gesto. Por sintagma de gesto entenda-se uma ou mais fases de movimentos (preparação, paragens, golpe, retração...) (McNeill, 1992: 83). Cada um destes golpes é um gesto (sintagma de gesto), inserido numa sequência de gestos, sequência esta que é designada por unidade de gesto. A unidade de gesto começa, assim, com uma fase de preparação e termina com uma fase de retração, em que braços e mãos retomam a posição de repouso (McNeill, 1992: 83).

²⁴ As diferentes fases dos gestos, os diferentes tipos de gesto e os diferentes componentes do gesto, entre outros, foram traduzidos do inglês por Galhano-Rodrigues (2007). São esses também os termos utilizados neste trabalho.

1.2.3. PROSÓDIA (DA FALA) E GESTO

Deve-se a Kendon (1972) um dos primeiros estudos mais sistemáticos da relação entre a prosódia (da fala) e os movimentos do corpo (Galhano-Rodrigues, 2007). “A prosódia é um ramo da linguística que investiga as propriedades fónicas da cadeia da fala que contribuem para a interpretação do significado e determinam o ritmo da frase, a saber, o tom, o acento tónico e a duração” (Mateus *et al.*, 2003: 1037). Kendon baseia a sua investigação nos trabalhos de Condon e Ogston (1966; 1967) e considera que a fala está dividida em sintagmas prosódicos (*prosodic phrases*), sendo estes os grupos mais pequenos de sílabas sobre os quais uma entoação completa recai (Kendon, 1972: 184). O autor verifica que cada unidade prosódica tem associado um padrão de movimento ou uma posição gestual. Assim, cada unidade prosódica é caracterizada por uma posição gestual distinta, posição esta que é realizada no meio da unidade, na altura em que a sílaba mais acentuada ocorre (Kendon, 1972: 200).

Kendon distingue quatro grupos de unidades prosódicas acima do nível do sintagma (*phrase*): os conjuntos de sintagmas (*phrase clusters*), locução (*locution*), os grupos de locuções (*locution groups*) e os conjuntos de locuções (*locution clusters*) (Kendon, 1972: 184 e segs.). O autor constata que uma locução, a unidade principal na qual os sintagmas se combinam e que normalmente correspondem a uma frase completa, está associada a uma unidade gestual distinta e que cada unidade prosódica (*prosodic phrase*) corresponde a um padrão de movimento ou posição distintos (Kendon, 1972: 200). Várias unidades prosódicas podem corresponder também a um só gesto (sintagma gestual/*gesticular-phrase*). Assim, cada unidade prosódica é uma manifestação de uma unidade de ideia global²⁵ expressa pelo enunciado e ligada à sua produção (Kendon, 1980: 216).

O autor conclui que, se o sintagma gestual se organiza ao mesmo tempo, ou até mesmo antes da fala à qual se associa, não pode ser visto como um produto do processo da fala, mas como uma atividade concomitante (Kendon, 1980: 219). Kendon observa também que, na ocorrência de uma pausa ou hesitação no discurso de um falante – “pausas dentro da unidade prosódica” (Galhano-Rodrigues, 2007: 165) –, estando, porém, ativa a produção gestual, o discurso não é interrompido, uma vez que a transmissão de mensagens permanece, através do corpo e dos gestos.

²⁵ O conceito de unidade de ideia global será definido na secção 1.4.

1.2.4. FUNÇÕES DOS GESTOS

As diversas funções que os gestos podem assumir numa interação estão relacionadas com fenómenos de natureza diferente: fenómenos de natureza individual (relativos à personalidade e estatuto dos participantes); fenómenos de natureza modal e interpessoal (dizendo respeito à expressão das expectativas, emoções e atitudes); fenómenos de natureza interacional (referentes à alternância de vez); fenómenos de natureza semântica (relativos ao significado dos enunciados); fenómenos de natureza metacomunicativa (dizendo respeito à intenção comunicativa do falante); fenómenos de natureza concetual (dizendo respeito à relação existente entre os movimentos cinésicos e o ambiente que circunda o falante/a sua relação com o mundo – conceitos/realidades concretos e abstratos); e fenómenos de natureza cognitiva (relacionados com a produção e perceção da fala e dos movimentos do corpo, expressões faciais (entre outras modalidades), e o pensamento) (Galhano-Rodrigues, 2007: 148).

Independentemente do grau de interligação, os gestos que co-ocorrem com a fala raramente transmitem a mesma mensagem que as palavras utilizadas pelo falante que os executa (Kendon, 2004). Muitas vezes, os gestos dão-nos informação que não foi verbalizada pelos falantes (Kendon, 2004: 281), acrescentando não raramente conteúdo ao que foi transmitido pela fala. Devido ao facto de transmitirem significado visualmente, os gestos trazem uma outra dimensão ao discurso: complementam ou clarificam mensagens verbais, realizam atos do discurso diferentes, intensificam uma asserção, completam informação, coordenam o ritmo da fala, salientando elementos significativos, destacam alvos de atenção no mundo extralinguístico através da proximidade espaço-temporal (Kendon, 2004: 281-82), suplementam e enriquecem o que é verbalizado (Kendon, 2013: 12).

Em relação à fala, os gestos podem contradizê-la, negá-la, confirmá-la. A nível cognitivo, os gestos podem ajudar a pensar e a organizar o discurso mental, de modo a que o que é verbalizado seja mais bem articulado e compreensível. No que diz respeito à relação falante-ouvinte, os gestos podem dar indicações sobre de que forma o que está a ser verbalizado deve ser interpretado, se como uma pergunta, uma ironia, uma piada, entre outros (Kendon, 2013). Um gesto não deve ser interpretado isoladamente daquilo que é verbalizado. Aliás, apenas é possível perceber de que tipo de gesto se trata, bem como consequentemente que função desempenha na interação, tendo em conta aquilo que é

verbalizado em simultâneo (Kendon, 2013: 11) e/ou tendo em consideração o contexto daquela interação.

As atividades que os falantes realizam perante indivíduos ou objetos revelam o grau de interesse na interação e os objetivos do falante para com esses indivíduos ou objetos. A forma como um indivíduo gesticula e também as suas expressões faciais podem demonstrar o que sente: proximidade, desdém, preocupação, gratidão, se se encontram numa atitude de desafio ou defesa, se sentem medo, alegria, dor, entre outras emoções. No entanto, é importante salientar que nem todos os gestos (e restantes movimentos do corpo) estão envolvidos na transmissão da mensagem intendida pelo falante. Embora todos os movimentos executados por um indivíduo sejam passíveis de ser interpretados (a mensagem que é passada), nem todos são executados pelo falante de forma consciente e com o intuito claro de transmitir esta ou aquela mensagem em concreto (Kendon, 2013: 7-9). Os movimentos/posicionamento dos membros inferiores, por exemplo, podem transmitir informação sobre o estado do falante (se está envolvido/interessando na interação ou se não revela empenho no que está a ser abordado); são movimentos importantes na dança, mas não estão ligados à fala; através dos movimentos/posicionamento desta parte do corpo, não se acrescenta, suplementa nem se enriquece o conteúdo verbalizado; poderá apenas ser possível perceber o estado emotivo e/ou o interesse/empenho do falante naquela interação.

Verifica-se, assim, que os gestos co-ocorrentes com a fala, sempre analisados no seu contexto social, cultural e temporal de execução, assumem funções importantes na interpretação, análise e descodificação de uma mensagem. Os gestos podem servir também de janela para a mente, de projeção da língua e podem ainda funcionar como processo único de transmissão de uma mensagem multimodal (McNeill, 1992). Podem revelar diferenças culturais importantes no que diz respeito às características formais, lexicais, morfológicas e estruturais de cada língua, sendo as marcas morfológicas, lexicais e sintáticas idiossincráticas de cada uma, entre outras, responsáveis pela execução dos gestos em simultâneo com o discurso falado (Kita e Özyürek, 2003; Kita, 2003; Kita, 2009).

As diferentes características formais dos gestos e a sua relação com a fala e com as restantes modalidades da comunicação implicaram que, ao longo dos tempos, fossem

propostas diversas classificatórias dos gestos, algumas das quais serão apresentadas na próxima secção.

1.2.5. TIPOLOGIAS/CLASSIFICAÇÕES DOS GESTOS

Ao longo dos séculos, tem vindo a ser efetuada a sistematização dos movimentos dos membros superiores e têm vindo a ser desenvolvidas várias propostas de tipologias/classificações de gestos. Destacam-se aqui a de Ekman e Friesen, a de McNeill e a de Kendon, pelo seu relevo no âmbito do presente estudo e por servirem de base para a classificação e designação dos gestos nele analisados. Não se pretendendo fazer uma abordagem profunda das tipologias destes autores, serão apenas apresentados e descritos de forma breve os aspetos mais importantes de cada uma das classificações, fazendo oportunamente referência às subdivisões, variações e correspondências consideradas por cada autor. A tabela 2 oferece uma perspetiva geral das principais tipologias/classificações de gestos:

Ekman e Friesen (1969)	McNeill (1992)	Kendon (2004; 2013)
Pictográficos	Imagísticos:	Referenciais: - Representativos/Descritivos
Cinetográficos	- Icónicos	
Ideográficos	Imagísticos:	Referenciais: - Deíticos
Espaciais	- Metafóricos	
Deíticos	Deíticos	Operativos
Batuta	Batuta	Pragmáticos: - Modais - Performativos
Ostentações de estados afetivos	Butterworth	
Emblemas		
Adaptadores		

Tabela 1 – Tipologias / classificações dos gestos²⁶

²⁶ Para um quadro mais abrangente, cf. Zagar-Galvão, 2015: 46.

1.2.5.1. Tipologia de Ekman e Friesen

Ekman e Friesen (1969) baseiam os seus estudos sobre os gestos na tipologia e classificação de Efron (1941; 1972). No entanto, estes autores desenvolveram os estudos pioneiros e criaram uma classificação mais vasta e mais completa dos gestos na comunicação humana. Os autores concluíram que havia os seguintes tipos de gestos: emblemas (*emblems*), ilustradores (*illustrators*), ostentações de estados afetivos (*affect displays*), reguladores (*regulators*) e adaptadores (*adaptors*). Os emblemas são gestos convencionalizados, que contêm significado específico, e que podem substituir a fala – o que transmitem pode ser traduzido por palavras. São específicos de uma cultura e são executados pelos falantes de forma consciente e intencional (Ekman e Friesen, 1969). Os ilustradores são os gestos que estão correlacionados com o conteúdo dos enunciados e subdividem-se nos seguintes tipos: gestos batuta (*beats*), que são movimentos que acentuam ou dão ênfase a uma determinada palavra ou grupo de palavras; gestos ideográficos (*ideographs*), movimentos que esboçam um percurso, uma direção de pensamento, um itinerário; gestos deícticos (*deictics*), movimentos de apontar para um objeto presente; gestos espaciais (*spatial*), movimentos que demonstram uma relação espacial; gestos cinetográficos (*kinetographs*), movimentos que representam uma ação do corpo; gestos pictográficos (*pictographs*), movimentos que desenham a imagem do seu referente (Ekman e Friesen, 1969: 68 e segs.). Tal como os emblemas, os ilustradores são produzidos de forma consciente. As ostentações de estados afetivos (*affect displays*) são exibidas sobretudo pela face e indicam o estado afetivo/emotivo de um indivíduo; são movimentos que começam por ser desenvolvidos devido à necessidade do ser humano de se adaptar ao mundo que o rodeia (Ekman e Friesen, 1969: 84 e segs.). Os reguladores são ações que, tal como o nome indica, regulam a interação entre falante e ouvinte, conferindo pistas a estes participantes sobre, por exemplo, se o falante deverá continuar a sua intervenção oral, se deverá explicar melhor o seu ponto de vista, se deverá ceder a vez a outro falante, por um lado, e se o ouvinte deverá intervir na interação, se deverá prestar mais atenção, por outro (Ekman e Friesen, 1969: 82). Os adaptadores são movimentos que os indivíduos executam na presença ou ausência de fala, particularmente movimentos de auto-toque (coçar uma parte do próprio corpo, mexer no cabelo, morder, etc.), que muitas vezes transparecem estados de espírito (nervosismo, inquietude, impaciência, etc.). Estes movimentos variam de indivíduo para indivíduo e a frequência

com que ocorrem depende do estado de maior ou menor conforto em que se encontram (Ekman e Friesen, 1969: 86 e segs.).

1.2.5.2. Tipologia de McNeill

McNeill (1992) considerou os seguintes grupos de gestos: os imagísticos (*imagistic*) [(e, dentro destes, os icónicos (*iconic*) e os metafóricos (*metaphoric*)], os deíticos (*deictic*), os batuta (*beats*) e os *butterworth* (McNeill, 1992: 76 e 77). Por icónicos, McNeill entende os gestos que descrevem características de elementos do concreto: objetos, dimensões, espaços, formas, movimentos e pessoas. McNeill considera que um gesto é icónico se o mesmo mantiver uma relação próxima com o conteúdo semântico da fala co-ocorrente (McNeill, 1992: 78). Os elementos linguísticos do enunciado são importantes para a identificação de um gesto como icónico, ou seja, para este ser definido como tal, é necessário que as suas características formais representem características do referente verbalizado em simultâneo (McNeill, 1992: 79). Os gestos metafóricos são semelhantes aos gestos icónicos, na medida em que também representam uma imagem; no entanto, os gestos metafóricos reproduzem dimensões abstratas, como qualidades, processos cognitivos (pensar, repensar, contradizer, entre outros), atividades e ações (como desenvolver, relacionar), ou concetualizações do tempo, espaço, sentimentos ou relações interpessoais. Deíticos são os gestos através dos quais o falante orienta a atenção do ouvinte para um referente; são gestos que criam um vetor entre o referente e os olhos do indivíduo com quem se está a interagir. Tipicamente, são gestos executados com o dedo indicador, podendo este ser substituído por qualquer objeto que o falante tenha (ou segure) na sua mão, ou por outra parte do corpo, como a cabeça, o nariz ou o queixo, por exemplo (McNeill, 1992: 80). Os gestos batuta marcam o ritmo da fala. Não representam nenhum significado específico, e caracterizam-se por movimentos rápidos, geralmente bifásicos, que marcam momentos mais enfáticos da fala (McNeill, 1992: 80). Por fim, os *butterworth* são gestos que manifestam um esforço cognitivo, nomeadamente quando os falantes tentam lembrar-se de uma palavra, ou quando se encontram num processo de estruturação do discurso. Para classificar este tipo de gestos, McNeill usou o apelido do investigador britânico Brian Butterworth, que defendia que muitos gestos são executados em resposta a falhas no discurso oral (Butterworth e Beattie, 1978; Butterworth e Hadar, 1989).

1.2.5.3. Classificação de Kendon

Kendon (2004; 2013) não desenvolve propriamente uma tipologia de gestos, mas sugere diferentes modos de como as ações descritas pelos gestos podem ser interpretadas (Kendon, 2004: 158 e segs.). Na classificação inicial de Kendon (2004), os gestos referenciais (*referential*) subdividiam-se em gestos representativos ou descritivos e deíticos; os gestos modais (*modal*), performativos (*performative*) e operativos (*operational*) estavam inseridos na categoria dos gestos pragmáticos (*pragmatic*).

Os gestos referenciais descritivos abrangem as categorias dos icônicos e dos metafóricos de McNeill. Os gestos referenciais deíticos correspondem aos deíticos de McNeill. Dentro dos gestos referenciais, os gestos representativos ilustram movimentos que são transmitidos também pela fala, e os deíticos (gestos de apontar) evidenciam o referente que o falante pretende que o seu interlocutor visualize (Kendon, 2004: 158-160).

Por gestos pragmáticos, Kendon entende os movimentos que podem estar relacionados com características do conteúdo da fala co-ocorrente, mas essas características não fazem parte do significado referencial nem do conteúdo proposicional dessa fala. São marcadores conversacionais que servem para organizar o discurso. Por exemplo, o gesto italiano destacado por de Jorio (2000) e designado por Kendon (1995; 2004) por *mano a borsa* (o gesto executado com os dedos unidos nas suas extremidades (mão em pinça), com a palma da mão voltada para cima) é um gesto com função pragmática, uma vez que co-ocorre com frequência com perguntas como “Ma che fai?” (O que estás a fazer?) ou “Ma che stai dicendo?” (O que estás a dizer?) ou ainda “E allora?” (E agora?), procurando o falante compreender o seu interlocutor, levando-o a proferir uma explicação, organizando, assim, a interação (Kendon, 1995: 250).

Dentro desta categoria maior dos gestos pragmáticos, inserem-se os gestos modais (*modal*) que podem alterar o conteúdo do que se verbaliza em simultâneo, ou podem ainda definir se o conteúdo da fala diz respeito a uma asserção, a uma hipótese, a uma ironia, entre outros aspetos. Por exemplo, quando um falante está a fazer uma citação, ou quando quer salientar que o que diz não deverá ser interpretado literalmente, pode executar o gesto das aspas, dando indicação ao seu ouvinte do que está realmente a dizer (Kendon, 2013: 15). Estão inseridos nos gestos pragmáticos também os gestos performativos (*performative*), que indicam qual o ato de fala em causa naquele discurso em específico (se locutório, se ilocutório ou ainda se perlocutório) ou, por outras palavras, qual é a

intenção do falante na transmissão da sua mensagem (Kendon, 2013: 15). Por fim, os gestos operativos (Kendon, 2013: 15) marcam o ritmo e a pontuação, salientando os pontos lógicos e chave do discurso. Estes gestos correspondem aos gestos batuta de McNeill e pouco foram explorados por Kendon. Receberam, no entanto, maior atenção de Bavelas *et al.* (Bavelas, Chovile, Laurie e Wade, 1992; Gerwing e Bavelas, 2013), que os descrevem como sendo movimentos de fulcral destaque e importância na comunicação como processo social (Gerwing e Bavelas, 2013: 834), uma vez que, através deles, os falantes podem evidenciar e controlar de forma mais eficaz as mensagens que pretendem transmitir (e as que recebem também), bem como adaptar-se melhor às circunstâncias sociais e culturais da interação em causa (Gerwing e Bavelas, 2013: 834).

Numa recente revisão dos diferentes tipos de relação de significado entre gesto e elementos da fala co-ocorrente, Kendon (2013) sugeriu cinco grupos de gestos que contribuem para a interpretação do que está a ser verbalizado: gestos referenciais (*referential*), operativos (*operational*), modais (*modal*), performativos (*performative*) e estruturantes (*parsing*). Por gestos referenciais, Kendon entende os movimentos que contribuem para o significado referencial ou proposicional do que está a ser dito, como uma ilustração concreta ou abstrata do que é verbalizado. Por gestos operativos, os movimentos que agem em relação com o que está a ser verbalizado, na medida em que o contradizem, confirmam ou negam. Por gestos modais, Kendon entende os movimentos que fornecem uma base interpretativa para o que está a ser verbalizado, isto é, indicam se o falante está a fazer uma citação, se está a ser irónico, se está a contar uma anedota ou se aquilo que está a dizer deverá ser entendido literalmente, por exemplo. Por gestos performativos, entende os movimentos que expressam ou tornam manifesta a força ilocutória do que é dito, mostrando, por exemplo, se o que o falante está a verbalizar se trata de uma pergunta, de uma oferta ou de um pedido. Por gestos estruturantes, Kendon entende os movimentos que fazem com que segmentos ou componentes do discurso sejam diferenciados, criando ênfase, contraste, parêntesis, entre outros aspetos. São movimentos que marcam o ritmo e a pontuação (Kendon, 2013: 12-16).

1.3. O CONTÍNUO DE KENDON

Além de definir os gestos de acordo com as suas funções comunicativas, Kendon (2004) também os delimita tendo em conta uma gradação contínua dos mesmos, atribuindo ênfase à ligação entre gesto e fala: a necessidade de recorrer à fala vai diminuindo à medida que se recorre a gestos que podem substituir ou que substituem por completo a mesma. É um conceito relativo ao grau de convencionalização dos gestos. A ideia de ordenar os gestos numa gradação (Zagar-Galvão, 2015: 36) – o contínuo de Kendon (*Kendon continuum*) – surgiu de McNeill (1992). O contínuo de Kendon diz respeito a uma escala, em gradação crescente, de diferentes tipos de gestos com diferentes características e a sua relação com a fala:

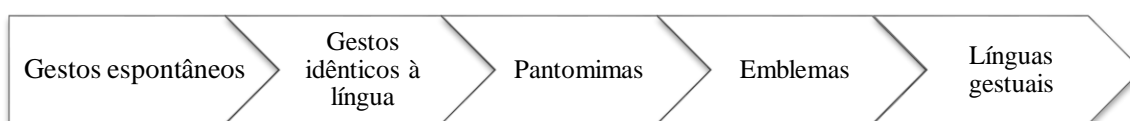


Imagem 1 – Contínuo de Kendon original (McNeill, 1992: 37)

A gradação presente neste contínuo diz respeito à crescente falta da presença obrigatória da fala (gestos idênticos à língua) até à imposição total do gesto sobre a fala (línguas gestuais). O contínuo de Kendon original (cf. Imagem 1) foi mais tarde desenvolvido por Gullberg (1998) e, por fim, transformado em quatro contínuos (McNeill, 2000: 1-7). Os gestos podem, deste modo, ser posicionados ao longo de uma gradação contínua e crescente, tendo em conta a sua relação com a fala, com as propriedades linguísticas, com as convenções e com o caráter semiótico. Nas quatro propostas de McNeill (2000), os gestos espontâneos e as línguas gestuais ocupam sempre as posições extremas, ao passo que os emblemas e a pantomima alternam o seu posicionamento na parte central dos contínuos (Zagar-Galvão, 2015: 37).

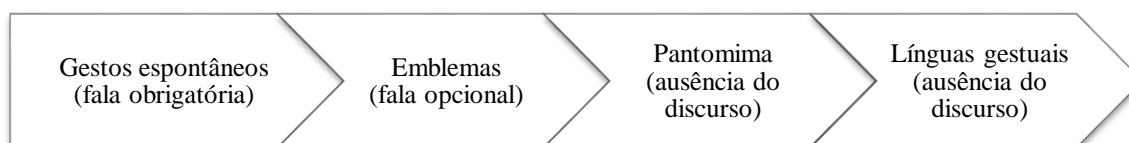


Imagem 2 – Contínuo 1: relação entre gestos e fala (McNeill, 2000: 2)

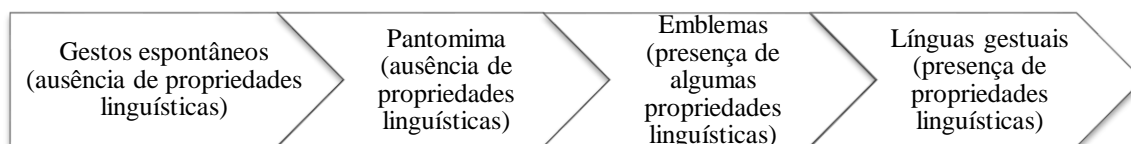


Imagem 3 – Contínuo 2: relação entre gestos e propriedades linguísticas (McNeill, 2000: 3)

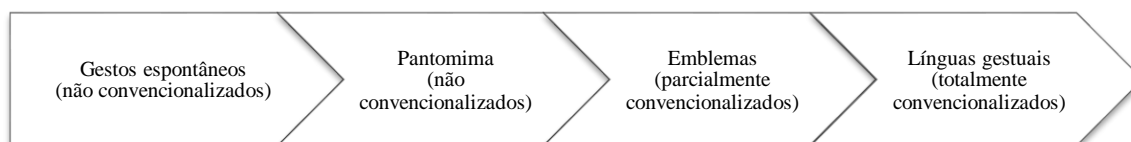


Imagem 4 – Contínuo 3: relação entre gestos e as convenções (McNeill, 2000: 4)

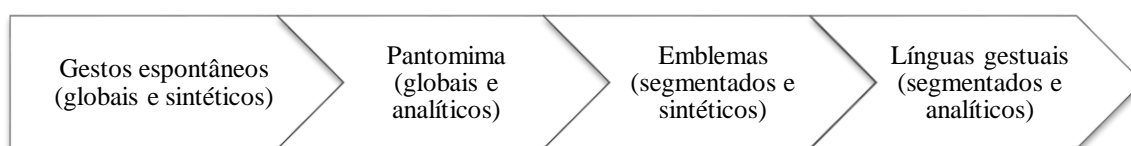


Imagem 5 – Contínuo 4: relação entre gestos e o caráter semiótico (McNeill, 2000: 5)

1.3.1. GESTOS ESPONTÂNEOS (*GESTICULATION*)

Por gestos espontâneos (*gesticulation*), Kendon entende os gestos que co-ocorrem com a fala, mas que não possuem conteúdo semântico convencionalizado (apenas são decodificados quando analisados com o discurso co-ocorrente). Os gestos espontâneos não seguem regras sintáticas, morfológicas ou fonológicas, e aquilo que cada gesto significa é determinado pela semântica do todo (McNeill, 2000:5). Este tipo de gestos é também designado por “gestos co-verbais”, uma vez que são executados de forma espontânea juntamente com a fala. Deste modo, o seu significado e a sua função apenas podem ser percebidos quando relacionados com o discurso co-ocorrente (McNeill, 2005: 38).

1.3.2. GESTOS IDÊNTICOS À LÍNGUA (*LANGUAGE-LIKE GESTURES*)

Gestos idênticos à língua (*language-like gestures*) são gestos em tudo semelhantes aos gestos espontâneos (*gesticulation*), mas substituem uma das partes do enunciado (McNeill, 1992: 37). Por exemplo, quando se afirma: “Após o acidente, o condutor ficou

ligeiramente ferido, já o pendura ficou [gesto]”. McNeill (1992: 37) defende que, nestes casos, este gesto ocupa o lugar de um adjetivo, inferência feita com base na expectativa de uma estrutura gramatical paralela (Zagar-Galvão, 2015: 38). Este gesto poderia substituir, por exemplo, “já o pendura ficou maltratado”. Por outro lado, são gestos que também se assemelham às pantomimas (*pantomimes*), uma vez que são gestos não-convencionalizados e que não ocorrem juntamente com a fala.

1.3.3. PANTOMIMAS (*PANTOMIMES*)

As pantomimas (*pantomimes*) descrevem ações/objetos e podem já prescindir da fala, característica semelhante à dos emblemas (*emblems*); no entanto, distinguem-se destes pelo facto de os segundos terem forçosamente de respeitar uma ordem na sua execução: por exemplo, ao se executar o gesto de “OK”, um indivíduo tem de colocar o polegar para cima, tendo os restantes dedos fechados sobre a palma da mão e não, aleatoriamente, erguer, por exemplo, o dedo mindinho e todos os outros dedos permanecerem fechados sobre a palma da mão. Na definição presente no contínuo de Kendon original, pantomimas surgia no plural (McNeill, 1992: 37), enquanto na versão mais recente do contínuo, o conceito é definido no singular (pantomima) (McNeill, 2000: 2). Tal deve-se ao facto de, no original, a definição de pantomimas contemplar a possível inclusão de fala aquando da execução do gesto (McNeill, 1992: 37), ao passo que a definição de pantomima (singular) não engloba a co-ocorrência com o discurso (McNeill, 2000: 2-5). Deste modo, McNeill considera este tipo de gesto de difícil definição, embora afirme que se trata de movimentos complexos e sequenciais executados na ausência de fala (McNeill, 2000: 2-6).

1.3.4. EMBLEMAS (*EMBLEMS*)

Os emblemas possuem uma forma convencionalizada, sendo reproduzíveis por qualquer falante da mesma comunidade linguística. As pantomimas e os emblemas são semelhantes na questão da substituição da fala; no entanto, as pantomimas não são gestos codificados e os emblemas são-no. Os emblemas são gestos culturalmente marcados e reconhecidos. São gestos que perduram durante muito tempo nas comunidades linguísticas onde são executados e reconhecidos, e o seu significado pode ser traduzido

em palavras, expressões ou frases (Ekman e Friesen, 1969: 63; Kendon, 2004: 335-344). Estes gestos foram designados primeiramente por Efron (1941; 1972) como “gestos simbólicos ou emblemáticos”; mais tarde, Ekman e Friesen (1969) denominaram-nos de “emblemas”. Kendon (1992) atribuiu-lhes a designação de ‘*quotable gestures*’, uma vez que podem “citar” o referente verbal que substituem. A forma e o significado dos emblemas são determinados pela convencionalidade, dado que são marcados e codificados social e culturalmente; são ainda gestos sintéticos, resumindo num só elemento significados que na fala podem corresponder a uma ou mais palavras (McNeill, 2000: 5).

1.3.5. AS LÍNGUAS GESTUAIS (*SIGN LANGUAGES*)

As línguas gestuais (*sign languages*) são sistemas linguísticos completos, contendo léxico, sintaxe e arbitrariedade, prescindindo totalmente da fala (McNeill, 1992: 37-38). São uma língua alternativa e são reconhecidas por quem as domina. Kendon (2004) distingue entre línguas gestuais primárias e alternadas: as primeiras são sistemas de comunicação convencionalizados utilizados por comunidades de falantes surdos (por exemplo, a Língua Gestual Portuguesa). As segundas são códigos cinésicos usados por comunidades falantes, como os Índios Norte-Americanos (Kendon, 2004: 284-303). São, em ambos os casos, línguas que poderão ter surgido para suprir lacunas provenientes de problemas físicos e/ou sociais, bem como por estarem ligadas a situações de rituais de duelo ou iniciação (Kendon, 1988).

1.4. PONTO DE GERAÇÃO, REATIVAÇÕES, COESÃO, UNIDADE DE IDEIA GLOBAL, ESPAÇO GESTUAL

Além do contínuo de Kendon, McNeill (1992; 2000) foi também o autor de outros conceitos importantes no âmbito das investigações sobre o gesto, nomeadamente os conceitos de ponto de geração (*growth point*), reativações (*catchment*), coesão (*cohesion*) e o espaço gestual (*gesture space*).

O ponto de geração (*growth point*) é o momento em que se verifica a criação de uma ideia, tanto ao nível linguístico como imagístico/cognitivo. Importa salientar que a noção de contexto neste conceito é fundamental – o contexto da fala: sem um contexto, o ponto

de geração num gesto não existe, nem é passível de ser interpretado (http://mcneilllab.uchicago.edu/writing/growth_points.html). É um conjunto cognitivo que combina semioticamente categorias linguísticas opostas e componentes imagísticos (McNeill e Duncan, 2000). Diz respeito à ideia da ligação estreita e intrínseca entre gesto, fala e pensamento, e ao facto de se considerar que existe sempre um ponto de partida para qualquer pensamento e gesto. Por outras palavras, o ponto de geração é, assim, uma unidade que engloba a imagem, a palavra e o conteúdo pragmático (Galhano-Rodrigues, 2007: 127). Ao observar o ponto de geração é possível entender a forma como a língua e o gesto se combinam (McNeill, 1992: 220). Relacionado com o ponto de geração está o conceito de unidade de ideia global (*idea unit*), que se refere a um conceito mental que um indivíduo tenta transmitir por palavras e/ou movimentos do corpo.

Por sua vez, estão interligados os conceitos de reativações e coesão (*catchment* e *cohesion*). Por reativações (*catchment*) deve entender-se uma recorrência de gestos/posição das mãos e dedos numa determinada corrente num discurso. Isto é, numa interação, se um falante se encontrar a descrever um movimento, um objeto ou uma pessoa, e se utilizar recorrentemente num determinado segmento do discurso o mesmo gesto, estamos na presença de uma reativação. As reativações são como que um fio de imagens visuais e espaciais dinâmicas e consistentes que passa através de um segmento de discurso, proporcionando uma janela baseada no gesto com vista para a coesão (*cohesion*) discursiva (McNeill, 2005: 117). Assim, a recorrência do mesmo gesto num segmento de um discurso confere-lhe coesão estrutural e semântica.

McNeill (1992) quis ainda explorar os gestos relativamente ao espaço físico em torno do falante em que são executados, delimitando o espaço específico de execução de cada gesto e elaborando um esquema que diferencia as várias zonas possíveis dessa execução. Este esquema contém as zonas seguintes: periferia superior esquerda externa (PSEE), periferia superior direita externa (PSDE), periferia superior esquerda (PSE), periferia superior direita (PSD), periferia inferior esquerda externa (PIEE), periferia inferior direita externa (PIDE), periferia inferior esquerda (PIE), periferia inferior direita (PID), periferia superior central (PSC), periferia inferior central (PIC), centro-centro (CC) e centro (CE), estando demarcadas na imagem 6:

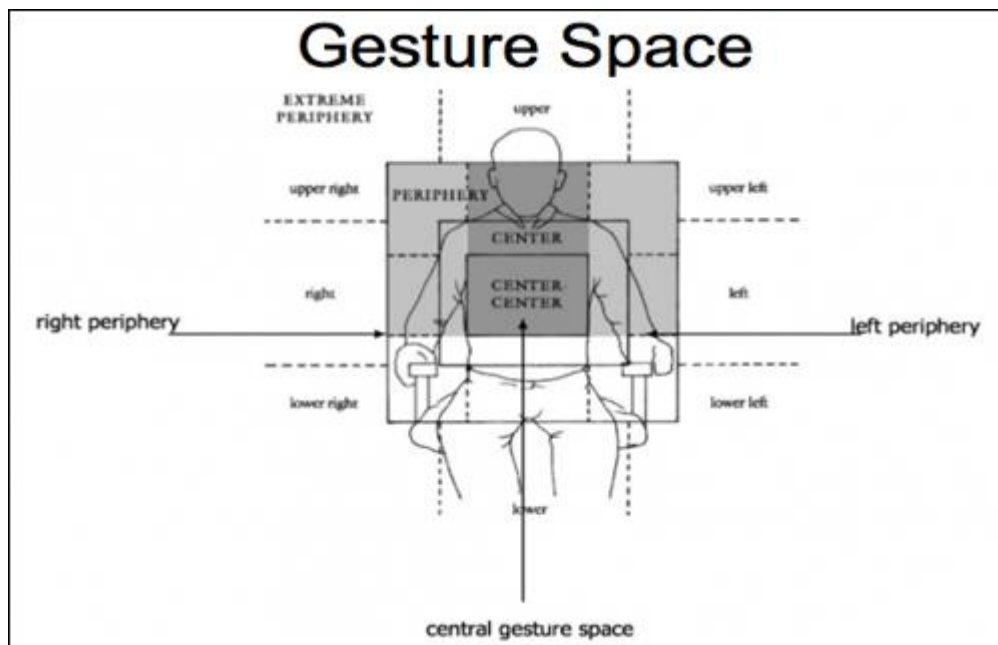


Imagem 6 – Espaço gestual (McNeill, 1992)

Estas zonas espaciais de execução dos gestos dizem respeito à produção gestual tipicamente efetuada por adultos, uma vez que o espaço gestual utilizado pelas crianças é geralmente mais amplo (McNeill, 1992: 86). McNeill afirma ainda que, dependendo das culturas, são utilizadas preferencialmente algumas zonas de execução em detrimento de outras, como é o caso da tribo Turkana, no Quênia, cujos falantes ocupam com maior frequência a zona à volta da cabeça na execução gestual do que os povos europeus. Nestes, são notórias as diferenças na utilização do espaço de execução dos gestos entre os franceses, os italianos e os alemães, por exemplo (McNeill, 1992: 86).

Além de todas as características apresentadas nas secções anteriores, os gestos podem, na mesma sequência, ser de diferentes tipos, bem como desempenhar mais do que uma função ao mesmo tempo.

1.5. POLIFUNCIONALIDADE DOS GESTOS

É necessário ter em conta que, muitas vezes, os indivíduos, além de executarem gestos singulares em que as três fases principais – preparação, golpe e retração (cf. secção 1.2.2) – são facilmente distinguíveis, executam também sequências repetidas do mesmo gesto (unidades de gesto contendo vários golpes). Existem também situações em que os falantes executam diversos tipos de gestos – e aqui é importante salientar a noção de gesto

combinado²⁷ (*blend*) de Kendon (2004) –, em que o mesmo afirma que, embora seja verdade que existem gestos única e especificamente usados para apontar, também é verdade que estas características específicas de um gesto podem combinar-se com outras: pode haver gestos em que as características do objeto que está a servir de referente podem ser combinadas com um movimento que indique direção, por exemplo; assim, tem de afirmar-se que aquele gesto é, ao mesmo tempo, deítico e caracterizador (Kendon, 2004: 103-104). Esta questão da polifuncionalidade dos gestos é igualmente referida por McNeill (http://mcneillab.uchicago.edu/analyzing-gesture/intro_to_annotation.html), que também afirma que muitos gestos não são apenas e só deíticos, ou apenas e só batuta, mas que podem ser vários tipos em conjunto. Podemos então ver que os gestos, a fala e os restantes movimentos cinésicos funcionam num todo na comunicação, desempenhando funções específicas, mas todos contribuindo para a transmissão global da mensagem dos falantes, num composto multimodal.

1.6. MULTIMODALIDADE

Na perspetiva dos Estudos do Gesto, entende-se a interação face a face como multimodal, uma vez que se considera que a fala, os movimentos da cabeça, do tronco, dos membros superiores (gestos), a orientação do olhar e a mímica (movimentos dos lábios, sobrancelhas e muitos músculos faciais), bem como, de certo modo, os movimentos dos membros inferiores, são modalidades que, em conjunto, formam o global necessário para se transmitir uma mensagem e para uma interpretação mais adequada da comunicação humana.

Por serem mais específicos e mais diretamente ligados ao conteúdo dos enunciados, os movimentos dos braços, mãos (e dedos) – gestos – são aqueles que mais atenção têm merecido nas análises de interações. Embora se entenda que todo o corpo está envolvido no ato comunicativo, os gestos são a modalidade tipicamente suscetível de comunicar informações mais específicas e precisas ligadas ao conteúdo dos enunciados. No entanto, existem modalidades que participam na construção do enunciado e outras que, embora possam influenciar a interpretação de um falante em relação a outro, não contribuem para essa construção. Por exemplo, o aspeto exterior, o odor ou o vestuário, são modalidades que, embora possam influenciar uma interpretação de mensagem por parte de um falante

²⁷ ‘*Blend*’ foi traduzido para o português europeu por “gesto combinado” em Galhano-Rodrigues (2012).

em relação a outro, não constroem enunciados. Por outro lado, o olhar, a postura ou a mímica, são modalidades que poderão já construir enunciados, ou seja, modalidades que claramente se relacionam com diferentes níveis do contexto comunicativo.

Conforme já foi referido, a fala e os movimentos das várias partes do corpo – os membros superiores já descritos, o olhar, as expressões faciais, a cabeça, o torso e os membros inferiores – formam, com efeito, um sistema multimodal de comunicação. Todas estas são modalidades diferentes e serão descritas por esta ordem ao longo desta secção, sendo destacadas as suas principais características, funções e particularidades num contexto de interação face a face.

Algumas destas modalidades estão mais diretamente ligadas à fala e são mais específicas na sua função semântica, como é o caso dos gestos (movimentos dos membros superiores). O exemplo muito utilizado por McNeill é o de um indivíduo que descreve as personagens de desenhos animados – o pássaro Tweety e o gato Silvester e a passagem de uma bola de bowling e do próprio gato Silvester por um cano – e que comprova exatamente esta multimodalidade da comunicação humana: o indivíduo, ao descrever os movimentos da bola e do gato a passar pelo cano, vai executando gestos co-ocorrentes com o seu discurso que vão facilitando a visualização do que está a descrever (mão com os dedos erguidos para cima e em forma arredondada para exemplificar a forma do cano e a mão a movimentar-se na vertical para mostrar o caminho que a bola e o gato traçaram). Assim, a fala (uma modalidade) juntamente com os gestos (outra modalidade) e os restantes movimentos do corpo (outras modalidades) formam um composto multimodal caracterizador da comunicação humana.

Numa interação face a face, os participantes não só falam uns com os outros, mas também gesticulam e movimentam os seus corpos de forma articulada, coordenada e com significado (Mondada, 2013). Os Estudos do Gesto têm vindo a demonstrar que os gestos na conversação têm origem no mesmo processo que cria as palavras (Kendon, 1980; McNeill, 1985). Essencialmente executados pelos falantes, mas fortemente orientados para os ouvintes (Schegloff, 1984), os gestos são habilmente sincronizados com a estrutura da fala (Müller, 1998) e da fala numa interação (Kendon, 2004; Bohle, 2014), estando em perfeita sintonia com o comportamento dos co-participantes na interação para os quais aqueles gestos estão a ser direcionados (Mondada, 2013: 578).

O corpo na interação pode ser entendido como uma orquestra, sendo os seus instrumentos as palavras, a prosódia, o gesto, a cabeça, o olhar, as expressões faciais, a postura, os membros inferiores – as diferentes modalidades que intervêm na comunicação em interação –, todos tocando de modo simultâneo, realizando atos comunicativos multimodais, nos quais o significado intencional pelo falante que os emite e produz é distribuído pelas diversas modalidades (Poggi, 2013: 640). Cada uma das modalidades contribui, deste modo, para a comunicação como um todo, não se devendo omitir nem descurar nenhuma numa análise de um contexto interacional que se pretende completa e fiel à realidade.

A análise multimodal de uma interação face a face é uma metodologia interdisciplinar que integra ações verbais e não verbais (como por exemplo, a fala e o gesto, a postura, o olhar...), bem como objetos do mundo material (como sejam computadores, telemóveis, brinquedos...) e o próprio meio ambiente (o espaço de uma divisão, uma cidade ou um parque...). Com esta metodologia, também integramos noções ligadas à Psicologia, como sentimentos ou níveis de atenção e de consciência (Norris, 2013: 276).

A forma como os diversos movimentos do corpo se relacionam entre si e a sua ligação com a fala parece adquirir relevo também no âmbito dos mais diversos contextos de interação e, em particular, dos contextos forenses. Sabe-se que o modo singular como cada indivíduo se expressa pode influenciar a maneira como um juiz ou um investigador policial interpretará as mensagens emitidas por esse mesmo indivíduo, nomeadamente o que verbaliza e aquilo que os gestos e os restantes movimentos do corpo poderão transmitir. Nas interações face a face, como são exemplo as interações ocorridas numa sala de audiências ou numa esquadra de polícia, os participantes não só falam entre si como também gesticulam e movimentam o corpo de forma coordenada e com significado (Mondada, 2013: 578). A título de exemplo, um suspeito, um arguido ou uma testemunha que, ao verbalizar “na sala havia uma mesa pequena e um armário grande, ao lado da mesa”, executa um gesto referencial descritivo na zona da periferia esquerda quando verbaliza “mesa pequena” e outro gesto do mesmo tipo na zona da periferia direita quando diz “armário grande”, poderá estar a transmitir que, tendo em conta a sua perspetiva e o seu posicionamento físico naquela sala e em relação aos móveis descritos, a mesa se encontrava posicionada do lado esquerdo e o armário do lado direito, ambos à sua frente. Esta informação não foi verbalizada, mas, tendo em conta a análise dos gestos referenciais executados pelo falante relacionados com o discurso co-produzido, e tendo em conta as

questões de *character-view-point* e de *object-view-point* (McNeill, 1992)²⁸, ilações importantes poderão ser retiradas do espaço físico descrito e do posicionamento do indivíduo em relação a ele, ilações estas que poderão ter relevo na análise do caso judicial em causa. Importa não só analisar o que foi verbalizado (a fala), mas também que movimentos do corpo foram executados em simultâneo, sendo assim possível concluir questões que, de outra forma, muito provavelmente se perderiam.

Além disto, e conforme já foi afirmado, a maneira como cada uma das partes do corpo está orientada numa interação pode revelar informações importantes sobre o grau de envolvimento do indivíduo na conversa. A cabeça, o torso e os membros inferiores podem ser colocados numa posição de maneira a proporcionar pontos diferentes de atenção: por exemplo, a cabeça pode ser orientada numa direção, o torso noutra e os membros inferiores noutra ainda. Quando estas partes do corpo estão alinhadas na mesma direção, é comunicada uma orientação dominante única; quando não se encontram desta maneira, transmitem orientações múltiplas e simultâneas que são cotadas de acordo com a estabilidade relativa de cada parte do corpo (Kidwell, 2013:103).

A comunicação humana em interação deverá, assim, ser analisada sob uma perspetiva multimodal, em que não só os gestos já descritos, mas também a fala, o olhar, as expressões faciais, os movimentos da cabeça, a postura e os movimentos dos membros inferiores, que serão descritos na próxima secção, deverão ser “lidos” e entendidos como fazendo parte de um conjunto de modalidades contribuindo para a globalidade da transmissão de informações.

1.7. A FALA

A fala é um mecanismo que exige a coordenação neuromuscular dos movimentos orais, de forma a produzir os sons e as unidades linguísticas (Bernstein e Tiegerman-Farber, 2002). Dado que somos seres sociais, a fala compreende grande parte da nossa vida, pois falar e ouvir são atividades inegáveis no quotidiano de muitas pessoas (Mateus, Andrade, Viana e Villalva, 1991).

²⁸ Estes conceitos de *character-view-point* (C-VPT) e de *object-view-point* (O-VPT) serão definidos e analisados em mais pormenor na secção 4.4.1.2.

A fala consiste ainda na produção e articulação de sons através dos órgãos do aparelho fonador. As sequências de sons articulados (fonemas) constituem palavras. São as sequências de palavras e de frases que transmitem uma determinada ideia e enunciados (Mateus, Andrade, Viana e Villalva, 1991; Mateus, 2005). A fala envolve esforço: primeiro a estruturação do pensamento e depois a efetiva verbalização do que se pretende transmitir. Esta transmissão, porém, está sujeita a determinados constrangimentos contextuais – elementos linguísticos e não linguísticos – como hesitações, falsos arranques, repetições, por um lado, e tosse, suspiros, espirros, por outro lado (Galhano-Rodrigues, 2007: 174-185). Da fala faz parte a prosódia que tem um papel de relevo na transmissão e na interpretação (correta ou não) da mensagem²⁹. No entanto, no presente trabalho, estes elementos da fala não serão analisados em pormenor. Será tido essencialmente em conta o conteúdo semântico dos enunciados verbalizados, em concomitância com o tipo de gestos executado³⁰.

²⁹ Existem pistas verbais (e não verbais) que transmitem, por exemplo, a ideia de ironia/sarcasmo, podendo ser elas modulações prosódicas (alterações na altura da voz, duração das sílabas, a intensidade da voz) (González-Fuente, 2016) (esta matéria será analisada com mais pormenor na secção 4.4.1). A percepção destas pistas e a sua correta interpretação poderão ter uma função importante na interpretação de uma mensagem.

³⁰ De notar que existem gestos (nomeadamente os emblemas) que são gestos verbais, uma vez que transmitem, sem dúvida, significados. Parece importante aqui distinguir entre comunicação verbal, vocal, não-verbal e não-vocal. A comunicação verbal e não-verbal inclui tanto elementos vocais como não-vocais de comunicação. Por exemplo, um elemento vocal da comunicação verbal são as palavras transmitidas por um falante numa interação (“Acabei de ler o livro.”). Um elemento vocal da comunicação não-verbal é, por exemplo, o tom de voz, o volume ou a velocidade da fala. Os elementos não-vocais da comunicação verbal são, por exemplo, os movimentos executados aquando da produção de uma língua gestual (Língua Gestual Portuguesa, por exemplo). Os elementos não-vocais da comunicação não-verbal são, por exemplo, os gestos, as expressões faciais, o contacto visual, os movimentos do tronco, entre outros (<http://2012books.lardbucket.org/pdfs/a-primer-on-communication-studies.pdf>). Veja-se a tabela seguinte, que resume as diferenças entre comunicação vocal, verbal, não-vocal e não-verbal:

	Comunicação Verbal	Comunicação Não-verbal
Vocal	Palavras faladas	Paralinguagem (tom, volume, velocidade da fala, etc.)
Não-vocal	Escrita, língua gestual	Movimentos cinésicos (gestos, expressões faciais, contato visual, etc.)

(Hargie, 2011: 45)

1.8. O OLHAR

A orientação do olhar numa interação face a face é importante porque assume duas principais funções: as funções de monitorização e as funções reguladoras e expressivas (Kendon, 1990: 53). As primeiras relacionam-se com o sistema de alternância de vez. Kendon constata que o falante direciona o olhar para o ouvinte nos pontos do discurso em que espera uma reação do seu interlocutor (pedido de retorno) que, por sua vez, influenciará o seu comportamento posterior. A orientação do olhar na interação face a face fornece, deste modo, pistas de interpretação importantes no que diz respeito à alternância de vez, nomeadamente na regulamentação dos papéis sociais do falante e do ouvinte e nos momentos de tomada e de cedência da vez. A orientação do olhar tem igualmente um papel a desempenhar na focalização de partes do discurso que o falante pretenda destacar. O olhar serve também para monitorizar o ouvinte, no sentido de controlar o modo como o discurso do falante está ou não a ser seguido pelo seu interlocutor.

Relativamente às segundas funções, as mudanças de orientação do olhar funcionam para o outro como sinais das intenções e expectativas do falante, sobretudo no que diz respeito ao tempo de fala (Galhano-Rodrigues, 2007: 108-109). Regra geral, é mais comum o ouvinte direcionar o olhar com maior frequência para o falante do que o inverso, a menos que este pretenda deliberadamente fazê-lo.

Além destas funções do olhar, e tal como acontece com os restantes elementos da comunicação humana, existem de igual forma marcas culturais no modo como direcionamos o olhar e se o direcionamos ou não para o(s) nosso(s) interlocutor(es). O olhar é de importância central no comportamento social. É um meio de entender as expressões dos outros. No entanto, a maneira como se olha também transmite significado, mostrando, por exemplo, o interesse, ou falta dele, no interlocutor (Galhano-Rodrigues, 2007: 105). O estatuto social (dominância/submissão; superioridade/inferioridade) e as características da personalidade (extroversão/introversão) dos intervenientes de uma interação face a face estão relacionados com o modo e a quantidade do olhar (Kendon, 1990: 82-86; Galhano-Rodrigues, 2007: 107), mas mesmo nestes parâmetros são verificadas diferenças culturais.

1.9. AS EXPRESSÕES FACIAIS/MÍMICA

A mímica caracteriza-se pelo conjunto de expressões faciais que exibimos quando comunicamos. De entre todos os elementos do corpo humano que contribuem para a comunicação, a face é o mais controlável. Por outras palavras, é possível controlar, reprimir ou mesmo esconder, através das expressões faciais, o que se está a pensar ou a sentir (Galhano-Rodrigues, 2007: 101-105). Porém, e após alguns estudos efetuados na área das expressões faciais, chegou-se à conclusão de que existem micro expressões (*micro expressions*) faciais que o ser humano não consegue controlar nem reprimir. São expressões praticamente impercetíveis ao observador comum e que acontecem em frações de segundo. Uma análise e deteção destas expressões é possível e muito mais facilitada através da visualização cuidada de imagens que as registem. Na realidade, o controlo de certos movimentos da face pode escapar ao indivíduo.

Na sua obra *A Expressão das emoções no homem e nos animais* (1872), Darwin não só introduziu alguns dos assuntos mais importantes e teóricos que ainda hoje servem como guias orientadoras de grande parte da investigação nesta área, mas foi também pioneiro nalguns métodos de investigação (Scherer e Ekman, 1982: 1). Um dos problemas analisados e salientados por Darwin nas suas investigações prendia-se com a seguinte questão: será que o comportamento corporal e as expressões faciais dos seres humanos lhes são inatos ou são fruto do seu convívio e permanência em sociedade com os seus semelhantes? Embora Darwin não tenha negado que a cultura e a estrutura social afetassem de forma considerável o comportamento não verbal, estava, porém, convencido de que as expressões faciais são biologicamente determinadas e que, além disso, existe uma continuidade filogenética na sua evolução (Scherer e Ekman, 1982: 1-2). Desde Darwin, vários autores têm comprovado a universalidade nas expressões faciais e pelas emoções através delas manifestadas por diversas culturas. Matsumoto (2001), numa meta-análise de 168 estudos em que se pretendia analisar emoções através da face, revelou a existência de um reconhecimento universal das emoções (Elfenbein e Ambady, 2002); autores de mais de 75 estudos mostraram que as mesmas expressões faciais são produzidas quando as emoções são manifestadas de forma espontânea (Matsumoto, Keltner, Shiota, Frank e O'Sullivan, 2008).

Os autores que têm estudado as expressões faciais têm-se focado essencialmente na relação entre as mesmas e a fala numa situação de interação (Galhano-Rodrigues, 2007:

101), tendo sido já realizados diversos trabalhos de medição e de análise das expressões faciais (Kendon, 1990: 92; Wallbott e Scherer, 1995: 483). Mais recentemente³¹, têm sido elaborados estudos em que os autores analisam a percepção das expressões faciais por parte de indivíduos com deficiências auditivas (Gilbert, Regier, Kay e Ivry, 2006; (Roberson e Davidoff, 2000; Roberson, Damjanovic e Pilling, 2007; Roberson, Pak e Hanley, 2008).

As conclusões a que os diversos autores têm chegado podem ter uma aplicabilidade prática em diversos contextos do quotidiano: saber interpretar de forma correta as emoções manifestadas através de expressões faciais pode ser útil quando se pretende fazer julgamentos sobre a credibilidade de alguém, sobre a veracidade de um discurso, sobre o que o outro revela sentir. Todas estas questões são importantes em diversos tipos de relacionamentos, como sejam os relacionamentos entre superiores e inferiores hierárquicos, entre amigos, colegas e familiares (<http://www.apa.org/science/about/psa/2011/05/facial-expressions.aspx>).

1.10. OS MOVIMENTOS DA CABEÇA

Os movimentos da cabeça adquirem importância numa interação face a face devido às diversas funções que podem assumir e, também, à sua relação com a fala. Kendon (1972: 190 e segs.) foi o primeiro autor a estabelecer uma relação entre os movimentos da cabeça e a estrutura do discurso: pôde verificar que as fronteiras da fala coincidem com as fronteiras dos movimentos da cabeça. Mais tarde, o investigador pôde verificar também que a posição da cabeça varia consoante a atitude do falante (Kendon, 1992: 193).

Os movimentos da cabeça mais ligados à fala são os movimentos convencionalizados. Por exemplo, enquanto interagimos, a nossa cabeça pode ir executando movimentos que, muitas vezes, corroboram com o que estamos a verbalizar, outras vezes podem inclusive substituir o conteúdo verbal. Para muitas culturas, um movimento vertical da cabeça, para cima e para baixo, pode querer significar anuência; um movimento horizontal, para o lado esquerdo e para o lado direito, pode significar negação (no caso da Tailândia e da Bulgária, estes movimentos significam exatamente o oposto do que significam em

³¹ Embora Darwin (1872) já o tenha feito também quando analisou o caso de Laura Bridgman, uma mulher que nascera surda e cega. Laura, apesar das suas limitações, era capaz de expressar de forma espontânea uma grande variedade de expressões faciais sem nunca, como é óbvio, poder tê-las observado noutros indivíduos (McCullough e Emmorey, 2009).

Portugal, por exemplo). Estes são exemplos em que os movimentos da cabeça substituem o discurso oral. Podemos também usar os movimentos da cabeça como forma de enfatizarmos o que estamos a verbalizar, particularmente se executados em simultâneo com determinadas palavras (“especialmente”, “demasiado”, “muito”...) ou de demonstrarmos incerteza no que verbalizamos – funções semânticas (Galhano-Rodrigues, 2007: 97).

Por outro lado, podemos usar os movimentos da cabeça como sinais que desempenham funções narrativas, cognitivas e interativas: para marcarmos a mudança entre discurso direto e indireto, para expressarmos imagens mentais, para orientar alguém ou alguma coisa no espaço (deixis) e elencar alternativas ou enumerar elementos – funções narrativas (Galhano-Rodrigues, 2007: 97). É possível também, através dos acenos, ajudar a gerir, a estruturar e a regular o discurso, e a manter uma relação próxima com as regras da alternância de vez (McClave, 2000: 855). Podemos ainda, através dos movimentos da cabeça, dar indicações sobre o nosso pensamento, como quando fazemos reparações (*repairs*) ao que estamos a dizer – funções cognitivas (Galhano-Rodrigues, 2007: 97). Através dos movimentos da cabeça, podemos pedir o retorno do(s) nosso(s) interlocutor(es) – funções interativas (Galhano-Rodrigues, 2007: 97). Deste modo, os movimentos da cabeça poderão desempenhar um conjunto de funções semânticas, narrativas, cognitivas e interativas no discurso, funções estas que vão além da afirmação e da negação (McClave, 2000: 862-876).

1.11. OS MOVIMENTOS DO TORSO/POSTURA

O posicionamento do torso também é importante numa interação face a face, uma vez que pode transmitir informações acerca do estado emocional em que o indivíduo se encontra, da relação que tem com quem está a interagir, a sua personalidade, o estado psíquico e físico do indivíduo, entre outros aspetos. A postura que cada um de nós apresenta – e, dentro de postura, podemos englobar a posição dos membros superiores, dos membros inferiores e do torso –, varia de cultura para cultura, e varia também consoante se trata de um homem ou de uma mulher, da idade do indivíduo, entre outros fatores. Pode haver determinações culturais sobre regras posturais ou condicionamentos resultantes de hábitos, espaços, tipos de relacionamentos interpessoais e outras regras sociais. A maneira como nos mostramos perante o outro pode ser decisiva para que esse outro forme uma

opinião sobre nós, e pode servir também para que escondamos algo quando o pretendemos. Assim, o modo como posicionamos o nosso torso pode transmitir informação importante para quem nos observa e comunica connosco e, em contextos interculturais, pode estar sujeito a erros de interpretação (Mahl, 1968; Schefflen e Schefflen, 1972).

Os movimentos do torso, muitas vezes, têm de ser entendidos em concomitância com os movimentos da cabeça e dos membros inferiores: por vezes, todas estas modalidades estão alinhadas. Quando isto acontece, verifica-se uma orientação de comunicação única; quando o alinhamento destas partes do corpo não coincide, então estamos perante diferentes orientações de comunicação (Kidwell, 2013: 103).

O maior ou menor empenho na interação por parte dos falantes pode ser percebido através de uma sincronia interacional, que implica uma proximidade de comportamentos – uma congruência na postura dos interactantes (o cruzamento de pernas ou braços, a inclinação do torso, entre outros movimentos). Quando a posição/comportamento do ouvinte espelha o do falante, está-se perante o fenómeno de espelho (*mirroring*) (Knapp e Hall: 1997: 278). Nas interações em que se verifica maior interesse e participação por parte dos interactantes, estes encontram-se geralmente posicionados de forma semelhante; alterações no posicionamento dos falantes podem indicar discordância ou mudança de tópico na conversação (Galhano-Rodrigues: 2007: 93). Se se verificar o mesmo posicionamento espaço-orientacional entre falantes e uma sincronização do seu comportamento e postura, está-se perante uma interação em que existe empenho e interesse (Bohle, 2014: 1305). O posicionamento e a orientação dos ombros de um interactante pode sugerir cooperação, mas também competição (Hagemann, 2014: 1313).

1.12. OS MOVIMENTOS DOS MEMBROS INFERIORES

Tal como a orientação do torso, o posicionamento dos membros inferiores prende-se muito mais com a atitude e com a postura do falante, do que com o conteúdo da mensagem a ser transmitida. No entanto, e embora determinados movimentos ou posições do torso, dos pés e da cabeça possam estar mais relacionados com a atitude do falante, não estando com o conteúdo da mensagem, podem pontualmente transmitir significados relacionados com a mesma, modalizar os conteúdos, marcar o ritmo da fala, mudar de

posição com a mudança de tópico, estando desta forma ligados à transmissão da mensagem (Galhano-Rodrigues, 2007: 89-91).

O modo como os indivíduos posicionam os pés e as pernas diz muito de si próprios, do tipo de relacionamento que têm com quem interagem e do que estão a sentir no momento da interação (Kendon, 1990: 209-237). Por exemplo, quando um indivíduo que se posicione de pé a interagir com outro e os seus pés se encontram direcionados para o seu interlocutor, pode indicar que a relação entre ambos é próxima e de afinidade ou, pelo menos, por parte de quem coloca os pés nesta posição existe empatia para com o outro. Ainda a título de exemplo, quando alguém está sentado, de pernas cruzadas, e treme constantemente uma das pernas enquanto interage, este tremor pode ser sinónimo de nervosismo naquela interação em particular, mas pode também significar que o indivíduo em questão possui aquele tique, sem que com isso queira transmitir que, naquela interação em específico, esteja particularmente nervoso.

Aliado a todas estas questões ligadas às diferentes modalidades, surge o conceito da proxémica, que também foi considerada uma modalidade da comunicação (Galhano-Rodrigues, 2007: 88-94).

1.13. A PROXÉMICA

O espaço mantido entre os participantes numa interação fornece informações sobre o tipo de relação interpessoal ou sobre a atitude de cada interlocutor relativamente ao que está a ser dito. A distância que é reservada entre interlocutores é culturalmente determinada. No quotidiano, as relações espaciais que os indivíduos criam entre si, os outros e os objetos que os rodeiam são importantes para se perceber a maneira como cada um se envolve, interage e comunica. As pessoas normalmente servem-se de mudanças nas relações espaciais – como a distância ou orientação interpessoal – como uma forma implícita de comunicação. Por exemplo, mantêm uma determinada distância dos outros dependendo da sua familiaridade com eles, aproximam-se mais de objetos se manifestarem interesse neles, permanecem de pé ou sentados dependendo da pessoa ou tarefa que têm pela frente (Marquardt e Greenberg, 2015: 2).

O comportamento espacial diz respeito à proximidade, à orientação, ao comportamento territorial e ao movimento num espaço físico; existem limitações físicas na proximidade

e na orientação devido a características dos nossos órgãos para enviar e receber sinais. No entanto, existe também uma escala dentro da qual a variação é possível e esta variação é uma das principais maneiras de expressar atitudes de proximidade ou de hostilidade para com os outros (Niemeier, Campbell e Dirven, 1998: 3-4). Hall (1966) distingue quatro tipos de distância no posicionamento de cada indivíduo em interações sociais: a distância íntima, pessoal, social e pública (cf. Imagem 7).

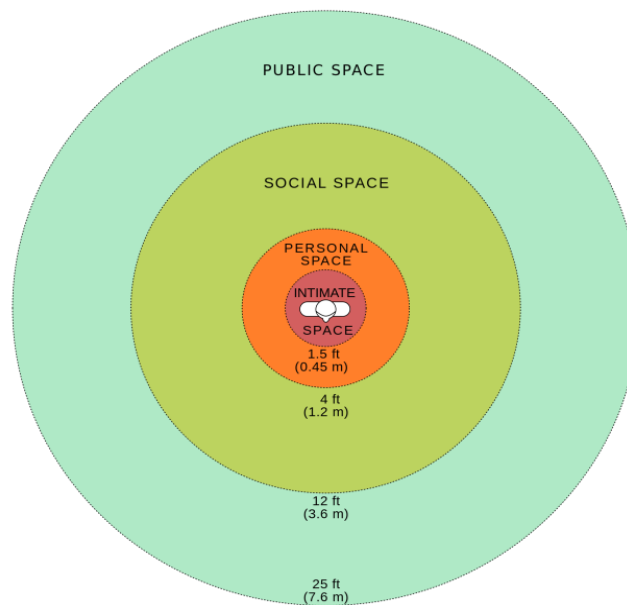


Imagem 7 – Proxémica: os diferentes espaços nas interações sociais (Hall, 1966).

A percepção dos níveis de intimidade varia de cultura para cultura, por conseguinte, os indivíduos entendem a noção de espaço de forma diferente consoante o grupo cultural a que pertencem (Hall, 1966: 133-134). Para se comunicar interculturalmente de forma eficaz, não basta conhecer, em termos gerais, o que se deve e o que não se deve fazer naquela cultura com a qual o indivíduo está a interagir (Niemeier, Campbell e Dirven, 1998). Os hábitos culturais estão corporizados em cada um de nós e, muitas vezes, torna-se difícil para os indivíduos conseguirem um distanciamento necessário de modo a que a comunicação intercultural se processe sem obstáculos (Niemeier, Campbell e Dirven, 1998: 3-4). É mais natural a existência de contacto físico (toque) nos povos do sul da Europa enquanto interagem (dependendo da intimidade da sua relação a quantidade e frequência dos toques e as zonas corporais onde se tocam), do que nos povos do norte da Europa, em que o toque corporal pode ser praticamente inexistente na interação – *'touchy/non-touchy cultures'* (Burton e Dimpleby, 2006). A postura que adotamos, a

orientação que temos para com os nossos interactantes e a configuração espacial dos intervenientes na interação são igualmente fatores importantes. Ao contrário das expressões faciais e dos gestos, a postura não é tão facilmente controlável e manipulável por nós (Galhano-Rodrigues, 2007: 91).

1.14. PERSPETIVAS DE ABORDAGEM DA RELAÇÃO GESTO-FALA-PENSAMENTO NO PROCESSO DE COMUNICAÇÃO: COMPOSTO MULTIMODAL

Além do que já foi observado e descrito, especificamente no que concerne à modalidade gesto e as diferentes relações entre este movimento, a fala e o pensamento, parece importante destacar outras perspetivas de análise destas relações, com o intuito de complementar o que foi anteriormente apresentado. De Ruiters (2007) sintetiza as diferentes abordagens do gesto em três grupos: a arquitetura da janela, a arquitetura da língua e a arquitetura do postal – três grupos estes em que a fala, o pensamento e o gesto são perspetivados como iguais intervenientes no processo comunicativo, em consonância com o conceito da multimodalidade na comunicação defendido pela área dos Estudos do Gesto.

No primeiro grupo, defende-se que os gestos fornecem informação sobre o pensamento do falante que os executa (Beattie, 2003). Embora as ideias não sejam verbalizadas, os gestos tornam o pensamento visível (McNeill, 1992). Os gestos exibem, por vezes, imagens que nem sempre podem ser expressas verbalmente, tal como imagens que o falante não só julga estarem veladas, como tem intenção de que permaneçam como tal (McNeill, 1992). Assim, os gestos podem atuar como “lapsos freudianos”, revelando informação sobre o pensamento do falante que o próprio não pretendia comunicar ao seu interlocutor (de Ruiters, 2007: 24).

O processo de transformação do pensamento em gesto é menos complexo do que o processo de transformação do pensamento em fala, uma vez que este último obedece a regras rígidas de construção (sintática, por exemplo); o mesmo não acontece com a produção dos gestos, que é espontânea e não segue nenhuma convenção lexical, morfológica ou sintática, como acontece com o discurso. Assim, e devido à menor complexidade deste processo da transformação do pensamento em gesto, pode ser

possível “aceder” à mente do falante através de imagens que o mesmo inconscientemente torna visíveis através dos gestos que executa (McNeill e Duncan, 2000: 143).

No segundo grupo, o gesto funciona como projeção da língua e supõe que a língua que falamos condiciona o tipo de gestos que produzimos (de Ruiter, 2007: 24). Nesta orientação, inserem-se os trabalhos de Kita e Özyürek (2003) e Özyürek (2000), em que os autores analisaram o modo como os falantes de línguas com formas diferentes de expressar a dimensão espacial produziam gestos quando descreviam situações de movimento, ou seja, os gestos seguem a estrutura da língua. Nesta perspectiva, a mensagem que se pretende comunicar não é totalmente determinada por um modelo de concetualização, mas por dois motores em separado: o motor da ação para o gesto e o motor da mensagem para a fala. O motor da ação tem acesso aos componentes espaciais da memória e ao ambiente circundante, e o motor da mensagem tem acesso aos conteúdos proposicionais da memória e ao modelo discursivo do falante (Mol, Krahmer, Mars e Swerts, 2012: 251). Assim, são dois motores diferentes com o mesmo sistema concetual subjacente.

No terceiro grupo, uma abordagem por sua vez seguida por Kendon (2004), o gesto e a fala são gerados em simultâneo, funcionando como um processo único, duas fases de formulação paralelas, planeadas conjuntamente, de maneira a comunicarem uma mensagem multimodal coerente (de Ruiter, 2007: 25), acontecendo que parte da informação a ser comunicada é expressa pela fala, outra parte pelos gestos. Neste ponto de vista, toda a informação transmitida pela fala e pelo gesto é percecionada como comunicativa, no sentido de que essa informação é produzida como parte da intenção comunicativa do falante. Não se quer com isto dizer que tudo o que diga respeito ao gesto seja consciente, mas sim que a função do sistema fala/gesto, no seu todo, é comunicar (de Ruiter, 2007: 26). Melinger e Levelt (2004) verificaram que o enunciado produzido em simultâneo à execução gestual é menos explícito do que aquele que não o é, reiterando a ideia de que a mensagem é transmitida de forma mais completa quando entendida dentro do sistema multimodal fala/gesto (de Ruiter, 2007: 26). Aqui, o gesto e a fala partilham as mesmas etapas de produção até ao momento da formulação de uma intenção comunicativa por parte do falante, continuando depois em paralelo mas de forma separada (Mol, Krahmer, Mars e Swerts, 2012: 251). Pense-se no seguinte exemplo: um falante descreve o caminho que se percorre até se chegar a um destino pretendido e indica que esse caminho é sinuoso e longo. Ao verbalizar esta descrição, o falante executa um gesto

descritivo, “desenhando” o trajeto “sinuoso e longo” a ser percorrido, realizando movimentos serpenteados sucessivos, laterais e alternados com a mão/braço e esticando progressivamente o braço à medida que vai executando os sucessivos movimentos – mostrando, deste modo, a sinuosidade e a distância do caminho – tornando desta forma a mensagem mais completa e perceptível.

A par desta representação imagística do que é verbalizado – evidenciando que gesto e fala contribuem para a criação de significado –, poderá acontecer que, mais tarde, quando o interlocutor do falante naquela primeira interação explicar as características daquele caminho até ao destino a outro interlocutor, muito provavelmente executará o mesmo gesto que o falante executou na primeira situação interativa, verificando-se assim, além do alinhamento gesto-fala, também um alinhamento interativo entre estes falantes e entre as realidades concetuais que descrevem. Assim, e a este nível, fala-se de adaptação³² relativa à execução dos gestos, uma vez que se verifica uma partilha ao nível da perceção (do conceito) e da produção (do gesto e da fala) (Mol, Kraemer, Mars e Swerts, 2012: 251). Assim, os gestos apenas podem ser repetidos por falantes diferentes se forem interpretados no âmbito de um contexto de execução com significado partilhado. A repetição dos gestos poderá provir de representações ao nível concetual e, conseqüentemente, a adaptação nos gestos assemelha-se à adaptação na fala, havendo necessidade de criação de significado marcado pelo contexto (Mol, Kraemer, Mars e Swerts, 2012: 249).

Além desta relação entre gestos-fala-pensamento, e atendendo aos objetivos deste trabalho, que se prendem, entre outros, com a questão de averiguar que características podem assumir os gestos em culturas distintas, torna-se importante explorar também os trabalhos de natureza etnográfica realizados por investigadores na área dos Estudos do Gesto, e que englobam assuntos relativos à comunicação interpessoal e intercultural.

1.15. GESTO E CULTURA

Além de todas as particularidades que nos definem a cada um de nós como comunicadores únicos, existem traços comuns que nos identificam como pertencentes a um determinado grupo pela forma como comunicamos. Vários trabalhos foram já realizados para detetar

³² O conceito de adaptação será adiante desenvolvido de forma mais pormenorizada (cf. secção 1.21).

diferenças culturais no modo como os seres humanos comunicam. Desde a investigação de Darwin até aos estudos mais recentes de Ekman e Friesen (1969), Kita e Özyürec (2003), Gerwing e Bavelas (2004; 2013), Gerwing, Bavelas e Healing (2014), entre outros, que se tem vindo a investigar as marcas culturais na comunicação. Assim, e apesar das nossas especificidades individuais, a pertença a um determinado grupo linguístico (com experiências idênticas) pode manifestar-se através de hábitos de movimento. Esses hábitos de movimento são, por sua vez, determinados pelo mundo envolvente, pelos espaços envolventes, por características físicas desses espaços (dimensões, topografia, clima) e características sonoras. Na sua interação com o mundo envolvente, com objetos, na execução/realização de ações, no contacto entre si, os indivíduos vão-se adaptando a determinadas formas de movimentação, criando espaços individuais e interacionais conforme as suas necessidades. Essas necessidades estão naturalmente ligadas a crenças e valores (por exemplo, à marcação mais ou menos explícita de hierarquias, à articulação mais ou menos pronunciada das diferentes partes do corpo e à amplitude dos movimentos) (Streeck, 2013).

Esta perspetiva de que os movimentos que executamos quando comunicamos estão interligados à circunstância sociocultural que nos envolve leva-nos ao conceito de praxeologia e à ideia de que os gestos e os restantes movimentos do corpo, juntamente com a língua e com o mundo que circunda cada indivíduo, confluem no mesmo sentido no contexto comunicativo. Desta forma, o gesto, por exemplo, pode ser perspetivado como um produto que engloba um conjunto de aptidões físicas que foram sendo adquiridas pelos indivíduos ao longo da sua existência, envolvendo rotinas, instrumentos, métodos e princípios partilhados com os restantes indivíduos (Streeck, 2013: 674-675).

Deste modo, é possível perceber diferenças culturais na forma como comunicamos em modalidades como os gestos, as expressões faciais, o olhar, a proxémica e a postura, entre outros:

Gestos:

São os gestos os movimentos que, à primeira vista, parecem sofrer mais alterações entre culturas. É verdade que existem gestos muito próprios de um local e que não têm qualquer significado noutros. Alguns gestos são específicos de certas regiões. Morris, Collett, Marsh e O'Shaughnessy (1979) estudaram o uso de vinte gestos em quarenta locais na

Europa e na bacia do Mediterrâneo. Alguns eram usados apenas nalgumas áreas, outros tinham significados diferentes consoante as regiões.

Além disto, todos os falantes no mundo executam gestos, mas questiona-se se todos o fazem exatamente da mesma maneira (Goldin-Meadow, 2003). As línguas variam por todo o mundo. Se considerarmos que os gestos e a fala formam um único sistema que funciona semântica e temporalmente em consonância, podemos esperar que os gestos variem consoante a fala co-ocorrente. Autores que realizaram estudos interculturais recentes defendem que as línguas diferem em certos aspetos na sua estrutura linguística e pretendem determinar se estas diferenças linguísticas são acompanhadas por diferenças na execução dos gestos (Kita e Özyürek, 2003). No entanto, existem provas de que línguas diferentes co-ocorrem com gestos igualmente diferentes (Goldin-Meadow, 2003: 19-20). Verifica-se também variações culturais na forma como o gesto é executado (Galhano-Rodrigues, 2008a) e variações no seu significado.

Expressões faciais:

Num estudo realizado sobre onze culturas, concluiu-se que, na maioria delas, o sorriso foi interpretado como demonstração de alegria; descobriu-se também que as sobrancelhas baixas foi uma expressão tida como dominante na maioria das culturas, com exceção para as Ilhas Canárias, o Brasil ou a Tailândia. As sobrancelhas erguidas foram entendidas como sinal de alegria em todas as culturas, excetuando na Tailandesa (Keating *et al.*, 1981). Embora haja expressões faciais consideradas universais (Eibl-Eibesfeldt, 1972; Darwin, 1872), pôde ser comprovado que existem também expressões específicas de certas culturas e, dependendo do tipo de cultura, a manifestação das emoções pode ser mais ou menos expansiva e aberta (culturas neutras *versus* culturas emotivas). Ekman e Friesen (1969) explicam que a repressão ou não repressão das emoções é realizada através das regras de ostentação afetiva (*display rules*) que são apreendidas nos primeiros anos de vida de um indivíduo e são elas que vão determinar se uma expressão é manifestada de forma natural, modificada ou totalmente reprimida (Galhano-Rodrigues, 2007: 100-101). Em cada cultura, existem regras que definem o modo socialmente aceite de se expressar emoções. Sabe-se que, por exemplo, na América do Norte e na Europa, é socialmente aceite a manifestação efusiva e aberta de emoções. Por seu turno, no Japão,

uma expressão excessiva das emoções é muitas vezes considerada rude, fazendo os japoneses um esforço para conter o que sentem (Evans, 2001: 15).

Olhar:

O nível de intensidade e a quantidade de olhar entre interlocutores adquire variações em diferentes culturas. Os Árabes, os Latino-Americanos e os Europeus do Sul mantêm mais contacto visual com os seus interlocutores do que outras culturas (Pierson e Bond, 1982). Os Sul-Americanos e os Gregos são aqueles que mais contacto visual mantêm nas suas interações (LaFrance e Mayo, 1978). A manutenção do contacto visual numa interação varia de cultura para cultura, podendo muitas vezes ser sinónimo de falta de respeito. Por exemplo, foi observado que crianças de origem afro-caribenha a viver e a estudar no Reino Unido não mantinham contacto visual com os professores quando estes os repreendiam. Para os professores, este comportamento das crianças era considerado abusivo e desrespeitoso. Para as crianças, não direcionar o olhar para o professor era sinónimo de respeito, honestidade e humildade (Cameron, 2001: 107). Para um indivíduo oriundo de uma cultura ocidental, manter contacto visual com os interlocutores é considerado aceitável e pode demonstrar inclusive interesse e atenção em relação ao que está a ser dito. Pelo contrário, nas culturas orientais, entre outras, quem é detentor de um estatuto social inferior não deverá manter contacto visual com quem se encontra hierarquicamente acima de si, quer se trate de um indivíduo com posição profissional superior ou mais velho, pois tal é considerado como rude ou agressivo (Ruiz, 2009: 336-337). Numa cultura em que manter o contacto visual seja aceite, um indivíduo que se encontre numa posição de inferioridade numa interação tem mais tendência para manter mais e durante mais tempo o contacto visual do que ao contrário, uma vez que quem não domina sente necessidade de controlar o olhar de maneira a perceber como quem domina se comporta e reage àquilo que aquele diz (Kidwell, 2013: 104).

Proxémica:

A observação original de Hall de que os árabes mantêm uma distância entre si nas suas interações menor do que a dos americanos (1959) foi confirmada por Watson (1970) no seu trabalho sobre estudantes estrangeiros nos Estados Unidos. Os árabes também se posicionam de forma frontal em relação os seus interlocutores, sendo ultrapassados neste posicionamento pelos europeus do sul. Os indivíduos oriundos de culturas onde o

contacto físico – o toque – é comum posicionam-se de forma mais próxima em relação aos seus interlocutores, mantendo um contacto visual frontal e utilizando um tom de voz mais elevado. Em média, os latino-americanos necessitam de menos espaço físico entre indivíduos nas suas interações do que os norte-americanos. Dentro dos Estados Unidos, os indivíduos latinos posicionam-se mais próximos uns dos outros do que os anglo-americanos. Neste país, os indivíduos que mantêm uma maior distância física entre os seus interlocutores são considerados frios e distantes; por seu turno, os que se posicionam fisicamente mais próximos dos seus interlocutores são interpretados como intrusivos (Shuter, 1976).

Postura/movimento do torso:

A variedade de posturas humanas é bastante grande – cerca de mil segundo o antropólogo Hewes (1957) – que estudou as posturas usadas em diferentes culturas. A postura pode ser o centro de regras sociais: os japoneses reconhecem três níveis diferentes de deferência em vénias e, por vezes, servem-se de máquinas de vénias para instruções. Num estudo realizado, Kudoh e Matsumoto (1985) pediram a mil estudantes japoneses para classificarem em dezasseis escalas quarenta posturas descritas oralmente. Surgiram três fatores, que foram muito semelhantes àqueles descobertos por Mehrabian (1972) relativamente aos americanos. No entanto, o fator mais importante para os japoneses foi o de submissão-domínio, incluindo posturas como lançar o tronco para a frente e curvar-se depois para trás em oposição ao de encolher o corpo e baixar a cabeça.

Mesmo quando alguns movimentos do corpo, tais como certas expressões faciais ou gestos, parecem comportar um significado culturalmente universal, a cultura na qual cada indivíduo se insere pode influenciar esses mesmos movimentos e fazer com que sejam expressamente exibidos ou até mesmo reprimidos. Assim, defende-se que os indivíduos oriundos de diferentes culturas podem ter interpretações diferentes dos mesmos movimentos do corpo (Feyereisen e de Lannoy, 1991: 8).

1.16. EXPERIÊNCIAS PARTILHADAS E CORPORIZAÇÃO DE CONHECIMENTO

Todos os seres humanos estão ligados por uma experiência partilhada: têm os seus valores, ideologias, história, e tudo isto é incorporado nos seus discursos. Devido ao facto de cada um pertencer a diferentes grupos culturais, cada indivíduo é realmente único na sua identidade cultural (Holliday, Hyde e Kullman, 2007: 17). A sensibilidade e a compreensão em relação ao outro – oriundo de uma cultura diferente – são, como observado, fundamentais para uma boa e eficaz comunicação intercultural. Assim, um bom comunicador está desperto e atento às questões que envolvem a identidade cultural de um indivíduo. Para uma eficácia comunicativa, é necessário perceber as “regras do jogo” de cada grupo e assimilar que a maneira como comunicam e se apresentam é reveladora da sua identidade cultural (Holliday, Hyde e Kullman, 2007: 19).

As pessoas utilizam duas fontes principais de conhecimento quando comunicam para construir significado nas suas interações: o conhecimento linguístico e o conhecimento do mundo. Em algumas interações, um destes dois tipos de conhecimento pode revelar-se mais importante na construção de significado, como por exemplo, o conhecimento linguístico ser um problema na transmissão de uma mensagem sobre informática quando o interlocutor não domina o registo linguístico desta área (Spencer-Oatey e Franklin, 2009: 95). A construção de significado pode adquirir alguns problemas dependendo do contexto: por exemplo, numa interação intercultural, essa construção de significado pode ser particularmente problemática, pois é necessário que a mesma aconteça de forma dinâmica, e as pessoas podem centrar-se em diferentes pistas para inferir significados e/ou podem chegar a diferentes significados quando estão a inferir pistas. Assim, podem ocorrer mal-entendidos nas mensagens comunicadas. Na realidade, o fenómeno da compreensão não é linear: existem várias etapas no mesmo e essas etapas são construídas de forma gradual através do processo de negociação da compreensão. Tal como Weigand (1999: 769) salienta, a questão central não é a compreensão de uma mensagem, mas chegar a um entendimento ao nível de uma interação (Spencer-Oatey, 2011: 3).

Esta compreensão de uma mensagem e, por conseguinte, o entendimento entre participantes numa interação, estão ligados não só ao conhecimento do mundo, mas também ao conhecimento concetual de cada indivíduo (interligados), conhecimento este que é corporizado, isto é, o que sabemos do mundo é mapeado dentro de um sistema sensorial e motor (Gallese e Lakoff, 2005: 456). A cognição é moldada pelo corpo e pela

sua interação sensorial e motora com o mundo (Lindblom e Ziemke, 2007: 129-130). Zlatev (2009; 2013) sugere que o significado que construímos está diretamente relacionado com o nosso corpo e com a cultura que nos envolve. Assim, uma teoria biocultural unificada do significado poderá ser possível (Zlatev, 2013: 535).

O relacionamento entre corpo e cultura está, segundo o autor, dividido em quatro tipos: biológico, fenomenológico, significacional e normativo. Para um “fenómeno” ter significado para um “sujeito”, é necessário que esse “fenómeno” faça parte do “mundo” no qual o “sujeito” está envolvido, e esse “fenómeno” terá de possuir valor para esse “sujeito”, sendo o “fenómeno” desta forma materializado em conhecimento, em significado para o “sujeito”. Zlatev (2009) dividiu da seguinte forma os diferentes níveis de corporização (*embodiment*):

Nível	Sujeito	Mundo	Sistema de Valores
1	Organismo	<i>Umwelt</i>	Biológico
2	Sujeito Elementar	<i>Lebenswelt</i> natural	Fenomenológico
3	Sujeito Aculturado	<i>Lebenswelt</i> cultural	Significacional
4	Sujeito Linguístico	Universo do Discurso	Normativo

Tabela 2 – A Hierarquia Semiótica (Zlatev, 2009)

Por *Umwelt* entenda-se o ambiente com significado; por *Lebenswelt*, o mundo acessível à consciência (Zlatev, 2013: 537). A relação entre os níveis de comunicação, os níveis de significado, os níveis de corporização (*embodiment*) e as diferentes modalidades comunicativas está sistematizada na tabela seguinte:

Nível	Sujeito	Corporização (<i>Embodiment</i>)	Movimentos/Ações Visíveis	Vocal – Audível	Material – Visível/Audível
1	Organismo	Biológico	Reações do corpo	Gritos/Choro	Rastos
2	Sujeito Elementar	Fenomenológico	Intenção – Movimentos	Chamadas direcionadas	Marcas
3	Sujeito Cultural	Significacional	Gestos Pantomima	“Gestos vocálicos”	Compreensão de imagens
4	Sujeito Linguístico	Normativo	Língua	Língua falada	Escrita, Representações externas

Tabela 3 – Níveis de comunicação, correspondência aos quatro níveis de significado da Hierarquia Semiótica, níveis de corporização (*embodiment*), com categorias de sinais comunicativos das diferentes modalidades comunicativas (Zlatev, 2013: 541).

Pode verificar-se que existe uma interligação entre o nível mais elementar dos sujeitos (biológico) e o mais desenvolvido (linguístico), passando por uma gradação crescente de conhecimento do mundo e de construção de significado que engloba todos os níveis de todas as categorias elencadas. Desta forma, a comunicação consiste na transmissão de significados entre dois ou mais sujeitos através de diferentes modos de expressão (Zlatev, 2013: 540) onde o corpo, a cultura e as diferentes modalidades comunicativas fazem parte de um todo.

1.17. A COMUNICAÇÃO E AS CIÊNCIAS DA CULTURA

Aliado às diferenças comunicacionais existentes entre culturas – intimamente relacionadas com os fatores biológicos, culturais e ambientais que nos envolvem –, parece agora importante tentar perceber de que maneira os indivíduos têm sido estudados e vistos como seres culturais e sociais ao longo dos tempos, e de que forma a língua que falam, a comunidade linguística e cultural em que se inserem moldam ou podem moldar a sua maneira de ver o mundo e, conseqüentemente, a sua maneira de comunicar.

1.17.1. A RELAÇÃO ENTRE CULTURA E INDIVÍDUO

Pode definir-se cultura como “um conjunto de atitudes, crenças, convenções comportamentais, assunções e valores básicos que é partilhado por um grupo de indivíduos e que influencia o comportamento e as interpretações de cada elemento em relação ao significado do comportamento dos restantes indivíduos” (Spencer-Oatey, 2000: 4).

As experiências e interação de cada indivíduo, tanto dentro do seu contexto sociocultural como dentro de outros, moldam a sua visão do mundo e da realidade que o circunscreve. Porém, cada indivíduo é um elemento único, possuindo uma visão muito própria do que o rodeia. Uma pessoa é alguém com uma mente e uma consciência própria e determinada. Cada indivíduo tem uma personalidade única e um conjunto consistente de traços, características e capacidades que resultam na sua verdadeira natureza. As pessoas detêm os seus pensamentos e sentimentos, que são privados, auto-gerados e organizados dentro da pessoa. Os pensamentos, os sentimentos e os estados interiores podem, no entanto, ser expressos publicamente através da língua, das ações, ou através de outros meios simbólicos.

No entanto, e apesar desta unicidade, cada um de nós pertence a uma determinada cultura, cultura esta que partilha uma língua, usos, costumes, uma perspetiva geral do mundo, valores, crenças e ideologias. A língua é um guia para a realidade social e molda a forma como pensamos, como encaramos os problemas e os processos sociais. Os seres humanos não vivem no mundo real sozinhos; encontram-se ao serviço de uma língua que se tornou o meio de expressão para a sua sociedade. Não parecerá razoável imaginar que nos ajustamos à realidade essencialmente sem o uso da língua, e que a língua não passa de um mero meio acidental para resolver problemas específicos de comunicação ou reflexão. A questão essencial é que o mundo real é em grande parte construído inconscientemente nos hábitos linguísticos do grupo. Não existem duas línguas suficientemente semelhantes para serem consideradas como representantes da mesma realidade social. Os mundos em que sociedades diferentes vivem são mundos distintos, e não o mesmo mundo com diferentes rótulos. Nós vemos, ouvimos e experienciamos da forma como fazemos, porque os hábitos linguísticos da nossa comunidade predispõem certas escolhas de interpretação (Sapir, 1962: 68-69).

Nós cortamos a natureza, organizamo-la em conceitos e damos-lhe significado da forma que fazemos, porque somos partes num acordo para organizar a realidade desta maneira, um acordo que é mantido por toda a nossa comunidade linguística e que está codificado nos padrões da nossa língua. O acordo é implícito, mas os seus termos são obrigatórios. Não podemos falar se não subscrevermos a organização e classificação dos dados que o acordo define. Daqui surge o que Whorf designou por “princípio da relatividade linguística”, que significa em termos informais que os utilizadores de gramáticas marcadamente diferentes são conduzidos por essas mesmas gramáticas até tipos de observações e avaliações diferentes de ações de observação externas semelhantes e, por isso, não são equivalentes enquanto observadores e chegam forçosamente a visões diferentes do mundo (Whorf, 1956: 213, 221).

Parece claro por estes argumentos de Sapir e Whorf – algo controversos e bastante criticados por alguns autores (ver Pinker (1994), por exemplo) – que cada comunidade linguística é única na sua maneira de entender o mundo, de expressar a sua cultura e de se comportar na sociedade. Existem inúmeras diferenças no que respeita ao uso da língua, no geral, e dos movimentos do corpo, em particular, entre as mais diversas culturas, conforme já foi mencionado.

No entanto, a perspetiva sobre “relatividade linguística” de Sapir e Whorf pautava por algumas lacunas: por um lado, os estudos realizados até então privilegiavam a análise de uma língua apenas, dentro da qual era destacado um aspeto relativamente pequeno e marginal da mesma (por exemplo, um conjunto restrito de palavras). Além disto, os estudos não forneciam dados nem provas sobre questões relativas à cognição de cada indivíduo. Por outro lado, deveria haver investigações que destacassem uma abordagem mais completa desta matéria, incluindo a identificação das diferentes propriedades das línguas que tornam a diversidade possível e, conseqüentemente, adquirem um papel preponderante na parte cultural da vida humana. Assim, seria possível perceber de forma mais completa qual a ligação entre língua e pensamento, bem como onde exatamente assenta a diversidade linguística e cultural de cada comunidade de falantes (Lucy, 1996: 37).

A teoria de Sapir e Whorf sobre “relatividade linguística”, embora tenha servido de base e de ponto de partida para outras e de ser importante nesse aspeto, não apresentava, em termos globais, provas empíricas suficientes das ideias defendidas. Aliás, a recolha destes

dados comprovativos do que se defende por detrás da questão de se a língua que falamos afeta o modo como pensamos e vemos o mundo é relativamente recente (Everett, 2013: 2). Além disto, a teoria inicial não destacava o papel dos gestos no âmbito das representações linguísticas, sociais e culturais do pensamento. Tendo em conta que os gestos poderão servir de janela para os processos cognitivos de cada falante, atualmente existem estudos que comprovam que as referências que cada um de nós possui do mundo que nos envolve estão co-relacionadas com os padrões gestuais que co-ocorrem com a fala (Everett, 2013: 98). Gumperz e Levinson (1996: 24) resumiram a teoria da relatividade linguística em forma de silogismo:

“Dado que:

- (1) Existem diferenças entre categorias linguísticas nas diversas línguas;
- (2) As categorias linguísticas determinam aspetos do pensamento de cada indivíduo;

Então:

- (3) Os aspetos do pensamento de cada indivíduo diferem entre comunidades linguísticas de acordo com as línguas que cada um fala.”

Apenas a partir da década de 90 do século XX começaram a surgir estudos que tentaram demonstrar de forma cabal e empírica a veracidade e a pertinência deste silogismo, algo que faltou nas teorias anteriores de Sapir e Whorf. Atualmente, investigadores ainda se dedicam à análise e comprovação desta hipótese, embora mesmo quem seja adepto de uma gramática universal tenha de admitir que existem, de facto, diferenças relativas a categorias linguísticas entre as diferentes línguas (Everett, 2013: 19).

No entanto, e apesar destas diferenças, a comunicação e a interação entre culturas diversas são possíveis, mas aspetos importantes e uma sensibilidade linguística e intercultural deverão existir e ser tidos em conta (por estas e pelas diversas culturas) para que não se verifiquem problemas de comunicação. Estes problemas podem ser intensificados, uma vez que cada um de nós é detentor de ideias, preconceitos, estereótipos, expectativas que inexoravelmente nos farão perceber o outro sob uma perspetiva muito própria e particular.

1.17.2. CONHECIMENTO E MEMÓRIAS COMPARTILHADOS, EXPECTATIVAS, PRESSUPOSIÇÕES, ESTEREÓTIPOS, PRECONCEITOS, DISCRIMINAÇÃO

Vimos que cada indivíduo possui uma visão do mundo única e muito particular. No entanto, este indivíduo, apesar da sua unicidade como ser humano, não é alguém isolado. O contexto onde nasceu, onde vai crescer, onde vai viver a sua vida adulta (e estes contextos, poderão, consoante os casos, variar ao longo da sua vida), irá moldar a sua personalidade, a sua forma de pensar, de ver o mundo, as suas ideologias e pressuposições. Irá, de igual modo, criar e ajudar a definir os estereótipos, preconceitos e as discriminações, com base nos quais emitirá os seus juízos de valor em relação aos outros, moldando assim as suas atitudes e comportamentos, e irá fazer com que pense x ou y em relação a a ou a b . Pense-se, por exemplo, nas ideias que os combatentes da jihad islâmica defendem em relação aos indivíduos que se encontram fora da sua esfera de crença – ideias estas profundamente marcadas pelo contexto sociocultural em que se inserem.

Assim, cada um de nós é um indivíduo pleno de ideias pré-concebidas, partilhando memórias e crenças com quem se encontra mais próximo. Toda esta nossa circunstância individual vai influenciar e moldar o que fazemos e dizemos quotidianamente, seja em contexto social e familiar, seja em contexto profissional. Van Dijk (1998) aborda estas questões relativas a ideias, crenças, valores, defendendo que estes são produtos do pensamento de cada um ou do pensamento coletivo de uma comunidade ou grupo. As ideias e as crenças que cada um de nós ou que um grupo possui sobre uma determinada realidade não se limitam a estar assentes na realidade que nos rodeia ou naquilo que se acredita ser verdadeiro ou falso, mas são igualmente produtos de julgamentos que fazemos – se consideramos algo como bom ou mau, bonito ou feio (Van Dijk, 1998: 15-26). Assim, a nossa visão do mundo que nos envolve assenta na parcialidade e na subjetividade, podendo, muitas vezes, aquilo que julgamos como certo e justo não o ser de facto.

As ideologias pelas quais nos pautamos funcionam como um sistema de ideias, pertencendo ao campo do pensamento e das crenças. São, de igual forma, uma realidade social, associadas muitas vezes a grupos, conflitos e interesses. Podem ser utilizadas para legitimar o domínio e o poder de um grupo perante outro ou simbolizar problemas sociais. Estão, ainda, ligadas à língua e ao discurso, uma vez que é através destes mecanismos

que as ideologias são expressas à sociedade (Van Dijk, 1998: 5). As ideologias não são apenas conjuntos de crenças, mas crenças partilhadas e aceites socialmente por determinados grupos. Estas crenças são adquiridas e utilizadas em contextos sociais, com base no interesse de grupos ou nas relações sociais entre grupos (Van Dijk, 1998: 135). A título de exemplo: numa sala de audiências em Portugal, se for presente ao juiz um arguido pertencente a uma claque de futebol e que esteja acusado de ter provocado distúrbios, este arguido, além da acusação que lhe é imputada (não interessa aqui, para já, se é inocente ou não), terá contra si todos os preconceitos, crenças e ideologias que, na sociedade portuguesa, existem em torno das claque de futebol – grupos desordeiros e propensos a atos de violência. Mais ainda, dependendo do clube de futebol a que este arguido pertença – que pode ser diferente (e rival) daquele que o juiz eventualmente admire na sua esfera pessoal – outras crenças e ideologias estarão certamente associadas. Ora, como será observado no capítulo 2 do presente trabalho, ninguém é totalmente objetivo e imparcial, nem totalmente desprovido de crenças, expectativas, preconceitos nem ideologias que lhe permita julgar sem interferências uma situação. No caso deste exemplo, mesmo que inconscientemente, este juiz iria ativar cognitivamente o que pensa sobre a circunstância clubística do arguido, podendo assim julgar o caso de maneira condicionada.

Aliada à comunicação com base na relação existente entre indivíduo e cultura e dos conhecimentos, memórias, estereótipos e preconceitos inerentes a cada um de nós e que moldam a maneira como comunicamos e nos relacionamos com os outros, surge como importante abordar também a interação face a face numa perspetiva cognitiva, numa tentativa de perceber de que forma o nosso modo de pensar influencia o modo como comunicamos e interagimos, particularmente a forma como gesticulamos e movimentamos as restantes partes do corpo em contextos de interação face a face.

1.18. GESTO E PENSAMENTO

Através de uma análise realizada sobre a relação entre os gestos co-discursivos e a parte cognitiva do indivíduo (inclusivamente a sua memória), concluiu-se que, os falantes que gesticulam com maior frequência quando falam, lembram-se mais e com mais facilidade das palavras que verbalizaram, do que aqueles que o fazem menos vezes (Goldin-Meadow, 2005: 253 e segs.). Outra questão prende-se com o facto de ser possível, através

de uma análise dos gestos executados por um indivíduo, ter uma percepção sobre as suas intenções, pensamentos e ideias, realidades estas que o mesmo indivíduo pode ocultar (deliberada ou inconscientemente) no seu discurso. O gesto permite aos falantes transmitir pensamentos que podem não ser encaixados facilmente no sistema categórico que a linguagem convencional oferece (Goldin-Meadow e McNeill, 1999), defendendo-se assim que é apenas prestando atenção tanto aos gestos como à fala que podemos perceber de que forma “funciona” o pensamento dos indivíduos. Embora os gestos não sejam pela sua forma iguais à fala, fazem parte integrante da comunicação, surgindo sempre que surge também a fala. Desta forma, quem estuda a comunicação não poderá, de todo, ignorar os gestos (Goldin-Meadow, 2005: 254).

Quando falamos, colocamos no exterior e à disposição de quem interage conosco aquilo que pensamos – as nossas imagens conceituais. A Antropologia Cognitiva – outra subárea da Antropologia – dedica-se ao estudo do pensamento humano inserido num contexto cultural específico. A esta disciplina interessa perceber se a maneira de pensar de cada indivíduo é única e cultural e contextualmente marcada e definida e, se assim for, de que modo o pensamento humano varia de cultura para cultura.

A Antropologia Cognitiva é o estudo do pensamento no contexto cultural. De que forma o pensamento humano é o mesmo em todo o lado ou em que medida é ele diferente entre culturas? De que modo está o pensamento relacionado com a atividade socialmente organizada? O que acontece na nossa mente quando as pessoas adquirem conhecimento cultural? Qual é a melhor maneira de estudar a cultura? Estas (e outras) perguntas são o assunto de debates sobre Antropologia Cognitiva hoje em dia (http://www.aaanet.org/sections/spa/?page_id=582).

Na perspetiva desta subárea da Antropologia, os gestos e a maneira como a disciplina os estuda refletem teorias particulares sobre cognição humana e a comunicação. A visão tradicional nas Ciências Cognitivas é a de que os seres humanos pensam internamente através de uma lógica proposicional e/ou através de imagens mentais, e que expressam os seus pensamentos aos outros indivíduos através da língua (falada ou escrita), marcando assim uma abordagem cognitiva dos Estudos do Gesto. As mensagens faladas co-ocorrem com pistas paralinguísticas, como sejam o tom de voz, as expressões faciais ou os movimentos do corpo (onde os gestos se inserem), que sinalizam o estado mental e emocional do indivíduo e o posicionam em relação ao que está a ser verbalizado. Como

vimos, os movimentos da cabeça podem assinalar anuência ou desacordo e as mãos/braços podem apoiar ou complementar o conteúdo das mensagens faladas. Estes sinais ajudam os recetores a compreender os enunciados e a recuperar o seu conteúdo proposicional e/ou imagístico. Nesta perspetiva, comunicar é codificar e decodificar mensagens transmitidas por emissores para recetores (Williams, 2013: 240-241).

Cada ser humano partilha, enquanto membro da mesma espécie, diversas características que nos tornam mais próximos uns dos outros, independentemente da nossa origem geográfico-cultural. Cada um de nós é também um ser social, inserido num determinado contexto sociocultural e que nos distingue dos demais em vários aspetos.

1.19. A COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL

Vários têm sido os autores que estudaram questões relacionadas com a comunicação intercultural, destacando conceitos importantes, como sejam a experiência do outro e a compreensão em relação ao outro. Alguns defendem que qualquer tipo de comunicação implica a experiência com o outro e que, para diferentes indivíduos se compreenderem, seria necessária uma reciprocidade de perspetivas, o que nem sempre acontece. No entanto, para existir entendimento, é suficiente que se desenvolva um conhecimento/significado partilhado (Spencer-Oatey e Kotthoff, 2007: 2). Deste modo, e além de seres biológicos e sociais, somos também seres culturais, inseridos em grupos que se distinguem entre si pelas línguas que falam, pelas crenças, pelos pensamentos e pelos hábitos que partilham.

As pessoas sabem reconhecer-se como pertencentes a uma determinada cultura: sabem quais os valores e os princípios através dos quais se regem, qual a língua que utilizam para comunicar entre si, entre outras questões. Regra geral, conseguem comunicar com eficácia com indivíduos da sua própria cultura, pois existe este conhecimento partilhado. Para conseguirem alcançar o mesmo (ou quase o mesmo) grau de êxito num contexto de comunicação intercultural, deverão partir do princípio de que existem pontos de vista diferentes e tentar encontrar um ponto de equilíbrio entre os diferentes modos de pensar, criando empatia entre os indivíduos. Este seria o cenário ideal de comunicação intercultural; no entanto, nem sempre existe este conhecimento, esta empatia, esta predisposição para compreender o outro (*the otherness* (alteridade): Spencer-Oatey e

Hotthoff, 2007: 2), e, quando as visões do mundo e as línguas maternas de cada um são distintas, poderão ocorrer problemas de comunicação, uma vez que existem diferenças não só na produção de cada língua, como também na execução dos gestos – diferenças estas que nem sempre são percebidas da forma mais correta.

1.20. A FALA E OS GESTOS ENTRE FALANTES DE L1 E DE L2

Vários estudos têm sido feitos com o objetivo de tentar perceber as diferenças entre os gestos produzidos por um falante quando interage na sua língua materna (L1) e os gestos produzidos pelo mesmo falante quando interage numa língua estrangeira (L2). A maior parte dos autores tentou contabilizar os gestos executados pelos falantes em cada um dos contextos, obtendo resultados quantitativos que demonstram as diferenças existentes na produção de gestos em línguas diferentes. Gullberg (1998) e Hadar, Dar e Teitelman (2001) defendem que os falantes de L2 executam um maior número de gestos quando comparados com falantes de L1. Também Gullberg (1998) e Krauss e Hadar (1999) salientam que, quando os falantes têm mais dificuldade em expressar-se oralmente em L2, verifica-se uma tendência para produzir um maior número de gestos, numa tentativa de colmatar as lacunas na fluência e domínio oral dessa língua. Goldin-Meadow (2003) afirma que, quanto menos fluente for um falante em L2, mais este produzirá uma maior quantidade de gestos (Zhao, 2006).

No que diz respeito a alguns tipos de gestos em particular, McCafferty (2002) e Mori e Hayashi (2006) defendem a existência de provas que atestam o facto de indivíduos numa língua estrangeira (L2) executarem um maior número de gestos icónicos para transmitir a mensagem que pretendem quando manifestam dificuldades em verbalizá-la com eficácia nessa língua (Morett, Gibbs e McWhinney, 2012). Molinsky, Krabbenhoft, Ambady e Choi (2005: 381) afirmam que os emblemas (cf. secção 3.3.4) são gestos autónomos que podem ser produzidos de forma deliberada e consciente por falantes de L2 e que possuem um significado específico, preciso e com uma tradução muito própria na cultura à qual pertencem (Efron, 1941; 1972).

Quando se aprende uma língua estrangeira (L2), há vários processos e etapas pelas quais um indivíduo passa: não só existem estruturas lexicais, sintáticas e semânticas que progressivamente vai sendo capaz de verbalizar, mas há todo um processo de assimilação

da cultura pelo qual o indivíduo passa também e, neste processo, está incluído o conhecimento e o domínio dos gestos e restantes movimentos do corpo, que podem ser universais, mas que também podem ser uma marca da cultura onde se fala a língua a ser aprendida. Esta aprendizagem pode ser concomitante à aprendizagem e domínio das estruturas orais da língua (cf. Cestero Mancera, 2007: 15-21) e, assim, os gestos que o aprendiz executa quando interage em L2 serão semelhantes aos gestos que os falantes nativos dessa língua executam; ou, se assim não for, o indivíduo, aquando de uma interação em L2, executará gestos mais próximos daqueles que normalmente executa na sua língua materna (L1) (Ozcaliskan, 2012). Dentro do âmbito de estudos comparativos sobre o uso dos gestos em L1 e em L2, há também autores que salientaram a maneira como os movimentos são descritos nas diferentes línguas e, conseqüentemente, que tipo e que quantidade de gestos são executados aquando dessas descrições (Talmy, 1985; 2000 *em* Ozcaliskan, 2012; Kita e Özyürek, 2003).

A aprendizagem, a aquisição dos gestos e a forma como cada um vai desenvolvendo o seu repertório cinésico ao longo da vida prende-se, como vimos, com aspetos relacionados com a cultura em que nos inserimos, bem como com características pessoais de cada indivíduo e com traços que vamos aprendendo e apreendendo de outros indivíduos com quem nos relacionamos. Assim, a convivência com os outros e a nossa tendência biológica e inata para nos adaptarmos, imitarmos e nos moldarmos ao mundo e aos indivíduos com quem mais interagimos, encaminha-nos para um outro tipo de reflexão: de que forma nos adaptamos aos comportamentos dos outros, como funciona a imitação no ser humano e o que nos leva a imitar os movimentos de outra pessoa?

1.21. IMITAÇÃO, ADAPTAÇÃO E ALINHAMENTO NO GESTO E OS NEURÓNIOS ESPELHO

Chartrand e Bargh (1999) descobriram que havia uma elevada probabilidade de um participante numa interação agitar o pé, tal como coçar a cara ou a cabeça, se o seu interlocutor também o fizesse. Esta imitação (*mimicry*) de comportamento pode funcionar como “cola social”, sem que a mesma seja intencional ou consciente, podendo criar um estabelecimento de laços entre falantes, uma relação mais próxima e empática. A percepção do comportamento do outro aumenta a probabilidade de alguém o imitar (Chartrand e Bargh, 1999: 893). Este fenómeno é conhecido como relação percepção-comportamento (Mol, Kraemer, Mars e Swerts, 2012: 250).

O conceito de imitação (*mimicry*) está, assim, ligado a outros como o da memória, o da empatia e o da intersubjetividade. Algumas vezes, este conceito é explicado defendendo-se a existência de neurónios espelho. McNeill (2005) sustenta a existência de imitação e a ativação dos neurónios espelho nas interações face a face, e que os mesmos se devem ao facto de, no momento do ponto de geração de um movimento, o falante ser influenciado pelos movimentos do seu interlocutor. A imitação gestual (*gestural mimicry*) pode ser definida pelo uso do mesmo gesto ou de um gesto semelhante por parte de falantes diferentes ao longo da interação. A imitação gestual diz respeito à recorrência do mesmo gesto ou de um gesto semelhante entre falantes através de monitorização e não por mera coincidência (Holler e Wilkin, 2011). Deve considerar-se a existência de imitação quando a execução de gestos iguais ou semelhantes ocorre de forma temporalmente próxima da execução do gesto que é imitado (Kimbara, 2006: 41 e segs.).

Relacionados com o conceito de imitação estão os de alinhamento e adaptação. Quando, numa interação, um indivíduo utiliza uma determinada estrutura sintática ou elementos lexicais, é comum que o(s) seu(s) interlocutor(es) repita(m) essa estrutura ou léxico na interação após a terem escutado. Por exemplo, se um participante produzir um enunciado na voz passiva ou se recorrer com frequência a enunciados contendo pronomes interrogativos, não será incomum para o(s) outro(s) participante(s) repetir(em) as mesmas estruturas na interação, criando um alinhamento interativo (Bock, 1986; Pickering e Garrod, 2004). Verifica-se, assim, uma adaptação de estruturas de diferentes níveis – sintático, lexical, concetual – entre participantes de uma interação (Mol, Krahmer, Mars e Swerts, 2012: 250). Num contexto em que os participantes utilizem as mesmas palavras para se referirem ou descreverem o mesmo objeto, verifica-se que partilham as mesmas concetualizações daquele objeto (Brennan e Clark, 1996). Por exemplo, um quadro pode ser percecionado como uma imagem, um registo histórico ou ainda uma obra de arte. Se, numa interação, os participantes utilizarem a mesma palavra (imagem, por exemplo) para se referirem ao objeto em causa, então verifica-se que partilham a mesma concetualização daquele objeto e, sempre que a si se referirem, utilizarão muito provavelmente a mesma palavra. Para diferentes interlocutores utilizarem as mesmas palavras na definição do mesmo objeto, será necessário que esses interlocutores partilhem representações semelhantes desse objeto ao nível concetual (Mol, Krahmer, Mars e Swerts, 2012: 250). Verifica-se este tipo de comportamento alinhado e adaptado ao nível da fala, mas também ao nível da produção gestual. Observa-se que existe uma ligação temporal (Chui, 2005),

estrutural (Kita, Özyürek, Allen, Brown, Furman e Ishizuka, 2007), pragmática (Enfield, Kita e De Ruiter, 2007) e semântica (McNeill, 1992) entre gestos e fala. A produção dos gestos e da fala está, deste modo, alinhada e coordenada, e desenvolve-se em simultâneo à medida que os enunciados são produzidos (Mol, Krahmer, Mars e Swerts, 2012: 251). Quando se verifica adaptação na produção gestual, está-se tanto perante partilha de produção como de percepção do gesto (Mol, Krahmer, Mars e Swerts, 2012: 251). Isto é, para se repetir um gesto, é necessário não só saber executá-lo, como também perceber o seu significado, para que, naquele momento da interação, o mesmo faça sentido. Deste modo, parece importante haver também uma partilha concetual para que se verifique adaptação na execução de gestos. Grande parte da comunicação é possível pois existe partilha de conhecimento e observação do que os outros fazem. Caso contrário, muita informação poderia ser perdida e/ou mal-entendida.

Deste modo, parece normal os indivíduos observarem o comportamento dos outros e tentar perceber o que fazem, por que o fazem e o que transmitem com o que estão a fazer. Ramachandran³³, um neurologista que desenvolveu o seu trabalho dentro de assuntos como a memória, a empatia e os neurónios espelho, analisa estes pontos e, em particular, os neurónios espelho. Tim Miller (2010), professor e investigador na Universidade do Minnesota, num trabalho apresentado sob o título “*Mirror neurons, the mirror system, and human language*”³⁴ descreve-os como “neurónios que se ativam quando um indivíduo realiza uma ação, bem como quando a pessoa observa uma ação semelhante feita por outra pessoa”; estes neurónios podem também ser definidos como “células com características de resposta extraordinariamente complexas, muito ligadas à observação visual de ações orientadas para um objetivo” (Lewis e Miall, 2003).

Os neurónios espelho têm as seguintes funções: imitação, leitura da mente, empatia, discurso e fala (Miller, 2010). A prova mais forte em favor da “hipótese motora” é representada pelos neurónios espelho (Rizzolatti e Craighero, 2005). Estes neurónios, originalmente encontrados no córtex premotor central do símio (área F5)³⁵, são ativados

³³ V.S. Ramachandran é neurocientista, investigador e professor universitário e é diretor do *Center for Brain and Cognition* na Universidade da Califórnia, San Diego.

³⁴ (http://www-users.cs.umn.edu/~tmill/5202_mirror_neurons.pdf)

³⁵ O cérebro humano está dividido em várias partes: o córtex motor é a região do córtex cerebral que pode enviar ordens para, por exemplo, os músculos das mãos, apoiando assim movimentos mais precisos. A área de Broca é uma zona do cérebro humano, localizada no hemisfério esquerdo, que é tradicionalmente associada à produção da fala. Os gânglios da base formam uma região subcortical tradicionalmente

tanto quando o símio realiza uma ação em particular, como quando observa um outro indivíduo a fazer uma ação semelhante. Os neurónios espelho não respondem à apresentação de um objeto. De igual modo, não respondem à visão de um agente imitando ações ou executando gestos não direcionados a objetos. Estes neurónios também foram descritos no lobo parietal do símio (Fogassi, Gallese, Fadiga e Rizzolatti, 1998; Gallese, Fadiga, Fogassi e Rizzolatti, 2002). O mecanismo do espelho parece ser particularmente bem adequado à imitação. No entanto, a imitação apenas apareceu tarde na evolução. Os símios, que possuem um sistema espelho bem desenvolvido, não possuem esta capacidade e mesmo os macacos apenas a têm numa forma rudimentar (Tomasello e Call, 1997; Visalberghi e Fragaszy, 2002). As propriedades dos neurónios espelho dos símios também indicam que este sistema evoluiu primeiro não para imitação. Os neurónios espelho mostram tipicamente uma boa coerência entre as ações visuais às quais respondem e as respostas motoras que codificam; no entanto, apenas numa minoria as ações efetivamente observadas e executadas correspondem tanto em termos de objetivo como em termos de meio para atingir o objetivo. A maioria codifica o objetivo da ação (por exemplo, agarrar algum objeto), mas não a maneira como a ação observada é realizada. Assim, estes neurónios de pouco servem para a imitação no próprio sentido da palavra, ou seja, a capacidade de imitar uma ação que foi realizada (Rizzolatti e Craighero, 2005). Em suma, é muito provável que a capacidade de imitação tenha sido desenvolvida acima do sistema de espelho. Contudo, a sua função básica inicial não era a de imitação, mas a de permitir ao indivíduo compreender as ações realizadas pelos outros (Rizzolatti, Fogassi e Gallese, 2001; Rizzolatti e Craighero, 2005: 109).

A investigação contemporânea em Neurociência diz-nos que os neurónios espelho são acionados no nosso cérebro quando alguém está triste, irritado ou feliz e que esses neurónios nos ajudam a sentir aquilo que a outra pessoa está a sentir (Barth, 2013). Mas, na verdade, aquilo que nos ajudam a sentir é o que nós experienciaríamos se estivéssemos no lugar da outra pessoa. Se as nossas experiências forem semelhantes o suficiente, podemos ter empatia com a outra pessoa de um modo em que haverá uma ligação, e esta ligação pode funcionar como calmante para o outro. Quando as nossas experiências são

associada à sequência de movimentos. O lobo da ínsula é uma zona profunda localizada dentro do córtex cerebral e desempenha um papel nas diferentes funções relacionadas com a emoção (Arbib, 2013: 452).

diferentes, podemos, por vezes, oferecer uma outra perspetiva sobre o assunto em causa ou uma solução diferente para o problema (Barth, 2013) .

Com efeito, relacionado com os neurónios espelho está o conceito da empatia, ou seja, a experiência de compreender a condição do outro a partir da nossa própria perspetiva (<http://www.psychologytoday.com/basics/empathy>). Colocamo-nos no lugar do outro e sentimos o que ele está a sentir. Entende-se que a empatia melhora os comportamentos pró-sociais altruístas. Enquanto a sociedade atual pode estar a fazer com que as pessoas se tornem mais individualistas em vez de empáticas, os trabalhos de investigação desvelaram a existência dos neurónios espelho, que reagem a emoções expressas pelos outros e depois as reproduzem (<http://www.psychologytoday.com/basics/empathy>), mostrando assim uma maior empatia nas interações entre indivíduos.

Desta forma, podemos verificar e concluir que os neurónios espelho, a empatia, a perceção da realidade, desempenham um papel importante na interação face a face, uma vez que são eles que nos fazem (ou não) perceber o que o nosso interlocutor poderá sentir e as suas intenções comunicativas. Serão os neurónios espelho que desempenham um papel relevante em dimensões a nível interpessoal, como é o caso da empatia. Por exemplo, se virmos alguém a bocejar, os nossos neurónios espelho vão ativar-se e vão fazer com que bocejemos também. Se alguém estiver triste, vamos também “sentir” tristeza. Não que o sintamos realmente, muito menos vamos sentir exatamente aquilo que o outro está a sentir, mas porque já experienciámos na nossa vida aquele sentimento, temos memória, temos empatia para com o outro e “sentimos” tristeza também.

Em suma, e neste primeiro capítulo do trabalho, vimos que a fala e os movimentos cinésicos funcionam como um composto multimodal na transmissão de uma mensagem e que todas as modalidades mencionadas e descritas neste capítulo adquirem uma igual importância quando se pretende analisar com eficácia a comunicação em interação. Passe-se agora à apresentação da estrutura e da metodologia de investigação seguidas na análise dos estudos de caso realizados, com o intuito de, progressivamente, se ir dando resposta às questões de investigação inicialmente colocadas e já apresentadas.

2. ESTRUTURA E METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO

A inexistência de uma metodologia de análise em grande escala que pudesse servir de base à presente investigação conduziu à realização de experiências (estudos de caso), de maneira a tentar abrir caminho para futuras investigações dentro da presente matéria. Atualmente, existem estudos que interrelacionam a análise dos gestos com os mais diversos contextos, nomeadamente com os contextos forenses (ver, por exemplo, Matoesian, 2010), mas esta ligação não contém ainda a dimensão analítica de outras esferas de análise.

2.1. JUSTIFICAÇÃO E PERGUNTAS DE INVESTIGAÇÃO

A estrutura da presente investigação e o percurso a ser traçado ao longo da mesma foram parcialmente definidos no início. Dado que estamos perante um trabalho de investigação aberto e de carácter exploratório, os passos dados ao longo do caminho, partindo das questões de investigação inicialmente colocadas, foram adquirindo forma à medida que novas questões foram surgindo. Muitos fatores contextuais foram limitando e limando o decurso da investigação, e o caminho foi percorrido na tentativa de ultrapassar os obstáculos que foram surgindo.

Com o foco de tentar dar resposta às questões inicialmente colocadas, a investigação foi prosseguindo através da observação e da recolha de dados em contextos experimentais. Aquando do surgimento de novas questões, novas recolhas de dados foram realizadas.

Partindo da questão essencial do presente trabalho que se prende com a análise de interações face a face de qualquer natureza, porém com o particular interesse já justificado na investigação de interações ocorridas em contextos forenses, foram progressivamente sendo desenvolvidas e realizadas experiências de campo – estudos de caso – tentando perceber de que forma o modo muito particular de comunicar dos indivíduos em análise poderia ter influência aquando de uma putativa intervenção (quer como suspeito, quer como arguido, quer ainda como testemunha) num caso judicial. Desta forma, e no decorrer na presente investigação, foram sendo colocadas as seguintes questões, já anteriormente apresentadas:

- Em que medida os juízes e os investigadores criminais estão sensibilizados para a importância das características cinésicas e prosódicas dos suspeitos/arguidos que interrogam, bem como para as diferenças culturais na transmissão de mensagens por parte dos dois grupos em causa (portugueses e ingleses)?
- Existirão diferenças globais, facilmente perceptíveis, entre o comportamento vocal (fala) e cinésico (movimentos do corpo) dos portugueses e dos ingleses?
- Se as houver, de que forma as mesmas são interpretadas em contextos de interação entre estas duas comunidades linguísticas?
- Que características cinésicas (movimentos do corpo) destes dois grupos se destacam nas interações intra e interculturais? Isto é, quando portugueses interagem unicamente entre si e quando interagem juntamente com ingleses, que diferenças são possíveis de apurar? A mesma questão se coloca para os ingleses.
- Quais são as diferenças, ao nível do número de movimentos cinésicos executados, nomeadamente dos gestos e do tipo de gestos executados, entre estes diferentes grupos?
- Qual é a interpretação possível de ser feita do significado dos gestos executados, em L1 e em L2, tendo em conta o seu contexto de interação e que ilações podem daqui ser retiradas?
- Quais são as diferenças verificadas no que diz respeito ao posicionamento da palma das mãos aquando da execução dos gestos e que interpretações podem daí ser feitas?
- É possível perceber, em contextos de interação em L1 e em L2, se existem gestos que transmitem mais informação do que aquela que foi verbalizada?

Todas estas questões foram levantadas, uma vez que, perante a obtenção de resultados na tentativa de dar resposta às primeiras questões, se sentiu a necessidade de aprofundar a matéria em estudo de maneira a, por um lado, tentar complementar aquilo que ia sendo apurado e, por outro, ser possível ter uma perspetiva mais vasta e abrangente sobre os

gestos (e outras modalidades), os seus potenciais significados e as suas funções aplicados e analisados nos mais diversos contextos de interação. Este é, pois, um trabalho de abordagem analítica, em que um fenómeno específico é estudado através de uma análise observacional e experimental de dados (Gile, 1998: 73).

2.2. METODOLOGIA

A presente investigação segue uma metodologia de análise maioritariamente qualitativa, embora alguns dos dados sejam igualmente observados dentro de um paradigma quantitativo: foram efetuados cálculos estatísticos simples, com a intenção de mostrar de forma mais clara, concisa e sistemática os resultados obtidos. Tendo em conta que estamos perante um estudo exploratório, através de uma análise qualitativa dos dados pretende-se compreender e interpretar, da forma mais objetiva possível, os comportamentos comunicacionais dos indivíduos em análise. Pretende-se, também, analisar questões que, até ao momento, não foram estudadas de forma muito aprofundada e, conseqüentemente, tentar levantar novas questões e hipóteses para uma possível investigação futura (Marshall e Rossman, 1995: 41). Trata-se, pois, de um estudo de natureza exploratória, uma vez que se tem como intenção abrir caminhos para novas investigações na matéria e não tanto contribuir com respostas completas às questões colocadas. Segue uma abordagem descritiva, dado que pretende destacar o que se considera pertinente na análise da ligação entre as diferentes modalidades da comunicação e os diversos contextos de interação. Adota, por fim, uma perspetiva interpretativa, pois reflete uma tentativa de criar significado e sentido lógicos, coesos e coerentes aos dados analisados.

De maneira a ser possível chegar a resultados consistentes, seguiu-se um método de micro-análise dos dados recolhidos através das gravações em vídeo realizadas, método este baseado nos estudos de Kendon (2004; 2013) e de McNeill (1992; 2005). Este método foi utilizado com o intuito de analisar, transcrever e anotar os gestos e as restantes modalidades observadas nos registos recolhidos.

2.3. RECOLHA DOS DADOS

A escolha da natureza e da tipologia dos dados que iriam servir de base de análise nesta investigação foi determinada por limitações e constrangimentos não só de ordem temporal, mas também, e sobretudo, de natureza legal. Tendo em conta que, no presente trabalho, se pretende que a metodologia desenvolvida possa ser aplicada na análise de interações ocorridas em contextos forenses, pareceria adequado que os dados recolhidos para análise fossem diretamente retirados de interações entre juízes e arguidos e/ou entre advogados e testemunhas e/ou ainda entre investigadores criminais e suspeitos. No entanto, nem em Portugal, nem em Inglaterra é permitido por lei realizar filmagens em nenhum destes contextos de interação. Mesmo tendo-se recorrido a todos os meios possíveis com o intuito de se tentar obter a autorização para fazer um registo apenas para fins de investigação, essa autorização não foi, porém, conseguida.

No total, foram realizados seis vídeos, em diferentes contextos e no âmbito de estudos de caso distintos, numa tentativa de encontrar respostas às diferentes questões colocadas. Foram analisados dois estudos de caso, 1 e 2, contendo o primeiro duas experiências. Para cada estudo/experiência, serão apresentados nas próximas secções os seguintes pontos: a sua descrição, o local onde foi efetuada a experiência, a sua duração, o número de participantes e as suas características (idade, género, estudos, origem cultural).

2.3.1. ESTUDO DE CASO 1 – EXPERIÊNCIA 1

Nos dois vídeos gravados para o Estudo de Caso 1 – Experiência 1 utilizou-se para o efeito um computador portátil (Toshiba Satellite C650D-100 System Unit), com câmara de filmar integrada³⁶. As duas filmagens em análise foram realizadas nos países de origem de cada grupo: em Birmingham, Inglaterra, para o grupo inglês; no Porto, em Portugal, para o grupo português. Foram escolhidas dez³⁷ pessoas nativas das respetivas línguas, todas nascidas em Inglaterra e em Portugal, respetivamente. Cada vídeo tem uma duração média de 40 minutos. Em cada grupo, oito pessoas tinham estudos universitários, duas

³⁶ Numa tentativa de criar um ambiente o mais natural possível, recorreu-se nesta experiência à recolha de imagens através de um computador, pois considerou-se que este aparelho seria menos “invasivo” e intimidador para os participantes do que uma câmara de filmar.

³⁷ O número reduzido de intervenientes deveu-se à dificuldade em conseguir reunir indivíduos voluntários com disponibilidade para participarem na experiência no mesmo local, à mesma hora.

não. Em cada grupo também, a idade mínima dos participantes é de 20 anos e a máxima de 60. No grupo inglês, participaram quatro mulheres e seis homens; no grupo português, cinco mulheres e cinco homens.

Procurou-se que os dois contextos das filmagens fossem o mais idênticos possível: o vídeo do grupo inglês foi realizado na Universidade de Aston, em Birmingham, Inglaterra, e o vídeo do grupo português foi filmado na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, no Porto, Portugal. O espaço físico é semelhante – uma sala da faculdade – onde as dez pessoas foram sentadas ao redor de uma mesa grande, com uma disposição em U, de maneira a ser possível observar os movimentos dos braços, mãos, tronco e o olhar de cada um dos dez indivíduos de cada grupo³⁸ (cf. imagens 8 e 9).



Imagem 8 – Grupo Inglês

³⁸ Nesta experiência, apenas estas modalidades serão evidenciadas e não se analisará a modalidade da fala, pois pretende-se nesta fase perceber apenas as diferenças existentes ao nível do número de movimentos efetuados nos dois grupos e que conclusões daí se podem retirar. Mais adiante serão analisadas novas experiências, com objetivos diferentes.



Imagem 9 – Grupo Português

Foi pedido aos elementos de cada grupo que abordassem, o mais naturalmente possível, dois assuntos iguais para ambos: o primeiro assunto debruçou-se sobre o que pensavam relativamente a hábitos alimentares (um assunto geral e superficial que, normalmente, não origina conflitos, sugerido para tentar criar naturalidade e à-vontade na interação); e o segundo assunto, sobre a crise económica europeia (assunto de maior profundidade, que pudesse eventualmente despoletar reações mais emotivas). Para efeitos de análise, foram apenas contados todos os movimentos de cada participante nos dois grupos executados pelos braços/mãos (gestos), cabeça e tronco, e foi observado se os participantes mantiveram ou não o contacto visual com os seus interlocutores nestas duas interações.

2.3.2. ESTUDO DE CASO 1 – EXPERIÊNCIA 2

Foi efetuada uma outra recolha de dados no âmbito do Estudo de Caso 1 – Experiência 2 – que teve como objetivo tentar perceber de que forma os falantes nativos do português europeu interpretam a forma de interagir dos falantes nativos do inglês britânico e vice-versa, bem como de que modo os falantes nativos do português europeu e os falantes nativos do inglês britânico interpretam a sua própria forma de interagir.

Pediu-se a um grupo de quatro falantes nativos do inglês e a outro grupo de quatro falantes nativos do português que observassem durante 20 minutos os vídeos gravados no âmbito do Estudo de Caso 1 e, para cada grupo, referentes à cultura oposta. Foi igualmente solicitado a outros quatro falantes nativos do inglês e a quatro falantes nativos do português para que também observassem durante 20 minutos os mesmos vídeos, desta vez, referentes ao grupo da respetiva nacionalidade. Esta Experiência foi realizada no país de origem de cada grupo (Inglaterra e Portugal). Todos os participantes tiveram acesso à imagem do vídeo com a ausência da reprodução sonora, e foi-lhes pedido que prestassem atenção aos movimentos do corpo dos indivíduos filmados enquanto interagiam uns com os outros. No final, foi-lhes apresentado um pequeno inquérito, contendo as perguntas seguintes:

- Do que acha que as pessoas estavam a falar?
- O que acha que as pessoas estavam a sentir enquanto falavam?
- Qual a sua perceção e ideias gerais sobre esta interação?
- Como descreve o comportamento geral destas pessoas nesta interação?
- O que pensou sobre esta interação no início da visualização deste vídeo e o que pensa agora que terminou de o ver?

As respostas a estas questões serão analisadas no capítulo seguinte. Nesse capítulo, como será detalhadamente descrito, e nesta primeira abordagem, ressaltaram diferenças óbvias no que diz respeito à postura e gesticulação dos participantes, assim como interpretações que não correspondiam à realidade relativas ao comportamento de um grupo por indivíduos pertencendo à cultura/língua do outro. Estes aspetos reforçaram a possibilidade de realizar outro tipo de filmagens de interações interculturais, cuja qualidade – não verificada nos vídeos do Estudo de Caso 1 – permitisse uma micro-análise das multimodalidades comunicativas de um indivíduo inglês, por um lado, e de um indivíduo português, por outro. No próximo capítulo serão analisadas estas experiências salientando, de uma parte, as especificidades das diferentes modalidades interacionais e a sua relação com a fala e com as intenções e atitudes do falante; de outra, as particularidades formais típicas dos falantes em análise.

2.3.3. ESTUDO DE CASO 2

No âmbito do Estudo de Caso 2, foram utilizadas duas câmaras de filmar, modelo Handycam Sony Model Nr. DCR-SR38E, HDD, hard disk drive Digital Video Camera Recorder 7.2V PAL: uma das câmaras foi posicionada focando o lado esquerdo do grupo de falantes; a outra, o lado direito dos mesmos. As gravações foram realizadas na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Foram reunidos em dois grupos três falantes nativos do português europeu e três falantes nativos do inglês britânico, havendo em ambos os grupos dois elementos do sexo masculino e um elemento do sexo feminino. As idades dos seis indivíduos situam-se entre os 18 e os 25 anos e são todos estudantes universitários. Com estes indivíduos, foram gravados quatro vídeos que serão doravante designados como contexto 1, contexto 2, contexto 3 e contexto 4. No contexto 1, foram filmados os três falantes nativos do português; no contexto 2, os três falantes nativos do inglês; no contexto 3, dois falantes nativos do português e um falante nativo do inglês; no contexto 4, dois falantes nativos do inglês e um falante nativo do português. Nos contextos 1 e 2, os indivíduos interagiram na sua língua materna (L1), ou seja e respetivamente, em português e em inglês. Nos contextos 3 e 4, a interação foi realizada na língua materna (L1) da maioria dos falantes presentes, isto é e respetivamente, em português e em inglês. O objetivo principal ao organizar os grupos desta maneira – colocando um indivíduo estrangeiro em minoria e a interagir na língua materna da maioria dos elementos do grupo (ou seja, a interagir em L2) –, prendeu-se com a intenção de tentar detetar semelhanças e diferenças na interação dos mesmos indivíduos em L1 e em L2, no que diz respeito à execução de gestos e de outros movimentos do corpo co-ocorrentes com a fala.

Os falantes do contexto 1 (falantes nativos do português) serão doravante designados como falante 1, falante 2 e falante 3 (estando o falante 1 à esquerda no vídeo, o falante 2 no meio e a falante 3 à direita); os falantes do contexto 2 (falantes nativos do inglês) serão designados como falante 1', falante 2' e falante 3' (estando o falante 1' à esquerda no vídeo, a falante 2' no meio e o falante 3' à direita) (ver imagens 10, 11, 12 e 13). Os falantes 1 e 2' estiveram presentes nos quatro filmes, tendo interagido tanto em L1 como em L2. Por este motivo, serão os indivíduos mais destacados nesta análise.



Imagem 10 – Contexto 1 (grupo português: da esquerda para a direita – falante 1, falante 2, falante 3)



Imagem 11 – Contexto 2 (grupo inglês: da esquerda para a direita – falante 1', falante 2', falante 3')



Imagem 12 – Contexto 3 (grupo híbrido 1: da esquerda para a direita – falante 1, falante 2', falante 2)



Imagem 13 – Contexto 4 (grupo híbrido 2: da esquerda para a direita – falante 1, falante 2’, falante 3’)

Foi pedido a cada grupo que interagisse da forma mais natural e espontânea possível, tendo-lhes sido dado como temas de conversa assuntos e/ou experiências que os indivíduos tivessem vivido e que os tivessem marcado de forma positiva, por um lado, e negativa, por outro.

O tipo de gravação realizado não estava orientado especificamente para as expressões faciais que, para serem também estudadas de forma mais aprofundada, teria exigido tecnologias mais adequadas a que não houve oportunidade de recorrer. Com esta Experiência, ao gravar um número inferior de indivíduos quando comparado com a Experiência 1, e estando os mesmos indivíduos desta vez mais próximos das câmaras e focando todo o corpo, pretendeu observar-se os movimentos de outras partes do corpo além dos braços/mão (gestos), cabeça e tronco. Tendo sido aqui todo o corpo filmado, logo, também os movimentos dos membros inferiores serão observados. Outros elementos relativos à postura/características cinésicas e à proxémica adquirem nestes últimos vídeos uma outra saliência.

2.4. PROCESSAMENTO DOS DADOS

Relativamente aos vídeos gravados no âmbito do presente trabalho, os mesmos foram transferidos para ficheiros .avi através de um computador com o sistema operativo da Microsoft Windows. Foram guardados contendo o nome referente ao grupo em causa.

No que diz respeito aos inquéritos realizados igualmente no âmbito do presente estudo, os mesmos foram gravados em ficheiros pdf, individualmente, indicando a que experiência pertenciam e o participante em causa (por exemplo, participante 1, participante 2...). Tanto nos vídeos como nos inquéritos, a identidade dos participantes foi omitida e salvaguardada. Cada um destes indivíduos autorizou, porém, a utilização tanto das imagens recolhidas como das respostas aos inquéritos para fins de investigação científica.

Posteriormente, todos os vídeos foram carregados no programa ELAN (versão 4.7.3), desenvolvido no Instituto Max Planck (*Max Planck Institute for Psycholinguistics*). Este programa é um anotador multimédia e uma ferramenta profissional para a criação de anotações complexas em recursos vídeo e áudio (<https://tla.mpi.nl/tools/tla-tools/elan>) (ver imagens 14, 15, 16 e 17).

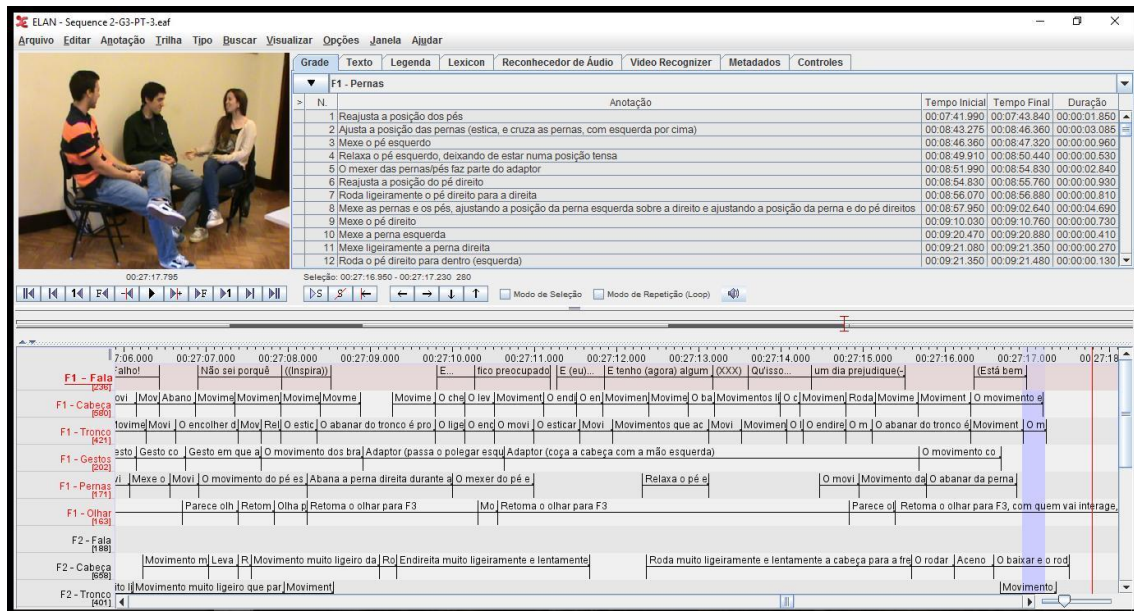


Imagem 14 – Contexto 1 (3PT) – ELAN

ELAN - Sequence 1-G3-EN-3.eaf

Arquivo Editar Anotação Irilha Tipo Buscar Visualizar Opções Janela Ajudar

Grade Texto Legenda Lexicon Reconhecedor de Áudio Vídeo Recognizer Metadados Controles

F3 Cabeça

N.	Anotação	Tempo Inicial	Tempo Final	Duração
1	Aceno em sinal de atenção	00:03:38.300	00:03:39.150	00:00:00.850
2	Mexe a cabeça acompanhando o som	00:03:41.610	00:03:42.010	00:00:00.500
3	Movimento da cabeça que acompanha a fala	00:04:03.775	00:04:04.575	00:00:00.800
4	Aceno em sinal de retorno ao que F1 diz	00:04:07.550	00:04:08.450	00:00:00.900
5	Ligeiro aceno com a cabeça	00:04:17.790	00:04:18.600	00:00:00.810
6	Aceno em negação	00:04:34.600	00:04:35.200	00:00:00.600
7	Acena em negação	00:05:16.790	00:05:17.850	00:00:01.060
8	Acena em negação	00:05:19.560	00:05:21.000	00:00:01.450
9	Inclina a cabeça dando ênfase ao que diz	00:05:22.915	00:05:24.275	00:00:01.360
10	A inclinação da cabeça dá ênfase a "online"	00:05:28.190	00:05:28.400	00:00:00.210
11	Aceno que reforça a ideia de "yeah"	00:05:33.995	00:05:35.005	00:00:01.010
12	Movimento dá ênfase à interjeição	00:05:59.150	00:06:00.435	00:00:01.285

00:15:15.020 Seleção: 00:23:13.190 - 00:23:14.510 1320

F1 - Olhar (F41) F2 - Fala (F56) F2 - Cabeça (F51) F2 - Tronco (F52) F2 - Gestos (F53) F2 - Pernas (F54) F2 - Olhar (F55) F3 - Fala (F56) F3 Cabeça (F57) F3 - Tronco (F58)

Imagem 15 – Contexto 2 (3EN) – ELAN

ELAN - Sequence 4-G3-PT-1-EN-2 (5).eaf

Arquivo Editar Anotação Irilha Tipo Buscar Visualizar Opções Janela Ajudar

Grade Texto Legenda Lexicon Reconhecedor de Áudio Vídeo Recognizer Metadados Controles

F1 - Cabeça

N.	Anotação	Tempo Inicial	Tempo Final	Duração
1192	O rodar da cabeça para a direita, acompanha o "inspirar"	00:13:36.070	00:13:36.310	00:00:00.240
1193	Endireita ligeiramente a cabeça, enquanto a continua a rodar para a direita	00:13:36.310	00:13:36.470	00:00:00.160
1194	Continua o endireitar da cabeça	00:13:36.470	00:13:36.690	00:00:00.220
1195	Movimento em que roda muito ligeiramente a cabeça para a direita	00:13:36.690	00:13:36.830	00:00:00.140
1196	O levantar muito ligeiro da cabeça, é um complemento do adaptador	00:13:36.830	00:13:36.910	00:00:00.080
1197	Roda a cabeça para a esquerda, para olhar para F3	00:13:36.910	00:13:37.470	00:00:00.560
1198	O aceno (movimento em que levanta a cabeça) é provocado pelo inclinar do tronco para a frente/esquerda, de forma a continu...	00:13:37.470	00:13:37.830	00:00:00.360
1199	O rodar da cabeça para a esquerda, acompanha o rodar do tronco para a frente, de forma a continuar a olhar para F3	00:13:37.830	00:13:38.230	00:00:00.400
1200	Conjunto de movimentos da cabeça, acabando por a inclina para a direita, são complementos ao adaptador (movimento em qu...	00:13:38.230	00:13:38.790	00:00:00.560
1201	Conjunto de movimentos da cabeça, acabando por a rodar para a esquerda, são complementos ao adaptador (movimento em qu...	00:13:38.790	00:13:39.510	00:00:00.720
1202	O inclinar muito ligeiro da cabeça para a direita, acompanha o rodar do tronco para a esquerda, de forma a continuar a olhar p...	00:13:39.510	00:13:39.670	00:00:00.160
1203	Baixa a cabeça	00:13:39.670	00:13:39.750	00:00:00.080

00:13:38.950 Seleção: 00:13:38.950 - 00:13:39.510 560

F1 - Fala (F47) F1 - Cabeça (F48) F1 - Tronco (F49) F1 - Gestos (F50) F1 - Pernas (F51) F1 - Olhar (F52) F2 - Fala (F53) F2 - Cabeça (F54) F2 - Tronco (F55)

Imagem 16 – Contexto 3 (2EN / IPT) – ELAN

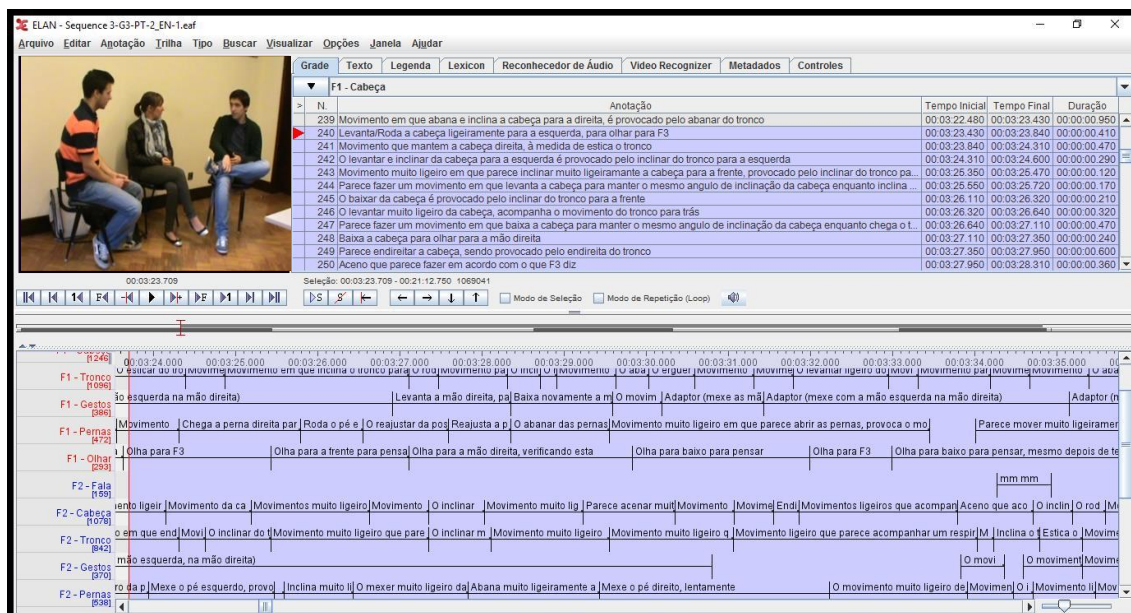


Imagem 17 – Contexto 4 (2PT / 1EN) – ELAN

Em relação aos vídeos gravados no âmbito da Experiência 2, foram criadas em cada um e referente a cada um dos dois falantes visados – F1 e F2’ – (entre os seis falantes filmados), várias categorias de análise:

- Fala;
- Cabeça;
- Tronco;
- Gestos;
- Pernas;
- Olhar.

Foi, assim, possível anotar no mesmo ficheiro questões relativas à fala e aos movimentos das diferentes modalidades em estudo (cf. imagens 14, 15, 16 e 17). Foram destacadas e analisadas estas categorias, uma vez que estavam visíveis e audíveis através dos vídeos. Além disso, e através da análise destas diferentes modalidades – estando a fala a ser estudada em simultâneo com os movimentos do corpo – foi possível retirar ilações interpretativas sobre os significados dos gestos e restantes movimentos cinésicos dentro do contexto de interação específico em causa.

2.5. ANOTAÇÃO E ANÁLISE DOS GESTOS

O método de anotação e de análise dos gestos neste trabalho baseia-se nas investigações realizadas até ao momento na área dos Estudos do Gesto (Kendon, 2004; McNeill, 1992; Müller *et al.*, 2013) e foi adaptado às especificidades da presente investigação.

2.5.1. SEGMENTAÇÃO DOS GESTOS

Tendo em conta o que defendem Bressemer (2008), Bressemer e Ladewig (2013) e Ladewig e Bressemer (2013), primeiramente foram analisados os gestos não tendo em conta a fala, conseqüentemente, as características semânticas, sintáticas, prosódicas e pragmáticas desta modalidade. O objetivo foi o de centrar a atenção nos movimentos efetuados por cada indivíduo em análise sem a interferência da fala, que poderia limitar ou corromper o estudo em curso. Começou-se, pois, pela análise exclusiva dos gestos e dos restantes movimentos do corpo. De maneira a segmentar cada gesto, e seguindo a perspectiva de Kendon (2004), a observação e a análise de cada movimento executado com os braços/mãos partiram de uma posição em que não fossem observados quaisquer movimentos (posição de repouso – McNeill, 1992; Kendon, 2004). Esta é a posição típica de partida para a execução de cada gesto, gesto este que atinge o seu ponto máximo de execução no golpe e que posteriormente regressa de novo à posição de repouso (Kendon, 2004), conforme anteriormente afirmado.

2.5.2. ANÁLISE DA FORMA E POSICIONAMENTO DOS GESTOS NO ESPAÇO GESTUAL

Depois de segmentados os gestos, foi também observada e anotada a forma adquirida pelos dedos e pelas palmas das mãos em cada golpe observado, tentando daqui retirar o máximo de ilações interpretativas. Os parâmetros de análise da forma dos gestos são baseados em McNeill (1992), Kendon (2004) e Ladewig e Bressemer (2013):

- a posição das mãos (que mão foi utilizada no golpe; (in)existência de simetria nas mãos no golpe; posição das mãos no espaço gestual no golpe);

- a orientação da palma das mãos no golpe (aqui foram utilizadas as siglas adaptadas por Galhano-Rodrigues (Galhano-Rodrigues, 2012: 145) – palma da mão na vertical (PV), em posição oblíqua (PO), voltada para cima (PC) e voltada para baixo (PB));
- a forma das mãos no golpe (a forma que as mãos adquiriram aquando do golpe);
- a amplitude (o posicionamento das mãos/braços no espaço gestual no golpe).

2.5.3. ANOTAÇÃO DA FUNÇÃO DOS GESTOS

Numa fase posterior da análise, os gestos foram estudados juntamente com o conteúdo semântico verbal co-ocorrente, de maneira a ser possível criar uma ligação entre as duas modalidades – consequentemente, perceber qual a sua relação – e identificar quais as funções de cada gesto anotado no contexto em que estava inserido. Assim, e seguindo a classificação de Kendon (2004; 2013), foram anotados gestos referenciais (emblemáticos, deícticos e descritivos) e gestos estruturantes, gestos co-verbais e relacionados com o conteúdo dos enunciados. Recorreu-se também às terminologias de McNeill (1992) e de Ekman e Friesen (1969), nomeadamente para se fazer referência a gestos *butterworth* e adaptadores, respetivamente, uma vez que foram considerados importantes para análise em causa: são gestos que, respetivamente, revelam esforço de memória e que são motivados por ou podem ser indicadores de emoções e/ou sentimentos. Estes gestos estão relacionados com processos cognitivos/psicológicos e não propriamente com o conteúdo dos enunciados. Em relação aos adaptadores, foram anotados os gestos de auto-adaptação (gestos em que a(s) mão(s) do falante entra(m) em contacto com outra parte do seu corpo), por se considerarem gestos que poderão transmitir informações importantes sobre o estado emotivo de um falante. Foram seleccionados e anotados todos estes tipos de gestos/funções de gestos (e não outros), dado que foram considerados como movimentos relevantes, podendo desvelar aspetos importantes, por exemplo, numa investigação de um caso judicial, nomeadamente no que diz respeito à descrição de um espaço/indivíduo, à recordação de memórias e/ou pensamentos, ao apontar para um local que possa ser revelador e à demonstração de emoções/sentimentos. São gestos que podem também complementar, contradizer e acrescentar informação ao que foi transmitido através da

fala. Podem ainda revelar informação que foi, voluntária ou involuntariamente, omitida pela fala.

2.6. ANÁLISE E ANOTAÇÃO DA FALA

Relativamente à anotação da fala, foram seguidas as convenções do sistema de transcrição GAT – *Gesprächsanalytisches Transkriptionssystem (discourse and conversation-analytic transcription system)* estabelecido por Margret Selting, Peter Auer, Birgit Barden, Jörg Bergmann, Elizabeth Couper-Kuhlen, Susanne Günthner, Christoph Meier, Uta Quasthoff, Peter Schlobinski e Susanne Uhmann (Selting *et al.*, 2011).³⁹ O GAT é um sistema de transcrição que permite anotar parâmetros prosódicos da fala em interação. Na presente investigação, não se teve, porém, como objetivo analisar em pormenor parâmetros como a altura de tom, a intensidade ou o timbre. Revelou-se como mais importante, tendo em conta os contextos últimos de aplicação do trabalho, destacar aspetos como momentos de pausa, duração de momentos de silêncio, o tempo da produção verbal e o próprio conteúdo semântico do enunciado, uma vez que são parâmetros que, estudados em correlação com os gestos, poderão ter influência numa análise de uma narrativa judicial.

2.7. ANÁLISE E ANOTAÇÃO DOS MOVIMENTOS DO CORPO

No que diz respeito à anotação dos restantes elementos cinésicos, foram observados os movimentos efetuados pela cabeça, pelo tronco, pelos olhos e pelos membros inferiores. Relativamente à cabeça, foram analisados os movimentos de aceno e de abanos, em que se considera aceno todo o movimento em que a cabeça se mova em sentido vertical – significando anuência e/ou de seguimento/acompanhamento da conversa –, e abano, todo o movimento em que a cabeça se mova em sentido horizontal – significando negação⁴⁰

³⁹ O sistema de transcrição GAT foi elaborado com base na língua alemã, mas pode ser aplicado a outras línguas. É um sistema que possibilita a consideração de diferentes graus de pormenor na transcrição, a quantidade de sinais utilizados é reduzida, a sua leitura é acessível para não-linguistas e define parâmetros formais, como o tipo de letra, a numeração das linhas, indicação de pausas, entre outros aspetos (Galhano-Rodrigues, 2007: 767-768). Em 2009, a primeira versão do GAT (GAT 1) foi revista, tendo sido clarificadas ambiguidades e tendo sido também efetuadas algumas correções e melhorias (GAT 2) (Selting *et al.*, 2011: 2).

⁴⁰ Embora haja mais significados para os acenos e abanos, foram considerados na presente investigação apenas os significados de anuência e negação.

(McClave, 2000; Galhano-Rodrigues, 2007: 228). No que diz respeito ao tronco, foram anotados os movimentos laterais executados pelo mesmo, bem como a sua posição em relação aos restantes falantes – rotação do tronco e posição dos ombros (Galhano-Rodrigues, 2007: 225). Relativamente aos membros inferiores, foram analisados os movimentos e as posições das pernas e dos pés considerados relevantes para o estudo, dado que, em análise simultânea com os restantes movimentos do corpo e com a fala, transmitiram informação preponderante no contexto em causa. Em relação ao olhar, foi anotada a (in)existência de contacto visual entre falante e ouvintes (Galhano-Rodrigues, 2007: 225). As expressões faciais não foram amplamente salientadas e analisadas no presente trabalho, embora, e sempre que oportuno, o tenham sido pela sua relevância nos contextos de análise.

2.8. ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE GESTO E FALA

A relação entre o gesto e a fala pode assentar em parâmetros sintáticos, prosódicos e semânticos (McNeill, 1992; Kendon, 2004; Ladewig e Bressemer, 2013). Na presente investigação, esta relação foi estudada com base em parâmetros semânticos, uma vez que importa tentar perceber o significado de cada movimento em cada contexto interativo.

De modo a exemplificar de forma mais clara como se procedeu à análise e demonstração dos gestos destacados em correlação com a fala produzida em simultâneo, veja-se a tabela seguinte:


Identificação do falante/contexto	
Gesto	Fotograma
Identificação do gesto (intervalo de tempo em que o gesto é executado)	
Transcrição prosódica	Identificação do falante; transcrição prosódica da fala (GAT).
Tema Resumo do assunto a ser abordado na passagem em análise.	
Características do gesto Descrição o mais pormenorizada possível do gesto em análise, destacando todas as fases visíveis do mesmo, o posicionamento e a orientação das palmas das mãos e o posicionamento e orientação dos dedos.	
Interpretação Interpretação do significado do gesto em análise, tendo como base estudos já realizados.	

Tabela 4 – Exemplo da micro-análise.

As modalidades em análise no presente trabalho – a fala e os movimentos cinésicos – estão resumidas na tabela 5:

Fala	Gestos	Outros Movimentos do Corpo
<ul style="list-style-type: none"> • Momentos de silêncio (duração) • Pausas/hesitações (duração) • Conteúdo verbal/atos de fala 	<ul style="list-style-type: none"> • Emblemas • Estruturantes • Referenciais (Deíticos) • Referenciais (Descritivos) • Butterworth • Adaptadores 	<ul style="list-style-type: none"> • Cabeça • Olhar • Tronco • Membros Inferiores

Tabela 5 – Modalidades em análise

De salientar que os resultados aqui observados foram igualmente observados por outras duas pessoas, no caso dos últimos vídeos, e por cinco outras pessoas no caso dos primeiros. O objetivo foi o de comparar observações e resultados, verificando assim a validade dos mesmos.

Após esta apresentação da estrutura do presente trabalho e da metodologia nele seguida, passe-se à análise dos estudos de caso realizados, numa tentativa de dar resposta às questões levantadas e já apresentadas.

3. RESULTADOS DA ANÁLISE

Partindo das questões levantadas e já apresentadas no presente trabalho, procedeu-se à recolha e tratamento de todos os dados relativos aos dois Estudos de Caso descritos. Conforme afirmado, o objetivo primeiro desta investigação foi o de tentar apurar diferenças maioritariamente ao nível da quantidade e execução dos gestos correlacionados com a fala entre falantes nativos do português europeu e falantes nativos do inglês britânico; e, num segundo plano, tentar perceber de que forma o modo particular de comunicar de cada indivíduo poderia influenciar a análise de uma interação face a face, particularmente se ocorrida em contextos forenses, uma vez que o discurso produzido nos tribunais e nas instalações policiais envolve muito mais do que apenas palavras, e que a fala e os movimentos cinésicos funcionam em conjunto na co-expressividade semântica (Matoesian, 2010: 541).

3.1. ANÁLISE DO ESTUDO DE CASO 1 – EXPERIÊNCIA 1

Partindo da posição de repouso para os gestos e da inexistência de movimento para as restantes modalidades em análise (a cabeça e o tronco), realizou-se a contagem, indivíduo por indivíduo, de cada movimento efetuado com estas partes do corpo⁴¹ em cada um dos grupos filmados. O número de sorrisos de cada indivíduo foi também contabilizado. Relativamente à (in)existência de contacto visual entre falante e ouvinte, no caso de se ter verificado existência do mesmo, foi registado “sim”; na situação oposta, foi registado “não”. Foram igualmente tecidas observações relacionadas com o espaço ocupado por cada falante na interação (proxémica).

3.1.1. O GRUPO INGLÊS

3.1.1.1. Contagem dos movimentos do corpo

Relativamente aos parâmetros seleccionados, os números apurados para o grupo inglês foram os seguintes:

⁴¹ Apenas foram contados os movimentos relativos a estas modalidades, pois eram as únicas que se encontravam visíveis (cf. Imagens 8 e 9 no capítulo anterior).

Participante	Braços/Mãos	Cabeça	Tronco	Sorrisos	Olhar	Total
1	1	2	2	2	Sim	7
2	36	99	9	6	Sim	150
3	4	2	2	2	Sim	10
4	0	3	2	4	Sim	9
5	19	57	12	2	Sim	90
6	31	20	2	2	Sim	55
7	52	38	18	9	Sim	117
8	67	13	1	1	Sim	82
9	55	47	4	8	Sim	114
10	10	2	1	2	Sim	15

Tabela 6 – Resultados da contagem relativa ao grupo inglês

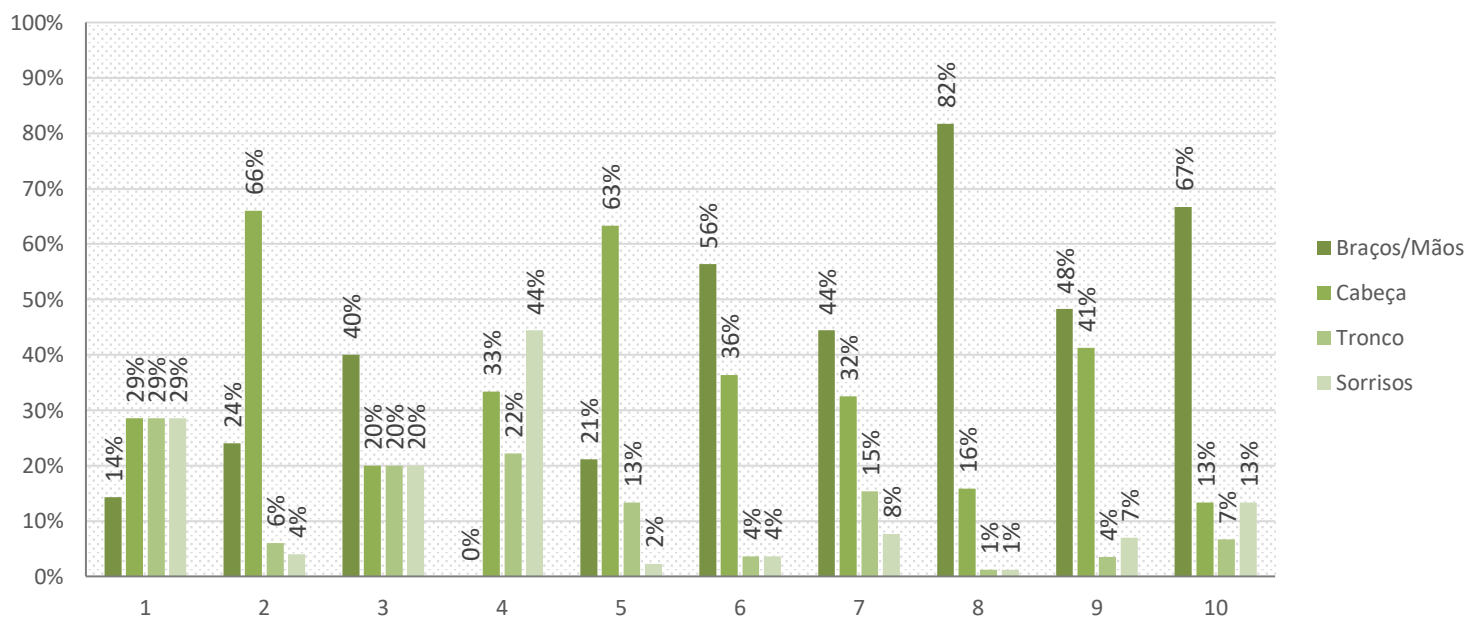


Gráfico 1 – Resultados percentuais relativos ao grupo inglês

Participantes	Braços/Mãos	Cabeça	Tronco	Sorrisos
Freq. Absoluta	275	283	53	38
Freq. Relativa	42%	44%	8%	6%

Tabela 7 – Frequências absolutas e relativas referentes ao grupo inglês

3.1.1.2. O olhar e a postura

No que diz respeito ao olhar, os indivíduos do grupo inglês mantiveram o contacto visual enquanto interagiam. Quem tomava a vez⁴² na interação ou direcionava o olhar para um interlocutor em particular ou para os restantes. Não foi observado por parte de nenhum dos participantes um comportamento que evidenciasse o evitar do contacto visual com os restantes elementos do grupo. Foi possível observar um maior contacto visual por parte dos ouvintes. A tendência de quem mantém a vez é a de direcionar o olhar para os seus interlocutores, mas com menor frequência quando comparado com a manutenção do contacto visual de ouvintes com o falante. Esta constatação corrobora a ideia de Kidwell (2013) que argumenta que, quem se encontra numa posição de inferioridade e/ou de não-domínio na interação, tem tendência a manter durante mais tempo o contacto visual.

Relativamente a questões de proxémica, foi notória a manutenção e preservação do espaço pessoal de cada elemento; nenhum participante alcançou a esfera do espaço social. Cada elemento do grupo manteve-se em posição de repouso ao longo da interação, mantendo o seu espaço pessoal inalterado (Hall, 1966) (cf. imagem 8).

3.1.2. O GRUPO PORTUGUÊS

3.1.2.1. Contagem dos movimentos do corpo

Partindo igualmente da posição de repouso e da inexistência de movimento, e tendo sido contados os movimentos das mesmas modalidades seleccionadas, foram apurados os seguintes resultados relativamente ao grupo português:

⁴² Nas descrições da alternância de vez nas interações em análise neste trabalho serão utilizados os seguintes termos: tomar a vez – indicando a posse da palavra por parte de um falante; manutenção da vez – mostrando que a posse da palavra continua a ser assegurada pelo mesmo falante; cedência de vez – apontando para um falante que permite que outro tome a vez na interação; reclamação de vez – numa situação em que um falante pretende tomar a vez na interação (Galhano-Rodrigues, 1998; 2008b).

Participante	Braços/Mãos	Cabeça	Tronco	Sorrisos	Olhar	Total
1	241	118	56	36	Sim	451
2	396	110	55	29	Sim	590
3	457	235	53	38	Sim	783
4	5	5	4	27	Sim	41
5	39	20	7	9	Sim	75
6	130	57	12	36	Sim	235
7	918	460	127	62	Sim	1567
8	65	37	26	60	Sim	188
9	106	72	13	33	Sim	224
10	258	165	95	29	Sim	547

Tabela 8 – Resultados da contagem relativa ao grupo português

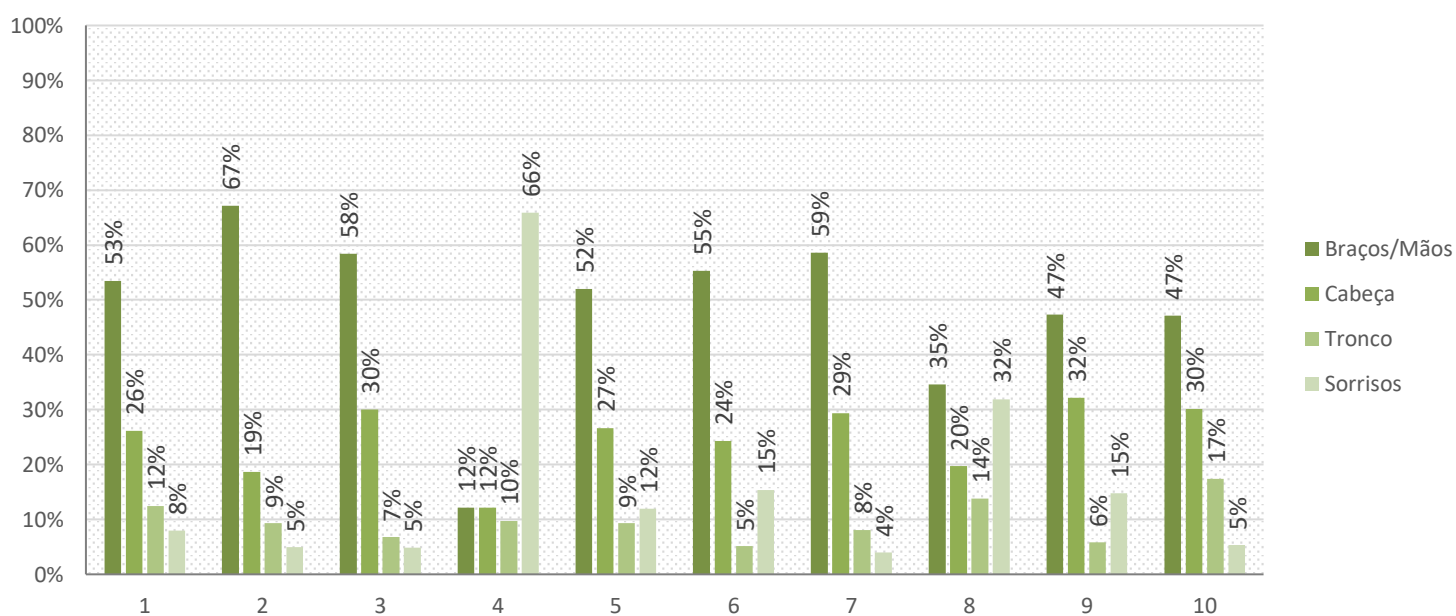


Gráfico 2 – Resultados percentuais relativos ao grupo português

	Braços/Mãos	Cabeça	Tronco	Sorrisos
Freq. Absoluta	2615	1279	448	359
Freq. Relativa	56%	27%	10%	8%

Tabela 9 – Freqüências absolutas e relativas referentes ao grupo português

3.1.2.2. O olhar e a postura

Em relação ao olhar, todos os indivíduos do grupo português mantiveram o contacto visual enquanto interagiam. Tal como aconteceu no grupo inglês, o indivíduo que tomava a vez na interação mantinha o contacto visual com os restantes elementos do grupo. Também aqui não foi observada qualquer tentativa de evitar o contacto visual. Neste grupo, e apesar de também se confirmar a questão de que quem toma a vez não direciona o olhar com tanta frequência para com quem está a interagir, verificou-se que quem tomava a vez mantinha mais contacto visual com os destinatários neste grupo quando comparado com a mesma situação no grupo inglês⁴³.

No que diz respeito à proxémica, e ao contrário do que foi observado no grupo inglês, no grupo português foram observados momentos em que os falantes mantiveram o seu espaço pessoal e outros momentos em que passaram para o espaço social. Verificou-se que a distância existente no espaço interacional foi menor do que a observada no grupo inglês (cf. imagem 9).

3.2. COMPARAÇÃO DOS RESULTADOS DA EXPERIÊNCIA 1

Grupo Inglês	Grupo Português
Braços/Mãos: 275 (42%)	Braços/Mãos: 2615 (56%)
Cabeça: 283 (44%)	Cabeça: 1279 (27%)
Tronco: 53 (8%)	Tronco: 448 (10%)
Sorrisos: 38 (6%)	Sorrisos: 359 (8%)

Tabela 10 – Comparação dos resultados do grupo inglês e do grupo português

Através da Experiência 1, foi possível verificar, tanto a partir dos resultados expostos nas tabelas apresentadas nas secções 3.1.1.1. e 3.1.2.1, como na tabela apresentada nesta

⁴³ Aqui podemos estar perante mais uma evidência de que os povos do sul da Europa mantêm mais contacto visual com os seus interlocutores do que os povos de outras culturas (cf. secções 1.8 e 1.15).

presente secção, que o número de movimentos cinésicos executados pelos dois grupos varia consideravelmente. Se tivermos em conta os totais 2615 movimentos efetuados pelos dez indivíduos portugueses intervenientes no vídeo do seu grupo com as mãos e os braços (gestos) em comparação com os mesmos movimentos executados pelos ingleses (no total 275 movimentos efetuados pelas dez pessoas), verificamos que a diferença é ampla. Os movimentos dos braços/mãos e do tronco executados pelos portugueses, quando comparados com os dos ingleses, são em maior quantidade (2615 e 448 e 275 e 53, respetivamente). No entanto, e em termos percentuais, nota-se que, proporcionalmente, os ingleses moveram mais a cabeça enquanto interagem, do que os portugueses (44% e 27%, respetivamente), que moveram muito mais frequentemente as mãos e os braços (gestos) (56% e 42%, respetivamente para os portugueses e ingleses).

3.3. ANÁLISE DO ESTUDO DE CASO 1 – EXPERIÊNCIA 2

Após terem observado os vídeos relativos ao grupo que lhes foi proposto, conforme explicado e descrito no capítulo anterior, os participantes na Experiência 2 indicaram as seguintes respostas⁴⁴ ao inquérito apresentado na secção 2.3.2. Na tabela 11, são selecionadas algumas respostas dos participantes ingleses em relação ao grupo português. Na tabela 12, referem-se algumas respostas dos participantes portugueses em relação ao grupo inglês. Na tabela 13, destacam-se respostas dos participantes ingleses sobre o grupo inglês. E, por fim, na tabela 14, salientam-se algumas respostas dos participantes portugueses em relação ao grupo português.

⁴⁴ Nesta secção, foram selecionadas algumas respostas, numa tentativa de sintetização da informação dada e para evitar respostas com conteúdos repetidos e/ou muito semelhantes. Para uma informação completa sobre a totalidade das respostas, cf. secção 7.2.

1. Do que acha que as pessoas estão a falar?

Respostas

Resposta 1

“Os indivíduos estarão a falar sobre assuntos em que todos discordam.”

Resposta 2

“Falam sobre um assunto em que todos os pontos de vista são totalmente dissonantes.”

2. O que acha que as pessoas estavam a sentir enquanto falavam? Como descreve o seu comportamento?

Respostas

Resposta 1

“As pessoas parecem irritadas, desconfortáveis, agressivas e nervosas.”

Resposta 2

“As pessoas estão na defensiva e profundamente irritadas.”

Resposta 3

“Os indivíduos gesticulam muito, mostrando raiva e agressividade.”

3. Qual a sua perceção e ideias gerais sobre esta interação?

Respostas

Resposta 1

“O ambiente estava muito tenso.”

Resposta 2

“Ambiente muito negativo, onde é possível perceber um desconforto geral.”

Resposta 3

“Um ambiente estranho, onde as pessoas parecem estar a construir barreiras.”

4. O que pensou sobre esta interação no início da visualização deste vídeo e o que pensa agora que o terminou de ver?

Respostas

Resposta 1

“Não mudei de opinião.”

Resposta 2

“Acho o mesmo: todos irritados de início ao fim.”

Tabela 11 – Respostas dos participantes ingleses relativas ao grupo português

1. Do que acha que as pessoas estão a falar?

Respostas

Resposta 1

“Falam sobre um assunto sério.”

Resposta 2

“As pessoas falam sobre algo calmo e sério.”

Resposta 3

“Parecem estar numa reunião calma, num ambiente formal.”

2. O que acha que as pessoas estavam a sentir enquanto falavam? Como descreve o seu comportamento?

Respostas

Resposta 1

“Algumas pessoas estão mais entusiasmadas do que outras.”

Resposta 2

“Têm uma postura formal. Há uma educação e formalidade evidentes.”

Resposta 3

“Alguns gesticulam mais do que outros.”

Resposta 4

“Algumas pessoas demonstram impaciência.”

3. Qual a sua perceção e ideias gerais sobre esta interação?

Respostas

Resposta 1

“O ambiente é calmo e formal.”

Resposta 2

“Ambiente formal e muito educado.”

Resposta 3

“Uma reunião numa empresa ou escola.”

4. O que pensou sobre esta interação no início da visualização deste vídeo e o que pensa agora que o terminou de ver?

Respostas

Resposta 1

“Penso o mesmo: ambiente formal.”

Resposta 2

“O mesmo. Todos estão muito calmos e quietos, embora uns sejam mais comunicativos do que outros.”

Tabela 12 – Respostas dos participantes portugueses relativas ao grupo inglês

1. Do que acha que as pessoas estavam a falar?

Respostas

Resposta 1

“Acho que falavam de algo relacionado com o trabalho ou de algum problema manifestando diferentes pontos de vista.”

Resposta 2

“Penso que devem estar a falar sobre uma matéria – talvez uma interação entre alunos e professores?”

Resposta 3

“No início, pensei que se tratava de uma reunião geral de negócios. Depois, pareceu haver uma divisão na sala – entre as pessoas do lado esquerdo e as do lado direito.”

Resposta 4

“As pessoas falavam de problemas no local de trabalho ou possivelmente sobre política.”

2. O que acha que as pessoas estavam a sentir enquanto falavam? Como descreve o seu comportamento?

Respostas

Resposta 1

“Alguns eram mais comunicativos do que outros, outros estavam aborrecidos pela supremacia de alguns. Alguns mostravam-se indiferentes ao que estava a ser dito.”

Resposta 2

“Acho que todos tinham algo para dizer, mas que se sentiam à vontade.”

Resposta 3

“Alguns pareciam desinteressados na interação. Havia uma afabilidade geral entre os participantes.”

Resposta 4

“No início, o ambiente era calmo. À medida que a interação avançava, percebi que algumas pessoas começavam a sentir-se frustradas. Algumas pessoas também pareciam aborrecidas ou sem opinião sobre o assunto.”

3. Qual a sua percepção e ideias gerais sobre esta interação?

Respostas

Resposta 1

“Havia seguramente dois lados divergentes sobre o assunto discutido. A mesa parecia dividida em duas metades.”

Resposta 2

“No geral, pareceu-me uma interação amigável e informal. Acho que havia opiniões diferentes.”

Resposta 3

“Pareceu-me que havia algum problema que devia ser debatido.”

Resposta 4

“Pareceu-me que as pessoas estavam ali para falar sobre alguns assuntos.”

4. O que pensou sobre esta interação no início da visualização deste vídeo e o que pensa agora que o terminou de ver?

Respostas

Resposta 1

“De quando em vez, as pessoas olhavam para um lado específico da sala, por isso pensei se estavam a ser incitados a criar alguma reação por parte de outra pessoa presente na sala.”

Resposta 2

“Pensei que fosse algum curso, uma reunião, ou uma formação.”

Resposta 3

“No início, pensei que fosse uma reunião geral de negócios. Depois, pensei que havia algum problema que necessitasse de atenção.”

Resposta 4

“No início, pareceu-me ser uma reunião de trabalho. Depois, pareceu-me que as pessoas seguiam as orientações de alguém que não aparece no vídeo, o que me fez pensar que lhes eram dados assuntos para discutir.”

Tabela 13 – Respostas dos participantes ingleses sobre o vídeo inglês

1. Do que acha que as pessoas estão a falar?

Respostas

Resposta 1

“Estão a falar sobre outras pessoas, a julgar ou a criticar.”

Resposta 2

“Parece ser uma reunião de uma empresa, na qual o senhor de vermelho está a mostrar o seu ponto de vista sobre algo e a senhora de verde parece discordar.”

Resposta 3

“Inicialmente, o senhor de camisola vermelha parece estar a apresentar às restantes pessoas algo com uma determinada sequenciação/ordem. [...] Parecem estar a conversar sobre um tema do interesse de todos, mas sobre o qual nem todos têm a mesma opinião.”

Resposta 4

“Estavam a debater ideias e pontos de vista diferentes numa reunião de trabalho.”

2. O que acha que as pessoas estavam a sentir enquanto falavam? Como descreve o seu comportamento?

Respostas

Resposta 1

“Os da esquerda estavam desinteressados, os da direita pareciam interessados e intervinham na conversa, pareciam discordar.”

Resposta 2

“O senhor de vermelho parece inicialmente preocupado em transmitir aos outros o que está a dizer [...] A senhora de vermelho e o senhor ao seu lado parecem no geral desinteressados do resto. O senhor mais à esquerda parece nervoso, pelos gestos que faz com as mãos. A senhora de verde parece estar a ouvir atentamente até que a certa altura fica irritada com o que o senhor de vermelho está a dizer. O segundo senhor mais à esquerda parece nervoso pela forma como olha para quem está a falar e logo de seguida volta a olhar para as próprias mãos [...].”

Resposta 3

“Da esquerda para a direita:

- Apesar de parecer interessado, parece querer manter-se imparcial;
- Parece querer manter-se afastado da discussão;
- Embora não seja muito visível, parece que o sujeito tem alguma relevância sobre o tema abordado, mas parece estar inseguro;

[...]

- Pretende mostrar que tem razão em relação ao que está a dizer, mostrando-se seguro e convicto do mesmo.”

Resposta 4

“As pessoas do lado esquerdo estavam calmas e indiferentes e as pessoas do lado direito estavam a sentir necessidade de afirmar as suas ideias.”

3. Qual a sua perceção e ideias gerais sobre esta interação?

Respostas

Resposta 1

“Parece ser uma reunião em que se opina sobre algum evento passado e se fazem juízos de valor sobre uns e os outros.”

Resposta 2

“Parece ser uma conversa entre um grupo, na qual algumas pessoas estão em desacordo. E os dois senhores mais à esquerda parecem agir de forma diferente do resto do grupo.”

Resposta 3

“Parece-me que existem duas opiniões opostas, pelas quais alguns dos intervenientes tentam argumentar.”

Resposta 4

“A senhora de verde está a discordar ou a concordar em algum aspeto da conversa com o senhor de vermelho, uma vez que se voltou para ele para lhe responder. Os demais parecem desinteressados [...] Poderão estar a ser repreendidos ou simplesmente não tem nada a ver com eles e não estão a prestar atenção.”

4. O que pensou sobre esta interação no início da visualização deste vídeo e o que pensa agora que o terminou de ver?

Respostas

Resposta 1

“No início parecia difícil de perceber o vídeo sem som, mas analisando bem os gestos e as expressões faciais, dá para ter uma ideia vaga das emoções e talvez do objetivo da conversa.”

Resposta 2

“Inicialmente estava mais focado na forma como agia o senhor de vermelho, mas agora acho que os dois senhores mais à esquerda são os que agem de forma diferente do resto do grupo.”

Resposta 3

“No início pensei que iria assistir a uma reunião, onde todos estavam ativos e onde existia ordem, pois até ao nono segundo nada me levaria a dizer o contrário. Após ter terminado o vídeo fiquei com ideia de que teria sido uma reunião confusa, sem ordem e onde predominam pontos de vista diferentes.”

Resposta 4

“No início, pensei que se tratava de uma reunião de trabalho, em que o senhor de vermelho estaria a explicar algo e os outros muito atentos. No final achei que o senhor de vermelho estava revoltado e a senhora de verde concordava ou discordava dele, enquanto os demais estariam desinteressados.”

Tabela 14 – Respostas dos participantes portugueses sobre o vídeo português

Como afirmado, em ambos os vídeos, os grupos discutiram sobre hábitos alimentares e sobre a crise económica europeia. Em nenhum dos grupos foi verificada uma manifestação clara e evidente de raiva, irritabilidade ou de nervosismo enquanto interagem. Assim, podemos verificar que a leitura que ambos os grupos fizeram do outro não corresponde à realidade do que efetivamente aconteceu: os participantes da Experiência 2 fizeram uma avaliação do comportamento dos falantes, do contexto em que estavam a interagir e dos assuntos que abordavam que não correspondeu à realidade registada. A leitura foi ainda mais irreal por parte do grupo de participantes ingleses relativamente aos falantes portugueses.

Relativamente aos grupos que observaram os vídeos referentes aos respetivos falantes nativos, verificou-se que, no geral, os portugueses consideraram que a interação dos seus pares revelou divergências de opiniões e que alguns deles revelaram desinteresse no que estava a ser discutido. Relativamente à opinião dos falantes ingleses sobre os seus pares, verificou-se uma opinião divergente daquela manifestada pelos observadores portugueses: estes consideraram que aquela se tratava de uma interação calma e formal, em que não foram verificados momentos de irritabilidade nem de conflito. Pelo contrário, os observadores ingleses percecionaram alguma divergência de posturas e opiniões entre os seus pares, bem como alguma tensão e irritabilidade nalguns dos participantes.

Em suma, e na perspetiva dos participantes ingleses, os falantes portugueses observados interagiram de forma agitada, nervosa, inquieta, gesticulando com muita frequência e revelando estarem sob grande tensão. Por outro lado, e na perspetiva dos participantes portugueses, os falantes ingleses observados interagiram de forma muito calma, polida e tranquila. Na perspetiva dos participantes portugueses, os falantes portugueses estavam a debater um assunto revelando pontos de vista divergentes. Por seu turno, os participantes ingleses consideraram que os seus pares revelaram opiniões diversas, exibindo nalguns pontos momentos de tensão e irritabilidade, particularmente nalguns períodos em que se

verificou uma maior execução de gestos. Na realidade, não foram, em nenhum dos grupos, observados momentos nas interações em causa que revelassem tensão, irritabilidade ou particular nervosismo.


3.4. ANÁLISE DO ESTUDO DE CASO 2

3.4.1. ANÁLISE DOS DIFERENTES TIPOS DE GESTOS

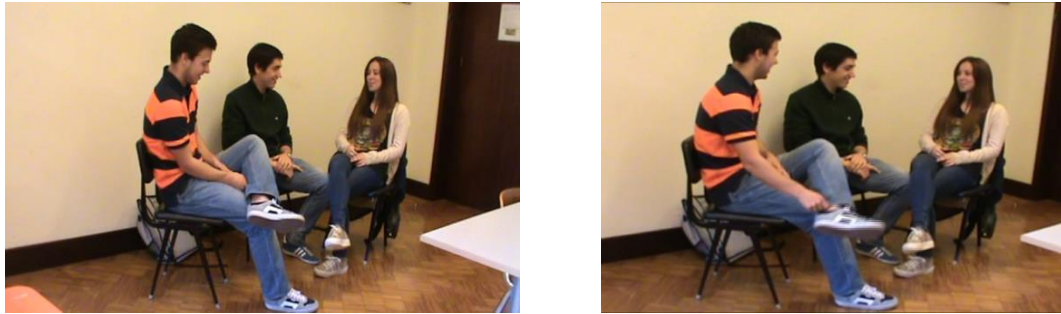
Tendo em conta os parâmetros e a metodologia apresentados e descritos no capítulo anterior, passa-se em seguida à análise dos diferentes tipos de gestos executados pelos falantes 1 e 2', em contextos de interação em L1 e L2. O objetivo desta micro-análise prende-se com a tentativa de demonstrar que tipo de gestos poderão ser relevantes numa análise de uma interação face a face ocorrida nos mais diversos contextos – políticos, organizacionais, interacionais, forenses –, quais as suas características, de que forma poderão ser esses gestos interpretados, e quais as ilações possíveis de ser retiradas da execução e interpretação dos mesmos. Esta análise incluirá a identificação do espaço de execução do gesto (McNeill, 1992), fará uma descrição do gesto executado – qual o movimento executado e de que forma, o posicionamento das mãos, a delimitação das diferentes fases de execução do gesto. Será também efetuada uma interpretação semântica do gesto no contexto de execução, bem como uma transcrição prosódica da fala correlacionada, quando existente. Sempre que se revele necessário para uma melhor compreensão e visualização do gesto, serão inseridos elementos contextuais e um maior número de imagens. Nesta análise, serão também efetuadas contagens dos diferentes tipos de gestos executados por cada falante em análise e em cada um dos contextos estudados (L1 e L2).

3.4.1.1. Falante 1 (L1)

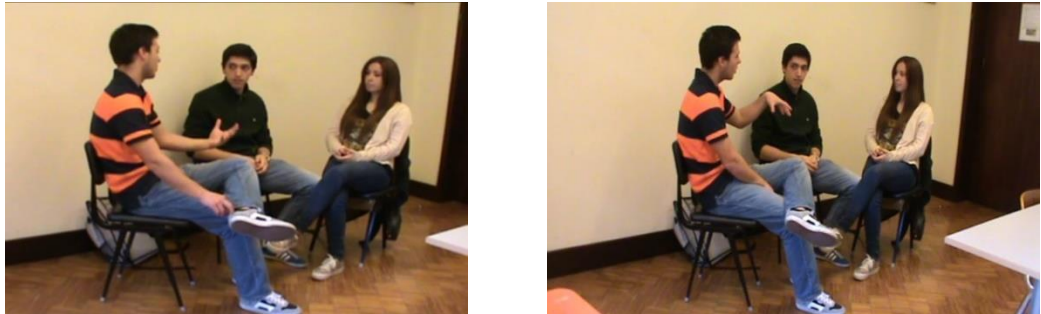
Exemplo 1

Falante 1 – L1	
Gesto	Fotograma
<p>Gesto referencial (deítico) (00:07:10:449 – 00:07:11:054)</p>	 <p>[olha]</p>
Transcrição prosódica	<p>F3: <<all> <<p> ‘a MINha Vida não tem nada de interessante- (.) não se passa nada` (.) ‘Podes começar tu- (.) <<f> FALa das tuas viagens- F1: <<all> <<p> ‘olha-</p>
<p>Tema: A falante 3, seguindo as instruções que lhe foram dadas para falar sobre experiências pessoais, afirma que não tem nada de interessante para dizer em relação à sua vida e tenta ceder a vez aos restantes falantes, nomeadamente convidando o falante 2 a falar sobre as viagens dele.</p>	
<p>Características do gesto: Movimento do braço/mão esquerdos, partindo do corpo do falante para fora, palma da mão oblíqua (PO); na fase da preparação, o falante ergue o braço esquerdo até à zona da periferia esquerda, zona onde posiciona a palma da mão como descrito (PO), mantendo os dedos ligeiramente afastados uns dos outros, posicionados em direção ao falante 2 (golpe), regressando de seguida à posição de repouso (fase de retração).</p>	
<p>Interpretação: Este gesto de apontar é executado após o incentivo por parte da falante 3 de que o falante 2 abordasse o assunto “viagens” e simultaneamente à verbalização “Olha” por parte do falante 1, demonstrando anuência para com o incentivo da falante 2. O gesto não apresenta a configuração típica de um gesto de apontar (dedo indicador esticado e os restantes dedos fletidos), sendo por isso um gesto mais cortês (Kita, 2003). O posicionamento da palma da mão (PO) e dos dedos (ligeiramente fletidos e abertos entre si) revela um gesto não-agressivo de apontar para outro indivíduo.</p>	


Exemplo 2

Falante 1 – L1	
Gesto	Fotograma
<p>Gesto adaptador (00:08:53:054 – 00:08:55:509)</p>	
Transcrição prosódica	<p>F3: <<all> <<p> ‘Tenho p’ra aí catorze seguidores` e ‘depois tenho pessoas que não têm e vão lá ver- (.) <<p> a minha vida- (.) <<f> tipo TU- F1: <<pp> ah (.) ‘tipo eu` [gesto]</p>
Tema:	<p>O tema abordado é o das redes sociais e a blogosfera, e a falante 3 disserta sobre a questão da sua atividade neste tipo de redes, o que faz e os seguidores que tem.</p>
Características do gesto:	<p>Movimento do braço/mão direitos, que parte da zona centro-centro em direção ao tornozelo esquerdo (golpe), regressando posteriormente à posição de onde partiu (fase de retração). No momento do golpe, a mão encontra-se fechada, com a palma direcionada para baixo (PB).</p>
Interpretação:	<p>A execução deste gesto adaptador (auto-adaptação) segue-se à verbalização por parte da falante 3 de “tipo tu”, referindo-se ao falante 1, e é precedida de um movimento de orientação da cabeça para baixo, inclinada para a frente, por parte deste falante. Os gestos de auto-adaptação são aprendidos ao longo do processo de desenvolvimento dos indivíduos, na interação com o próprio corpo, servindo para atender a necessidades do corpo, facilitar ou bloquear a produção da fala (Ekman/Friesen, 1969: 85-87). Todos os gestos de auto-adaptação possuem um significado emocional e psicológico rico (Galhano-Rodrigues, 2007: 123). Sendo este um gesto que ocorre após a verbalização e o movimento da cabeça referidos, poderá indicar uma expressão de timidez por parte do falante 1, após ter sido exposto como alguém que também segue a falante 3 nas redes sociais. A orientação da palma da mão (PB) pode indicar que o falante 1 entende o assunto como estando encerrado, não exigindo comentários adicionais (Kendon, 2004: 255).</p>


Exemplo 3

Falante 1 – L1	
Gesto	Fotograma
<p>Gesto descritivo (00:13:20:230 – 00:13:21:130)</p>	 <p>[mas p'ra eles] [o mundo absorve tudo]</p>
<p>Transcrição prosódica</p>	<p>F1: <<all> <<f> 'O WAR on terror` (.) 'fala-se muito do terrorismo- (.) coitaDINHos dos Estados UNIdos- (.) são muito atacados- (-) 'TAMBém são terrorISTas ELes PRÓprios- <<p> 'não é` F2: <<all> <<p> 'Mas FALando-se só do caso de Boston- (.) também- (.) 'tens de ter em conta que é um dos eventos desportivos com mais audiência no mundo- (.) não sei se sabes- (-) pelo MENos nos ESTados UNIdos` F1: <<all> <<f> 'AH o mundo é os Estados Unidos` F2: <<all> <<f> 'NÃO (.) a NÍvel mundial- (.) estou a dizer dos eVENtos desporTivos americanos- (.) norte-americanos- F1: <<all> <<f> '[eu percebi o que estavas a dizer]` (.) sim sim- (--) mas p'ra ELes o MUNdo abSORve TUDo`</p>
<p>Tema: Nesta passagem aborda-se o tema do terrorismo e dos atentados na maratona de Boston em 2013.</p>	
<p>Características do gesto: Este gesto parte de uma sucessão anterior de gestos estruturantes que marcavam o ritmo da fala. Na fase da preparação, o braço/mão esquerdos erguem-se até à zona da periferia esquerda, a palma da mão orientada para cima (PC), orientando-se posteriormente para baixo (PB), adquirindo um formato côncavo, e os dedos semi-fletidos, ligeiramente afastados, orientados para baixo (golpe). Regressa, por fim, à posição de repouso (fase de retração).</p>	
<p>Interpretação: O golpe deste gesto descritivo co-ocorre com a verbalização de “absorve”. A forma que a mão e os dedos adquirem – côncava e semi-fletidos – assemelha-se a um objeto que abarca, que envolve, que absorve, tal como é verbalizado pelo falante. Trata-se, pois, de um gesto que exemplifica a imagem verbalizada, que representa um conceito (“absorver”), ilustrado pelo falante através da forma da mão, desenhando o formato de um objeto do mundo real utilizado para absorver (Kendon, 2004: 190-191).</p>	


Exemplo 4

Falante 1 – L1	
Gesto	Fotograma
<p>Gesto descritivo (00:15:08:840 – 00:15:09:850)</p>	
Transcrição prosódica	<p>F1: <<all> <<f> Eles são irmãos (-) e (.) e (.) e (.) ele 'tá SUpEr escanzeLAdo (.) e passAdo uns MEses já sofreu uma transformação' F3: <<all> <<f> 'tá com sessenta e tal' F1: <<p> sesSENTa não (.) deve 'tar com uns oiTENTA e muitos- F3: <<p> ai tem'[gesto] F1: [gesto]</p>
Tema:	
Neste contexto fala-se do ator que desempenhou o papel de Batman no cinema e das oscilações de peso que o mesmo sofreu de filme para filme.	
Características do gesto:	
<p>Falante 3: movimento executado com os braços esquerdo e direito, partindo do torso e movimentando-se lateralmente e de forma simétrica, em arco, orientando os cotovelos para fora (golpe). As mãos estão posicionadas na zona centro-centro, fechadas.</p> <p>Falante 1: O gesto da falante 3 acima descrito é imitado pelo falante 1 que, mantendo as duas mãos sob o joelho esquerdo, movimenta de igual forma os braços lateral e simetricamente, também orientando os cotovelos para fora, nas zonas das periferias esquerda e direita.</p>	
Interpretação:	
<p>Este gesto descritivo executado pelo falante 1 representa uma imitação do gesto produzido pela falante 3. O processo de imitação dos gestos é considerado como tendo um objetivo e sendo consciente, pois quem imita escolheu fazê-lo (Nadel, 2006). A imitação tem sido definida como a cópia da ação de um modelo e não a imitação do resultado de uma ação (Moody e McIntosh, 2006). Além disto, a imitação de um gesto pode ser dividida entre imitação de um gesto com significado ou sem significado. A imitação de um gesto com significado assenta num conhecimento prévio ou no significado do próprio gesto (Goldenberg e Karnath, 2006). Neste caso, estamos perante a execução da imitação de um gesto com significado (o gesto representa e exhibe o elevado peso do ator de quem se fala), pressupondo o conhecimento do significado deste mesmo gesto por parte do falante 1.</p>	


Exemplo 5

Falante 1 – L1	
Gesto	Fotograma
<p>Gesto referencial (descritivo e emblemático) (combinado) (00:15:18:096 – 00:15:18:970)</p>	
<p>Transcrição prosódica</p>	<p>F3: <<all> <<p> O Tom MARTin (.) com os dentes TODos TORTos (-) ‘eu não saBIA que era ele` (.) quando soube que era ele fiquei choCAda-</p> <p>F1: [gesto]</p> <p>F3: [gesto]</p>
<p>Tema: Nesta passagem fala-se sobre características físicas do ator Tom Martin.</p>	
<p>Características do gesto: Falante 1: Movimento executado pela mão esquerda do falante 1, partindo da posição de repouso, até à zona da periferia superior central. A mão é colocada com a palma posicionada sobre a boca, com os dedos esticados e fechados (golpe). A mão regressa depois à posição de repouso (fase de retração). Falante 3: A falante 3 imita o gesto produzido pelo falante 1, movimentando a sua mão direita até à zona da periferia superior central, colocando-a sobre a boca, também com os dedos esticados e fechados e a palma da mão orientada para a boca.</p>	
<p>Interpretação: Tal como foi verificado no gesto analisado no exemplo 4, este gesto agora descrito representa uma imitação, uma vez mais, de um gesto com significado. Neste contexto, o gesto surge após a verbalização de “fiquei chocada”, representando o movimento da mão colocada sobre a boca este mesmo choque. Trata-se, também, de um gesto emblemático, convencionalizado e culturalmente marcado (Kendon, 2013: 12), podendo ser interpretado na comunidade portuguesa como sinónimo de espanto/choque/surpresa. Estamos, pois, perante um gesto combinado (secção 1.5 Polifuncionalidade dos gestos).</p>	

Exemplo 6


Falante 1 – L1	
Gesto	Fotograma
<p>Gesto referencial (deítico) (00:19:45:910 – 00:19:47:665)</p>	
Transcrição prosódica	<p>F1: <<all> <<f> tu baSEIas-te nesse TIpo de COIsas (.) tu lês MUIto (.) FAzes muita COIsa desse GÊnero (.) mas dePOIs (-) 'TÁ 'TÁ aqui TUDO (.) e tens de faLAR (.) e arRANjas CAdA ligação F3: <<all> <<f> 'E MANDo menSAgens p'raí às três da manhã- F1: <<p> PROnto (.) E E- F3: <<all> <<f> Mas não mandei mais (.) tu disSEStE <<pp> já me 'tou a chaTEAr com ISso (.) então (.) <<pp> tens a maNIA que és filoSÓfica (.) então nunca mais mandei F1: (---) [gesto]</p>
Tema:	
<p>Nesta passagem fala-se do comportamento da falante 3 e das suas atitudes particulares quando quer demonstrar que possui conhecimentos sobre diferentes matérias.</p>	
Características do gesto:	
<p>Movimento executado pelo braço/mão esquerdos, partindo da posição de repouso até à zona da periferia esquerda (golpe). O dedo indicador encontra-se esticado e os restantes fletidos. Regressa depois à posição de repouso (fase de retração).</p>	
Interpretação:	
<p>Este gesto de apontar, ao contrário do que se verificou no exemplo 1, é executado durante um longo momento de silêncio (00:19:46.943 – 00:19:50.253) e após uma confrontação de comportamentos dos falantes 1 e 3. Nesta confrontação, as atitudes destes falantes, no contexto em causa, foram abertamente descritas, deixando-os assim expostos a terceiros e a si mesmos, conseqüentemente, tornando-os mais vulneráveis e tocados na sua personalidade. Talvez, por isso, não seja de estranhar a execução mais agressiva e não-cortês deste gesto de apontar (Kita, 2003), direcionado de forma clara e explícita para a falante 3, encontrando-se o dedo indicador esticado e todos os restantes fletidos, acentuando e reforçando a maior agressividade deste gesto e indicando de forma não-ambígua o seu destinatário – a falante 3 (Kendon, 2004: 202).</p>	

Exemplo 7

Falante 1 – L1	
Gesto	Fotograma
<p>Gesto referencial (emblemático) (00:07:40:130 – 00:07:41:490)</p>	 <p>[boa generalização]</p>
<p>Transcrição prosódica</p>	<p>F3: <<all> <<p> ‘AI os raPAzes não SABem falar de sentimentos- (.) meu DEUs` (--) <<f> ‘ou voCÊS ou não FAlam NAda ou então são pessoas demasiado- () mas é a minha ideia` F1: <<all> <<p> boa generalização [gesto] (-) <<p> ‘já podes escrever frases feitas` F3: [gesto] <<pp> ai que PARvo`</p>
<p>Tema: Nesta passagem aborda-se a questão de falar sobre acontecimentos negativos que tenham ocorrido na vida dos falantes e sobre a facilidade/dificuldade de cada um em expressar emoções e sentimentos.</p>	
<p>Características do gesto: Falante 1: Movimento do braço/mão esquerdos, partindo da posição de repouso, erguidos até à zona da periferia esquerda; o dedo polegar encontra-se em posição vertical, esticado e os restantes dedos fletidos (golpe). O braço/mão regressam posteriormente à posição de repouso (fase de retração). Falante 3: Movimento do braço/mão direitos erguidos até à zona da periferia direita; o dedo polegar encontra-se esticado, em posição vertical e os restantes dedos fletidos (golpe), regressando depois à posição de repouso de onde partiu (fase de retração).</p>	
<p>Interpretação: Este gesto emblemático, marcadamente cultural e reconhecido na cultura portuguesa como sinal de “ok” (Kendon, 2004), demonstra concordância e/ou agrado para com uma atitude ou opinião. O gesto é executado após a verbalização de “boa generalização”, manifestando neste contexto uma concordância irónica para com a opinião expressada pela falante 3. Esta ironia é perceptível através de modulações prosódicas (a duração da verbalização de “boa generalização” e o tom de voz do falante), bem como através da expressão facial co-ocorrente (boca em posição neutra, com os lábios apertados um contra o outro) (Fuente, 2016)⁴⁵.</p>	



⁴⁵ Fuente (2016) afirma que existem pistas verbais e não verbais que transmitem a ideia de ironia/sarcasmo, podendo ser elas modulações prosódicas (por exemplo, alterações na altura da voz, duração das sílabas, a intensidade da voz) e pistas que vão além da prosódia e que se prendem com expressões faciais, postura, risos e o olhar.


Exemplo 8

Falante 1 – L1	
Gesto	Fotograma
<p>Gesto referencial (deítico) (00:07:40:130 – 00:07:41:490)</p>	 <p>[e a ana é a pessoa mais engraçada]</p>
Transcrição prosódica	<p>F3: <<all> <<p> É um Site onde as pesSOas põem iMagens (.) TENs umas pessoas que são uma ´seca e depois tens pesSOas que são engraçadas` F1: <<all> <<f> [e a ANa é a pesSOA mais engraçada] de todas</p>
<p>Tema: Nesta passagem o tema principal da conversação prende-se com uma rede social específica – o Instragam. A falante 3 explica aos parceiros da interação em que consiste esta rede e como funciona, que os seus utilizadores podem publicar e visualizar vídeos e imagens e que umas (pessoas e imagens) são engraçadas, outras nem tanto.</p>	
<p>Características do gesto: Movimento do braço/mão esquerdos, que parte do corpo do falante para fora, palma para cima (PC); na fase de preparação, o falante ergue o braço esquerdo até à zona da periferia esquerda externa e move-o para a frente com a palma da mão voltada para cima (golpe), regressando depois à posição de repouso (fase de retração).</p>	
<p>Interpretação: Este gesto de apontar, descrito em Kendon (2004: 214), apresenta características idênticas ao gesto de mostração, o chamado <i>palm-up-supine/palm up</i>, que passará a ser designado por mão aberta com palma para cima (PC), e que revela recetividade, abertura, capacidade de oferecer e de receber (Müller e Posner, 2004; Kendon, 2004: 273). Embora este gesto não tenha a configuração típica de um gesto de apontar (em que o dedo indicador se encontra esticado e os restantes dedos fletidos), é executado simultaneamente à verbalização da palavra “Ana”, o nome do referente do gesto, o destinatário do enunciado, permitindo assim ser interpretado como um gesto deítico. Esta configuração é usada com frequência na sua função de apontar para indivíduos, sobretudo se eles se encontram perto ou dentro do espaço interacional. Isso deve-se ao facto de o apontar com o dedo para alguém ser considerado tabu ou pouco cortês, como já observado e como, aliás, acontece num grande número de culturas⁴⁶ (Kita, 2003). A mão aberta surge aqui como uma forma não-agressiva de apontar para outra pessoa, em que a pluralidade sugerida na indicação feita por mais do que um dedo esticado atenua a agressividade causada pelo apontar com o indicador isolado.</p>	


⁴⁶ Os gestos de apontar podem manifestar alterações na sua execução consoante as culturas, as idades dos indivíduos ou ainda a relação entre falantes (Kita, 2003).

Exemplo 9


Falante 1 – L1	
Gesto	Fotograma
<p>Gestos estruturantes (00:09:03:625 – 00:09:10:245)</p>	 <p>[é sair] das pessoas e[depois] [podes] republicar</p>  <p>[o que elas]</p>
Transcrição prosódica	<p>F1: a ANa mANda-me um ´LINK e depois não QUER que eu vá lá `ver (--) F1: [a essÊncia `daqUIlo é ´saIr das `pesSOas e ´dePOis podes `republiCAR o que ELas...]</p>
Texto: Os falantes debatem sobre redes sociais, sobre o que as pessoas nelas publicam e a informação que deixam passar sobre si próprias.	
Características do gesto: Movimentos sucessivos, bifásicos com a mão esquerda, braço esquerdo erguido, à altura do tórax: para a esquerda, mão aberta na continuação do antebraço, palma vertical/oblíqua (PV/PO); para a direita, flexão da mão para baixo. Estes movimentos são executados na zona da periferia esquerda.	
Interpretação: Os sucessivos golpes do gesto coincidem com a verbalização dos elementos linguísticos do enunciado em que o falante coloca maior ênfase prosódica: “sair”, “depois”, “podes”, “o que elas”, enfatizando assim os respetivos conteúdos (Efron, 1941; 1972; Ekman e Friesen, 1969; Kendon, 2013: 16). Desta forma, a dinâmica dos gestos sucessivos não só marca o ritmo da fala, como também transmite a ideia da sequência das ações que o falante vai enunciando oralmente (Kendon, 2013: 16).	

Falante 1 – L1	
Gesto	Fotograma
Gesto referencial (emblemático) (00:09:40:708 – 00:09:42:460)	
Transcrição prosódica	F1: não, aquilo (.) ´Como é que se chama aquilo das `fotografias o INStagram; F3: <<all> <<f> AH ´criei-o há uma `seMAna (.) ´só tenho tipo nove `seguidORes F1: <<pp> OH
Tema: Os falantes conversam sobre redes sociais.	
Características do Gesto: As mãos, com os dedos fletidos, encontram-se voltadas e pressionadas uma contra a outra à frente do tórax do falante, na zona centro-centro.	
Interpretação: A posição e a configuração das mãos de dedos fletidos, voltadas e pressionadas uma contra a outra à frente do tórax do falante representam uma postura típica do sentimento de compaixão ou pesar. Este gesto corresponde ao que Ekman e Friesen designam por <i>affect display</i> (Ekman e Friesen, 1969) [(ostentações de estados afetivos (Galhano-Rodrigues, 2007)]. Neste momento da interação, esta postura e a expressão facial exibidas (ombros ligeiramente inclinados para a frente, a cabeça com uma ligeira inclinação para a esquerda e exibição de sorriso, respetivamente), juntamente com a interjeição “oh”, usada como sinónimo de “tenho pena”, funcionam como um sinal de retorno, através do qual o falante 1 manifesta ironicamente um sentimento de compaixão pela parceira, pelo facto de ela ter um número muito reduzido de seguidores na rede social em causa. Esta ironia é perceptível através de modulações prosódicas (a duração da verbalização da interjeição “oh”) (Fuente, 2016) e, também, através da posição da cabeça do falante (ligeira inclinação para a esquerda) e do sorriso (Fuente, 2016). A compaixão irónica é comunicada através de um composto de elementos prosódicos, linguísticos e cinésicos.	

Exemplo 12


Falante 1 – L1	
Gesto	Fotograma
<p>Gesto referencial (deítico e emblemático) (combinado) (00:11:24:930 – 00:11:28:930)</p>	 <p><u>está a cair [aqui uma lágrima]</u></p>
Transcrição prosódica	<p>F3: <<all> <<f> ´crIArAm dois botões logo no DIa, -um que diz I am lOoKing for someONE -e outro I HAVe information on `someone ((...)) <<p> ISso `tá `altaMENTe F1: <<len> -está a cair aqui uma lágrima</p>
<p>Tema: Este gesto surge na sequência de um comentário por parte do falante 1 ao enunciado da falante 3 relativamente aos atentados ocorridos na maratona de Boston em 2013.</p>	
<p>Características do gesto: Movimento executado com o braço/mão esquerdos, em que o dedo indicador esquerdo toca na parte inferior do olho esquerdo, na zona da periferia superior central, fazendo movimentos sucessivos, idênticos aos que se fazem quando se limpa uma lágrima.</p>	
<p>Interpretação: Trata-se aqui de um gesto combinado (cf. secção 1.5 Polifuncionalidade dos gestos): por um lado, é um gesto de apontar (deítico), em que o falante 1, servindo-se do seu indicador esquerdo esticado e dos restantes dedos fletidos, aponta diretamente para uma lágrima fictícia, no local exato onde a mesma se localizaria num cenário de existência real. Esta configuração da mão corresponde ao típico gesto de apontar através do qual o falante mostra que pretende que os seus interlocutores consigam distinguir e identificar claramente o referente do gesto em causa (Kendon, 2004: 205; 2013: 13). É um gesto que representa o referente em causa – a lágrima (Kendon, 2013: 14).</p>	

Exemplo 13


Falante 1 – L1	
Gesto	Fotograma
<p>Gesto referencial (emblemático) (00:16:57:250 – 00:17:00:180)</p>	 <p>[what]</p>
Transcrição prosódica	<p>F3: <<all> 'JÁ viste (.) -já Viram o 'le presTige F1: <<p> 'WHAT?</p>
<p>Tema: Este gesto surge na sequência de uma troca de impressões sobre filmes. A falante 3 pergunta aos interactantes se já tinham visto um determinado filme, pergunta à qual, passados segundos, o falante 1 reage desta forma.</p>	
<p>Características do gesto: Movimento executado na zona da periferia superior central pelo braço/mão esquerdos, erguidos à altura da orelha esquerda.</p>	
<p>Interpretação: Este gesto é facilmente identificado como um movimento através do qual o falante indica que não ouviu bem o que o interlocutor acaba de dizer e pretende que este o repita. Trata-se, assim, de um gesto emblemático (Ekman e Friesen, 1969), ou '<i>quotable gesture</i>', um tipo de gesto com um elevado grau de convencionalidade (Kendon 2013: 13). A motivação para a sua convencionalização reside na postura naturalmente assumida perante a necessidade de ouvir melhor devido a uma falha na audição, tendo, por isso, um elevado grau de iconicidade. Assim, é um gesto que representa a ideia transmitida verbalmente (Kendon, 2013: 14).</p>	

3.4.1.2. Falante 2' (L1)


Exemplo 1


Falante 2' – L1	
Gesto	Fotograma
<p>Gesto referencial (descritivo) (00:08:20:317 – 00:08:20:951)</p>	 <p style="text-align: center;">[it's not interactive]</p>
Transcrição prosódica	<p>F2': <<p> OUR cLAsses are maximum (.) an hOUr 'aren't they- F1': <<all> <<f> fifty minutes (-) 'especially if the classes are taught in portuGUEse (-) you need to concentrate for two hOUrs- (-) F2': <<all> <<f> yeah 'and it's not INterACTIVE-</p>
<p>Tema: Nesta passagem, conversa-se sobre a duração das aulas em Inglaterra e em Portugal e comparam-se os níveis de concentração necessários por parte dos alunos para poderem acompanhar as aulas em cada um dos países.</p>	
<p>Características do gesto: Movimento executado com os braços/mãos esquerdo e direito, partindo da posição de repouso até à zona centro-centro; nesta zona, os braços encontram-se fletidos, as palmas das mãos posicionadas na vertical (PV) e orientadas para o corpo da falante 2'; as mãos executam, em simultâneo, movimentos laterais; os dedos das duas mãos estão orientados uns para os outros, ligeiramente fletidos (golpe).</p>	
<p>Interpretação: Os movimentos laterais rápidos e executados com os dois braços/mãos em simultâneo com a verbalização “it's not interactive”, com as palmas das mãos orientadas na vertical (PV), corroboram a ideia de impossibilidade/negação de interação numa aula com a duração de duas horas. A orientação da palma da mão na vertical (PV) normalmente sugere uma intenção do falante de terminar/colocar um limite na ação/ideia descritas (Kendon, 2004: 251), podendo assim a falante estar a demonstrar o ponto de vista de que uma aula com a duração de duas horas se torna difícil de acompanhar de forma ativa e que, conseqüentemente, deveria durar menos tempo. A orientação das palmas das mãos (para o torso da falante) e o posicionamento dos dedos (ligeiramente afastados e orientados uns para os outros) podem indicar que essa ideia de impossibilidade de interação na aula é não só partilhada pela falante como também pela globalidade dos alunos (dedos ligeiramente afastados, mostrando a pluralidade de indivíduos).</p>	

Exemplo 2

Falante 2' – L1	
Gesto	Fotograma
<p>Gesto adaptador (00:04:21:606 – 00:04:28:875)</p>	 <p>[I had problems last semester too]</p>
Transcrição prosódica	<p>F2': <<all> <<f> 'DID you go straight to a new pLAcE then` F2': <<all> <<f> no (.) I was (.) in a hostel for like FIVE DAys (.) () I had some problems- F2': <<p> yeah (.) <<all> `I had problems last semESTer tOO-</p>
<p>Tema: Nesta passagem, abordam-se as primeiras experiências dos falantes quando chegaram a Portugal, nomeadamente sobre os problemas que enfrentaram relacionados com o alojamento.</p>	
<p>Características do gesto: Movimento do braço/mão direitos, partindo da boca da falante 2' até à zona centro; a mão encontra-se fechada, com as extremidades dos dedos unidas (golpe), executando movimentos curtos de fricção uns contra os outros.</p>	
<p>Interpretação: Este gesto adaptador, de “punho fechado” é executado em simultâneo com a verbalização “I had problems last semester too”. A cabeça da falante 2' encontra-se orientada para baixo e inclinada para a frente aquando do golpe do gesto. Estes movimentos destas duas modalidades, produzidos simultaneamente à verbalização mencionada, permitem interpretar este gesto adaptador como um momento com significado psicológico e emocional para a falante (Galhano-Rodrigues, 2007: 123), recordando uma experiência menos positiva na sua estada em Portugal, ideia esta corroborada pela exibição do punho fechado (desconforto).</p>	

Exemplo 3


Falante 2' – L1	
Gesto	Fotograma
<p>Gesto referencial (descritivo) (00:09:37:145 – 00:09:38:338)</p>	 <p>[I could see the screens]</p>
Transcrição prosódica	<p>F2': <<all> <<f> but then she came back and she was LIke asking questions (.) and no-one was listenING at all (.) and we're sat like in the MIddle (.) I could see the scrEEens and (.) and all you could see was facebook (-) no-one was listening'</p>
<p>Tema: Neste contexto, fala-se sobre uma aula que a falante 2' assistiu e em que a professora não conseguiu captar nem manter a atenção dos alunos, estando estes concentrados em navegar na rede social Facebook.</p>	
<p>Características do gesto: Movimento executado com os braços/mãos direito e esquerdo, simultânea e simetricamente, partindo da zona centro-centro até à zona da periferia superior central, onde executam um movimento lateral (golpe). As palmas das mãos encontram-se orientadas na vertical (PV) e os dedos esticados e ligeiramente afastados uns dos outros. Regressa depois à posição de repouso (fase de retração).</p>	
<p>Interpretação: Este gesto co-ocorre com a verbalização “I could see the screens”. É um movimento que destaca o formato e o tamanho dos ecrãs dos computadores, permitindo visualizar os mesmos na interação (Kendon, 2004: 190-191). Através da distância existente entre os braços/mãos aquando do golpe do gesto, pode perceber-se a ideia de que a globalidade da atenção dos alunos naquela aula estava dedicada à navegação na rede social Facebook e não ao conteúdo da aula em si. O posicionamento dos dedos – esticados e ligeiramente afastados – pode surgir aqui como uma forma de indicar a pluralidade de alunos que navegavam na rede social, consequentemente, a grande quantidade de pessoas desatentas à aula descrita.</p>	

Falante 2' – L1	
Gesto	Fotograma
Gestos referenciais (descritivos) (unidade de gesto) (00:10:08:420 – 00:10:20:240)	 <div style="display: flex; justify-content: space-around; margin-top: 5px;"> [two banks] [one side it's pure] erasmus [the other side is pure por]tuguese </div>
Transcrição prosódica	F2': <<all> 'i don't know if you've noticed` (.) -but we've got like TWO BANks in our classroom (.) and it's so BAd because in one side it's PUre erasmus (.) and the other side is PUre portuGUEse- (.) it's completely and utterly separated-
Tema: Nesta passagem, a falante 2' descreve o posicionamento físico dos alunos numa sala de aula.	
Características do gesto: São executados três gestos descritivos sucessivos (sintagmas de gesto), formando uma unidade de gesto (Kendon, 2013: 11): o primeiro sintagma de gesto parte da zona centro-centro e verifica-se um movimento produzido pelos dois braços/mãos, de forma simultânea e lateralmente, até às zonas da periferia esquerda e direita; as palmas das mãos encontram-se em posição vertical (PV) e os dedos esticados e ligeiramente afastados (golpe); o segundo parte das zonas da periferia esquerda e direita, executando um movimento lateral até à zona da periferia esquerda; as palmas das mãos encontram-se orientadas para baixo (PB) e os dedos ligeiramente afastados e arqueados (golpe); o terceiro parte da zona da periferia esquerda e o braço/mão direitos movimentam-se lateralmente até à zona da periferia direita; a palma da mão direita encontra-se orientada para baixo (PB) e os dedos esticados e afastados; o braço/mão esquerdos permanecem imóveis na zona da periferia esquerda (golpe), encontrando-se a palma da mão orientada para baixo (PB) e os dedos ligeiramente arqueados e afastados.	
Interpretação: O primeiro sintagma de gesto, produzido em simultâneo com a verbalização “we've got like two banks in our classroom”, permite visualizar a disposição física da sala de aula descrita pela falante 2': é uma sala composta por duas fileiras de mesas, estando uma do lado esquerdo e a outra do lado direito. O segundo gesto, executado na zona da periferia esquerda e em coexistência semântica com a verbalização “in one side it's pure Erasmus”, permite perceber que os alunos Erasmus se encontravam posicionados na fileira de mesas do lado esquerdo da sala. O terceiro gesto, com o golpe executado na zona da periferia direita e produzido em simultâneo com a verbalização “and the other side is pure Portuguese”, sugere que os alunos portugueses se encontravam sentados na fileira de mesas do lado direito da sala, encontrando-se a falante a “desenhar” a planta da	


sala de aula e o posicionamento dos dois grupos de alunos, na perspectiva da falante 2' (C-VPT)⁴⁷. Deste modo, estes gestos descritivos permitem visualizar e perceber qual a disposição das mesas e dos dois grupos de alunos naquela sala. São, pois, gestos que transmitem informação que não foi verbalizada pela falante 2', podendo funcionar como uma janela para a mente (McNeill, 1992). O posicionamento das palmas das mãos – orientadas para baixo (PB) – podem indicar uma atitude e avaliação crítica negativa por parte da falante em relação àquela disposição dos alunos na sala (Kendon, 2004: 255).

⁴⁷ McNeill (1992) aborda a questão da perspectiva (ponto de vista) na execução dos gestos. Pode haver gestos executados na perspectiva do falante, isto é, o falante discursa na primeira pessoa, utiliza o próprio corpo e coloca o mesmo de maneira a transmitir que foi ele mesmo a executar/realizar/concretizar a ação que está a descrever oralmente e, neste caso, estamos perante *character viewpoint gestures* (C-VPT) ou gestos internos. Esta perspectiva minimiza a distância entre o falante e o acontecimento narrado/descrito (Brown, 2010: 116). Por outro lado, pode haver gestos executados na perspectiva de uma terceira pessoa, que não o falante, e, assim sendo, os gestos são executados como se o falante tivesse observado os mesmos de longe; neste caso, estamos perante *observer viewpoint gestures* (O-VPT). Este ponto de vista, pelo contrário, aumenta a distância entre o falante e a situação descrita (Brown, 2010: 116).


Exemplo 5

Falante 2' – L1	
Gesto	Fotograma
<p>Gesto referencial (descritivo e défítico) (combinado) (00:04:07:240 – 00:04:11:170)</p>	 <p>[did you go straight into a new place then]</p>
Transcrição prosódica	<p>F1': <<all> 'I fIRst stayed with a brazilian `guy ((...)) -he showed me around, -some BARs, -the beautiful WEATHER F2': <<all> 'did you go straight into a new place `then</p>
<p>Tema: O enunciado da falante 2' foi produzido na sequência de uma conversa sobre a chegada e os primeiros instantes do falante 1' em Portugal, nomeadamente em relação ao local onde ficou instalado.</p>	
<p>Características do gesto: Movimento de apontar executado na zona da periferia direita com a mão direita, o dedo indicador direito ligeiramente esticado e os restantes dedos fletidos e a palma da mão orientada para cima (PC).</p>	
<p>Interpretação: Movimento para a frente com a configuração da mão/dedos acima descrita semanticamente relacionada não só com a indicação do referente do gesto (“a new place”), localizando-o no espaço gestual (Kendon, 2004: 205; 2013: 13), mas também com a dinâmica de “ir para/going to” – a imagem concetual de ir para algum lugar incorporada pela falante 2'. Não é uma referência absoluta, porque o ponto indicado não corresponde ao local onde esse novo lugar se situa. A orientação da palma da mão (PC) poderá indicar abertura e recetividade (“palm up” gestures, Kendon, 2004: 264), podendo estar a falante a aguardar a resposta à questão que colocou.</p>	

Exemplo 6

Falante 2' – L1	
Gesto	Fotograma
<p>Gesto referencial (descritivo) (00:06:12:180 – 00:06:13:710)</p>	 <p>[we didn't understand any of it]</p>
Transcrição prosódica	<p>F2': they showed us on the 'pLANe a kind of PHrase 'book (.) F2': <<all> we didn't understand 'ANY of it</p>
<p>Tema: Trata-se de um gesto que é executado quando a falante evoca a sua viagem de avião para Portugal e relata que não conseguia discernir o significado do conteúdo das falas da tripulação.</p>	
<p>Características do gesto: Movimento executado na zona da periferia direita, com a mão direita aberta e a palma para baixo (PB), mão esta que se movimenta ligeiramente na horizontal, da esquerda para a direita.</p>	
<p>Interpretação: É um movimento semanticamente coerente com a fala (“any of it”), corroborando a negação. Este tipo de movimento horizontal com a mão aberta e com a palma orientada para baixo (PB) pode revelar também uma avaliação/crítica negativa e ainda o facto de esta opinião da falante ser incontestável (Kendon, 2004: 255). É, então, um gesto que acrescenta informação ao conteúdo das palavras sobre a atitude da falante relativamente à informação dada (=irrefutável) (Kendon, 2013: 14).</p>	

Exemplo 7


Falante 2' – L1	
Gesto	Fotograma
<p>Gesto referencial descritivo (pantomima) (00:07:30:690 – 00:07:33:760)</p>	 <p>[stuff I write on the board]</p>
Transcrição prosódica	<p>F2': 'DID you attend classes in portuGUEse? F3': yes (.) 'but i couldn't get `ANYthING (.) just dates... ((risos)) F2': () stuff I wRIte `on the board</p>
Tema:	
Nesta passagem, os falantes referem-se às dificuldades de compreensão da língua portuguesa nas primeiras aulas a que assistiram em Portugal.	
Características do gesto:	
Gesto executado pela mão direita, com o punho fechado, efetuando ligeiros movimentos para esquerda e para a direita, na zona da periferia direita.	
Interpretação:	
Este gesto desenha aquilo que a falante está a dizer: alguém que escreve algo numa superfície. É uma pantomima, uma vez que a falante está ela própria a executar a ação em causa, usando o próprio corpo (C-VPT – <i>character viewpoint gesture</i> , McNeill, 1992). Assim, ilustra a ação descrita no conteúdo proposicional do enunciado através da sua representação corporal. É, também, possível perceber que se tratará, provavelmente, de uma pessoa destra.	

Exemplo 8

Falante 2' – L1	
Gesto	Fotograma
<p>Gesto referencial (descritivo) (00:11:23:854 – 00:11:24:946)</p>	
Transcrição prosódica	<p>F1': <<all> <<f> 'I've attENded some classes (...) -but i don't knOW if they were tutorials or semiNars () -and i didn't understand `them F2': [gesto]</p>
Tema:	
Este gesto surge na sequência da intervenção do falante 1', que comentava de forma depreciativa uma aula, por não entender o seu conteúdo.	
Características do gesto:	
Gesto executado na zona centro pela mão esquerda, com o dedo indicador e o dedo médio semi-esticados e os restantes fletidos. Este gesto é executado após a fala correlacionada (falante 1': "I didn't understand them") e simultaneamente a um abano da cabeça. Os olhos encontram-se fechados e verifica-se um sorriso.	
Interpretação:	
Tanto o movimento da cabeça, como a expressão facial, como ainda o gesto da falante 2' demonstram concordância com a opinião do falante 1' – movimentos operativos (Kendon, 2013: 15). O movimento lateral da cabeça implica uma negação: neste caso, a falante 2' não está especificamente a negar algo, mas está a concordar com a intervenção do falante 1', reforçando a ideia transmitida por este falante (Kendon, 2004; 2013: 15). Este gesto pode ser parafraseado pela seguinte frase "eu também não entendo". A expressão facial e o riso da falante acrescentam ironia e um tom de crítica depreciativa (Fuente, 2016). É perceptível uma atitude de não-compreensão, de incompatibilidade e de não-correspondência em relação ao conteúdo da aula. Este gesto reforça, assim, a informação dita verbalmente (Kendon, 2013: 14).	

3.4.1.3. Falante 1 (L2)


Exemplo 1

Falante 1 – L2	
Gesto	Fotograma
<p>Gesto referencial (descritivo) (00:01:18:239 – 00:01:20:250)</p>	 <p>[a jobless life]</p>
Transcrição prosódica	F1: <<p> 'sometimes I just wANT to go OUT and live <<f> a JOBless life- (.) 'and thEn you end up thINKing how you WANT to live COMfortable-
Tema:	Este gesto surge na sequência de uma intervenção por parte do falante 1, em que este fala sobre o modo como gostaria de viver no futuro.
Características do gesto:	Movimento executado com o braço/mão esquerdos, mão aberta com a palma para baixo (PB), movendo o braço/mão lateralmente, partindo da zona centro para a zona da periferia esquerda externa.
Interpretação:	Este é um gesto coerente com o conteúdo semântico da fala, mostrando negação (“jobless”) e reforçando, assim, a sua opinião de querer ter uma vida sem trabalho (Kendon, 2013: 13). A palma para baixo (PB) pode indicar que a situação de desemprego mencionada pode ser alvo de crítica negativa por parte do falante ou que o mesmo a entende como uma situação definitiva, intocável e fechada (Kendon, 2004: 255).


Exemplo 2

Falante 1 – L2	
Gesto	Fotograma
<p>Gestos estruturantes (unidade de gesto) (00:01:28:441 – 00:01:30:051)</p>	 <p>[how you want]</p> <p>[to live comfortable]</p>
Transcrição prosódica	F1: -and then you end up thinking how you WANT to live -COMfortable (.) with some money (.) -established
Tema:	Estes gestos surgem no contexto de uma conversa sobre o futuro.
Características do gesto:	Dois gestos estruturantes (unidade de gesto) executados na zona centro-centro pelo braço/mão esquerdos; no primeiro sintagma de gesto a palma da mão encontra-se orientada na vertical (PV) e, no segundo, para baixo (PB), estando nesta posição os dedos voltados na direção do próprio falante.
Interpretação:	Estes são gestos que marcam o ritmo da fala: são executados movimentos que ocorrem em associação a elementos do discurso aos quais é dada saliência (ênfase prosódica), neste caso “want” e “comfortable” (Efron, 1941; 1972; Ekman e Friesen, 1969; Kendon, 2013: 16).


Exemplo 3

Falante 1 – L2	
Gesto	Fotograma
<p>Gesto referencial (deítico) (00:01:48:810 – 00:01:51:390)</p>	 <p>[but you were talking about]</p>
<p>Transcrição prosódica</p>	<p>F1: 'I HAVe abSOlutely NO idEa of what kind of carEEr I choosE (.) or I WANt to choosE` (.)- that's my POint of vIew` (.) but YOU were talking about- (.) the FEAr of not hAVing a job- F3': <<all> YEah (.) now i'm FINishing my degrEE and i'm gETting to the point whEn i'm stArting to fEar about that'</p>
<p>Tema: Este gesto surge na sequência de uma conversa sobre a empregabilidade futura.</p>	
<p>Características do gesto: Movimento executado na zona da periferia esquerda externa pelo braço/mão esquerdos, com a palma da mão orientada na vertical (PV) no momento de apontar, e todos os dedos esticados em direção ao referente do gesto – o falante 3'.</p>	
<p>Interpretação: Os dedos afastados uns dos outros neste gesto deítico podem demonstrar mais distância e menos proximidade e empatia para com o falante seu referente neste contexto, bem como uma forma menos invasiva de apontar (Kita, 2003). A pluralidade dos dedos esticados, e não apenas o dedo indicador esticado e os restantes fletidos (gesto de apontar que evidencia maior agressividade), denota não-agressividade, e a posição da palma da mão para cima (PC) pode indicar que o falante 1 está como que a apresentar o seu referente (Kendon, 2004: 210) (falante 3' para quem aponta), cedendo-lhe a vez, numa posição de abertura e de espera por uma resposta.</p>	


Exemplo 4

Falante 1 – L2	
Gesto	Fotograma
<p>Gesto referencial (emblemático) (00:02:45:155 – 00:02:46:015)</p>	 <p style="text-align: center;">[a little]</p>
<p>Transcrição prosódica</p>	<p>F1: <<all> <<f> ‘someTImes i just want to gO and lIve a jObless life (.) and then you ALways end up thINKing how you WAna live COMfortable with some money (.) established (-) and i think of mY degrEE and i have absoLUtely NO idEa what kind of carEER i’ll choose (-) or i want to choose (.) -that’s my POint of vIew` (.) but YOU were talking about (.) -the FEar of not hAVing a job; F3’: <<all> Yeah (.) now i’m FInishing my degrEE and i’m gETting to the point whEn i’m stARting to fEar about that` F2’: <<all> YEah (.) it’s like there Are jobs (.) but they are SO comPEtitive F1: you have an EXcellent education system (.) not that the portuguese ONe is bad (.) it’s just (-) for example (.) jOUrnalism (-) ‘do you speak portugUEse? F3’: a little.</p>
<p>Tema: Nesta passagem, fala-se dos cursos dos falantes (maioritariamente na área das Letras) e sobre as aspirações futuras de cada um. Este gesto surge na sequência da pergunta por parte do falante 1 para o falante 3’ “Do you speak Portuguese?”. O gesto co-ocorre com a resposta “a little”.</p>	
<p>Características do gesto: Falante 3’: gesto executado na zona centro-centro, com o braço/mão esquerdos, com movimentos alternados das palmas das mãos, primeiro com palma da mão oblíqua (PO), de seguida, com palma da mão orientada para baixo (PB), volta posteriormente a estar a palma da mão oblíqua (PO) e, por fim, de novo orientada para baixo (PB). Falante 1: Gesto executado na zona da periferia esquerda com o braço/mão esquerdos, palma da mão orientada na vertical (PV) e depois orientando-se de maneira oblíqua (PO), executando esta (a palma da mão) movimentos curtos e laterais, partindo do eixo vertical, de forma alternada.</p>	
<p>Interpretação: Trata-se de um gesto identificável em várias culturas, significando indefinição, vaguidade, que pode ser descrito convencionalmente pela expressão “mais ou menos”. Não necessita da co-ocorrência de fala para ser interpretado, sendo, por isso, um gesto emblemático. Como este gesto sucede à realização de um gesto idêntico executado pelo falante 3’, trata-se de um caso de imitação – <i>mimicry</i> (Kendon, 2004; Kimbara, 2006; Holler e Wilkin, 2011). Trata-se da imitação de um gesto cuja semântica é partilhada pelos falantes. Dado que o gesto executado pelo falante 3’ é percebido e entendido pelo falante 1, verifica-se aqui a relação entre percepção e comportamento (Mol, Krahrmer, Mars e Swerts, 2012: 250). Pode também ser considerado como um gesto imitado, uma vez que ocorre num espaço de tempo próximo na interação (Kimbara, 2006: 41 e segs.).</p>	

Exemplo 5


Falante 1 – L2	
Gesto	Fotograma
<p>Gesto referencial (<i>butterworth</i>) (00:02:57:650 – 00:03:01:130)</p>	 <p>[there was]</p>
Transcrição prosódica	F1: it's a bIt `diSAppOINting because you're WAtching the news; (.) eh (.) <<pp> there was(.) <<pp> when was `it
Tema:	Este gesto é executado quando o falante conversa sobre o jornalismo em Portugal e sobre uma notícia em particular da qual tenta lembrar-se.
Características do gesto:	Gesto executado pelo braço/mão esquerdos, levados até à parte lateral esquerda da testa do falante 1 (zona da periferia superior central).
Interpretação:	Este é um gesto que revela esforço cognitivo. Tem algo de performativo, tornando manifesto o ato de fala – a força ilocutória – daquilo que o falante pretende dizer (Kendon, 2013: 15).

Exemplo 6

Falante 1 – L2	
Gesto	Fotograma
<p>Gesto referencial (descritivo) (00:05:59:280 – 00:06:00:880)</p>	
<p>Transcrição prosódica</p>	<p>F1: <<f> 'MAYbe one day I'll have an opporTUnity -and i won't disapPOInt myself; <<p> LIke I'm -diSAppOINted [gesto]</p>
<p>Tema: Este gesto surge na sequência de uma conversa sobre a situação de crise no mundo e em Portugal e da consequente situação de desemprego/dificuldade em encontrar emprego no país.</p>	
<p>Características do gesto: Movimento executado pelo braço/mão esquerdos e direitos, abertos diante do tronco, nas zonas da periferia esquerda e direita externas. Este movimento é executado na sequência da fala “Like I’m disappointed”.</p>	
<p>Interpretação: Este gesto referencial acrescenta informação relativamente ao que foi verbalizado, funcionando como uma manifestação de impotência perante os factos que estão a ser discutidos (Kendon, 2013: 14). Trata-se de uma expressão cinésica que não acarreta redundância semântica ao discurso, mas acrescenta de forma significativa conteúdo à fala co-ocorrente (Kendon, 2004: 181-185; 2013: 14): implica que a desilusão é bastante grande, funcionando como janela para a mente (de Ruiter, 2007; McNeill, 1992).</p>	

3.4.1.4. Falante 2' (L2)


Exemplo 1

Falante 2' – L2	
Gesto	Fotograma
<p>Gesto referencial (descritivo) (00:10:57:235 – 00:11:59:935)</p>	 <p>[parece muito, uma cidade muito rica]</p>
Transcrição prosódica	F2': <<f> ´mas sou de `LONdres e talvez porque é a -capital é diferente` (-) parece mUIto (.) uma ciDAde muito ´rica
<p>Tema: A falante descreve a sua opinião sobre a cidade de Londres e sobre o facto de não se notar muito a crise nessa cidade, nem as dificuldades das pessoas.</p>	
<p>Características do gesto: Movimento executado na zona centro pelas mãos esquerda e direita em pinça, alternadamente para cima e para baixo.</p>	
<p>Interpretação: Neste gesto, a falante demonstra que se apercebe de diferenças/discrepâncias na qualidade de vida/poder de compra dos habitantes da cidade de Londres. Embora afirme que lhe parece ser uma cidade muito rica, a forma como executa o gesto (movimentos alternados das mãos para cima e para baixo) demonstra que se apercebe de discrepâncias na distribuição dessa riqueza. É de salientar também a posição dos dedos (esticados e unidos, voltados para cima) [(cf. <i>gestures of precision grip: finger bunch/grappolo</i> (Kendon, 1995; 2004; 2013: 16)]: denota pluralidade de pequenas coisas contáveis que divergem (neste caso, os elementos discrepantes que evidenciam a distribuição da riqueza). Assim, este é um gesto que reforça o conteúdo semântico do enunciado (Kendon, 2013: 14).</p>	

Exemplo 2

Falante 2' – L2	
Gesto	Fotograma
<p>Gesto referencial (deítico) (00:11:03:505 – 00:11:05:135)</p>	 <p>[na <u>zona</u> na qual eu vivo aqui]</p>
Transcrição prosódica	F2': na zona na qual eu vivo aqUI parece uma ciDAde mUIto `rica (.) -também (-) fica (.) perto do (.) <<all> parque da `cidade
Tema: A falante descreve o que pensa sobre a cidade do Porto, afirmando que lhe parece ser uma cidade muito rica também.	
Características do gesto: Gesto bifásico, muito pouco amplo, executado segundo um eixo vertical, na zona da periferia central inferior, com a mão direita quase fechada, palma da mão orientada para baixo (PB), com o dedo indicador ligeiramente esticado.	
Interpretação: Este é um gesto de apontar executado de forma bastante discreta, quase impercetível, sendo a sua amplitude de execução mínima. A configuração da mão indica a localização do referente (a zona onde a falante 2' reside no Porto), por oposição a qualquer outro local da cidade (Kendon, 2004: 210).	

Exemplo 3

Falante 2' – L2	
Gesto	Fotograma
<p>Gesto referencial (descritivo) (00:11:06:350 – 00:11:07:200)</p>	 <p>[parece muito rica]</p>
Transcrição prosódica	F2': na zona na qual eu vivo aqUI, parece mUIto (.) `rica -também (-) <<all> fica (.) perto do (.) <<all> parque da `cidade (--) e sempre noto mUItos `CARros (.) `novos
Tema:	A falante descreve a sua opinião sobre o Porto.
Características do gesto:	Gesto executado com as duas mãos na zona da periferia central inferior, as mãos abertas com as palmas orientadas para baixo (PB), traçando um movimento lateral segundo um eixo horizontal.
Interpretação:	Uma vez mais, este gesto demonstra que a falante se apercebe de discrepâncias na distribuição da riqueza entre os habitantes do Porto. A execução discreta deste gesto pode denotar que a falante não pretende salientar demasiado esta ideia, talvez para não ferir suscetibilidades. A posição das palmas das mãos (PB) e os movimentos laterais transmitem que a sua avaliação sobre a cidade do Porto é definitiva, conclusiva e fechada (Kendon, 2004: 255). É um gesto que acrescenta informação ao enunciado (Kendon, 2013: 14) relativamente à atitude da falante sobre o que está a dizer.

Exemplo 4

Falante 2' – L2	
Gesto	Fotograma
<p>Gesto referencial (deítico) (00:11:21:640 – 00:11:23:120)</p>	 <p>[vivo atrás de]</p>
Transcrição prosódica	F2': sempre noto muitos 'CARros (.) 'novos por aqui- <<f> vivo atrás de (.) de um colégio; não sei se 'conheces
Tema:	A falante descreve a cidade do Porto, nomeadamente a zona onde reside, perto do Colégio de Nossa Senhora do Rosário.
Características do gesto:	Gesto executado pela mão direita na zona centro, palma da mão na vertical (PV), fazendo um movimento circular da esquerda para a direita.
Interpretação:	Este gesto localiza no espaço gestual a posição da casa da falante 2' em relação ao referente “colégio”. Com a mão esquerda representa a localização do colégio; com o movimento da mão direita, a posição da sua casa relativamente ao colégio.

3.5. OBSERVAÇÕES GERAIS

3.5.1. O TIPO E A QUANTIDADE DE GESTOS EXECUTADOS EM L1 E EM L2

Nesta experiência, além da análise apresentada nas secções anteriores, foram igualmente contados os tipos de gestos que os falantes 1 e 2' executaram ao interagirem em L1 (sua língua materna, respetivamente o português europeu e o inglês britânico) e em L2. Como explicado anteriormente, o objetivo prendeu-se com a tentativa de perceção relativa à possível existência de diferenças entre o tipo e o número de gestos executados pelos falantes nas duas línguas.

A tabela seguinte ilustra a quantidade e as percentagens observadas para cada tipo de gesto executado, por cada falante, em cada um dos contextos:

Gestos	Falante 1		Falante 2'	
	L1	L2	L1	L2
Estruturantes	82	212	52	17
Referencial (emblemático)	2	10	1	0
Referencial (<i>butterworth</i>)	0	2	0	0
Referencial (descritivo)	17	46	48	5
Referencial (deíctico)	19	18	5	4
Adaptador	30	43	98	25

Tabela 15 – Número de gestos por falante

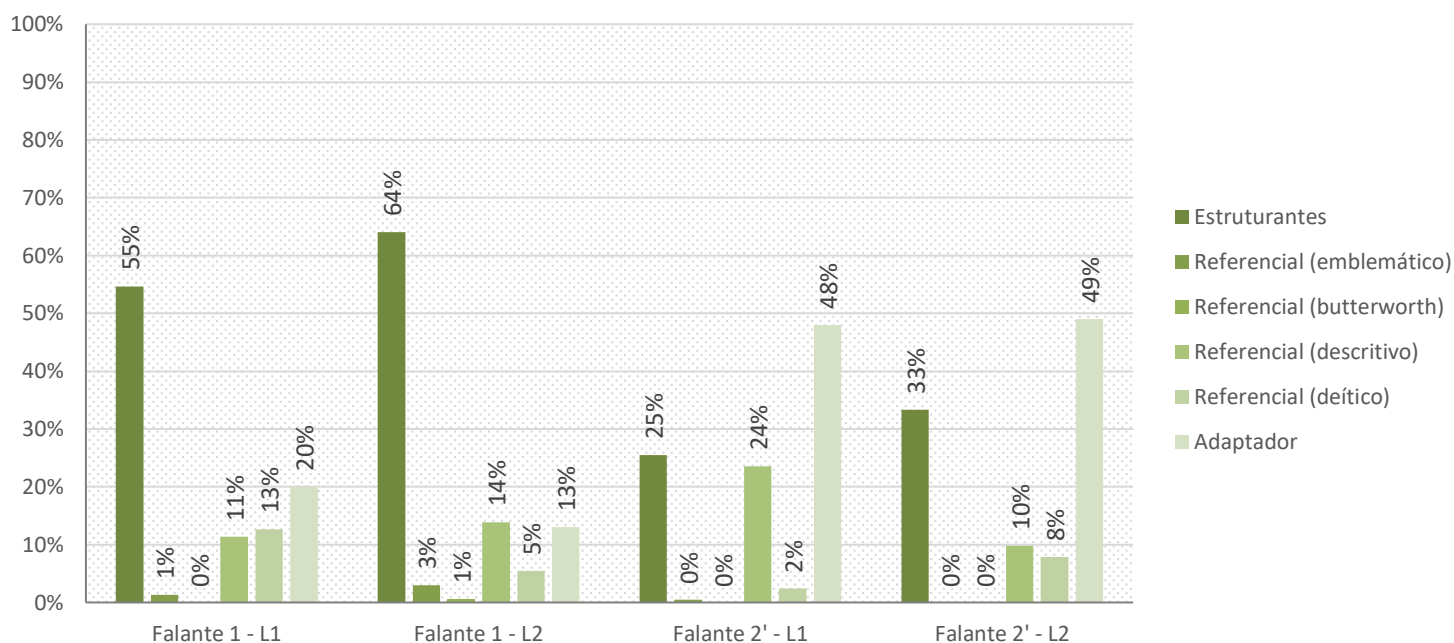


Gráfico 3 – Percentagem de gestos por falante

Tendo em conta as conclusões a que vários autores anteriores chegaram de que um indivíduo, quando interage em L2, executa um maior número de gestos do que quando interage em L1 (Gullberg, 1998; Hadar, Dar e Teitelman, 2001), esta mesma aferição pôde verificar-se em relação ao falante 1 (cuja língua materna – L1 – é o português). No entanto, verifica-se o contrário na falante 2' (cuja língua materna – L1 – é o inglês). Neste caso, o número de gestos de todos os tipos executados por esta falante em L1 (inglês) foi sempre igual ou superior ao número de gestos executados em L2, excetuando os gestos referenciais descritivos.

No que diz respeito à quantidade de cada tipo de gestos, as diferenças são óbvias tanto para o falante 1 (cuja língua materna – L1 – é o português), como para a falante 2'. O falante 1, tanto em L1 como em L2, executou com maior frequência gestos estruturantes. A falante 2' executou com mais frequência, tanto em L1 como em L2, gestos adaptadores.

Poder-se-á, no entanto, perceber que o domínio elementar da L2 por parte da falante 2'⁴⁸ terá contribuído não só para um maior constrangimento comportamental, consequentemente, para uma menor participação oral ativa/menor quantidade de

⁴⁸ A falante 2' possuirá um nível de domínio do português de A2/B1 (Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas).

execução de gestos na interação em L2, comparativamente com a sua intervenção em L1. O falante 1, por sua vez, tendo um domínio da L2 superior⁴⁹ ao que a falante 2' nas mesmas circunstâncias, interagiu de modo praticamente idêntico em L1 e em L2, embora, neste último contexto, os momentos de hesitação e as pausas para estruturação do pensamento ou procura de palavras fossem mais frequentes do que quando interagiu em L1.

Tendo agora em conta os tipos de gestos executados de forma mais frequente, a saber, gestos estruturantes, referenciais e adaptadores⁵⁰, passe-se a uma análise ao nível interacional, ou seja, que tipo de enunciados é verbalizado aquando da execução destes gestos.

Gestos (mais frequentes)	Tipo de Enunciados (conteúdo)
Estruturantes	<p>Emissão de opiniões pessoais sobre os assuntos discutidos. Exemplos:</p> <p>F1/L1: [<u>fala-se</u> de `tudo do -terrorISmo -coitadINhos dos estados uNIdos são `ataCADos]</p> <p>F1/L2: `[are you going to live COMfortable -with some money]</p> <p>F2'/L1: [I'm actually going to `portugal and `that's not `portuGUEse]</p> <p>F2'/L2: [tem `crIse, -uma crise no cENTro, há influências da `crIse]</p>
Referencial (descritivo)	<p>Representação imagística de um referente (concreto ou abstrato). Exemplos:</p> <p>F1/L1: e, e, e, [<u>ele</u> `tá sUper `escANzelAdo]</p> <p>F1/L2: -[the fUture ahead]</p> <p>F2'/L1: -[stuff i write on the board]</p> <p>F2'/L2: <<all> `[vivo atrÁS de], de um -colégio</p>

⁴⁹ O falante 1 possuirá um nível de domínio do inglês de B2/C1 (Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas).

⁵⁰ Este tipo de gestos (adaptadores) foi essencialmente descrito e analisado por Ekman e Friesen (1969). São gestos que, embora não sejam executados com o intuito de transmitir informação co-ocorrente com enunciados verbais, nem estando a esses enunciados ligados semanticamente, passam informação sobre estados emotivos do falante. Por este mesmo motivo, e também pelo facto de este tipo de gesto ocorrer de forma bastante frequente nestes vídeos, foram considerados nesta análise.

	<p>Descrição de um conceito/realidade abstratos. Exemplos:</p> <p>F1/L1: <<p> [do PORTo]</p> <p>F1/L2: ´there’s a tendency [to] to -avoid</p> <p>F2’/L1: ´no-one really liked the `talk</p> <p>F2’/L2: ´parece [mUIto rica]</p>
Referencial (deítico)	<p>O apontar para um referente, fisicamente presente ou ausente. Exemplos:</p> <p>F1/L1: ´[não eram só colegas `tuas -também eras popular]</p> <p>F1/L2: [in my point of view (.) but you, you were talking ´about]</p> <p>F2’/L1: [´you said, what did you say?]</p> <p>F2’/L2: ´[na zona na qual eu vivo aqUI]</p>
Adaptador	<p>Transmitem atitudes e/ou estados emotivos (dúvida, anuência, cansaço, tédio, nervosismo...)</p>

Tabela 16 – Tipos de gestos e tipos de enunciados

3.5.2. ESPAÇO GESTUAL: ZONA DE EXECUÇÃO/DINÂMICA DO MOVIMENTO

No que diz respeito ao espaço gestual de execução dos movimentos dos membros superiores, e após uma contagem do número de gestos ocorridos em cada zona, pôde observar-se o seguinte:

Zona de execução	Falante 1 ⁵¹		Falante 2'	
	L1	L2	L1	L2
Periferia superior esquerda externa - PSEE	27	33	4	-
Periferia superior direita externa - PSDE	2	6	5	2
Periferia superior esquerda - PSE	59	111	9	-
Periferia superior direita - PSD	7	12	11	3
Periferia inferior esquerda externa - PIEE	-	-	-	-
Periferia inferior direita externa - PIDE	2	-	-	-
Periferia inferior esquerda - PIE	3	5	3	1
Periferia inferior direita - PID	3	3	-	-
Periferia superior central - PSC	16	21	93	16
Periferia inferior central - PIC	2	24	6	2
Centro-centro - CC	7	26	19	9
Centro - CE	46	112	82	29

Tabela 17 – Zonas de execução por falante

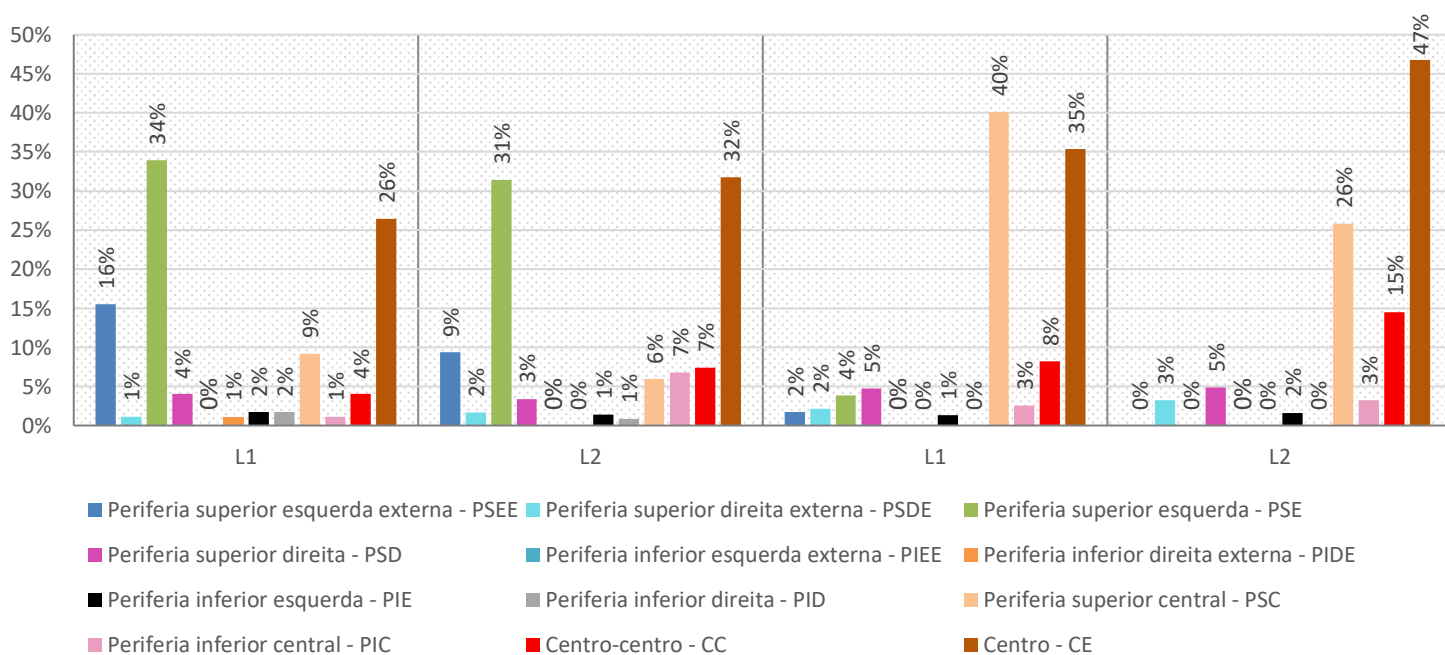


Gráfico 4 – Zonas de execução por falante (percentagens)

Após esta contagem, verificou-se uma grande incidência da execução dos gestos, tanto pelo falante 1 como pela falante 2', nas zonas da periferia superior central, no centro e no centro-centro. Porém, esta incidência é mais significativa aquando das interações em L1 para ambos os falantes (com exceção para o falante 1, em L1 na zona da periferia superior

⁵¹ Embora não tenha sido confirmado junto do falante 1, o número elevado de gestos executados com a mão/braço esquerdos, particularmente o número de gestos executados unicamente com esta mão/braço, parece indicar que o mesmo é canhoto.

central). No entanto, e relativamente ao falante 1, verificam-se outras zonas em que este executou um elevado número de gestos: periferia superior esquerda externa, periferia superior esquerda e periferia inferior central. O mesmo não se verificou para a falante 2’.

Em relação aos tipos de gestos executados em cada uma das zonas, verificou-se o seguinte:

	Falante 1											
	L1						L2					
Tipo de gesto	Estruturante	Emblema	Butterworth	Déitico	Descritivo	Adaptador	Estruturante	Emblema	Butterworth	Déitico	Descritivo	Adaptador
Zona de execução	Estruturante	Emblema	Butterworth	Déitico	Descritivo	Adaptador	Estruturante	Emblema	Butterworth	Déitico	Descritivo	Adaptador
Periferia superior esquerda externa	31	-	-	8	13	-	27	1	-	2	11	-
Periferia superior direita externa	2	-	-	-	2	3	6	-	-	-	7	-
Periferia superior esquerda	19	2	-	6	1	2	75	3	-	6	10	1
Periferia superior direita	5	-	-	-	1	4	7	-	-	-	2	3
Periferia inferior esquerda externa	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Periferia inferior direita externa	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-
Periferia inferior esquerda	-	-	-	-	-	3	2	-	-	-	-	2
Periferia inferior direita	-	-	-	-	-	1	1	-	-	-	-	3
Periferia superior central	3	-	-	1	5	7	1	-	1	-	-	20
Periferia inferior central	-	-	-	1	-	2	14	-	-	-	3	8
Centro-centro	2	-	-	-	3	1	10	2	-	8	6	2
Centro	26	-	-	3	6	5	70	4	1	3	13	3
TOTAL	88	2	0	19	31	30	213	10	2	19	52	42

Tabela 18 – Número de gestos executados em cada zona (Falante 1)

	Falante 2'											
	L1						L2					
Tipo de gesto	Estruturante	Emblema	Butterworth	Deítico	Descritivo	Adaptador	Estruturante	Emblema	Butterworth	Deítico	Descritivo	Adaptador
Zona de execução												
Periferia superior esquerda externa	-	-	-	-	4	-	-	-	-	-	-	-
Periferia superior direita externa	5	-	-	-	3	-	2	-	-	-	-	-
Periferia superior esquerda	2	-	-	-	3	-	-	-	-	-	-	-
Periferia superior direita	5	-	-	1	1	-	1	-	-	-	-	-
Periferia inferior esquerda externa	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Periferia inferior direita externa	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Periferia inferior esquerda	-	-	-	-	-	3	-	-	-	-	-	1
Periferia inferior direita	-	-	-	-	-	3	-	-	-	-	-	1
Periferia superior central	8	-	-	1	11	73	1	-	-	-	-	15
Periferia inferior central	2	-	-	-	-	4	1	-	-	-	-	1
Centro-centro	2	-	-	-	9	8	4	-	-	-	-	5
Centro	28	11	-	3	21	6	8	-	-	4	1	3
TOTAL	52	11	0	5	52	97	17	0	0	4	1	26

Tabela 19 – Número de gestos executados em cada zona (Falante 2')

Os diferentes tipos de contexto interacional em causa são: o Falante 1 a interagir em língua materna (F1/L1); a Falante 2' a interagir em língua materna (F2'/L1); o Falante 1 a interagir em língua estrangeira (F1/L2); e a Falante 2' a interagir em língua estrangeira (F2'/L2). Assim, para cada falante, para cada gesto e em cada contexto, verificou-se o seguinte:

Falante 1/L1:

Estruturantes: foram executados com maior frequência nas zonas da periferia superior esquerda externa, periferia superior esquerda e no centro. Assim, e no geral, pode dizer-se que são gestos com uma amplitude de execução superior quando comparados com os mesmos gestos executados pela falante 2', uma vez que implicam uma maior abertura dos braços.

Emblemas: o falante 1 executou dois gestos emblemáticos na zona da periferia superior esquerda, evidenciando assim, também, uma maior amplitude na sua execução quando comparada com a execução dos mesmos gestos por parte da falante 2'.

Butterworth: não se verificou a execução deste tipo de gestos neste contexto.

Deícticos: a maior parte destes gestos foi executada nas zonas da periferia superior esquerda externa e periferia superior esquerda (oito e seis, respetivamente), evidenciando também uma maior amplitude na execução dos gestos quando comparada com a mesma situação referente à falante 2'.

Descritivos: a maior parte destes gestos foi executada na zona da periferia superior esquerda externa, mostrando uma maior amplitude na sua execução quando comparada com igual situação relativa à falante 2'.

Adaptadores: embora tenha sido verificado que este tipo de gestos foi executado em diferentes zonas, as que mais se destacam pela superior frequência de execução são as zonas da periferia superior central e a zona centro, evidenciando aqui uma menor amplitude de execução.

Falante 1/L2:

Estruturantes: este tipo de gestos foi executado maioritariamente nas zonas da periferia superior esquerda externa, periferia superior esquerda, periferia inferior central e centro. Deste modo, verificou-se tanto uma maior amplitude na execução dos gestos, como também uma amplitude menor (execução nas zonas centrais).

Emblema: tipo de gesto executado essencialmente nas zonas da periferia superior esquerda e centro. Evidencia uma menor amplitude na execução dos gestos.

Butterworth: este tipo de gesto foi executado nas zonas da periferia superior central e centro, revelando menor amplitude na execução.

Deíticos: tipo de gesto executado nas zonas da periferia superior esquerda e centro. Evidencia uma menor amplitude na execução do gesto.

Descritivos: tipo de gestos maioritariamente executados nas zonas da periferia superior esquerda externa, periferia superior esquerda e centro. Evidenciam tanto uma maior amplitude de execução, como uma amplitude menor.

Adaptadores: tipo de gesto maioritariamente executado na zona da periferia superior central, evidenciando uma reduzida amplitude na execução.

Falante 2'/L1:

Estruturantes: tipo de gesto executado maioritariamente na zona centro, evidenciando reduzida amplitude na execução.

Emblema: não foram executados gestos deste tipo neste contexto.

Butterworth: não foram executados gestos deste tipo neste contexto.

Deíticos: tipo de gesto maioritariamente executado na zona centro evidenciando uma reduzida amplitude na execução.

Descritivos: tipo de gesto maioritariamente executado nas zonas da periferia superior central e centro, evidenciando uma reduzida amplitude na execução.

Adaptadores: tipo de gesto executado nas zonas da periferia superior central evidenciando uma reduzida amplitude na execução.

Falante 2'/L2:

Estruturantes: tipo de gesto executado nas zonas centro-centro e centro evidenciando uma reduzida amplitude na execução.

Emblema: não foram executados gestos deste tipo neste contexto.

Butterworth: não foram executados gestos deste tipo neste contexto.

Deíticos: tipo de gesto executado na zona centro, evidenciando uma reduzida amplitude na execução.

Descritivos: tipo de gesto executado na zona centro, evidenciando uma reduzida amplitude na execução.

Adaptadores: tipo de gesto executado com maior frequência na zona da periferia superior central, evidenciando uma reduzida amplitude na execução do gesto.

No que diz respeito à dinâmica de execução dos gestos, verificou-se uma maior amplitude gestual e uma maior utilização de diferentes zonas de execução dos gestos por parte do falante 1, particularmente em L2. Neste contexto, este falante executou um número significativo de gestos nas seguintes zonas: periferia superior esquerda externa (estruturantes e referenciais descritivos), periferia superior esquerda (estruturantes), periferia superior central (adaptadores), periferia inferior central (estruturantes), centro-centro (estruturantes) e centro (estruturantes). No contexto de interação em L1, este falante executou um maior número de gestos nas seguintes zonas: periferia superior esquerda externa [(estruturantes e referenciais (descritivos)], periferia superior esquerda (estruturantes) e centro (estruturantes).

A falante 2' em L1 registou um maior número de gestos executados apenas nas seguintes zonas: periferia superior central (adaptadores) e centro [(estruturantes e referenciais (descritivos)]. Em L2, verificou-se apenas uma maior incidência de execução de gestos na periferia superior central (adaptadores), tendo-se, assim, verificado uma amplitude de execução dos gestos nesta falante inferior à verificada relativamente ao falante 1.

3.6. A RELAÇÃO ENTRE A FALA E OS GESTOS

Importa também comparar, nas diferentes interações (L1 e L2), a duração da produção verbal e da execução de gestos⁵² para cada um dos falantes em análise. Deste modo, foi possível apurar o seguinte para 20 minutos de vídeo:

Falante 1	Fala (L1)	Fala (L2)	Gestos (L1)	Gestos (L2)
Duração (segundos)	221.384	209.305	283.447	400.564
Porcentagem	10%	17%	13%	33%

Tabela 20 – Duração e percentagem⁵³ da fala e dos gestos em 20 minutos (Falante 1 – L1 e L2)

Falante 2'	Fala (L1)	Fala (L2)	Gestos (L1)	Gestos (L2)
Duração (segundos)	416.667	119.149	217.615	369.752
Porcentagem	25%	9%	13%	27%

Tabela 21 – Duração e percentagem⁵⁴ da fala e dos gestos em 20 minutos (Falante 2' – L1 e L2)

Relativamente ao falante 1, verificou-se que a percentagem de fala em L1 e em L2 não sofre uma alteração considerável (10% e 17%, respetivamente), ao passo que a percentagem de gestos no contexto em que interage em L1 é consideravelmente inferior (13%) à mesma percentagem quando interage em L2 (33%). Parece ser necessário destacar que a produção oral da falante 3 na interação em L1 é muito superior à dos restantes falantes, embora, ainda assim, o falante 1 intervenha com regularidade nessa mesma interação. Deste modo, estes resultados vêm confirmar e corroborar a opinião de que um falante quando interage em língua estrangeira executa um maior número de gestos co-ocorrentes com a fala (Zhao, 2006), muitas vezes para tentar colmatar as lacunas provenientes de um nível de conhecimentos elementar em L2.

⁵² Dados retirados das estatísticas calculadas pelo programa ELAN.

⁵³ Os números aqui apresentados representam a percentagem de gestos e da fala, para cada falante e em cada contexto, isoladamente, em 20 minutos de interação. Não devem, pois, ser somados.

⁵⁴ Ver nota anterior.

No que diz respeito à falante 2', foi possível verificar uma percentagem de gestos executados em L2 muito superior àquela verificada em contexto de interação em L1 (27% e 13%, respetivamente). A percentagem da produção verbal da falante 2' em L2 foi consideravelmente mais reduzida do que aquela verificada em L1 (9% e 25%, respetivamente). Esta constatação pode dever-se ao facto de o nível de conhecimentos em L2 desta falante ser elementar. Também neste contexto, corrobora-se a ideia de que um falante tem tendência para executar um maior número de gestos quando interage em L2 do que em L1 (Zhao, 2006).

3.7. O SORRISO, A PROXIMIDADE E A EMPATIA

Da globalidade de parâmetros que foram possíveis observar nestes vídeos realizados, interessa ainda tecer comentários relativamente à existência e frequência de sorrisos e às percepções de proximidade e empatia demonstrados pelos falantes em análise (correlacionadas com movimentos cinésicos).

No que diz respeito à frequência de sorrisos⁵⁵ nas interações em análise, foi possível observar que os falantes sorriram com menor frequência em contexto de L2 do que em contexto de L1. Em 20 minutos de filme, foram contabilizados os seguintes sorrisos, para cada um dos falantes em análise e em cada um dos contextos de interação:

	Sorrisos (L1)	Sorrisos (L2)
Falante 1	56	24
Falante 2'	122	59

Tabela 22 – Número de sorrisos (Falante 1 e Falante 2' – L1 e L2)

⁵⁵ A (in)existência e a frequência de sorrisos numa interação face a face varia consoante a cultura, bem como o significado dos mesmos [(em muitas culturas asiáticas, por exemplo, o sorriso é sinónimo de vergonha ou desconforto, ao passo que na grande maioria das culturas europeias e na cultura norte-americana, sorrir significa geralmente felicidade e alegria (Levine e Adelman, 1993)].

Veja-se, agora, alguns momentos em que os sorrisos co-ocorreram com a fala ou que ocorreram posteriormente à mesma:

Falante 1	F1': <<all> `mas tU Eras populAr na bLOgOsfera` ((risos))
Falante 2	F2': <<p> na blogOsfera` ((risos)) (-) `já não ouvia essa palavra p'aí há- (-)
Falante 3	F3': <<all> aquela fase em que as pessoas escrevem com mUITos pONTos de exclamação e mUITos kapas (k) (.) sUper desNEcessÁrios (-) `eu também escrevIa com Isso- ((risos))

Tabela 23 – Sorrisos e fala (contexto 1)

Todas estas falas ocorreram numa passagem em que os falantes debatiam sobre a existência de blogues pessoais e da forma como as pessoas comunicavam nessas plataformas. Perante um estado emocional sem grandes oscilações de humor, e numa interação pautada por proximidade e afetividade, não é incomum um indivíduo rir e sorrir com maior frequência.

No contexto 2 (quando apenas interagem indivíduos nativos do inglês) foi possível perceber afinidade e empatia nos comportamentos e discursos – afinidade e empatia essas corroboradas por uma ocorrência mais frequente de sorrisos – quando, por exemplo, abordam o tema das primeiras impressões que tiveram de Portugal e dos portugueses quando chegaram de Inglaterra e as experiências por que passaram:

Falante 1'	F1': <<all> <<f> `on the first day I gOt here i mEt my brazilian flAtmate- (-) he showed me arOUnd (.) took me to a few bArs` ((riso))
Falante 2'	F2': <<all> `i was sO overwhELmed by the portugUEse when i first arrIved- ((risos))
Falante 3'	F3': <<all> <<f> `on my first day (.) i had a lANguage course here- (.) so i hAd to be here on a MONday` (-) `i didn't know ANYone- ((riso))

Tabela 24 – Sorrisos e fala (contexto 2)

Nestes momentos, verifica-se a existência de uma partilha de experiências comuns, o que torna estes falantes mais próximos e, conseqüentemente, sorriem e riem com maior frequência ao abordarem episódios por que passaram e nos quais partilharam os mesmos sentimentos e emoções: estranheza, medo do desconhecido, surpresa por não dominarem a língua portuguesa como desejariam ou pensavam que dominavam, espanto em relação ao comportamento dos portugueses.

No contexto 1 (em que apenas interagem falantes nativos do português), além da percepção de um elevado nível de empatia e de proximidade entre os falantes devido a uma maior quantidade de risos e sorrisos, verificou-se também a existência de toque entre falantes (cf. Imagem 18, Imagem 19 e Imagem 20).



Imagem 18 – Contexto 1: grupo 3 PT



Imagem 19 – Contexto 1: grupo 3 PT



Imagem 20 – Contexto 1: grupo 3 PT

Este toque não se verificou entre os falantes cuja língua materna é o inglês, mesmo tendo sido possível verificar-se a já mencionada proximidade e empatia entre estes falantes, sobretudo aquando da abordagem de temas que os uniam (cf. Imagem 21, Imagem 22 e Imagem 23).



Imagem 21 – Contexto 2: grupo 3 EN



Imagem 22 – Contexto 2: grupo 3 EN



Imagem 23 – Contexto 2: grupo 3 EN

Além de outras características, a (in)existência de toque em interações face a face varia consoante a cultura. Diversos estudos foram já realizados sobre ‘*touchy and non-touchy cultures*’, em que se estuda a (in)existência de toque nas interações em várias culturas (como a norte-americana, as culturas asiáticas, sul-americanas, entre outras), a frequência do mesmo e em que circunstâncias ocorre (Burton e Dimpleby, 2006). Quando comparadas em relação a este parâmetro, na cultura portuguesa é globalmente aceite o toque social nas interações, ao passo que na cultura inglesa este toque social pode ser considerado invasivo ou até mesmo rude.

3.8. OS GESTOS E OS CONTEXTOS DE INTERAÇÃO FACE A FACE

Os gestos estruturantes, emblemáticos, *butterworth*, descritivos, deícticos e adaptadores foram seleccionados para estudo nesta investigação uma vez que, quando analisados em co-relação com o discurso, podem transmitir informações importantes relativamente ao assunto de que se fala e/ou a atitudes/pensamento/emoções do falante.

A título de exemplo, e aquando da execução de alguns gestos referenciais, foi possível verificar-se que os mesmos transmitiram mais informação além daquela que tinha sido verbalizada. Os exemplos 10 e 11 (F1 – L1), 8 (F2’ – L1), 6 (F1 – L2) e 1 (F2’ – L2) analisados nas secções 3.4.1.1, 3.4.1.2, 3.4.1.3 e 3.4.1.4 comprovam esta afirmação. Nos exemplos 10 e 11, é possível perceber empatia, ironia e sentido de humor por parte do falante 1 em relação à falante 3, algo que se transmite através da execução dos gestos em causa. São gestos que reforçam a ideia verbalizada.

No exemplo 8, a falante 2', ao executar o gesto, deixa passar a ideia de que também ela não só não tem compreendido algumas aulas a que tem assistido em Portugal, como ainda discorda de alguns métodos praticados neste contexto educativo. No exemplo 6, é executado um gesto transmitindo que a desilusão que o falante 1 sente é bastante grande (ideia que não foi verbalizada e que é apenas perceptível através da execução do gesto). No exemplo 1, o gesto que a falante 2' executa demonstra que, além de considerar que Londres é uma cidade muito rica – conforme verbaliza – se apercebe também de que essa riqueza não está homoganeamente distribuída (informação que é transmitida através da forma como o gesto é executado). São, assim, gestos que acrescentam informação àquela que foi transmitida oralmente.

Deste modo, foi possível verificar que existem vários tipos de informações que podem ser retiradas quando se efetua uma micro-análise dos gestos e da fala em interações face a face. Observou-se que existem gestos que:

- reforçam o significado dos enunciados verbalizados (exemplo 5 – F1/L1);
- outros que modificam a forma como os enunciados devem ser entendidos (exemplo 3 – F1/L2);
- outros ainda que demonstram a atitude do falante relativamente ao que diz (exemplo 2 – F1/L1; exemplo 7 – F1/L1), ou ao que o outro falante diz (exemplo 4 – F1/L1); exemplo 6 – F1/L1);
- existem também gestos que complementam informações que não constam do conteúdo proposicional dos enunciados (exemplo 4 – F2'/L1; exemplo 6 – F1/L2);
- outros que revelam a expressão de um mesmo sistema subjacente (exemplo 5 – F2'/L2);
- há ainda gestos que não estão livres de ser influenciados pelo contexto (por exemplo, a informação visual que os falantes recebem pode originar fenómenos de imitação (exemplo 4 – F1/L1). Isto acontece porque a interação é sempre uma co-construção por parte de todos os participantes e o modo como se desenvolve depende dessa mesma co-construção.

3.9. MOMENTOS DE SILÊNCIO E PAUSAS/HESITAÇÕES

Numa micro-análise de uma interação face a face, revela-se importante salientar também alguns elementos que se inserem no que Poyatos (1993) definiu como “paralinguagem”⁵⁶: os momentos de silêncio e as hesitações ocorridas – dado que poderão, de igual forma, transmitir informações importantes sobre a mente e/ou o estado emocional do falante (fenómenos que também puderam ser observados nestas interações). Os momentos de silêncio podem ter várias funções na interação: uma função fisiológica, em que é mostrado que o falante está a necessitar de um momento de pausa para respirar; uma função cognitiva, em que o falante para o seu discurso por instantes para planejar/organizar o seu pensamento/discurso; e uma função comunicativa, em que o falante, com o momento de silêncio, demonstra ao ouvinte que lhe pretende ceder a vez na interação (Cenoz, 2000: 53). Podem ser momentos de ausência de som (“*zero signs of sound*”), momentos que sucedem e/ou antecedem uma atividade sonora (fala e/ou movimentos cinésicos) e são qualificados pela sua intensidade, duração, co-estruturados com as atividades que lhes antecedem, sucedem ou ocorrem em simultâneo (Poyatos, 2002: 303). Poyatos (2002) defende que o silêncio é um sistema de comunicação em si mesmo e que cada momento pode adquirir vários significados possíveis em vez de um significado único. Os momentos de silêncio podem ser semanticamente redundantes com a fala, mas podem, também, complementar a mensagem que está a ser transmitida; muitas vezes, o(s) momento(s) de silêncio podem conter/transmitir a mensagem principal da interação (Poyatos, 2002: 302), aspeto que pode ser corroborado, por exemplo, com o momento de silêncio ocorrido no contexto 1 (cf. Exemplo 6 (F1/L1) – momento de silêncio: 00:19:46.943 – 00:19:50.253). Além dos momentos de silêncio, questões como as pausas no discurso/hesitações, o conhecimento do mundo que os falantes partilham, as pressuposições e as expectativas de cada um também puderam ser observadas nestas interações.

Foi possível perceber que, nas interações entre falantes nativos da mesma língua, não foram verificados em número significativo momentos de pausas e/ou hesitações. O mesmo já não foi observado nas interações entre falantes oriundos de comunidades

⁵⁶ Poyatos (1993) definiu “paralinguagem” como “as qualidades não-verbais da voz, os modificadores da voz e os enunciados independentes, bem como os silêncios intervinientes momentâneos que usamos de forma consciente ou inconsciente para corroborar ou contradizer mensagens verbais, cinésicas, químicas, dérmicas ou térmicas, tanto de forma simultânea ou em alternância com elas, presentes em interações e não-interações.” (Poyatos, 1993: 6).

linguísticas e culturais distintas: nestes contextos, foi possível observar uma quantidade superior de pausas e hesitações por parte dos falantes, nomeadamente por parte dos que estavam a interagir em L2. Nestes casos, algumas destas pausas/hesitações deveram-se ao facto de se estar a interagir em língua estrangeira, o que, em muitos casos, exige um maior esforço cognitivo na escolha lexical e na organização sintática e semântica do discurso (Cenoz, 2000: 61). As hesitações são momentos em que os falantes revelam ter episódios momentâneos em que procuram ou reestruturam operações mentais (Barik, 1968) ou em que estão a formular cognitivamente o seu discurso (Morel e Danon-Boileau, 1998).

No que diz respeito à partilha de conhecimento do mundo, às pressuposições e expectativas dos falantes, foi notória uma maior facilidade na transmissão e na compreensão das mensagens entre falantes nativos da mesma língua, uma vez que o conhecimento que partilham e as expectativas que têm perante a realidade são mais próximos do que entre falantes nativos de línguas diferentes; este facto origina interações com maior empatia e afinidade (o que foi possível verificar-se nas interações em análise).

3.10. OBSERVAÇÕES

Em suma, e após a realização da micro-análise multimodal dos vídeos descritos, parece relevante salientar os seguintes pontos:

- através da execução de gestos, os falantes podem transmitir informação que não haviam verbalizado. Desta forma, pode ter-se acesso a mensagens e/ou a imagens mentais que os falantes poderiam querer, voluntária ou involuntariamente, omitir, e que podem revelar-se importantes consoante o contexto da interação – funcionando os gestos, assim, como janela para a mente (McNeill, 1992; de Ruiter, 2007).
- Além disto, os momentos de pausa e de hesitação podem revelar que um falante está a organizar o seu pensamento ou, se estiver a interagir em L2, que necessita de mais tempo do que necessitaria em L1 para escolher elementos lexicais ou estruturar sintaticamente o seu discurso.

- Os aspetos comuns partilhados pelos falantes de uma interação (cultura, pressupostos, expectativas, crenças, ideologias, educação...) podem contribuir para que uma interação seja mais natural e espontânea e que a transmissão da mensagem seja mais eficaz e mais facilmente compreendida.

Além dos gestos referenciais já mencionados, veja-se o que poderão transmitir também os restantes tipos de gestos analisados:

- os gestos estruturantes, sendo movimentos executados pelas mãos/braços e, por vezes também, pela cabeça, que marcam o ritmo da fala, podem ser observados como ocorrendo numa aparente ligação com características prosódicas às quais o falante atribui um destaque através da execução dos mencionados gestos (Kendon, 2013: 16). Kendon (2004) analisou gestos – “*precision grip*” e “*finger-bunch-open-hand*”, por exemplo – executados por napolitanos numa coordenação semântica com o conteúdo da fala. Os gestos de “*precision grip*”, em particular, foram observados como ocorrendo simultaneamente a um conteúdo do discurso que o falante considera de importância vital, pretendendo destacar algo que considera específico e importante naquele contexto de interação (Kendon, 2004: 237-247). No exemplo 9 analisado na secção 3.4.1.1 (relativamente ao falante 1, em contexto de L1), os golpes dos gestos estruturantes observados coincidem com palavras/expressões que o falante destaca não só ao executar os movimentos, mas ao nível da prosódia também (cf. transcrição prosódica): “é sair”, “depois”, “podes”, “o que elas”, numa passagem em que se debate sobre as redes sociais, o que as pessoas publicam e a informação que deixam passar.
- Os gestos emblemáticos (Ekman e Friesen, 1969) ou “*quotable gestures*” (Kendon, 1992) – gestos com um elevado grau de convencionalidade, cuja execução pressupõe uma intenção semântica, ou seja, existe o objetivo por parte do falante de criar significado ao executar um gesto emblemático – são gestos marcadamente culturais com significados próprios enraizados e percebidos nas diversas comunidades em que são executados (Kendon, 2013: 12). No exemplo 10, secção 3.4.1.1 (falante 1, contexto de L1), verificou-se que o golpe do gesto emblemático co-ocorre com a verbalização da interjeição “oh”, no seguimento do comentário da falante 3 “criei-o há uma semana, só tenho tipo nove seguidores”, referindo-se à criação de uma conta na rede social Instagram. O gesto

emblemático executado é-o habitualmente, na comunidade portuguesa, conforme anteriormente afirmado, convencionalizado como transmissão de um sentimento de pena/compaixão/empatia, significado que também se verifica nesta passagem.

- Os gestos designados por *butterworth* (McNeill, 1992) – executados quando o falante tenta recordar-se de uma palavra, de uma ideia ou ainda de uma expressão (McNeill, 1992: 76-77) – podem, deste modo, revelar aspetos importantes sobre o pensamento e a sua estruturação, bem como o estado emocional de um indivíduo. No exemplo 5, secção 3.4.1.3 (falante 1, contexto de L2), é executado um gesto *butterworth* no momento em que o falante tenta recordar-se de uma notícia, revelando e reforçando assim, com a realização do movimento, esse esforço de memória.

- Os gestos descritivos podem tornar mais específico o significado da fala que co-ocorre com o gesto, podem representar a forma de um objeto, de uma pessoa ou de um lugar, bem como as suas características espaciais e de tamanho (Kendon, 2004: 185-194). Por exemplo, quando um falante descreve a abertura de uma porta e movimenta os dois braços/mãos simultaneamente de forma horizontal e lateral, partindo da zona centro-centro até à zona das periferias esquerda e direita, e o gesto co-ocorre com a fala “abri a porta”, é possível perceber que, no caso concreto, e através do gesto executado, se trata de uma porta de correr com duas folhas. Assim, este gesto descritivo revelou e desenhou espacialmente o tipo de porta em causa, informação esta que não havia sido verbalizada pelo falante. No exemplo 1, secção 3.4.1.4 (falante 2’, contexto de L2), o gesto descritivo executado, co-ocorrente com a fala “parece muito, uma cidade muito rica”, reforça o conteúdo semântico do que foi dito, uma vez que a posição dos dedos (esticados e unidos, voltados para cima) denotam, como visto, uma pluralidade de elementos discrepantes que evidenciam a distribuição de riqueza.

- A forma como os gestos deícticos (Kendon, 2004: 199 e segs.) – gestos em que o falante, através das mãos e/ou do(s) dedo(s), aponta para um ou mais referentes – são executados varia, como foi possível observar, e essas variações podem transmitir informações sobre o modo como o falante encara e se relaciona com o referente desse gesto de apontar (Kendon, 2004: 199). Foi observado aqui que, no

exemplo 6 (falante 1, contexto de L1, secção 3.4.1.1), um gesto deítico executado com a mão fechada e o dedo indicador esticado direcionado para o referente pode indicar uma maior agressividade, ao passo que um gesto deítico realizado com a mão aberta e todos os dedos esticados e/ou ligeiramente fletidos poderá revelar menor agressividade em relação ao referente do gesto (exemplo 1 – falante 1, contexto de L1, secção 3.4.1.1; exemplo 3 – falante 1, contexto de L2, secção 3.4.1.3).

- Os gestos adaptadores (Ekman e Friesen, 1969) são movimentos aprendidos ao longo do desenvolvimento social e cognitivo do indivíduo usados para satisfazer necessidades do corpo ou realizar ações quer para gerir estados emotivos quer para desenvolver ou manter contactos pessoais (Ekman e Friesen, 1969: 84), categoria de gestos esta onde se inserem os gestos de auto-adaptação (cf. exemplo 2 – falante 1, contexto de L1, secção 3.4.1.1; exemplo 2 – falante 2', contexto de L1, secção 3.4.1.2). Trata-se, pois, de gestos importantes para a interpretação de estados emotivos, uma vez que podem revelar informação de relevo sobre o falante (sobretudo, os gestos de auto-adaptação) (Galhano-Rodrigues, 2007: 123).

Uma perspetiva psicológica dos gestos assenta na base de que o gesto é uma ação que possui as características de uma expressividade manifesta e deliberada (Kendon, 2004: 13-14) ou ainda uma ação involuntária e sem um objetivo específico com características de manifesta expressividade (McNeill, 2013: 29). Com efeito, foi possível verificar, através da micro-análise realizada neste capítulo incidida sobre os tipos de gestos destacados, que, numa interação face a face, os gestos podem funcionar como janela para a mente, revelando por vezes mais informação do que a que foi transmitida pela fala (cf. exemplos acima descritos). Podendo ser movimentos reveladores de pensamentos, de estados emocionais, movimentos que descrevem espaços, objetos, indivíduos, que indicam a relação entre falante e referente, movimentos que corroboram ou negam opiniões, os gestos são movimentos que não deveriam ser ignorados numa análise de uma interação face a face, independentemente da sua natureza. Porém, destacam-se aqui as interações ocorridas em contextos forenses, por exemplo, as declarações de um suspeito/arguido e o depoimento de uma testemunha num caso judicial, uma vez que a informação que pode ser transmitida através da execução de um gesto e que não o fora através da fala poderá revelar-se como importante na investigação desse caso. Se o

exemplo descrito acima – de um falante que verbaliza “abri a porta” e executa, em correlação semântica com este enunciado, o gesto que evidencia uma porta de correr com duas folhas – ocorresse num interrogatório policial em que o suspeito se encontrava a descrever o alegado local do crime, mas que tivesse sido observado pela polícia que nesse alegado local não existem portas de correr, poder-se-ia compreender que o alegado local do crime não seria aquele entendido pelos órgãos de polícia criminal, mas um outro em que houvesse, pelo menos, uma porta de correr. Ou então, que o suspeito estaria a mentir. Uma micro-análise desta interação poderia ser, deste modo, importante para o desenrolar da investigação daquele caso, podendo revelar elementos até então desconhecidos e/ou mal-interpretados.

4. OS CONTEXTOS FORENSES

Embora, como anteriormente afirmado, a metodologia de micro-análise que se pretendeu aprofundar na presente investigação possa ser aplicada em qualquer que seja a natureza do contexto no qual se verifique uma interação face a face – contexto político, jornalístico, empresarial, religioso, social, familiar, entre muitos outros que poderiam ser elencados –, tem-se como intenção aqui destacar, de forma particular, os contextos forenses de interação, pelos motivos que foram já sendo apresentados na parte introdutória da investigação e por outros que serão introduzidos, descritos e justificados essencialmente ao longo do presente capítulo, mas que o são de igual forma um pouco por todo o trabalho. Conforme se verificou no capítulo 3, os dados recolhidos no âmbito do presente trabalho não correspondem a interações ocorridas em contextos forenses, facto este que será devidamente justificado no capítulo 5. No entanto, julga-se que o mesmo não invalida o interesse último aqui, que se prende com a tentativa de transmitir e justificar a importância de uma possível aplicação da metodologia de micro-análise em causa neste tipo de contextos. Toda a argumentação que sustenta esta escolha é apresentada e desenvolvida ao longo da presente investigação.

A comunicação e os contextos forenses estão ligados por estreita proximidade e interrelação. Não é possível conceber a ideia de contextos forenses sem a existência de atos comunicativos. Deve entender-se como contextos forenses qualquer situação em que são levantadas questões relacionadas com a lei, englobando todas as etapas de um processo judicial (Granhag e Strömwall, 2004: 3-4) e incluindo os aspetos relativos à linguagem utilizada neste processo. Trata-se de questões que fazem parte do quotidiano das mais diversas instituições da justiça, da aplicação e do cumprimento da lei – os tribunais, a polícia e os estabelecimentos prisionais⁵⁷. Estas são instituições que funcionam sob a alçada do Direito mas, ainda assim, todas realidades distintas, com um funcionamento próprio. Por outras palavras e num sentido lato, entenda-se aqui contextos forenses como todas as situações de interação entre a linguagem e o sistema jurídico, judiciário e ético (www.linguisticaforense.pt). Fazem de igual forma parte dos contextos forenses os indivíduos que neles circulam, tais como os juizes, os magistrados do Ministério Público, os advogados, os investigadores criminais e o cidadão comum, cada

⁵⁷ Os tribunais e os órgãos de polícia criminal serão as únicas instituições descritas, dado que foram as possíveis de ser contactadas no âmbito do presente trabalho. Embora tenham sido abordados alguns, não foi possível, por constrangimentos legais, desenvolver investigação em estabelecimentos prisionais.

um desempenhando funções diferentes, com um papel e um destaque igualmente distintos. No âmbito desta investigação, interessa perceber de que forma funcionam estas instituições de aplicação e cumprimento da lei, nomeadamente os tribunais e os órgãos policiais, no que diz respeito ao modo como nelas se processa a comunicação e, em particular, as estratégias discursivas utilizadas e os métodos de interrogatório seguidos. Dentro dos órgãos de polícia criminal existentes em Portugal, e não obstante a relevância real e quotidiana de outros, será destacado neste trabalho o modo como funciona a comunicação na Polícia Judiciária, pela importância desta polícia no combate ao crime, tanto ao nível nacional como internacional.

4.1. OS TRIBUNAIS

É bem conhecida a retórica utilizada pelos advogados quando pretendem defender ou acusar um indivíduo. O que acontece numa sala de audiências será mais bem entendido se for visto como uma história ou narrativa (Tiersma, 1999: 4). A estratégia argumentativa usada pelos profissionais forenses não é escolhida ao acaso e é adequada ao objetivo pretendido. Muitos estudiosos da linguagem jurídica e, especificamente, das estratégias argumentativas utilizadas numa sala de audiências, designam este uso como ‘narrativo’ (Cotterill, 2003; Heffer, 2005).

Uma narrativa pode ser definida como uma série de acontecimentos transmitidos por ordem e através de uma sequência lógica, salientando a sua organização textual (Cotterill, 2003: 20). O discurso apresentado nos tribunais, principalmente o de abertura, é também caracterizado e definido como um discurso narrativo, com uma sequência lógica e muito própria, passando pelas seguintes fases: orientação, problema, avaliação e resolução (Heffer, 2005: 75-76). Este discurso pode muitas vezes ser decisivo num julgamento (Heffer, 2005; Cotterill, 2003). Os juristas têm consciência desta realidade e os argumentos que escolhem não são aleatórios: um discurso bem articulado, convincente, com argumentos fortes e plausíveis, com palavras minuciosamente escolhidas para o contexto em causa, pode muitas vezes não só mudar o rumo de um julgamento que se pensava quase decidido, como até influenciar a decisão última de um juiz (Heffer 2005: 76-77).

A prosódia semântica tem efeitos concretos, e, muitas vezes, decisivos, aquando da tomada de decisão num julgamento: consiste numa aura de significado marcada pela colocação das palavras nos enunciados (Louw, 1993: 157). Dito de outra forma, cada palavra co-ocorre com um determinado tipo de outras palavras (*collocates*), que normalmente acarretam conotações mais positivas ou mais negativas. Muitas vezes, existem palavras que co-ocorrem com outras de conotação marcadamente negativa, capazes, quando usadas num contexto tão específico como o de um julgamento, de influenciar um juiz em desabono do arguido.

Assim, o discurso emitido pelos magistrados do Ministério Público e pelos advogados num tribunal não deverá ser descurado numa eventual análise linguística de um caso judicial. Aliás, toda a estratégia narrativa e discursiva usada ao longo de um julgamento deverá ser tida em conta numa análise linguística cuidada do mesmo, uma vez que, normalmente, é através da língua que os procedimentos legais se centram no testar da aplicabilidade das generalizações encontradas na lei, generalizações essas relativas a questões particulares de comportamento (Gibbons, 1994: 3-4). Por isso, os julgamentos são acontecimentos linguísticos. Assim, a língua é central no Direito, e o Direito, tal como o conhecemos, não é concebível sem a língua. Muitos advogados orgulham-se da sua mestria de linguagem e concebem-na como uma aptidão vital para os profissionais da área (Gibbons, 1994: 3-4). Deste modo, não só o que está escrito interessa num processo judicial, mas o que é verbalizado adquire igualmente importância numa sala de audiências. O discurso é tão indispensável no Direito como a escrita: pense-se na altura do interrogatório ao arguido, ou ainda nas declarações das testemunhas (Schane, 2006: 1).

4.2. OS ÓRGÃOS DE POLÍCIA CRIMINAL

Em paralelo, não deverão tão-pouco ser descurados nem o discurso nem as estratégias inquiridoras usados pelos investigadores criminais. Nos Estados Unidos, e também no Reino Unido, por exemplo, a polícia possui e segue estratégias de inquirição muito bem estudadas, definidas e adequadas à situação em causa. Nestes países, existem inclusivamente empresas que formam os investigadores criminais e lhes ensinam estratégias para interrogarem mais eficazmente um suspeito. Muita desta formação assenta nas questões da comunicação em interação que são objeto do presente estudo,

nomeadamente na análise dos movimentos cinésicos que um suspeito executa quando está a ser interrogado. A empresa norte-americana Reid⁵⁸ existe há mais de meio século e, entre outras atividades, forma profissionais das mais diversas áreas científicas e geográficas para conduzir inquirições criminais de maneira eficaz. O método de interrogatório da Reid segue nove passos: a confrontação positiva, o desenvolvimento do assunto, lidar com as negações, ultrapassar objeções, procurar e reter a atenção do suspeito, lidar com a atitude passiva do suspeito, apresentar uma pergunta alternativa, detalhar a acusação e detalhar também os elementos de declarações orais e escritas (http://www.reid.com/training_programs/r_interview.html). É possível perceber, portanto, que o discurso dos investigadores criminais também não é aleatório, e que todas as questões colocadas aos suspeitos, a ordem das mesmas e inclusive o vocabulário utilizado são criteriosamente escolhidos e com um propósito bem definido.

Em Portugal não existem, até ao momento, empresas ou outras entidades, públicas ou privadas, coletivas ou individuais, que formem os investigadores criminais para, com profundidade, rigor e método, interrogarem suspeitos e poderem, com uma base científica sustentada, interpretar as diversas modalidades da comunicação humana.

No âmbito do presente trabalho, e com o intuito de se tentar perceber melhor de que forma funcionam os interrogatórios a suspeitos em Portugal, especificamente na Polícia Judiciária, foi realizado um inquérito a cinco inspetores desta instituição⁵⁹. Tendo em conta a reduzida amostra de inquiridos, o presente inquérito – tal como os restantes inquéritos que serão apresentados mais adiante – não é representativo da realidade nacional nesta matéria. Porém, servirá para complementar as afirmações feitas.

Todos os inspetores inquiridos afirmaram conhecer o método de interrogatório da Reid. Apenas um respondeu afirmativamente à questão sobre se havia algum método de interrogatório criminal em Portugal e quatro opinaram que deveria existir um método a ser seguido no país. Todos afirmaram ter recebido formação nesta matéria, mas que esta formação deveria ser mais aprofundada, revelando, assim, algumas lacunas.

⁵⁸ Entre alguns dos clientes da empresa Reid, além de muitos departamentos policiais um pouco por todos os Estados Unidos, encontram-se a US Coast Guard, o FBI e a Homeland Security. Na página http://www.reid.com/training_programs/r_interview.html é possível ter acesso a um vasto leque de informação não só sobre a empresa em si, mas também sobre o trabalho que desenvolve especificamente na área da formação para a condução de um interrogatório policial, em particular sobre os nove passos do interrogatório da Reid.

⁵⁹ Este inquérito pode ser consultado na íntegra na secção 7.1.

Associado às estratégias discursivas e inquiridoras usadas nos tribunais e nos órgãos de polícia criminal, interessa aqui, de igual forma, perceber, por um lado, até que ponto os suspeitos, os arguidos e as testemunhas terão igualdade na posse da palavra quando chamados a prestar declarações e/ou a depor – em comparação com aquela dos juízes, advogados e investigadores criminais; e, por outro lado, de que forma estes profissionais usam a palavra nos contextos forenses.

4.3. A COMUNICAÇÃO EM CONTEXTOS FORENSES

Os conceitos de ‘poder’ e ‘ideologias’ e a sua relação com a linguagem que todos usamos na nossa comunicação assumem um papel de particular relevo quando essa comunicação ocorre em contextos forenses. Um evento discursivo é moldado por situações, instituições e estruturas sociais que, por sua vez, também são por si moldados (Fairclough, Mulderrig e Wodak, 2011: 357). O discurso é influenciado pelas relações sociais de poder e de ideologia, mas estas também são por si influenciadas. É uma relação interdependente para cuja compreensão não só é necessário analisar o discurso em causa, como é vital ter em conta e compreender o contexto histórico e social em que o mesmo foi produzido.

No caso concreto da comunicação em contextos forenses, parece importante perceber de que forma o poder social, o abuso de poder, o domínio e a desigualdade são produzidos, reproduzidos ou resistidos pelos textos e pela fala (van Dijk, 2001: 352). Interessa de igual modo compreender que tipo de relações existem nestes contextos – se relações opacas ou transparentes de domínio, discriminação, poder e controlo manifestadas através da língua e da forma como os discursos são conduzidos. Por outras palavras, é necessário perceber até que ponto as desigualdades sociais (e hierárquicas) são expressas, sinalizadas e legitimadas pelo uso da língua nestes contextos (Wodak, 2001:2). A língua é o principal meio através do qual as instituições criam uma realidade social coerente que enquadra o seu sentido de identidade (Mumby e Clair, 1997). Da mesma forma, as instituições – os seus funcionários e os indivíduos com quem interagem (por exemplo, o público) – são permanentemente construídas e reconstruídas pelas práticas discursivas (Mayr, 2008: 5).

Embora o interrogatório policial, por exemplo, seja uma forma discursiva altamente regulada, sendo estruturada à volta de requisitos legais, a sua “institucionalidade” é construída através da interação dos participantes à medida que negociam os papéis

organizacionais (Heydon, 2005: 4). A par deste caráter institucional, não podemos esquecer que o discurso, tanto numa sala de um estabelecimento prisional, como numa sala de audiências, não é unicamente produzido pelos indivíduos que dominam a linguagem do Direito. A par deste discurso está aquele produzido pelos suspeitos, pelos arguidos e pelas testemunhas (*lay people*), normalmente indivíduos que não dominam a linguagem jurídica e que produzem um discurso num registo linguístico do quotidiano. Verifica-se, assim, uma disparidade linguística inequívoca, para não mencionar a questão do poder e do domínio discursivos, isto é, quem e de que forma lidera o discurso num tribunal e numa esquadra de polícia e, conseqüentemente, tem mais poder sobre os outros. O discurso produzido tanto pelo suspeito, como pelo arguido, como ainda pelas testemunhas num caso judicial é controlado por quem domina, isto é, pelos juizes, magistrados do Ministério Público, advogados e investigadores criminais. Os indivíduos não pertencentes à esfera do Direito e presentes na interação numa sala de audiências não controlam totalmente as suas contribuições orais (Clark, 1996). As testemunhas estão limitadas no modo e no tempo como formulam e executam as suas ações em tempo real. Não possuem qualquer controlo sobre quando falar ou agir. Dirigem-se ao local que lhes é destinado quando chamadas a depor, têm de responder às perguntas que lhes colocam, não devendo fugir do assunto das mesmas. Não se expressam tão-pouco como o fariam noutras circunstâncias – em parte porque se encontram sob enormes restrições devido às regras impostas –, devem cingir-se às perguntas que lhes são colocadas, foram chamadas a depor para uma das partes naquele caso em concreto e, por conseguinte, sentem-se na obrigação de seguir uma determinada linha de diálogo (Heffer, 2005: 47).

Existe um conjunto de características da interação face a face que constitui o que se considera elementar na comunicação: (1) a co-presença, (2) a visibilidade, (3) a audibilidade, (4) a instantaneidade, (5) a evanescência, (6) a memorização, (7) a simultaneidade, (8) a extemporaneidade, (9) a autodeterminação e (10) a auto-expressão. Tendo em conta cada uma destas características, podemos constatar que a comunicação numa sala de audiências, por exemplo, acarreta uma complexidade considerável (Clark, 1996: 9-11).

Nesta linha, e sabendo que os principais intervenientes em tribunal partilham o mesmo espaço físico, podemos afirmar que estão co-presentes (1) e que podem ver-se (2) e ouvir-se (3). No entanto, em tribunal, estas questões básicas da interação face a face podem ser afetadas de diversas maneiras: o juiz pode não conseguir ver claramente as expressões

faciais do arguido e das testemunhas e, frequentemente, aquele tem de lhes pedir para elevarem o tom de voz. Pode também acontecer que os intervenientes sejam capazes de perceber no imediato o comportamento e ações de cada um deles (4), embora a complexidade do ato comunicativo que ocorre numa sala de audiências não permita que tudo seja filtrado e fixado exatamente da mesma maneira por todos os presentes. O meio oral do discurso garante, normalmente, que o que é dito é esquecido rapidamente (5) dado que não deixa registo em gravação (6). Em tribunal, no entanto, as declarações orais dos arguidos e o depoimento das testemunhas são normalmente gravados, embora não sejam, deste modo, incluídas as restantes modalidades. A interação em tribunal, ao contrário do que acontece numa outra situação de interação face a face, não permite situações de interrupção, sobreposição ou ênfase e apoio do discurso através de elementos não-linguísticos (“aha”, “uhum”...) (7). Há, assim, um acréscimo de formalidade e distância. Os intervenientes numa interação em tribunal que não sejam juristas, como por exemplo o arguido ou as testemunhas, não detêm um controlo geral do que dizem: a sua contribuição em tempo real é limitada e orientada pelos juristas (8). Não podem controlar a altura própria para falarem (9): são chamados pelo juiz para prestarem as suas declarações, mas têm de obedecer às regras e exigências deste. Por fim, não poderão comunicar como eles, naturalmente (10), quer porque estão limitados pelas regras impostas pelo sistema, quer porque são conduzidos e encaminhados por aquilo que os juristas lhes pedem e questionam (Clark, 1996).

Faz parte da estratégia discursiva dos juízes, dos magistrados do Ministério Público, dos advogados e dos investigadores criminais deter o poder discursivo sobre os indivíduos que estão a ser interrogados. Normalmente, a quantidade de perguntas que fazem é muito superior à quantidade de respostas dos interrogados. Muitas das vezes, as perguntas feitas pelos advogados e pelos investigadores criminais já contêm assunções perentórias, que dificilmente poderão ser contrariadas pelos interrogados, mesmo não sendo verdadeiras. Acontece, também, que os advogados e os investigadores criminais podem, muitas vezes, reformular e orientar o discurso dos interrogados a seu favor, modificando os argumentos de acordo com os seus interesses. Inclusivamente, as pausas e os momentos de silêncio (Zellner, 1994) usados pelos interrogados são, com frequência, deturpados, uma vez mais, a favor dos interesses e objetivos dos advogados e dos investigadores criminais. Além disso, a ordem como o advogado ou um investigador criminal coloca os assuntos a debater pode, também, influenciar o juiz em desfavor dos suspeitos, arguidos e testemunhas.

Além disto, estes apenas poderão responder a questões postas no momento e não retomar outras colocadas anteriormente (Eades, 2010: 52).

É defendido, em relação à disparidade do poder discursivo existente na sala de audiências/sala de interrogatório policial, que a mesma é maioritariamente o produto da situação social existente nesses espaços, mas também poderá ser parcialmente o resultado do uso de uma linguagem complexa. Estas disparidades de poder são tanto reveladas como impostas pela linguagem usada (Gibbons, 1994: 8). Com efeito, os suspeitos, os arguidos e as testemunhas, além de se encontrarem numa posição inferior em termos não só hierárquicos, como inclusivamente socioculturais (estão a ser interrogados, julgados ou a ainda a depor num caso judicial), também as respetivas intervenções são marcadamente balizadas no que respeita ao tempo, às oportunidades para falar e às regras institucionalizadas, que atribuem muito mais poder aos juristas do que aos cidadãos interrogados.

Heffer (2005) distingue dois tipos de discurso usados em tribunal: o discurso narrativo e o discurso paradigmático. Por “discurso narrativo” entenda-se aqui um tipo de discurso contendo vocabulário do quotidiano, acessível, que segue uma lógica de história, com uma introdução, desenvolvimento e conclusão. Por “discurso paradigmático” entenda-se um modo discursivo com vocabulário mais técnico, não acessível a quem não o domina, seguindo uma estrutura mais próxima das regras da lógica e com recurso a conceitos e definições mais complexos (cf. Heffer, 2005). Defende que, embora estes tipos de discurso possam parecer contraditórios, ambos são usados com objetivos muito específicos. Apesar da ideia comum de o discurso dos juristas ser bastante complexo e pleno de palavras e expressões que poucos dominam, este autor defende que, quando os advogados se dirigem aos arguidos ou às testemunhas em tribunal, muito raramente se servem de um tipo de discurso pouco compreensível para aqueles, optando assim por usar um discurso marcadamente narrativo e, conseqüentemente, mais perceptível. Por outro lado, necessitam, por vezes, de enunciar e/ou aplicar leis e de usar um tipo de raciocínio mais lógico, recorrendo a definições e regras, usando, desta forma, um discurso paradigmático (Heffer, 2005). Porém, a questão reside em saber se os juízes, os magistrados do Ministério Público e os advogados utilizam o discurso paradigmático apenas e só quando têm de enunciar e/ou aplicar alguma regra ou lei, ou se o fazem, por vezes, como parte da sua estratégia retórica para convencer, deturpar ou mesmo confundir os arguidos e/ou as testemunhas como melhor lhes interessa e convém. Analisar sob a

esfera da Linguística estas e outras questões (nomeadamente, os movimentos cinésicos) relacionadas com a comunicação em contextos forenses parece ser, assim, importante para uma leitura e interpretação de casos judiciais que se pretendem isentas e eficazes.

4.4. A PSICOLOGIA E A LINGUÍSTICA

A realidade destas instituições da aplicação e do cumprimento da lei era, até meados do século XX, dominada quase exclusivamente pela esfera do Direito. As décadas de 1960, 1970, 1980 e, particularmente as de 1990 e 2000, foram ricas em alterações nestes contextos: outras áreas disciplinares começaram a interessar-se mais em pormenor por aspetos relacionados com o quotidiano destas instituições, nomeadamente a Psicologia e a Linguística e, dentro destas, a Psicologia e a Linguística Forenses, respetivamente.

4.4.1. A PSICOLOGIA FORENSE

A Psicologia Forense tem-se dedicado, entre outros assuntos, ao estudo de questões como a memória e as emoções em contextos de processos penais e cíveis (Poiares, 2003; Anastácio, 2009; Freitas-Magalhães, 2015). “A conjugação entre as ciências do comportamento e o Direito fizeram ressurgir novos potenciais de resposta a perguntas apenas alcançáveis com recurso ao estreitar da relação entre ambas as áreas de conhecimento” (Baúto, 2004). Vários trabalhos de investigação têm vindo a ser desenvolvidos no âmbito da Psicologia Forense e, inclusive, muitos profissionais da área têm prestado serviço como peritos em processos judiciais.

Não podemos esquecer que os intervenientes nos contextos forenses são seres humanos e que, além de toda uma máquina judicial bem assente e estruturada que rege este tipo de contextos, existe a componente humana em interação que não deve ser descurada. Parece, assim, que a ligação entre a Psicologia e o Direito é necessária e pertinente.

O Direito e a Psicologia parecem dois mundos condenados a entenderem-se (Sobral, Arce e Prieto, 1994), porém, e dado que são áreas distintas com linguagens e objetivos igualmente diferentes, não se têm aproximado como porventura poderiam (Lopez, 2004). Segundo Anastácio (2009), foram salientados três momentos em que a Psicologia e o Direito se cruzaram e marcaram a sua história: o primeiro, a obra de Münsterberg (1908),

onde vêm representadas as necessidades que a lei tem de conhecer e aplicar os conhecimentos psicológicos, em particular na Psicologia do Testemunho; em 1954, o segundo momento, quando o Tribunal Supremo dos Estados Unidos da América afirmou que a segregação racial legalizada nas escolas públicas seria uma violação dos direitos constitucionais; e o terceiro, em 1962, referindo-se a um caso a decorrer em tribunal, onde as opiniões mudavam entre um psicólogo e um psiquiatra no que diz respeito ao estado de saúde mental do arguido. O juiz acabou por admitir o diagnóstico traçado pelo psicólogo. A ligação entre o Direito e a Psicologia está, desde há muito, pensada, quer em termos teóricos, quer nas práticas forenses, abarcando os discursos e as atividades jurídicas institucionais (Anastácio, 2009: 10-11).

A memória dos indivíduos que respondem a interrogatório em contextos forenses tem sido, de igual forma, estudada pela Psicologia Forense. Segundo Altavilla (2003), a memória é mais concetual do que verbal e o que recordamos é apenas uma radiografia que antes se mostrava como uma fotografia, danificada pelo tempo. O indivíduo que presta depoimentos na esfera judicial, ao ser forçado a recordar, reveste a radiografia mnemónica com pormenores imaginados com o objetivo de suprir lacunas, pormenores esses que não constaram das suas declarações prévias, criando assim uma condicionante à exatidão do testemunho. Ora, tendo em conta que quem julga baseia as suas decisões nos relatos “recordados” por alguém que foi coagido a prestar declarações, verifica-se assim um problema de importância nos atos judiciais: a pouca fiabilidade/grande debilidade das decisões judiciais. Segundo Esteves (2004), muitas destas “recordações” não correspondem à verdade dos factos, devido a lacunas na memória, sendo assim muitas vezes condenados indivíduos inocentes, tal como defendeu Floriot (1972) (Anastácio, 2009: 16-17).

Ainda sobre a memória, afirma-se no campo da Psicologia Forense que o ato de recordar compreende três processos diferentes: a aquisição da informação e conseqüente codificação, o modo como o assunto é estabelecido (codificado) na memória; o armazenamento, onde é registada a experiência codificada no traço mnésico, havendo a possibilidade desta informação ser retida por períodos de tempo desiguais; e a recuperação, o momento em que é reduzido um determinado traço mnésico (Anastácio, 2009: 18). A situação de contar uma história ou um evento pode ser feita por recordação ou reconhecimento. Porém, nas declarações prestadas em que se revela necessário lembrar alguma situação passada, os três estádios acima mencionados podem ser afetados

por perturbações (Anastácio, 2009: 18). Proporcionam-se vários motivos para o esquecimento, como a decadência, em que o traço mnésico experimenta erosões até se degradar por completo; a interferência, em que a informação foi incorretamente aliada a outras informações que condicionam a sua recuperação; as alterações da memória, onde é o sujeito que quer organizar a sua memória à medida que tenta recordá-la; e as deslocções, em que a informação presente é substituída por outra mais recente (Gleitman, 1999).

Não é suficiente ouvir e descrever para testemunhar – está sempre presente uma margem de interpretação, mesmo que seja inconsciente. Assim, advém a necessidade de descodificar a mensagem que é difundida, com o intuito de atingir o verdadeiro conteúdo do testemunho, isto é, o seu intra-discurso (Louro, 2005). Assim, vemos como muitas vezes os discursos apresentados em tribunal podem ser desfocados da realidade, mesmo que quem os relate não tenha consciência disso. A memória do ser humano não é infalível e, por diversos motivos, na altura de prestar um depoimento, os acontecimentos e o relato dos mesmos podem não ser narrados de forma natural e fluente como deveriam, podendo tal facto dar azo a uma interpretação errada por parte de quem julga. O juiz poderá entender esta falta de fluência e de pormenorização nos relatos de quem depõe como sinónimo de falta de verdade, o que nem sempre pode ser o caso. Em tribunal, é sobre o juiz que incide o encargo de decidir relativamente aos factos e este, não obstante a sua natureza humana, imputar-lhes-á, certamente, um certo grau de subjetividade: trata-se, tal como anteriormente afirmado, de um ser humano, revestido com crenças, atitudes, preconceitos e estereótipos, agregando-os à lei a que está subjugado (Anastácio, 2009: 41).

Poiares (2003) afirma que o juiz, entidade para quem se dirige os depoimentos, projeta-se no discurso que lhe é endereçado. Um juiz tem espaço para julgar de acordo com a sua experiência pessoal e profissional, isto é, de acordo com as suas próprias crenças (Champagne e Nagel, 1997). Nos juízes, tal como em qualquer ser humano, existem forças que não reconhecem e que não conseguem nominar, e que disputam neles mesmos instintos herdados, crenças tradicionais, convicções adquiridas. E o resultado é um modo de se ver a vida, uma conceção de necessidades sociais. A partir desse pano de fundo mental, todos os problemas encontram um abrigo. Podemos tentar ver as coisas tão objetivamente quanto podemos. Todavia, não podemos ver as coisas com outros olhos exceto com os nossos próprios (Cardozo, 1992).

Segundo o artigo 127.º do Código de Processo Penal, um juiz profere uma sentença baseando-se em vários cenários, e a prova de um caso pode ser avaliada de acordo com a sua experiência, preconceitos e convicções. No entanto, e tendo em conta que um juiz é um ser humano – tal como o é quem está a ser julgado – o mesmo pode cometer erros nas suas apreciações, podendo ser, por exemplo, influenciado por algo que o tenha sugestionado devido a alguma experiência própria.

Assim, “[...] na falta de uma lei aplicável, o juiz deve proferir as suas sentenças de acordo com o costume e, na falta deste, de acordo com as regras que ele estabeleceria se tivesse de assumir o papel de legislador”, dado que “o juiz, mesmo quando livre, não o é totalmente. Não deve inovar a seu bel-prazer. Deve inspirar-se em princípios consagrados. Não deve ceder ao sentimento vago e irregular” (Cardozo, 1992).

Deste modo, podemos compreender a complexidade existente em contextos como os forenses, no que diz respeito a vários aspetos: além de todo o enquadramento jurídico, por si só subjetivo, existe toda uma componente emocional e psicológica inerente a cada um dos seres humanos presentes naqueles contextos que não deverá ser descurada. Mesmo havendo por vezes afinidades de padrões comportamentais, de padrões educacionais, sociais e culturais, existe sempre uma idiossincrasia inata em cada ser humano que, num contexto tão específico como o criminal, particularmente se os intervenientes pertencerem a culturas diferentes, adquire proporções que podem ter consequências graves para a vida de quem está a ser julgado, se todas estas condicionantes não forem tidas em conta. Não obstante os juízes serem dotados de inteligência, de experiência, de senso comum que os ajudam a ver e analisar as coisas de forma o mais imparcial possível, os condicionalismos mentais e emocionais são tantos – inerentes à nossa condição humana, à qual estamos inexoravelmente subjugados e da qual não é possível libertarmo-nos – que as leituras que muitas vezes fazem podem não corresponder à realidade. O subconsciente nunca dorme e, por vezes, pode ser responsável por uma má decisão jurídica.

4.4.2. A LINGUÍSTICA E A COMUNICAÇÃO NOS CONTEXTOS FORENSES

Além da Psicologia, estas idiossincrasias da comunicação em contextos forenses têm igualmente sido, ao longo do último meio século, alvo de interesse de disciplinas como a Linguística e, dentro desta, de uma área da Linguística Aplicada – a Linguística Forense

– que analisa a comunicação nestes contextos, criando assim uma ponte entre o discurso, a linguagem e o Direito.

4.4.3. A LINGUÍSTICA FORENSE

A Linguística Forense tem como finalidade aplicar os conhecimentos/matérias dos diversos domínios da Linguística no estudo de questões relativas à linguagem usada nos contextos forenses. Tem como primeiro objetivo sustentar a ligação entre a linguagem e o Direito sob todas as suas formas (Gibbons, 2003: 12), e encontra-se estruturada em várias subáreas, que vão desde a linguística como auxílio à investigação policial até à linguagem da lei, passando pela linguagem dos tribunais, pela linguagem utilizada em contextos policiais, pelo multilinguismo e pelos direitos linguísticos, não esquecendo a linguagem como prova (www.linguisticaforense.pt).

4.4.3.1. Percurso histórico

Jan Svartvik publicou em 1968 *The Evans Statements: A Case for Forensic Linguistics*, em que analisava os depoimentos prestados por Timothy Evans sobre as mortes da mulher e da filha, os quais tinham sido entendidos como incriminadores. Estes depoimentos evidenciavam um estilo gramatical diferente quando comparados com as partes incontestadas dos mesmos, e esta análise deu origem a uma nova área de perícia forense (Coulthard e Johnson, 2007: 5). Pela mesma altura, começou a surgir um interesse mútuo de juristas por questões linguísticas e de linguistas pelas particularidades da linguagem jurídica. Os linguistas começaram a analisar matérias relacionadas com o Direito, interesse em grande parte despoletado pelos pedidos de profissionais desta área. Este interesse ia no sentido de obterem opiniões de peritos linguistas com o objetivo de ajudar, por um lado, os advogados a prepararem os seus casos – tanto penais como cíveis – e a propô-los posteriormente em tribunal; por outro, de assistir as agências e instituições da aplicação e do cumprimento da lei na avaliação das provas em investigações e processos criminais (Butters, 2011: 197).

No entanto, o crescimento da Linguística Forense foi lento. Em locais pouco expectáveis, surgiam artigos isolados nos quais o autor, geralmente um linguista de renome, analisava confissões ou comentava a autenticidade dos registos de uma interação, ou identificava e avaliava também inconsistências na linguagem que tivesse sido atribuída a imigrantes pela polícia nos seus registos escritos dos depoimentos, ou confrontava ainda as

semelhanças existentes na linguagem usada por marcas comerciais rivais (Coulthard e Johnson, 2007: 5). Não obstante este retardamento no desenvolvimento da área, nos últimos vinte anos verificou-se um aumento considerável de estudos no âmbito da Linguística Forense, bem como a participação e intervenção de peritos linguistas em casos judiciais.

4.4.4. PRINCIPAIS ÁREAS DE ESTUDO/INVESTIGAÇÃO

Relativamente às matérias estudadas pela Linguística Forense, foi feita inicialmente uma distinção entre, por um lado, a análise da linguagem dos processos judiciais e, por outro, da linguagem como prova (o trabalho do linguista enquanto perito), que implica tanto a elaboração de relatórios escritos, como a apresentação oral de provas em tribunal (Coulthard e Johnson, 2010: 7). Posteriormente, esta distinção foi reformulada, passando as matérias da Linguística Forense a ser divididas em três subáreas: a linguagem escrita da lei, a interação verbal em contextos legais e a linguagem como prova (Coulthard e Johnson, 2010: 7).

Os trabalhos realizados no âmbito da Linguística Forense têm incidido sobre matérias como a violação de direito de autor e marcas comerciais, plágio, eficácia de rótulos de advertências (por exemplo, em produtos de consumo), identificação de falantes, país de origem de requerentes de asilo, competência linguística de suspeitos que são falantes não nativos, qualidade da tradução e interpretação em contextos legais, significado de trechos relevantes ou, inclusivamente, de determinadas palavras, textos falados e escritos, bem como a autoria de mensagens de texto, e-mails, tweets, cartas de suicídio, testamentos e confissões policiais contestadas (Coulthard e Johnson, 2007), a linguagem dos documentos jurídicos, a linguagem da polícia e das restantes instituições tanto de aplicação como de cumprimento da lei, os interrogatórios a crianças e a testemunhas vulneráveis no sistema judicial, as interações na sala de audiências, as provas linguísticas e peritagem nos tribunais, a atribuição de autoria e situações de plágio, a fonética forense e identificação do falante (Coulthard e Johnson, 2007: 5).

O estudo destas matérias de interesse da Linguística Forense tem vindo a desenvolver-se de modo crescente em países como o Reino Unido, Espanha e Estados Unidos⁶⁰, onde existe uma grande quantidade de investigação realizada. Além disso, nestes países não só

⁶⁰ Países onde a Linguística Forense conta com um maior número de investigadores, peritos e cursos universitários a nível mundial.

existem cursos universitários especificamente nesta área⁶¹, como também alguns dos profissionais formados nas universidades têm colaborado com a Justiça enquanto peritos na análise de processos judiciais. Neste contexto, destacam-se, entre outros, Roger W. Shuy (1996; 1998; 2001; 2005; 2006; 2010), Estados Unidos, Malcolm Coulthard (1992; 1994; 2005; 2007; 2010), Reino Unido, e M. Teresa Turell (2009; 2010; 2012), Espanha – exemplos de três linguistas forenses que contam com um longo percurso de experiência.

Em Portugal, a existência da Linguística Forense é mais recente. Ainda não existem cursos universitários total e especificamente versados sobre esta disciplina, mas conhecem-se iniciativas e eventos relacionados com a área⁶², bem como investigadores que têm vindo a desenvolver projetos e inclusivamente a colaborar como peritos em casos judiciais. Neste âmbito, destacam-se Conceição Carapinha (2006; 2008; 2011) e Rui Sousa-Silva (2011; 2014).

4.4.5. O LINGUISTA FORENSE

De maneira a poder participar como perito num caso judicial, um linguista forense é, na sua base, um linguista, com todas as implicações científicas e metodológicas inerentes (Shuy, 2006). Para se ser um bom linguista forense e conseguir analisar com método, rigor e êxito casos judiciais, é necessário, antes de mais, possuir-se bons, sólidos e vastos conhecimentos nas mais diversas áreas da Linguística, como a fonética, a fonologia, a morfologia, a sintaxe, a semântica e a pragmática (Shuy, 2006: 7). No entanto, e se for seu objetivo analisar componentes não verbais da comunicação humana – movimentos cinésicos, por exemplo –, o linguista deverá ter consciência e saber analisar de forma sustentada as idiossincrasias sociais, culturais, linguísticas e psicoemocionais dos indivíduos, uma vez que as singularidades comunicacionais e comportamentais de cada um são, conforme já referido, importantes na transmissão de uma mensagem. O modo específico como alguém comunica – as expressões verbais que utiliza, os gestos e os restantes movimentos cinésicos que executa, as pausas que faz no seu discurso, os momentos de silêncio, entre outros aspetos – pode conduzir a uma interpretação errada dessa mensagem por parte do(s) seu(s) interlocutor(es). E não se deve ignorar que cada indivíduo encerra em si mesmo preconceitos, experiências, cultura – toda uma

⁶¹ As Universidades de Aston (Birmingham, Reino Unido), de Cardiff (Reino Unido), da Pensilvânia (Estados Unidos), de Hofstra (Nova Iorque, Estados Unidos) e Pompeu Fabra (Barcelona) são exemplos de instituições que oferecem cursos de diferentes ciclos especificamente em Linguística Forense.

⁶² Conferência Internacional de Linguística Forense realizada em outubro de 2012, no Porto.

circunstância de vida que lhe molda de modo inexorável a sua forma de estar, de pensar, de agir e de julgar (Anastácio, 2009), como já foi igualmente mencionado.

Esta idiossincrasia comunicacional adquire proporções de maior importância e relevo quando, por exemplo, alguém é constituído arguido e tem de prestar declarações em tribunal, uma vez que a forma particular como cada um comunica poderá ser incorretamente interpretada e, conseqüentemente, esta interpretação poderá decidir de forma injusta o seu destino, face à sanção que lhe for aplicada. Neste contexto forense, os indivíduos estão expostos a uma realidade pouco confortável, em que, sendo arguidos, tentam provar que estão inocentes ou, sendo testemunhas, terão de prestar depoimento tentando corroborar a inocência do arguido ou colaborar na incriminação do mesmo. É do conhecimento comum que não se revela tarefa simples estar envolvido num processo judicial, prestar declarações em tribunal e expor-se perante indivíduos hierarquicamente superiores (Heffer, 2005). Pelo contrário, trata-se de uma situação complexa e, na maioria dos casos, inibidora para quem nela se encontra.

A importância e relevo das características comunicacionais de cada indivíduo são ainda maiores quando esse tribunal não está instalado no seu país de origem. Neste contexto, estamos perante uma interação realizada entre indivíduos cultural e linguisticamente distintos, possuindo um conhecimento do mundo muito moldado pela sua proveniência e pela sua circunstância de vida. Para que uma interação face a face ocorrida num contexto intercultural seja bem-sucedida, ou seja, para que a mensagem transmitida seja interpretada de forma correta, é necessário que os intervenientes possuam não só conhecimento da língua da interação, mas também do significado dos gestos e dos restantes movimentos cinésicos usados, uma vez que muitos são culturalmente marcados e ambíguos (Aghayeva, 2011: 53). Existe um enorme desafio para quem tem como objetivo tornar-se fluente e capaz de comunicar com eficácia e rigor no seio de uma cultura que não a sua, no intuito de dominar as regras da comunicação interpessoal. Para alguém se tornar um perito em perceber e interpretar as diferenças culturais existentes na comunicação face a face, é necessário que domine não só a língua em causa (Molinsky, Krabbenhoft, Ambady e Choi, 2005: 380), mas também os significados dos gestos e dos restantes movimentos cinésicos executados numa interação (Elfenbein e Ambady, 2002), uma vez que esses significados podem ser diferentes de cultura para cultura.

Parece evidente que a existência de diferenças no uso e significado dos gestos e outros movimentos do corpo em grupos culturais distintos pode originar dificuldades na interpretação da mensagem e, conseqüentemente, problemas na comunicação. Tendo em conta que dois terços da comunicação em interação é transmitida pelos movimentos do corpo, será talvez possível perceber de forma mais concreta a possibilidade de existência de mal-entendidos na comunicação, não só intracultural, mas sobretudo intercultural. Assim, o êxito na comunicação intercultural será tanto maior quanto mais profundo for o conhecimento do significado dos movimentos cinésicos usados nos grupos culturais em causa (Aghayeva, 2011: 53).

No caso concreto dos contextos forenses, não só as especificidades da identidade linguística de cada um assumem contornos muito relevantes na interação, como as questões culturais e os movimentos cinésicos podem ser vitais para uma (in)correta interpretação, por parte de um juiz e/ou de um investigador criminal, do que se transmite. Esta interpretação poderá conduzir à libertação do indivíduo ou, no pior dos cenários, à sua condenação, uma vez que, sendo indivíduos oriundos de realidades culturais e linguísticas diferentes, o modo como interpretam o discurso e o comportamento do outro poderá não corresponder à realidade. E aqui, o papel do linguista poderá ser importante, pois, num mundo cada vez mais globalizado, não é incomum a existência de indivíduos envolvidos no sistema judicial de um país diferente do seu. Deste modo, o papel de uma estratégia correta de comunicação intercultural e a existência de alguém que seja apto para, de forma científica e sustentada, interpretar mensagens numa interação realizada entre indivíduos da mesma cultura e entre indivíduos de culturas distintas, pode revelar-se muito importante quando se pretende evitar mal-entendidos.

A globalização exige uma maior necessidade de um contacto intercultural e, assim, a sociedade deverá redefinir e reestruturar a comunicação intercultural de maneira a conseguir uma eficácia real, rigorosa e efetiva nas interações entre diferentes culturas (Aghayeva, 2011: 60). Além de toda a especificidade presente nos contextos forenses, sejam intra ou interculturais, verifica-se ainda aqui, como observado, uma estrutura hierárquica bastante vincada e com características muito próprias, onde a experiência de quem julga se pode revelar vital no desenrolar e na conclusão de um processo judicial.

4.5. A EXPERIÊNCIA PESSOAL E SOCIOCULTURAL DE QUEM INTERROGA E JULGA

Parece revelar-se necessário perceber quem é o indivíduo que está na “posição de conforto”, a julgar e a avaliar quem está a ser acusado ou é suspeito de ter cometido um crime. Os juízes e os investigadores criminais são, antes de mais, seres humanos com todas as peculiaridades inerentes. São profissionais que estudaram e que fizeram um percurso académico e profissional que lhes permitiu chegar à magistratura e às funções de investigadores criminais. Toda a formação e treino que estão ligados a estes cargos de elevada responsabilidade são importantes e visam preparar estes indivíduos para as funções que vão desempenhar como juízes e como investigadores criminais. Tanto uns como os outros, na formação que recebem, são alertados para as questões da imparcialidade da justiça, tentando os seus mestres formá-los no sentido de não serem indivíduos preconceituosos nem parciais nas suas visões e convicções. No entanto, sabemos também que, na realidade, o que acontece é um pouco diferente.

Não se pretende criticar aqui a personalidade nem o desempenho no dia a dia dos juízes e dos investigadores criminais, mas reiterar que nenhum ser humano, por mais formação que receba neste sentido, é totalmente desprovido de convicções, assunções, preconceitos, escolhas e preferências (Anastácio, 2009). Cada juiz, tal como cada investigador criminal, é um ser humano com uma circunstância muito própria e marcada, que cresceu no seio de uma família específica, com convicções, valores e crenças muito próprios, que tem (ou não) mais ou menos afinidade com algum partido político, clube de futebol ou religião, que viveu determinadas experiências (positivas e negativas) que o moldaram na pessoa que é. Existe, assim, toda uma circunstância e uma mundividência que torna aquele juiz e aquele investigador criminal – aquele indivíduo em particular – com aquelas características que o tornam único e que o distinguem de todos os outros.

Por muito que alguém pretenda desvincular-se de todos os preconceitos e de todas as convicções, tentando ser o mais imparcial possível nas suas opiniões e julgamentos, não é humanamente possível haver imparcialidade e objetividade totais. Considerar-se-á muito difícil, por exemplo, que um indivíduo de etnia cigana seja apresentado como arguido num tribunal português e que o juiz, no imediato, não ative na sua mente todas as ideias e preconceitos que tem sobre a dita etnia. É evidente que a sua função como juiz é analisar o caso em questão tendo como base os depoimentos que lhe são apresentados e as provas (se as houver) que também lhe são mostradas, independentemente da raça,

etnia ou credo da pessoa que tem à sua frente. Deverá analisar todo este material e julgar o caso baseando-se na lei existente. Mesmo quando os indivíduos em questão pertencem à mesma cultura que o juiz, existirão sempre questões que suscitarão problemas – diferenças religiosas, diferenças de estatuto social, de educação, de maneira de estar e de se apresentar, para nomear apenas algumas. Mais ainda então, a probabilidade da existência de julgamentos errados e preconceituosos aumenta consideravelmente quando perante o juiz está um indivíduo oriundo de outra cultura.

Milton Bennett (2004) desenvolveu um modelo que aborda a questão da “sensibilidade intercultural”. Bennett considera que há pessoas que demonstram mais facilidade em interagir com indivíduos de outras culturas e outras que apresentam visivelmente mais problemas neste tipo de interação. O seu modelo, que designou por *Developmental Model of Intercultural Sensitivity, DMIS* (Bennett, 1986; Bennett, Bennett e Allen, 2003; Bennett, 2004), descreve o fenómeno da sensibilidade que os indivíduos têm ou não perante culturas diferentes e as várias fases que este fenómeno pode englobar:

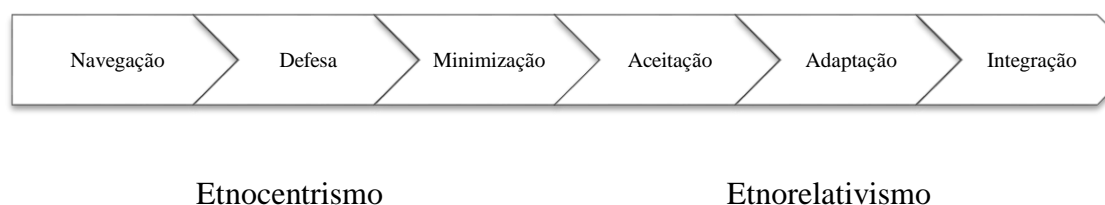


Imagem 24 – As fases etnocêntricas do desenvolvimento (Bennett, 2004: 63)

À medida que as pessoas se tornaram mais competentes interculturalmente, parece que se verificou uma grande mudança na qualidade das suas experiências comunicacionais, que Bennett designa pela transição do etnocentrismo para o etnorelativismo. O autor usou o termo “etnocentrismo” para se referir à experiência da cultura do próprio indivíduo como “central à realidade”. Por outras palavras, as crenças e os comportamentos que as pessoas adquirem na sua sociabilização primária não são questionados – experienciam as coisas exatamente da maneira como elas são. Por “etnorelativismo”, Bennett quer significar o contrário de etnocentrismo – a experiência das nossas próprias crenças e comportamentos como apenas uma organização da realidade possível entre várias outras (Bennett, 2004: 64).

Este estudo de Bennett serve de base para uma questão essencial na presente investigação: até que ponto os juízes e os investigadores criminais são dotados desta “sensibilidade intercultural”? Será que quando têm à sua frente um indivíduo oriundo de uma outra cultura, ativam na sua mente questões importantes que lhes vão permitir não avaliar o outro de maneira preconceituosa por pertencer a outra cultura, ou passar-se-á exatamente o contrário? Será que conseguem dirigir o seu interrogatório e avaliação tendo em mente que estão a lidar com uma pessoa com uma mundividência totalmente diferente da sua, com ideias, crenças e valores culturalmente marcados e diferentes dos seus? E que tal não as torna forçosamente melhores nem piores do que eles? As respostas a estas questões variam consoante o juiz e o investigador criminal em questão, e da sensibilidade intercultural que possam (ou não) ter.

Não obstante a existência de uma maior ou menor sensibilidade cultural, a sua condição humana de ser preconceituoso e parcial será sempre um fator muitas vezes decisivo presente em todas as avaliações e julgamentos que fizer. Assim, existe, como se pode verificar, um conjunto de aspetos que poderão influenciar uma opinião de um investigador criminal e um julgamento de um magistrado judicial em tribunal, por mais imparciais que estes profissionais tentem ser (e não se questiona nem se duvida que a maior parte tente efetivamente sê-lo).⁶³ Aqui, entra-se numa parte essencial do ser humano, ligada às crenças, aos preconceitos e aos valores, que é a componente emocional de cada um.

4.6. AS EMOÇÕES DE QUEM INTERROGA E JULGA

O que é uma emoção? Esta pergunta foi formulada exatamente desta maneira por William James (1884), sendo o título de um artigo que escreveu para a *Mind*⁶⁴ há mais de cem anos (Lewis e Haviland-Jones, 2004: 3).

Um dos primeiros e mais proeminentes autores a estudar a emoção foi Charles Darwin (1872). Darwin observou e analisou as expressões faciais, bem como os

⁶³ Nesta investigação, noções próximas da Psicologia, da Neurologia e das Ciências Cognitivas, entre outras, serão abordadas sempre que necessário. No entanto, a profundidade conferida a estas matérias será relativa: a corrente base deste trabalho é a Linguística e fica fora do seu âmbito e objetivos uma análise profunda e pormenorizada sobre estas questões. Serão, no entanto, abordadas devido à sua importância e pertinência.

⁶⁴ A *Mind* é uma publicação científica centrada em áreas como a Psicologia e a Neurociência, entre outras áreas relacionadas.

gestos/movimentos do corpo, tanto na espécie humana como nos animais, e defendia que, enquanto os gestos/movimentos do corpo podem estar relacionados com pensamentos, ações, desejos, fantasias, entre outras questões, as expressões faciais estão relacionadas apenas com as emoções. Darwin, embora sustentasse a ideia da universalidade na expressão das emoções, sobretudo através das expressões faciais exibidas, reconheceu que os gestos não são universais, mas convenções aprendidas socialmente e culturalmente marcadas (Darwin, 1872: xxii). No entanto, muitos dos seus contemporâneos discordavam das suas teorias de universalidade relativas à expressão das emoções, nomeadamente alguns antropólogos como Margret Mead⁶⁵ que considerava que as expressões faciais variavam de cultura para cultura, e que a mesma expressão significava uma emoção diferente de acordo com a cultura na qual era exibida (Darwin, 1872: xxiii). Mais tarde, Ekman (1992) concluiu que, embora haja emoções expressas de forma universal, existem igualmente emoções tipicamente pertencentes a um determinado grupo social/cultural e que os indivíduos reagem não só perante fenómenos da vida (música, trovões, atividade física), mas também para lidar com interações interpessoais (Ekman, 1992: 171-172).

Damásio (1999), numa breve perspetiva histórica, relata que as emoções foram, durante muito tempo após essencialmente os trabalhos de Darwin, de James e de Freud⁶⁶, perspetivadas como um tema demasiado subjetivo e não racional pelas ciências neurológicas e cognitivas. Uma vez que as emoções eram entendidas como antípodas da razão, qualidade máxima do ser humano, não mereciam ser estudadas (Damásio, 1999: 58-59). No entanto, nos últimos anos, as ciências neurológicas e as ciências cognitivas começaram a abordar com mais profundidade o tema das emoções, verificando-se que não fazia sentido colocá-las no extremo oposto à razão, uma vez que emoção e razão são elementos complementares no ser humano e não opostos.

Os resultados de investigações realizadas no seu laboratório mostraram que a emoção faz parte integrante dos processos de raciocínio e de tomada de decisão. As descobertas resultam do estudo de diversos indivíduos inteiramente racionais no modo de conduzir as suas vidas até ao momento em que, como resultado de uma lesão neurológica em áreas

⁶⁵ (1901-1978), antropóloga cultural norte-americana.

⁶⁶ Charles Darwin, William James e Sigmund Freud (século XIX) estudaram e investigaram sobre as emoções. Os seus trabalhos nesta área são sobejamente conhecidos. No entanto, ao longo do século XX, as emoções foram colocadas de parte nos estudos laboratoriais ligados às ciências neurológicas e cognitivas, tendo-lhes sido dada apenas mais tarde a devida importância (Damásio, 1999: 58-59).

específicas do cérebro, perdem um determinado grupo de emoções e, ao mesmo tempo, perdem a sua capacidade de tomar decisões racionais (Damásio, 1999: 61).

Damásio distingue, ainda, emoção de sentimento. Propôs que o termo sentimento deve ser reservado para a experiência mental e privada de uma emoção, enquanto o termo emoção deve ser usado para designar o conjunto de respostas que constitui uma emoção, muitas das quais são publicamente observáveis. Um indivíduo não pode observar um sentimento noutra pessoa, embora possa observar um sentimento em si próprio quando, enquanto ser consciente, tem a percepção dos seus próprios estados emocionais. Do mesmo modo, ninguém pode observar os sentimentos que são os seus, mas alguns aspetos das emoções que estão na base desses sentimentos são manifestamente observáveis pelos outros (Damásio, 1999: 63).

Damásio, tal como Ekman (1992), considera que existem seis emoções primárias ou universais: alegria, tristeza, medo, cólera, surpresa e aversão. Mas existem outras emoções, designadas por secundárias ou sociais, como sejam a vergonha, o ciúme, a culpa e o orgulho. Existem ainda as chamadas emoções de fundo, como o bem-estar ou mal-estar, a calma e a tensão (Damásio, 1999: 71-72). Assim, segundo o autor, as emoções são conjuntos complicados de respostas químicas neurais que formam um padrão; todas as emoções desempenham um papel regulador que conduz, de uma forma ou de outra, à criação de circunstâncias vantajosas para o organismo que manifesta o fenómeno. Embora a aprendizagem e a cultura alterem a expressão das emoções e revistam-nas de novos significados, as emoções são processos biologicamente determinados, dependentes de dispositivos cerebrais estabelecidos de forma inata e sedimentados por uma longa história evolucionária. A variação individual e o facto de a cultura ter um papel na formação de alguns indutores não negam a estereotipia, o automatismo e o objetivo regulador das emoções (Damásio, 1999: 72).

Embora a composição e a dinâmica exatas das respostas emocionais sejam formadas em cada indivíduo por um desenvolvimento e um ambiente únicos, a evidência sugere que, na sua maior parte, ou até na sua totalidade, as emoções resultam de uma longa genealogia de sintonização evolutiva. Elas fazem parte dos dispositivos bio-reguladores com os quais nascemos preparados para sobreviver. Claro que existem diversas formas de expressão, assim como variações na configuração exata dos estímulos que podem induzir uma emoção em diferentes culturas e indivíduos. Porém, o que realmente espanta é a

semelhança e não a diferença. É essa semelhança que torna possível as relações interculturais e que permite que a arte, a literatura, a música e o cinema atravessem fronteiras com tanta facilidade (Damásio, 1999: 74).

Darwin (1872) defende que as nossas expressões das emoções são universais e que são o produto da nossa evolução humana (Darwin, 1872: xxii). Apesar do facto de que todos nós, enquanto espécie, evoluímos da mesma maneira e, por conseguinte, tudo o que respeita a fenómenos neurológicos, cognitivos e biológicos seja semelhante entre elementos humanos pertencentes a culturas diferentes, é talvez mais difícil aceitar pacificamente a ideia que Damásio parece dar a entender de que as relações interculturais possam desenrolar-se de forma tão natural e sem conflitos. O autor aceita e assume que existem elementos do desenvolvimento e da cultura de cada indivíduo que moldam a maneira como esse indivíduo exterioriza as suas emoções. Ora, se, e citando o autor, “sem qualquer exceção, homens e mulheres de todas as idades, de todas as culturas, de todos os graus de instrução e de todos os níveis económicos têm emoções” e se “há qualquer coisa de muito característico no modo como as emoções estão ligadas às ideias, aos valores, aos princípios e aos juízos complexos que só os seres humanos podem ter” (Damásio, 1999: 55), parece evidente que o local onde nascemos, a forma como fomos educados, enfim, a nossa circunstância e a nossa mundividência vão influenciar e moldar a forma como cada indivíduo se expressa emocionalmente. Assim, temos, por um lado, a nossa parte puramente biológica, cognitiva e neurológica que nos aproxima enquanto seres da mesma espécie, mas, por outro, temos o nosso lado sociocultural que nos afasta enquanto seres pertencentes a culturas e, numa esfera microcómica, a comunidades linguísticas distintas entre si.

Apesar do carácter universal do fenómeno da emoção humana, defendido por Darwin (1872), mas contraposto por alguns outros investigadores (Birdwhistell, 1970; Klineberg, 1940), é necessário ter em conta que a demonstração das emoções pode variar de cultura para cultura (ou subcultura), por isso, o assunto da especificidade cultural surge como importante (Weigand, 2004: 23). A vida social dos seres humanos, no contexto de um determinado ambiente cultural, cria condições que diferem de cultura para cultura e, assim, gera necessidades específicas e uma resposta emocional própria às mesmas. Por exemplo, os membros de culturas diferentes aprendem a ter medo e a apreciar coisas diferentes. Tal facto assenta na existência de padrões, níveis e normas de comportamento

culturais diferentes que admitem, exigem ou proíbem a expressão desta ou daquela emoção de uma determinada maneira (Weigand, 2004: 29).

Aceita-se que um indivíduo executa movimentos cinésicos e expressa emoções, mas que o faz dentro de um determinado contexto, de uma determinada situação e que são essas realidades que poderão permitir a quem está a interagir com aquele indivíduo em particular que interprete o que ele está a sentir. A noção de contexto é, pois, fundamental, já que não parece fazer sentido que a fala, os movimentos cinésicos e a expressão de emoções sejam interpretados de forma descontextualizada.

Não comunicamos nem experienciamos emoções num vácuo, nem podemos de todo dizer o que estamos a sentir baseados unicamente na introspeção (Armon-Jones, 1986). Mas também aprendemos a dar significado à nossa experiência dependendo do contexto, através da nossa exposição social e das nossas capacidades cognitivas, que nos permitem transformar o nosso contexto pelo simples facto de interagirmos com ele (Carpendale, 1997). A nossa experiência emocional está ligada a contextos específicos, tem uma história social única e um funcionamento cognitivo atual. A nossa história social única inclui a nossa imersão nas crenças, nas atitudes e nas assunções da nossa cultura. Todos estes fatores contribuem para aprendermos o que significa sentir algo e fazer alguma coisa com isso. Os conceitos que atribuímos à experiência emocional estão repletos de matizes e de significados dependentes do contexto, incluindo os papéis sociais que ocupamos, o nosso género e a nossa idade (Lewis e Haviland-Jones, 2004: 310-311).

Em suma, temos todos uma perceção contextual, cultural e individualmente determinada da vida e das pessoas que conosco interagem, mais ou menos regida pelos valores apreendidos durante toda a nossa fase de sociabilização numa comunidade – o que é considerado bom e o que é considerado mau – situação que torna difícil – a não ser que se seja treinado e preparado para isso – o reconhecimento de que há diferentes formas de ver o mundo. Tudo isto adquire proporções de grande importância e dimensão quando se pretende questionar e/ou julgar alguém que encara a realidade de uma forma, por vezes, abissalmente diferente da nossa, sem que com isso essa sua visão seja mais ou menos correta, como pode acontecer nos contextos forenses.

Algumas fontes de variação cultural são idênticas a fontes de variação individual: em culturas diferentes, tal como em indivíduos diferentes, coisas distintas funcionam como

sendo desejáveis ou indesejáveis, dignas de aprovação e louvor ou o contrário, apelativas ou detestáveis (Ortony, Gerald e Collins, 1990: 176).

Assim, a conduta de cada juiz e de cada investigador criminal deveria pautar-se por uma sensibilidade inter e intracultural apurada, tentando perceber que à sua frente se encontra um ser humano, em posição de inferioridade e de fragilidade em relação a si que o está respetivamente a julgar e a avaliar, e que, independentemente de ter cometido um crime ou não, tem toda uma circunstância cultural e de vida que não poderá nem deverá ser descurada quando se pretende sentenciar sobre o seu futuro. Aliada a esta componente sociocultural, encontram-se os movimentos cinésicos que integram o sistema comunicacional de cada um de nós e que, conforme visto, não deverão ser ignorados numa análise de um processo judicial.

4.7. OS MOVIMENTOS CINÉSICOS NA INTERAÇÃO EM CONTEXTOS FORENSES

Os gestos e os restantes movimentos cinésicos executados aquando de uma interação face a face em contextos forenses não são, muitas vezes, incluídos nas análises deste tipo de interações e, quando o são, as observações com eles relacionadas são feitas, na sua grande maioria, com base em experiências empíricas, normalmente sem sustentação científica. Com o objetivo de tentar perceber se e de que forma os movimentos do corpo são tidos em conta pelos juízes e pelos investigadores criminais da Polícia Judiciária aquando de interrogatórios a arguidos/testemunhas/suspeitos, procedeu-se à realização de inquéritos a seis juízes e a seis investigadores da Polícia Judiciária⁶⁷.

4.7.1. RESPOSTAS DOS JUÍZES

Todos os juízes inquiridos afirmaram que costumam prestar atenção aos movimentos do corpo de um arguido/testemunhas quando os interrogam em sala de audiências. Todos afirmaram também que esta componente da comunicação humana é tida em conta aquando dos interrogatórios em processos crime, uma vez que a consideram vital para uma perceção global e mais completa do caso em questão. No entanto, todos afirmaram ainda que a interpretação que fazem destes movimentos do arguido/testemunhas é

⁶⁷ Embora tenham sido contactados seis juízes, tal como seis inspetores da Polícia Judiciária, dois dos juízes não responderam ao contacto, pelo que apenas se teve acesso a quatro inquéritos respondidos por estes magistrados judiciais. Todos estes inquéritos (tanto dos juízes, como dos investigadores criminais da Polícia Judiciária) podem ser consultados na íntegra na secção 7.1.

efetuada com base na sua experiência empírica de observação do comportamento humano, não tendo qualquer formação prévia sistemática, sustentada e devidamente fundamentada que os possa levar a tomar decisões, tendo em conta estes movimentos, de forma suficientemente credível e fiável, a tal ponto que possa servir de argumento válido e sustentado para uma opinião sua e, eventualmente, poder servir de suporte para o veredicto final sobre um caso criminal.

Em relação às questões colocadas relativamente à utilidade, mais-valia e pertinência do recurso a peritos linguistas que possam auxiliar em tribunal e dar a sua colaboração única e exclusivamente na análise de provas, neste caso, na análise do discurso de um arguido/testemunhas e dos movimentos cinésicos executados em simultâneo, um dos juízes considerou totalmente dispensável a colaboração e presença em tribunal de linguistas como peritos, principalmente porque considerou que, se, perante um caso específico, o juiz não tem capacidade de opinar sobre os movimentos do corpo de um arguido/testemunhas, então considera que ninguém, nem nenhum linguista, o poderá fazer (cf. secção 7.1). Com exceção desta opinião, todos os restantes juízes consideraram pertinente e útil a presença e colaboração de linguistas como peritos, uma vez que pensam que os seus próprios conhecimentos nesta matéria não são suficientemente credíveis nem cientificamente sustentados para poderem servir de base a opiniões e conclusões sobre a matéria. Com exceção de um, os restantes juízes inquiridos consideraram que o sistema judicial verá com agrado e aceitará de boa vontade a existência e colaboração em processos judiciais de linguistas como peritos.

4.7.2. RESPOSTAS DOS INVESTIGADORES DA POLÍCIA JUDICIÁRIA

Embora tenha sido perceptível alguma abertura, por parte dos juízes, à existência e à colaboração de linguistas como peritos em casos judiciais, a Polícia Judiciária revelou um ainda maior interesse na questão, inclusive, mostrou interesse na aplicação e utilização prática deste estudo no seu dia a dia laboral. Tendo em conta as respostas ao inquérito, foi possível apurar que os investigadores da Polícia Judiciária possuem alguma formação sobre a interpretação dos movimentos do corpo que um suspeito possa executar quando está a ser interrogado, bem como possuem algumas noções de Psicologia, mas todos confessaram que não consideram esta formação suficiente nem cientificamente apoiada a ponto de os poder munir de um conhecimento e de capacidades fiáveis e credíveis para poderem tomar decisões de forma mais sustentada e científica sobre esta questão. Assim,

todos os investigadores da Polícia Judiciária inquiridos admitem que observam os suspeitos quando os interrogam, que estão habituados a “ler” os seus movimentos, mas que, tal como os magistrados judiciais, o fazem com base na sua experiência de vida e de trabalho. Por conseguinte, também não sentem à-vontade nem segurança para opinarem de forma assertiva sobre o comportamento potencialmente suspeito de um interrogado.

Cinco dos inquiridos consideraram que deviam, por isso mesmo, ter mais formação nesta área, tanto em quantidade como em profundidade. E também cinco consideraram que veem com agrado a existência e a colaboração de peritos linguistas nesta área, uma vez que pensam que poderão vir ser de uma ajuda importante para conseguirem determinadas opiniões sobre um suspeito.

Estes inquéritos foram respondidos por quatro juízes e seis investigadores da Polícia Judiciária. O número reduzido de inquiridos em cada grupo deveu-se à dificuldade de reunir indivíduos disponíveis para responderem ao inquérito, por motivos de ocupação profissional. Com esta pequena amostra, não será possível alcançar um resultado representativo, mas permite perceber, em traços gerais, de que forma estas questões são tidas em conta e se seriam aceites ou não pelas instituições da aplicação e cumprimento da lei. Ainda assim, foi possível perceber-se que, no geral, tanto os juízes como os investigadores da Polícia Judiciária revelam lacunas ao nível da leitura e interpretação dos movimentos cinésicos de suspeitos/arguidos/testemunhas, uma vez que o fazem com base na sua experiência empírica, com todos os vícios e subjetividade inerentes. Além disso, mostraram globalmente abertura em relação à possibilidade de colaboração de linguistas como peritos em casos judiciais, dado que a consideram como uma mais-valia para os auxiliar em matérias que fogem ao escopo dos seus domínios, estudos e aptidões. Parece, então, haver uma abertura positiva e construtiva em relação à colaboração da Linguística com o Direito, no que diz respeito à interpretação de gestos e dos restantes movimentos cinésicos, colaboração essa que, a vir a ser implementada em Portugal, poderia trazer as vantagens de tornar mais célere, adequada e justa a avaliação dos casos judiciais que, algumas vezes, poderão ser falaciosamente julgados ou, ainda, inconclusivos.

Atualmente, e com exceção de alguns casos nos Estados Unidos, esta questão dos movimentos cinésicos na interação não é normalmente tida em conta pelos sistemas judiciais aquando da tomada de decisões em tribunal. Aliás, pense-se que, até ao momento

presente, apenas o discurso dos arguidos e testemunhas é gravado e posteriormente transcrito, reproduzindo apenas o que foi verbalizado. É possível perceber então que os movimentos cinésicos não têm sido tidos em conta nos contextos forenses. Em países como a Inglaterra e, também, em Portugal, os julgamentos são gravados em áudio – não havendo, portanto, acesso a imagens – e sendo muitas vezes a qualidade destas gravações muito aquém do desejado para perceber com clareza o que foi realmente proferido naquela sala de audiências.

As transcrições não especificam para quem se dirige um determinado discurso ou quem o ouviu. Partindo do princípio de que são registos precisos das palavras que foram ditas (embora, muitas vezes, o mesmo não se verifique), não fornecem, na grande maioria dos casos, pistas importantes sobre a interação, tais como a ênfase dada a palavras/expressões, a entoação (se se trata de uma pergunta ou de uma afirmação), as pausas (que acarretam o seu próprio significado), as interrupções (que pode ser um indicador significativo do controlo do falante e da sua intenção), entre muitos outros aspetos (Shuy, 1996: 15).

Além disto, e quer pela falta de qualidade das gravações, quer pela má interpretação das palavras reais por quem faz a transcrição (e quem faz a transcrição não são linguistas), estas mesmas transcrições não correspondem, muitas vezes, à total verdade do que foi efetivamente verbalizado. No caso de Portugal, as transcrições de uma gravação áudio de um julgamento são apenas feitas se tal for solicitado pelos interessados, normalmente com o intuito de reabrir ou de continuar a investigação de um caso ou aquando da interposição de recurso, com a apresentação das alegações.

Uma transcrição implica a conversão da fala em língua escrita. O problema essencial é que a fala e a escrita são meios diferentes, com diferentes propriedades. A escrita, tal como a usamos quotidianamente, não é um meio eficaz de registar a fala, uma vez que não inclui as convenções e muitas das características da oralidade (Halliday, 1999). Mais ainda, é praticamente impossível registar de forma precisa tudo o que acontece na fala, como a entoação, a respiração, a qualidade da voz, o sotaque, as pausas, o ritmo, entre outros aspetos importantes. Assim, a informação que se perde é de enorme importância (Gibbons, 2003: 28).

No mínimo, a comunicação requer três elementos chave: um produtor, um texto e um recetor, em que o “produtor” e o “recetor” são os termos globais para um conjunto de

possíveis participantes (Goffman, 1987) e o “texto” pode ser qualquer tipo de linguagem (escrita ou falada) (Heffer, 2005: 5).

Tendo, então, em conta o processo da comunicação humana tal como ele é, como se pode conceber que, na análise de um caso judicial, seja descurado o essencial de todo o processo: a comunicação humana como um todo? Os magistrados judiciais e os magistrados do Ministério Público são formados em Direito e dominam as leis. São, e antes de mais, seres humanos dotados de senso comum e de inteligência. No entanto, o seu percurso académico não os despertará para a importância da comunicação no seu todo no contexto de um julgamento.

O modo como comunicamos – o que verbalizamos e os movimentos co-discursivos que executamos – é, então, suscetível de originar problemas de interpretação, mesmo quando a mensagem que se transmite é de teor verdadeiro e correspondente à realidade que se está a relatar. Mas um indivíduo, por vezes, mente. Pode mentir consciente de que o está a fazer (ou não) e os motivos pelos quais o faz podem ser diversos. Nestes casos, de que forma o nosso corpo pode “trair-nos”?

4.8. OS MOVIMENTOS CINÉSICOS NA DETEÇÃO DE MENTIRAS

O ser humano consegue, no geral, controlar e orientar o seu discurso de maneira a transmitir aquilo que pretende, seja esta mensagem verdadeira ou falsa. Existem pessoas que terão mais facilidade em omitir factos e em mentir do que outras. No entanto, é possível detetar quando alguém está a mentir, existindo três maneiras diferentes⁶⁸ de o fazer: primeiro, através da observação dos movimentos do corpo de um indivíduo (as partes do corpo que movimenta, se sorri ou não, se mantém ou não contacto visual, a entoação da voz, a velocidade do discurso, se gagueja, entre outros aspetos); segundo, através da análise do conteúdo da fala, ou seja, a análise do que é efetivamente dito; terceiro, através da análise de respostas psicológicas (pressão arterial, ritmo cardíaco, transpiração das palmas das mãos, entre outros) (Vrij, 2008: xiii).

⁶⁸ Atualmente, existem investigadores que utilizam algoritmos para detetar mentiras em interações face a face (cf. <https://courses.edx.org/courses/UQx/Crime101x/3T2014/4332589c515c45f095ab458737af9408/>).

No entanto, e por mais prática que exista em ocultar factos ou em mentir, principalmente através do discurso, não é humanamente possível conseguir um controlo total e absoluto de todos os movimentos do corpo enquanto se mente. As expressões faciais são a parte do corpo que mais facilmente é controlada pelo ser humano aquando da produção de mentiras. Os restantes elementos do corpo denunciam mais facilmente a mentira. No entanto, existem as micro-expressões faciais que podem revelar que um indivíduo está a mentir (Vrij, 2000; 2008).

Quando comunicamos, damos geralmente mais importância ao nosso discurso do que aos gestos. Temos mais prática na utilização das palavras do que na monitorização dos movimentos do corpo; tal acontece porque é dada às palavras, geralmente, mais importância na troca de informação do que ao comportamento (Vrij, 2008: 23). Um suspeito de um crime num inquérito policial ou um indivíduo que participe numa entrevista de emprego muito provavelmente irá lembrar-se no final do que disse, mas muito dificilmente irá saber descrever quantas vezes desviou o olhar do seu interlocutor, que tipo de movimentos com as mãos, pernas, braços e cabeça executou, qual era o tom da sua voz ou que expressões faciais exibiu (Vrij, 2008: 23). Ter consciência do próprio comportamento é essencial se se pretender controlar o mesmo. Não é possível controlar adequadamente o comportamento se não houver consciência de que forma o indivíduo se comporta normalmente. Por outras palavras, se um indivíduo tentar representar o comportamento que normalmente exhibe, apenas lhe é permitido fazê-lo se houver por parte desse indivíduo consciência de que forma normalmente se comporta (Vrij, 2008: 23).

De igual modo, ninguém consegue permanecer em silêncio total. Mesmo que nada seja verbalizado, o nosso corpo, por mais imóvel que esteja, está permanentemente a transmitir informação. Assim, parece pertinente que as pessoas envolvidas em contextos forenses devam prestar mais atenção aos elementos cinésicos. Cada indivíduo envolvido num caso judicial – sejam os investigadores criminais, os advogados, os juízes ou ainda o cidadão comum – desempenha um papel específico, e é necessário que centre a sua atenção naquilo que tem de fazer, como especificidade das suas funções, no caso em questão. Um intérprete, por exemplo, quando presente em tribunal, terá de prestar atenção e centrar o seu pensamento na sua tarefa: traduzir a mensagem de um indivíduo emitida numa determinada língua para outra. Esta função por si só comporta uma enorme complexidade e, embora o intérprete preste igualmente atenção aos movimentos do corpo

do indivíduo que está a interpretar (Zagar-Galvão, 2015), existirão elementos relativos à cinésica de quem está a ser interpretado que poderão não ser detetados.

Defende-se aqui que não só deveriam poder ser notificados para comparecer em tribunal e nas esquadras da polícia peritos na análise dos movimentos cinésicos especificamente para analisar estas questões, como, de igual forma, que seria muito importante que os interrogatórios policiais e os julgamentos passassem a ser filmados para posterior análise cuidada de todos os movimentos realizados pelos indivíduos suspeitos, de maneira a ser possível analisar, micro segundo a micro segundo, todos os movimentos cinésicos efetuados pelos suspeitos/arguidos e, assim, caso se revelasse pertinente, um linguista poder opinar sobre matérias com potencial pertinência para o caso em questão⁶⁹.

4.9. OS ESTUDOS DO DISCURSO E OS MOVIMENTOS CINÉSICOS

No âmbito da Linguística Aplicada, e além da Linguística Forense, existem outras áreas que, ao longo da sua história, foram estudando a comunicação humana em interação, como sendo a Análise do Discurso, a Análise Crítica do Discurso, a Análise Conversacional e a Teoria da Contextualização/ Linguística Interacional.

Passando em revista sumária os estudos linguísticos destas áreas, muito centrados na oralidade, mais concretamente na conversação ou na interação face a face, verifica-se que, apenas no século XXI, se tem vindo a dar alguma atenção (embora ainda escassa) aos movimentos do corpo que co-ocorrem com a fala.

Segundo Cameron (2001), a Análise do Discurso vai buscar à Antropologia a preocupação com a língua e com a utilização da língua num contexto sociocultural mais vasto (Cameron, 2001: 47); à Etnografia, a tentativa de perceber como esta prática cultural do uso da língua pode ser efetuada e também percebida de forma diferente, em sociedades igualmente distintas; da Filosofia, a Análise do Discurso retira a questão do “problema do significado”, isto é, a forma como a língua adquire significado quando é usada pelos falantes; à Sociologia, vai buscar a preocupação com a ordem e organização das

⁶⁹ Em outubro de 2013, Freitas Magalhães, diretor do Laboratório da Expressão Facial da Emoção (FEELab) – Universidade Fernando Pessoa –, enviou uma proposta para o Ministério da Justiça, sugerindo que os julgamentos passassem a ser filmados. O objetivo seria o de ter acesso às imagens das faces dos interrogados pela Justiça de maneira a que pudessem ser analisadas e, dessa forma, esta análise poder contribuir para a investigação dos casos.

interações sociais (Cameron, 2001: 48); à Linguística, a problemática da estrutura da língua e da distribuição das formas linguísticas (Cameron, 2001: 49).

Até ao final dos anos 90, podem identificar-se duas Escolas de Análise do Discurso na Europa que tiveram a oralidade como objeto de estudo: a Escola Britânica e a Escola de Genebra (Galhano-Rodrigues, 2007: 60 e segs.). Em traços gerais, a Escola Britânica, representada por Halliday e Hasan (1989), adota uma perspetiva ligada à Linguística de Texto. Outra facção desta Escola, desta feita representada por Sinclair e Coulthard (1975) e por Coulthard e Brazil (1979), estuda e analisa os discursos em contexto de aula. A Escola de Genebra teve como principais agentes Roulet (1980), Moeschler (1985, 1987, 1989) e Auchlin (1986). Neste âmbito, deu-se principal atenção não só a estruturas típicas de encadeamento discursivo, mas também a elementos linguísticos da oralidade, como é o caso de marcadores do discurso, sinais de hesitação e pausas, a aspetos entoacionais (Schiffrin, 1987; 1994; 2001; Kerbrat-Orecchioni, 1990; 2006). Cosnier e Kerbrat-Orecchioni (1987) abordaram a questão da importância dos gestos e dos restantes movimentos do corpo na interação, tendo cooperado então, ainda que de forma não muito profunda, para a contribuição da Análise do Discurso relativamente ao estudo dos movimentos cinésicos na interação face a face.

Por sua vez, a Análise Crítica do Discurso, iniciada por Fairclough (1989; 1992; 1997; 2003), explora o discurso na sua vertente de manifestação do poder, das ideologias, das estratégias de influência no contexto social. A Análise Crítica do Discurso também defende que todo e qualquer discurso produzido pelo ser humano é parcial – contém preconceitos, ideologias muito específicas, uma visão muito idiossincrática do mundo (Wodak, 2001). No entanto, a sua preocupação pelo aspeto social e do exercício do poder limitou os seus estudos a questões linguísticas, não dando atenção ao gesto nem aos outros movimentos cinésicos relacionados com a expressão verbal.

A Análise Conversacional, área de tradição sócio-etnometodológica (Garfinkel, 1974), tem como foco principal detetar irregularidades estruturais de conversações, vistas como produto da realidade social, considerando a forma cooperativa como são geridas pelos falantes e ouvinte(s) (Eades, 2010: 15). A Análise Conversacional Etnometodológica surge como uma ciência observacional da sociedade e da acção social que pudesse assentar nos pormenores dos eventos reais (Coulthard e Johnson, 2010: 155). A Análise Conversacional influenciou os linguistas alemães no estudo da oralidade,

tradicionalmente orientados para vertentes de natureza pragmática da Linguística, como sejam aspetos mais funcionais, menos presos a formas, estando assim mais livres para englobar especificidades não linguísticas da oralidade na investigação. Tendo então estado mais ligada à vertente oral da comunicação, a Análise Conversacional não contemplou, até ao momento, qualquer aspeto ligado aos gestos e aos restantes movimentos cinésicos na comunicação.

É, também, dentro da Sociologia que se desenvolve a Teoria da Contextualização, em meados dos anos 70 do século XX, com o sociólogo Gumperz (1971; 1972; 1979; 1982; 2001), ligado à Etnografia da Comunicação, e diz respeito a um conceito sociocultural, ao modo como os indivíduos que integram um grupo ou subgrupo dão significado ao lugar, ao tempo e a todos os elementos envolventes (Goodwin e Duranti, 1992: 6). Para estudar e interpretar uma realidade, é necessário considerar o contexto da sua realização, seja este contexto tanto local, interpessoal, como cultural. Na nossa participação nos acontecimentos discursivos, estamos sempre presos ao nosso contexto cultural (Eggins e Slade, 1996: 35). Bateson e Ruesch (1988) defendem que, embora no passado as teorias sobre a personalidade apenas se interessavam e ocupavam do indivíduo, os psiquiatras modernos aperceberam-se de que tais teorias não têm qualquer utilidade: torna-se necessário e vital estudar do indivíduo no seu contexto social (Bateson e Ruesch, 1988: 15). Os autores acrescentam que Birdwhistell e Scheflen propõem uma análise do contexto por oposição a uma análise do conteúdo: partindo do princípio de que a comunicação é entendida como uma atividade verbal e voluntária, o seu significado está preso ao contexto dos interlocutores e da interação em causa (Bateson e Ruesch, 1988: 24).

Por sua vez, a Linguística Interacional, que se desenvolveu a partir da Teoria da Contextualização e onde a Sociolinguística Interacional se insere, adota uma perspetiva interdisciplinar da língua (Selting e Couper-Kuhlen, 2001: 3). Tem como finalidade perceber melhor de que forma as línguas são moldadas pela interação e de que modo as práticas interativas são moldadas através de usos específicos da língua. Aborda a fala como um produto emergente que tem lugar num acontecimento semiótico social que proporciona um conjunto de recursos para alcançar os objetivos desse acontecimento (Selting e Couper-Kuhlen, 2001: 3).

Todas estas áreas possuem, assim, pontos de análise e objetos de estudo em comum. No entanto, e não esquecendo que o presente estudo se centra na análise multimodal da interação humana, foi também possível verificar que, à exceção da Análise do Discurso, nem a Análise Crítica do Discurso, nem a Análise Conversacional, nem ainda tão-pouco a Teoria da Contextualização, consideraram nos seus estudos elementos não-linguísticos e elementos cinésicos.

No entanto, e mais recentemente, começaram a existir áreas, grupos e associações de estudos holísticos (Sociologia, Etnometodologia, Psicologia, Linguística, etc.), que têm vindo progressivamente a incluir os movimentos cinésicos nas suas investigações e estudos, como por exemplo, a EDiSo – Associação de Estudos sobre Discurso e Sociedade –, uma associação que desenvolve actividades académicas relacionadas com o estudo do discurso.

Não obstante a existência destas iniciativas e das ligações entre diversas áreas, como o Direito, a Psicologia e a Linguística, parece importante que outras pontes sejam construídas, no sentido de fazer confluir conhecimentos que poderão interferir de forma eficaz e positiva na resolução de casos judiciais.

4.10. OS CONTEXTOS FORENSES E OS ESTUDOS DO GESTO

Apesar de, conforme visto, serem várias as áreas de interesse da Psicologia e da Linguística Forenses, pouco tem vindo a ser desenvolvido e investigado no sentido de incluir o estudo dos gestos e dos restantes movimentos cinésicos numa análise das interações face a face em contextos forenses. Não é com frequência que os investigadores mencionam os movimentos do corpo e a forma como se relacionam com a fala em interações ocorridas em tribunais, estabelecimentos prisionais e em esquadras de polícia (Matoesian, 2010: 541), existindo, porém, autores que estabelecem esta relação (Broaders e Goldin-Meadow, 2010).

A informação obtida em inquirições e interrogatórios forenses transmitida e transcrita de forma completa e precisa é muito importante para a credibilidade do sistema judicial. O modo como as perguntas são efetuadas em inquirições e interrogatórios forenses influencia as respostas dos interrogados (Heffer, 2005; Cotterill, 2003); de igual modo, os falantes executam gestos co-discursivos de forma espontânea e estes gestos podem

transmitir informação que não foi verbalizada (McNeill, 1992; de Ruiter, 2007). Desta forma, e uma vez que as transcrições que são efetuadas em contextos forenses apenas contêm elementos do discurso (Shuy, 1996), como observado, existe muita informação de relevo que é ignorada (Broaders e Goldin-Meadow, 2010: 623).

Parece, deste modo, haver necessidade de um aprofundamento destas matérias nestes contextos, de uma ligação interdisciplinar de conhecimentos, uma vez que ignorar os movimentos do corpo em co-relação com a fala em cenários judiciais significa não compreender na totalidade a complexidade do fenómeno em análise (Jones e LeBaron, 2002: 512). Esta necessidade parece ser justificada pelo facto de, no âmbito das matérias investigadas até ao momento, sobretudo pela área da Linguística Forense, poucos terem sido os estudos que incluem a análise dos gestos e dos restantes movimentos cinésicos em interações face a face realizadas em contextos forenses, e de, paralelamente, na área dos Estudos do Gesto, poucos terem sido também os trabalhos que relacionam os movimentos cinésicos com as interações em contextos forenses (Matoesian, 2010).

Até ao momento presente, poucos foram os investigadores que estabeleceram uma relação entre os movimentos cinésicos e a fala em contextos forenses (Matoesian, 2010: 541). Analisar os atos comunicacionais num contexto forense ignorando estes movimentos empobrece a análise e elimina atividades relevantes no processo comunicativo (Maynard, 2006: 477). Numa sala de audiências, os advogados direcionam o olhar para as testemunhas quando as interpelam, marcam o ritmo da fala com movimentos executados pelas mãos/braços, exibem a palma da mão orientada para cima (PC) quando pretendem revelar uma inconsistência no testemunho produzido, e as testemunhas direcionam o dedo indicador para o arguido, num gesto de apontar (Matoesian, 2010: 542). São, assim, inúmeros os movimentos cinésicos que co-ocorrem com a fala em qualquer contexto de interação, mas que, num contexto forense, podem transmitir informações que poderão influenciar o desenrolar da investigação e do julgamento daquele caso judicial. Conforme já afirmado, ignorar de forma sistemática quer a fala quer os movimentos cinésicos na análise de uma interação face a face – como são as interações em contextos forenses – é colocar de parte componentes vitais do comportamento comunicacional do ser humano, conseqüentemente, realizar uma análise incompleta de todo o fenómeno em causa (Jones e LeBaron, 2002: 512).

Deste modo, e tendo de novo em conta a opinião dos juízes e dos investigadores criminais entrevistados no âmbito do presente trabalho que, na sua maioria, consideraram que seria necessária mais colaboração entre os seus profissionais e os linguistas, reitera-se a argumentação que defende esta ligação, uma vez que, tal como os dados recolhidos e analisados evidenciaram, e conforme já foi afirmado por diversas vezes, o que é transmitido através do corpo pode acrescentar informação importante numa análise de uma interação face a face, particularmente, no caso, se ocorrida num contexto forense. De salientar, uma vez mais, que a presente investigação carece de uma aplicação direta da metodologia de micro-análise nos contextos forenses, devido a restrições de natureza legal e normativa que a tornaram impossível. No entanto, foi possível retirar ilações que, num futuro estudo, podem sustentar de outra forma a aplicação desta metodologia na análise de interações face a face ocorridas em contextos forenses.

5. CONCLUSÕES

Retomando as questões de investigação e os objetivos descritos e explicitados na parte introdutória do presente trabalho, teve-se como intenção tentar apurar o seguinte:

- Se existem diferenças na execução de gestos e de outros movimentos cinésicos por parte de falantes nativos do português europeu e de falantes nativos do inglês britânico;
- De que forma o modo particular de interagir de cada grupo dos falantes em causa é percebido e interpretado pelo outro grupo;
- Que ilações interpretativas podem ser retiradas a partir dos gestos e de outros movimentos do corpo executados em interação, analisados em simultâneo com o discurso produzido, tendo sempre em conta o contexto em que a mesma ocorreu;
- Em que medida uma metodologia de micro-análise multimodal dos gestos e restantes movimentos cinésicos poderia ser aplicada em contextos de investigação forense, com o intuito de tentar contribuir na prática para uma análise mais sustentada e eficaz de casos judiciais.

Deste modo, e com a meta de se tentar dar resposta a estas interrogações, foram sendo levantadas, progressivamente e à medida que o trabalho avançava, as seguintes questões igualmente apresentadas na parte introdutória desta investigação:

- Existirão diferenças globais, facilmente perceptíveis, entre o comportamento vocal (fala) e cinésico (movimentos do corpo) dos portugueses e dos ingleses?
- Se as houver, de que forma as mesmas são interpretadas em contextos de interação entre estas duas comunidades linguísticas?
- Que características cinésicas (movimentos do corpo) destes dois grupos se destacam nas interações intra e interculturais? Isto é, quando portugueses

interagem unicamente entre si e quando interagem juntamente com ingleses, que diferenças são possíveis de apurar? A mesma questão se coloca para os ingleses.

- E que interpretações poderão ser feitas dos movimentos cinésicos que executam em simultâneo ao discurso produzido?
- Quais são as diferenças, ao nível do número de movimentos cinésicos executados, nomeadamente dos gestos e do tipo de gestos executados, entre estes diferentes grupos?
- Qual é a interpretação possível de ser feita do significado dos gestos executados, em L1 e em L2, tendo em conta o seu contexto de interação?
- Quais são as diferenças verificadas no que diz respeito ao posicionamento da palma das mãos aquando da execução dos gestos e que interpretações podem daí ser feitas?
- É possível perceber, em contextos de interação em L1 e em L2, se existem gestos que transmitem mais informação do que aquela que foi verbalizada?
- Em que medida os juízes e os investigadores criminais estão sensibilizados para a importância das características cinésicas dos arguidos/suspeitos que interrogam, bem como para as diferenças culturais na transmissão de mensagens por parte dos dois grupos em causa?
- Têm estes operadores judiciários formação em relação à análise e interpretação do comportamento vocal e cinésico dos indivíduos que interrogam?
- Consideram útil/pertinente a existência de uma metodologia de micro-análise multimodal para os ajudar a interpretar de forma mais eficaz, mais científica e mais credível os eventos comunicativos dos arguidos/suspeitos?

Estando perante um estudo exploratório, não se teve como intuito atribuir respostas conclusivas e definitivas a estas questões. Partindo de estudos e de observações já realizados no âmbito dos Estudos do Gesto (Kendon, 2004; 2013; McNeill, 1992; 2005; 2013; de Ruiter, 2007; Kita e Özyürek, 2003; 2007; Galhano-Rodrigues, 2007; 2012; Zagar-Galvão, 2015), a principal intenção foi a de tentar explorar, desenvolver e aprofundar uma metodologia de micro-análise multimodal de interações face a face, abrindo portas para futuras investigações em que não só as matérias analisadas possam ser aperfeiçoadas, mas também que outras observações possam ser feitas sobre a relação entre os gestos e outros movimentos cinésicos com a fala e com o pensamento e, ainda, que outras relações possam daí ser retiradas. Tudo o que se conseguiu apurar relativamente a estas questões, tendo em conta as amostras conseguidas e os estudos de caso realizados, foi descrito, com o nível de pormenor possível, nos capítulos 3 e 4.

5.1. OBSERVAÇÕES E PROPOSTA DE MICRO-ANÁLISE

Através dos estudos de caso realizados e das diferentes análises efetuadas, foi possível retirar informações sobre as matérias em estudo que poderão ser importantes numa análise de interações face a face, independentemente da natureza do seu contexto. A partir de um estudo quantitativo dos dados recolhidos, foram apurados os seguintes aspetos:

- o número de gestos executados pelos falantes nativos do português europeu em observação no Estudo de Caso 1 foi consideravelmente superior ao executado pelos falantes nativos do inglês britânico (cf. secções 3.1.1, 3.1.2 e 3.2);
- na Experiência 2 do Estudo de Caso 2, percebeu-se que o falante nativo do português em análise produziu um maior número de gestos em zonas de execução do espaço gestual mais distantes do corpo do falante (zonas da periferia), em comparação com a falante nativa do inglês também em análise, revelando assim uma maior amplitude na execução gestual no falante nativo do português (cf. secção 3.5.2);
- nesta mesma Experiência, foi observado que os tipos de gestos executados em maior número pelos dois falantes em análise foram os estruturantes e os referenciais descritivos e adaptadores, havendo também um número considerável

de gestos referenciais deícticos executados pelo falante nativo do português (cf. secção 3.5.1);

- verificou-se também que foi executado um maior número de gestos nas interações em L2 do que em L1 (cf. secção 3.5.1) e foi contabilizado um maior número de sorrisos nas interações em L1 do que em L2;

Qualitativamente foi possível perceber que:

- através da Experiência 2 do Estudo de Caso 1, o modo como cada um dos grupos em análise interpreta a forma de interagir do outro grupo não correspondeu à realidade, uma vez que as ilações retiradas revelaram comportamentos e atitudes que não foram verificados (cf. secção 3.3);
- foi, também, possível perceber, através da micro-análise efetuada aos vídeos realizados no âmbito do Estudo de Caso 2, que muita informação é passada numa interação através dos gestos e de outros movimentos cinésicos, informação essa que não é verbalizada. Esta informação pode ser percebida através da execução de vários tipos de gestos, como sendo os gestos referenciais (emblemáticos, descritivos e deícticos), estruturantes, adaptadores e *butterworth*. Estes diferentes tipos de gestos podem funcionar como janela para a mente (referenciais), podendo transmitir informação adicional sobre o pensamento do falante (McNeill, 1992; de Ruiter, 2007) – pensamento este que não foi verbalizado. Podem ainda revelar o estado emotivo do falante (adaptadores) (Ekman e Friesen, 1969), demonstrar a ênfase que o falante pretende atribuir ao conteúdo verbal do seu discurso (estruturantes) (Kendon, 2004; 2013), bem como evidenciar a organização do seu pensamento e/ou recolha de memórias (*butterworth*) (McNeill, 1992) (cf. secção 3.4.1).
- verificou-se também a produção de um determinado tipo de enunciados verbalizado aquando da execução de diferentes tipos de gestos (cf. secção 3.5):
 - a) gestos estruturantes – emissão de opiniões pessoais;
 - b) gestos referenciais descritivos – representação imagística de um referente (concreto ou abstrato);

- c) gestos referenciais deícticos – o apontar para um referente fisicamente presente ou ausente;
 - d) gestos adaptadores – transmissão de atitudes e/ou estados emotivos (dúvida, anuência, cansaço, tédio, nervosismo).
- verificou-se ainda uma maior empatia e proximidade nas interações executadas entre falantes que partilhavam a mesma língua materna (L1) do que nos contextos em que os falantes interagiram em L2 (cf. secção 3.7).

Conforme observado, comunicar não significa apenas verbalizar enunciados, mas implica também a execução de gestos e de outros movimentos cinésicos que, quando analisados em simultâneo à fala produzida e dentro do contexto interacional, poderão transmitir informações que, ou não foram verbalizadas, ou que contradizem o conteúdo da fala, acrescentam e complementam informação ao que foi verbalizado.

Tendo em conta que, até ao momento presente, nem em Portugal nem no Reino Unido é legalmente possível registar em vídeo os julgamentos e os interrogatórios policiais ocorridos, e que apenas o que é verbalizado é registado e transcrito, percebe-se que uma vasta quantidade de informação é ignorada pelos respetivos sistemas judiciais. Não é incomum a inexistência de prova em julgamentos ou a inexistência de elementos suficientes que possam sustentar uma conclusão diferente em relação àquele caso em concreto. No entanto, se as interações em contextos forenses fossem registadas em vídeo, para que, posteriormente e sempre que se revelasse oportuno, fossem analisadas tendo em conta os movimentos cinésicos executados pelos falantes, alguma informação importante poderia muito provavelmente ser retirada.

Não se pretende, porém, afirmar que uma micro-análise multimodal dos movimentos cinésicos – como a que foi aqui apresentada e que se pretende propor para aplicação em contextos forenses – seja fundamental e imprescindível na análise de todo e qualquer caso judicial. No entanto, importa dizer que, sempre que se revelasse oportuno, deveria ser possível recorrer a peritos linguistas que, através desta metodologia de micro-análise multimodal dos movimentos cinésicos em interação, pudessem retirar ilações interpretativas sustentadas e científicas relativamente aos movimentos executados, podendo contribuir, deste modo, para uma análise mais eficaz e possivelmente mais justa de casos judiciais.

Reitera-se, portanto, a ideia da necessidade de as interações ocorridas em contextos forenses passarem a ser registadas em vídeo, vídeos estes que apenas deveriam ser utilizados para fins de investigação judiciária e/ou científica, salvaguardando sempre a identidade e a privacidade dos indivíduos visados. Propõe-se que, assim sendo, passasse a ser possível e aceitável por lei o recurso a peritos linguistas para procederem à micro-análise proposta e apresentada nesta investigação, com o intuito de poderem passar a colaborar como peritos numa análise de um processo judicial.

5.2. LIMITAÇÕES DO ESTUDO

Os dados que foram observados através da análise dos estudos de caso realizados, bem como dos inquéritos apresentados, não poderão ser generalizados. Dado o número reduzido de indivíduos analisados e inquiridos, não é possível estabelecer opiniões genéricas sobre o modo como os falantes nativos do português europeu e os falantes nativos do inglês britânico interagem. Aliás, não foi essa a intenção do presente estudo. Tendo em conta que, conforme afirmado, cada indivíduo, mesmo pertencente a uma comunidade linguística específica, comunica de forma única e idiossincrática, revelou-se como mais importante, nesta fase, analisar cada falante individualmente do que grupos maiores de falantes. Tal assim foi, pois interessava perceber de que forma aquele movimento cinésico específico, naquela interação em particular poderia ser interpretado e que ilações daí poderiam ser retiradas. Futuramente, outro tipo de estudos, com outras observações e a partir de outros *corpora* que permitam chegar a outras conclusões poderão ser realizados.

Além disto, a reduzida qualidade dos vídeos registados, sobretudo dos vídeos realizados no âmbito do Estudo de Caso 1, não permitiu analisar com mais pormenor outras modalidades (como as expressões faciais, por exemplo), nem tão-pouco a fala, uma vez que a qualidade do som não permitiu o estudo desta modalidade com pormenor.

Importa, também, acrescentar que, conforme já declarado, o facto de não ter sido legalmente autorizado registar vídeos especificamente em contextos forenses de interação⁷⁰, não permitiu retirar determinadas conclusões, o que limitou em parte algumas

⁷⁰ Foram efetuados diversos contactos a entidades de natureza judicial com o intuito de se pedir autorização para serem registadas em vídeo interações face a face ocorridas em tribunais e esquadras de polícia. Todos estes pedidos foram, no entanto, recusados.

observações que poderiam ser importantes. De notar também que, nos contextos analisados, e não obstante o facto de estarem a ser filmados, os indivíduos demonstraram um à-vontade superior do que o que demonstrariam se se encontrassem a depor em contextos forenses, uma vez que, nestes últimos contextos, as situações de vulnerabilidade, constrangimento e pressão são uma realidade. No entanto, e pese embora as diferenças de contextos, foi ainda possível conseguir observações que se aplicam a qualquer contexto interacional.

5.3. ESTUDOS POSTERIORES

Como foi anteriormente dito, sendo este um estudo exploratório, e não obstante as contribuições modestas alcançadas, seria necessário aprofundar mais as matérias aqui em análise, numa tentativa de perceber outras questões. Seria igualmente importante registar e analisar um *corpus* maior, para que outras conclusões pudessem ser retiradas, posicionando também diferentes câmaras, registando mais e diferentes perspetivas dos falantes em interação. Deste modo, outras modalidades poderiam ser analisadas com maior profundidade.

Partindo do que aqui foi feito, poder-se-iam realizar no contexto português (e não só) novos estudos que analisassem a relação da produção gestual e dos restantes movimentos do corpo com os processos cognitivos e com as emoções (relação entre as Ciências Cognitivas, a Psicologia e os Estudos do Gesto). Além disto, outros estudos poderiam ser realizados em que fosse efetuada uma análise prosódica da fala em correlação com os movimentos cinésicos (relação entre Fonética e Estudos do Gesto)⁷¹.

Poderiam, de igual forma, ser realizados estudos em que fosse aprofundada a relação entre a Psicologia e a Linguística Forenses e os Estudos do Gesto, em que outras matérias como as emoções, os preconceitos, as expectativas, as memórias e a sua relação com os movimentos cinésicos pudessem ser analisadas com mais pormenor.

Tendo em conta tudo o que foi apurado até ao momento no âmbito da área dos Estudos do Gesto, nomeadamente por Kendon (2004; 2013) e principalmente relativo às

⁷¹ Noutros contextos, que não o português, existem já investigadores e grupos de investigação que estudam estas e outras matérias (cf., por exemplo, GrEP – Grup d’Estudis de Prosòdia, da Universidade Pompeu Fabra: <http://prosodia.upf.edu/home/es/>).

interpretações dos gestos consoante o posicionamento/orientação da palma das mãos, outros estudos poderiam ser realizados em que mais ilações pudessem ser retiradas, partindo de uma análise de um *corpus* representativo (não só de grupos de falantes portugueses e ingleses, mas também de falantes de outras comunidades linguísticas).

De igual forma, poderia ter potencialmente interesse a criação de uma base dados de gestos e das suas interpretações circunscrita ao contexto linguístico e cultural português, podendo servir como base de referência científica para a sustentação de opiniões de peritos nos mais diversos âmbitos e esferas.

Relacionado com o ponto anterior, e tendo em conta uma aplicação mais direta, rápida e tecnologicamente sustentada da presente investigação, poderia ainda haver interesse no desenvolvimento de um programa de *software*/aplicação que reunisse a informação recolhida no presente estudo e que servisse de plataforma informática de análise de interações face a face.

Qualquer que possa ser o desenvolvimento e/ou a aplicação futura do presente trabalho, nunca é demais salientar dois aspetos basilares de toda esta investigação:

- Uma análise da comunicação humana em interação deve englobar todas as diversas modalidades que contribuem para a transmissão de mensagem, de informação – quer sobre o conteúdo semântico dos enunciados, quer sobre o estado emotivo do falante, quer ainda sobre o seu pensamento – sob pena de, se assim não acontecer, grande parte do que foi transmitido pelo falante ser colocado de parte e, conseqüentemente, se perder uma grande quantidade de informação relevante.
- Deveria ser legalmente possível e aceite que as interações em contextos forenses fossem registadas em vídeo, para que, mais tarde e oportunamente, pudesse ser realizada a micro-análise multimodal proposta no presente trabalho e que, deste modo, passasse a haver a possibilidade de informações interacionais importantes poderem ser retiradas, com o intuito de auxiliar na análise de um caso judicial.

Nós somos fala, mas somos também corpo e mente: comunicamos através de um sistema multimodal que, em conjunto, transmite de forma permanente mensagens e informações acerca do que somos, do que pensamos e do que sentimos. Não ter em conta a

multimodalidade na comunicação em interação significa, como vimos, ignorar dois terços do que comunicamos (Aghayeva, 2011). Quando está em causa tentar perceber a inocência ou a culpa de um indivíduo num caso judicial, estes dois terços de informação perdida poderiam revelar-se importantes numa aferição mais justa e fundamentada da verdade.

Cada um de nós é um indivíduo inexoravelmente marcado pela sua circunstância: os nossos valores, princípios, pressupostos, expectativas, preconceitos, emoções, língua, cultura e a perspetiva que temos do mundo que nos rodeia influenciam a forma como comunicamos e como nos relacionamos com os outros. Ter consciência disto e estar desperto para as diferenças existentes em cada um de nós enquanto seres ativos nas interações, tanto intra como interculturais, revela-se importante para uma comunicação eficaz. Porque importa transmitir mensagens que sejam interpretadas de forma correta pelo(s) nosso(s) interlocutor(es); porque importa que a liberdade de cada um não dependa da maneira muitas vezes parcial como alguém nos vê e interpreta; porque importa que se perceba que, por vezes, o modo como movimentamos e/ou posicionamos as mãos e os braços pode, se corretamente interpretado, ajudar a ditar ou a promover uma decisão justa sobre o nosso futuro num julgamento ou num interrogatório judicial.

6. BIBLIOGRAFIA

- (13/03/2018). Obtido de http://www.aaanet.org/sections/spa/?page_id=582.
- (13/03/2018). Obtido de <http://www.gesturestudies.com/>.
- (13/03/2018). Obtido de http://mcneilllab.uchicago.edu/writing/growth_points.html.
- (13/03/2018). Obtido de http://mcneilllab.uchicago.edu/analyzing-gesture/intro_to_annotation.html.
- (13/03/2018). Obtido de <http://www.apa.org/science/about/psa/2011/05/facial-expressions.aspx>.
- (13/03/2018). Obtido de <http://www.psychologytoday.com/basics/empathy>.
- (13/03/2018). Obtido de http://www-users.cs.umn.edu/~tmill/5202_mirror_neurons.pdf.
- (13/03/2018). Obtido de www.linguisticaforense.pt.
- (13/03/2018). Obtido de http://www.reid.com/training_programs/r_interview.html.
- (13/03/2018). Obtido de www.linguisticaforense.pt.
- (13/03/2018). Obtido de <https://courses.edx.org/courses/UQx/Crime101x/3T2014/4332589c515c45f095ab458737af9408/>.
- (13/03/2018). Obtido de <https://tla.mpi.nl/tools/tla-tools/elan>.
- (13/03/2018). Obtido de <http://prosodia.upf.edu/home/es/>.
- (13/03/2018). Obtido de <http://2012books.lardbucket.org/pdfs/a-primer-on-communication-studies.pdf>
- Aghayeva, K. (2011). Different Aspects of Nonverbal Intercultural Communication. *Khazar Journal of Humanities and Social Sciences*, 53-62.
- Altavilla, E. (2003). *Psicologia Judiciária I*. Coimbra: Almedina.
- Anastácio, M. (2009). Psicologia das Motivações Ajurídicas do Sentenciar: O Lado Invisível da Decisão. *Tese de Mestrado: Universidade Lusófona*.

- Arbib, M. A. (2013). Mirror systems and the neurocognitive substrates of bodily communication and language. In C. Müller, A. Cienki, E. Fricke, S. Ladewig, D. McNeill, & S. Tessendorf, *Body - Language - Communication: An International Handbook on Multimodality in Human Interaction, Volume 1* (pp. 451-465). Berlin/Boston: De Gruyter Mouton.
- Armon-Jones, C. (1986). The social functions of emotion. In R. Harré, *The social construction of emotions* (pp. 57-82). Oxford: Basil Blackwell.
- Auchlin, A. (1986). Complémentarité des structures thématiques et fonctionnelles pour l'accès aux interprétations dans le discours. *Cahiers de linguistique française*, 7, 169-188.
- Barik, H. C. (1968). On defining juncture pauses: a note on Boomer's "Hesitation and grammatical encoding". *Language and Speech*, 11, 156-159.
- Barth, F. D. (2013). Obtido de <http://www.psychologytoday.com/blog/the-couch/201303/empathy-understanding-and-mirror-neurons>.
- Bateson, G., & Ruesch, J. (1988). *Communication et Société*. Paris: Éditions du Seuil.
- Baúto, R. V. (2004). *Psicologia Forense: onde, como, quando e porquê?* <https://www.publico.pt/2014/09/29/sociedade/noticia/psicologia-forense-onde-como-quando-e-porque-1671147>.
- Bavelas, J. B., Chovile, N., Laurie, D. A., & Wade, A. (1992). Interactive Gestures. *Discourse Processes*, 15, 469-489.
- Beattie, G. (2003). *Visible thought: the new psychology of body language*. London/New York: Routledge.
- Bennett, J. M., Bennett, M. J., & Allen, W. (2003). Developing intercultural competence in the language classroom. In D. L. Lange, & R. M. Paige, *Culture as the core: Perspectives on culture in second language learning* (pp. 237-270). Greenwich: Information Age Publishing.
- Bennett, M. J. (1986). A developmental approach to training for intercultural sensitivity. *International Journal of Intercultural Relations*, 10 (2), 179-196.

- Bennett, M. J. (2004). Becoming interculturally competent. In J. S. Wurzel, *Toward Multiculturalism: A reader in multicultural education* (pp. 62-77). Newton, MA: Intercultural Resource Corporation.
- Bennett, M. J. (2004b). *Toward Multiculturalism: A reader in multicultural education*. Newton: Intercultural Resource Corporation.
- Bernstein, D. K., & Tiegerman-Farber, E. (2002). *Language and Communication Disorders in Children*. Boston: Stephen D. Dragin.
- Birdwhistell, R. L. (1952). *Introduction to Kinesics: an Annotation System for Analysis of Body Motion and Gesture*. Louisville: University of Louisville.
- Birdwhistell, R. L. (1970). *Kinesics and context*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- Bock, J. K. (1986). Syntactic persistence in language production. *Cognitive Psychology*, 18, 355-387.
- Bohle, U. (2014). Body posture and movements in interaction: Participation management. In C. Müller, A. Cienki, E. Fricke, S. Ladewig, D. McNeill, & S. Tessendorf, *Body - Language - Communication: An International Handbook on Multimodality in Human Interaction, Volume 2* (pp. 1301-1309). Berlin/Boston: De Gruyter Mouton.
- Brennan, S. E., & Clark, H. H. (1996). Conceptual pacts and lexical choice in conversation. *Journal of Experimental Psychology - Learning Memory and Cognition*, 22, 1482-1493.
- Bressemer, J. (2008). Notating gestures - Proposal for a form based notation system of coverbal gestures. <http://www.janabressemer.de/Publikationen.html>.
- Bressemer, J., & Ladewig, S. H. (2013). New insights into the medium hand: discovering recurrent structures in gestures. *Semiotica*, 203-231.
- Broaders, S. C., & Goldin-Meadow, S. (2010). Truth is at Hand: How Gesture Adds Information During Investigative Interviews. *Psychological Science*, 21 (5), 623-628.

- Burton, G., & Dimpleby, R. (2006). *Between ourselves: An introduction to interpersonal communication*. Oxford: Oxford University Press.
- Butters, R. R. (2011). Forensic Linguistics. *Journal of English Linguistics*, 39 (2), 196-202.
- Butterworth, B., & Beattie, G. (1978). Gesture and silence as indicators of planning in speech. In R. N. Campbell, & P. T. Smith, *Recent advances in the psychology of language: Formal and experimental approaches* (pp. 347-360). New York: Plenum Press.
- Butterworth, B., & Hadar, U. (1989). Gesture, speech, and computational stages: A reply to McNeill. *Psychological Review*, 96, 168-174.
- Cameron, D. (2001). *Working with spoken discourse*. London: SAGE Publications Ltd.
- Camurri, A., & al., e. (2004). Multimodal analysis of expressive gesture in music and dance performances: Gesture-based communication in human-computer interaction. *Lecture Notes in Artificial Intelligence*, 2915, 357-358.
- Carapinha, M. d. (2006). *Contributos Para a Análise da Linguagem Jurídica e da Interação Verbal na Sala de Audiências*. Tese de Doutoramento: Universidade de Coimbra.
- Carapinha, M. d. (2008). Discurso Judiciário, Comunicação e Confiança. In *O Discurso Judiciário, A Comunicação e a Justiça*. Coimbra: Coimbra Editora.
- Carapinha, M. d. (2011). Comunicação e Justiça - o texto legislativo. In C. Camponez, R. Basílio, & A. T. Peixinho, *Justiça e Comunicação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra (no prelo).
- Cardozo, B. N. (1992). *The Nature of Judicial Process*. New Haven: Yale University Press.
- Carpendale, J. I. (1997). An explication of Piaget's constructivism: Implications for social cognitive development. In S. Hala, *The development of social cognition* (pp. 35-64). London: University College London Press.

- Cenoz, J. (2000). Pauses and hesitation phenomena in second language production. *International Journal of Applied Linguistics*, 127 (1), 53-69.
- Cestero Mancera, A. M. (2007). La comunicación no verbal en el Plan Curricular del Instituto Cervantes. Apuntes para su enseñanza. *Frecuencia*, 15-21.
- Champagne, A., & Nagel, S. S. (1997). The Psychology of Judging. In N. L. Kerr, & R. M. Bray, *The psychology of the courtroom* (pp. 257-283). New York: Academic Press.
- Chartrand, T. L., & Bargh, J. A. (1999). The Chameleon Effect: The Perception-Behavior Link and Social Interaction. *Journal of Personality and Social Psychology*, 76 (6), 893-910.
- Chui, K. (2005). Temporal patterning of speech and iconic gestures in conversational discourse. *Journal of Pragmatics*, 37, 871-887.
- Clark, H. H. (1996). *Using Language*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Código de Processo Penal*. (2016). Coimbra: Almedina.
- Condon, W. C., & Ogston, R. (1966). Sound film analysis of normal and pathological behavior patterns. *Journal of Nervous and Mental Disease*, 143, 338-347.
- Condon, W. C., & Ogston, R. (1967). A segmentation of behavior. *Journal of Psychiatric Research*, 5, 221-235.
- Cosnier, J., & Kerbrat-Orecchioni, C. (1987). *Décrire la conversation*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon.
- Cotterill, J. (2002). *Language in the legal process*. Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- Cotterill, J. (Language and power in court: a linguistic analysis of the O.J. Simpson trial). 2003. Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- Coulthard, M. (1992). *Advances in Spoken Discourse Analysis*. London/New York: Routledge.
- Coulthard, M. (1994). *Advances in Written Text Analysis*. London/New York: Routledge.

- Coulthard, M. (2005). Some Forensic Applications of Descriptive Linguistics. *Veredas*, 9 (1-2), 9-28.
- Coulthard, M., & Brazil, D. (1979). *Exchange Structure*. University of Birmingham: ELR.
- Coulthard, M., & Johnson, A. (2007). *An Introduction to Forensic Linguistics*. London/New York: Routledge.
- Coulthard, M., & Johnson, A. (2010). *The Routledge Handbook of Forensic Linguistics*. London/New York: Routledge.
- Cruz-Santos, A. (2002). Problemas de comunicação: um contributo para uma melhor compreensão. *Inclusão*, 3, 23-40.
- Cruz-Santos, A., & Guimarães, C. (2010). Intervenção precoce nas competências de uma criança com deficiência auditiva. Um estudo de caso com enfoque na pragmática. *Sonhar: Comunicar, Repensar a diferença*, 2 (5), 49-54.
- Cruz-Santos, A., & Lima, E. (2012). Aquisição dos gestos naturais na comunicação pré-linguística: Uma abordagem teórica. *Revista Sociedade Brasileira Fonoaudiologia*, 17 (4), 495-501.
- Damásio, A. (1999). *O Sentimento de Si: o Corpo, a Emoção e a Neurobiologia da Consciência*. Lisboa: Publicações Europa-América.
- Darwin, C. (1872). *The expression of emotions in man and animals*. New York: Oxford University Press.
- de Jorio, A. (2000). *Gesture in Naples and Gesture in Classical Antiquity (trad. por Adam Kendon)*. Bloomington/Indianapolis: Indiana University Press.
- de Ruiter, J. P. (2007). Postcards from the mind: The relationship between speech,, imagistic gesture and thought. *Gesture*, 7 (1), 21-38.
- Duque de la Torre, A. (1996). Hablar, escribir, entender y... hacer. La integración de la kinésica en la clase de E/LE. *ASELE*, 183-191.
- Duranti, A. (1997). *Linguistic Anthropology*. Cambridge: Cambridge University Press.

- Eades, D. (2010). *Sociolinguistics and the Legal Process*. Bristol: MM Textbooks.
- Efron, D. (1941; 1972). *Gesture, Race and Culture*. The Hague: Mouton and Co.
- Eggins, S., & Slade, D. (1996). *Analysing Casual Conversation*. London: Cassell.
- Eibl-Eibesfeldt, I. (1972). Similarities and differences between cultures in expressive movements. In R. A. Hinde, *Nonverbal Communication* (pp. 297-311). Cambridge: Cambridge University Press.
- Ekman, P. (1992). An argument for basic emotions. *Cognition and emotion*, 6 (3-4), 169-200.
- Ekman, P., & Friesen, W. (1969). The repertoire of nonverbal behavior: categories, origins, usage and coding. *Semiotica*, 1 (1), 49-98.
- Elfenbein, H. A., & Ambady, N. (2002). On the universality and cultural specificity of emotion recognition: A meta-analysis. *Psychological Bulletin*, 128 (2), 205-235.
- Enfield, N. J., Kita, S., & de Ruiter, J. P. (2007). Primary and secondary pragmatic functions of pointing gestures. *Journal of Pragmatics*, 39, 1722-1741.
- Esteves, F. (2004). *As traições da memória*. Lisboa: Notícias Magazine.
- Evans, D. (2001). *Emotion: The Science of Sentiment*. Oxford: Oxford University Press.
- Everett, C. (2013). *Linguistic relativity: evidence across languages and cognitive domains*. Berlin/Boston: De Gruyter Mouton.
- Fairclough, N. (1989). *Language and Power*. London: Longman.
- Fairclough, N. (1992). *Discourse and social change*. Cambridge: Polity Press.
- Fairclough, N. (2003). *Analyzing Discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge.
- Fairclough, N., & Wodak, R. (1997). Critical Discourse Analysis. In T. Van Dijk, *Discourse as Social Interaction. Discourse Studies: A Multidisciplinary Introduction, Volume 2* (pp. 258-284). London: Sage.

- Fairclough, N., Mulderrig, J., & Wodak, R. (2011). Critical Discourse Analysis. In T. Van Dijk, *Discourse Studies: a multidisciplinary introduction*. London: Sage.
- Fairclough, N., Mulderrig, J., & Wodak, R. (2011). Critical Discourse Analysis. In T. Van Dijk, *Discourse Studies: a multidisciplinary introduction* (pp. 357-378). London: Sage.
- Feldman, R. S. (1992). *Applications of nonverbal behavioral theories and research*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Fernandes, C., & Jürgens, S. (2010). Transdisciplinary research bridging cognitive linguistics and digital performance: from multimodal corpora to choreographic knowledge-bases. In F. Schroeder, *Performing Technology: User Content and the New Digital Media* (pp. 19-34). Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing.
- Feyereisen, P., & de Lannoy, J.-D. (1991). *Gestures and Speech: Psychological Investigations*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Floriot, R. (1972). *Erros judiciários*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Fogassi, L., Gallese, V., Fadiga, L., & Rizzolatti, G. (1998). Neurons responding to the sight of goal directed hand/arm actions in the parietal area PF (7b) of the macaque monkey. *Soc. Neurosci*, 24, 257-275.
- Freitas-Magalhães, A. (2015). *O Sorriso de Darwin: Vestígios Emocionais do Cérebro na Face Humana*. Porto: FEELab Science Books.
- Galhano-Rodrigues, I. (1998). *Sinais Conversacionais de Alternância de Vez*. Porto: Granito, Editores e Livreiros.
- Galhano-Rodrigues, I. (2006). Contar pelos dedos: um sinal de manutenção de vez na interação face a face. *Lusorama: Revista de Estudos sobre os Países de Língua Portuguesa*, 65-66, 157-183.
- Galhano-Rodrigues, I. (2007). *O corpo e a fala: comunicação verbal e não-verbal na interação face a face*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia.

- Galhano-Rodrigues, I. (2008a). Espaço e gesto: interações no português de diferentes culturas. *Africana Studia*, 11, 81-127.
- Galhano-Rodrigues, I. (2008b). Verbal and nonverbal conversational signals: interactive, topographic, modal and turn-taking functions. *Linguistic Studies*, 2, 211-227.
- Galhano-Rodrigues, I. (2010). Gesture Space and Gesture Choreography in European Portuguese and African Portuguese Interactions: A Pilot Study of Two Cases. In S. Kopp, & I. Wachsmuth, *Gesture in Embodied Communication and Human-Computer Interaction* (pp. 23-33). Berlin: Springer.
- Galhano-Rodrigues, I. (2012). Vou buscar ali, ali acima! A multimodalidade da deixis no português. *Linguística: Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, 129-164.
- Galhano-Rodrigues, I. (2014). Gestures in Southwest Europe: Portugal. In C. Müller, A. Cienki, E. Fricke, S. Ladewig, D. McNeill, & S. Tessendorf, *Body - Language - Communication: An International Handbook on Multimodality in Human Interaction, Volume 2* (pp. 1259-1265). Berlin/Boston: De Gruyter Mouton.
- Galhano-Rodrigues, I. (2015). A tool at hand - gestures and rhythm in listing events: case studies of European and African Portuguese speakers. *Oslo Studies in Language*, 7 (1), 253-281.
- Gallese, V., & Lakoff, G. (2005). The brain's concepts: The role of the sensori-motor system in conceptual knowledge. *Cognitive Neuropsychology*, 22, 445-479.
- Gallese, V., Fadiga, L., Fogassi, L., & Rizzolatti, G. (2002). Action representation and the inferior parietal lobule. In W. Prinz, & B. Hommel, *Common Mechanisms in Perception and Action: Attention and Performance, Volume XIX* (pp. 247-266). Oxford: Oxford University Press.
- Garfinkel, H. (1974). On the Origins of the Term "Ethnomethodology". In R. Turner, *Ethnomethodology* (pp. 15-18). Harmondsworth: Penguin.
- Gerwing, J., & Bavelas, J. (2004). Linguistic influences on gesture's form. *Gesture*, 4, 157-195.

- Gerwing, J., & Bavelas, J. (2013). The social interactive nature of gestures: Theory, assumptions, methods, and findings. In C. Müller, A. Cienki, E. Fricke, S. Ladewig, D. McNeill, & S. Tessendorf, *Body - Language - Communication: An International Handbook on Multimodality in Human Interaction, Volume 1* (pp. 816-831). Berlin/Boston: De Gruyter Mouton.
- Gerwing, J., Bavelas, J., & Healing, S. (2014). Hand and Facial Gestures in Conversational Interaction. In T. M. Holtgraves, *The Oxford Handbook of Language and Social Psychology* (pp. 111-130). Oxford: Oxford University Press.
- Gibbons, J. (1994). *Language and the Law*. London/New York: Longman.
- Gibbons, J. (2003). *Forensic Linguistics: an introduction to language in the justice system*. Oxford: Blackwell Publishing.
- Gilbert, A. L., Regier, T., Kay, P., & Ivry, R. B. (2006). Whorf hypothesis is supported in the right visual field but not the left. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America*, *103* (2), 489-494.
- Gile, D. (1998). Observational Studies and Experimental Studies in the Investigation of Conference Interpreting. *Target*, *10* (1), 69-93.
- Gleitman, H. (1999). *Psicologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Goffman, E. (1987). *The Presentation of Self in Everyday Life*. London: Penguin.
- Goldin-Meadow, S. (2003). *Hearing Gesture: How our Hands help us think*. Harvard: Harvard University Press.
- Goldin-Meadow, S. (2005). The two faces of gesture: Language and thought. *Gesture*, *5*, 241-257.
- Goldin-Meadow, S., & McNeill, D. (1999). The role of gesture and mimetic representation in making language the province of speech. In M. C. Corballis, & S. Lea, *The descent of mind* (pp. 155-172). Oxford: Oxford University Press.
- González-Fuente, S. (2016). La prosodia audiovisual de la ironía verbal: un estudio de caso. *Revista de la Sociedad Española de Lingüística*, *45* (1), 77-104.

- Goodwin, C., & Duranti, A. (1992). *Rethinking Context: Language as an Interactive Process*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Granhag, P. A., & Strömwall, L. A. (2004). *The Detection of Deception in Forensic Contexts*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Gullberg, M. (1998). *Gesture as a Communication Strategy in Second Language Discourse : A Study of Learners of French and Swedish*. Tese de Doutorado: Universidade de Lund.
- Gumperz, J. e. (1972). *Directions in sociolinguistics: the ethnography of communication*. New York, London: Holt, Rinehart and Winston.
- Gumperz, J. J. (1971). *Language in social groups: essays*. Stanford: Stanford University Press.
- Gumperz, J. J. (1979). *Crosstalk: a study of cross-cultural communication: background material and notes to accompany the BBC film*. Southhall, Middlesex: National Centre for Industrial Language Training.
- Gumperz, J. J. (1982). *Language and social identity*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Gumperz, J. J. (2001). Contextualization and Ideology in Intercultural Communication. In A. Di Luzio, S. Günthner, & F. Orletti, *Culture in Communication: Analyses of intercultural situations* (pp. 35-54). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- Gumperz, J. J., & Hymes, D. (1972). *Directions in sociolinguistics: the ethnography of communication*. New York/London: Holt, Rinehart and Winston.
- Gumperz, J. J., & Levinson, S. C. (1996). *Rethinking linguistic relativity*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Hadar, U., Dar, R., & Teitelman, A. (2001). Gesture during speech in first and second language: Implications for lexical retrieval. *Gesture, 1* (2), 151-165.
- Hagemann, J. (2014). Proxemics and axial orientation. In C. Müller, A. Cienki, E. Fricke, S. Ladewig, D. McNeill, & S. Tessendorf, *Body - Language - Communication:*

An International Handbook on Multimodality in Human Interaction, Volume 2 (pp. 1310-1323). Berlin/Boston: De Gruyter Mouton.

Hall, E. T. (1959). *The Silent Language*. Garden City: New York: Doubleday.

Hall, E. T. (1966). *The Hidden Dimension*. Garden City, New York: Doubleday.

Halliday, M. A. (1999). The notion of "context" in language education. In M. Ghadessy, *Text and Context in Functional Linguistics* (pp. 1-24). Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.

Halliday, M. A., & Hasan, R. (1989). *Language, context, and text*. Oxford: Oxford University Press.

Hanks, W. (1996). Language form and communicative practices. In J. J. Levinson, *Rethinking linguistic relativity* (pp. 232-270). Cambridge: Cambridge University Press.

Hargie, O. (2011). *Skilled Interpersonal Interaction: Research, Theory, and Practice*. London: Routledge.

Heffer, C. (2005). *The language of jury trial: a corpus-aided analysis of legal-lay discourse*. Basingstoke: Palgrave Macmillan.

Hewes, G. (1957). The Anthropology of Posture. *Scientific American*, 196 (2), 122-132.

Heydon, G. (2005). *The Language of Police Interviewing: a critical analysis*. New York: Palgrave Macmillan.

Holler, J., & Wilkin, K. (2011). Co-Speech Gesture Mimicry in the Process of Collaborative Referring during Face-to-Face Dialogue. *Journal of Nonverbal Behaviour*, 35, 133-153.

Holliday, A., Hyde, M., & Kullman, J. (2007). *Intercultural Communication: An Advanced Resource Book*. New York: Routledge.

<http://2012books.lardbucket.org/pdfs/a-primer-on-communication-studies.pdf>.

(13/03/2018). Obtido de <http://2012books.lardbucket.org/pdfs/a-primer-on-communication-studies.pdf>

- James, W. (1884). What is an Emotion. *Mind*, 9, 188-205.
- Jones, S., & LeBaron, C. D. (2002). Research on the relationship between verbal and non-verbal communication: emerging integrations. *Journal of Communication*, 52 (3), 499-521.
- Keating, C. F., & al., e. (1981). Culture and the perception of social dominance from facial expression. *Journal of Personality and Social Psychology*, 62, 615-626.
- Kendon, A. (1970). Movement coordination in social interaction. *Acta Psychologica*, 32, 1-25.
- Kendon, A. (1972). Some relationships between body motion and speech: An analysis of an example. In A. Siegman, & B. Pope, *Studies in Dyadic Communication* (pp. 177-210). New York/Toronto/Oxford/Sydney/Braunschweig: Pergamon Press.
- Kendon, A. (1980). Gesticulation and speech: two aspects of the same process of utterance. In M. R. Key, *The Relationship of Verbal and Nonverbal Communication* (pp. 207-227). The Hague: Mouton and Co.
- Kendon, A. (1988). *Sign Languages of Aboriginal Australia: cultural, semiotic and communicative perspectives*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Kendon, A. (1990). *Conducting interaction: Patterns of behavior in focussed encounters*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Kendon, A. (1992). Some recent work from Italy on quotable gestures ('emblems'). *Journal of Linguistic Anthropology*, 2 (1), 77-93.
- Kendon, A. (1995). Gestures as illocutionary and discourse markers inn Southern Italian conversation. *Journal of Pragmatics*, 23, 247-279.
- Kendon, A. (1996). An Agenda for Gesture Studies. *Semiotic Review of Books*, 7 (3), 8-12.
- Kendon, A. (2004). *Gesture: Visible Action as Utterance*. Cambridge: Cambridge University Press.

- Kendon, A. (2007). On the origins of modern gesture studies. In J. Cassell, S. Duncan, & E. Levy, *Gesture and the Dynamic Dimension of Language: Essays in Honor of David McNeill* (pp. 13-28). Amsterdam: John Benjamins.
- Kendon, A. (2013). Exploring the utterance roles of visible bodily action: a personal account. In C. Müller, A. Cienki, E. Fricke, S. Ladewig, D. McNeill, & S. Tessendorf, *Body - Language - Communication: An International Handbook on Multimodality in Human Interaction, Volume 1* (pp. 7-27). Berlin/Boston: De Gruyter Mouton.
- Kendon, A. (2016). Gesture and sign: utterance uses of visible bodily action. In K. Allan, *The Routledge Handbook of Linguistics* (pp. 33-46). London/New York: Routledge.
- Kerbrat-Orecchioni, C. (1990). *Les interactions verbales*. Paris: Armand Colin.
- Kerbrat-Orecchioni, C. (2006). La conversation : pratique contrainte ou espace de liberté. *Actes de savoir, 3*, 71-86.
- Kidwell, M. (2013). Framing, grounding, and coordinating conversational interaction: Posture, gaze, facial expression, and movement in space. In C. Müller, A. Cienki, E. Fricke, S. Ladewig, D. McNeill, & S. Tessendorf, *Body - Language - Communication: An International Handbook on Multimodality in Human Interaction, Volume 1* (pp. 100-112). Berlin/Boston: De Gruyter Mouton.
- Kim, M.-S. (1995). Toward a theory of conversational constraints: Focusing on individual-level dimensions of culture. In R. L. Wiseman, *Intercultural communication theory* (pp. 148-169). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Kimbara, I. (2006). On gestural mimicry. *Gesture, 6*, 39-61.
- Kita, S. (2003). *Pointing: Where Language, Culture, and Cognition Meet*. Hillsdale NJ: Erlbaum.
- Kita, S. (2009). Cross-cultural variation of speech-accompanying gesture: a review. *Language and Cognitive Processes, 24* (2), 145-167.
- Kita, S., & Özyürek, A. (2003). What does cross-linguistic variation in semantic coordination of speech and gesture reveal?: Evidence for an interface

- representation of spatial thinking and speaking. *Journal of Memory and Language*, 48, 16-32.
- Kita, S., Özyürek, A., Allen, S., Brown, A., Furman, R., & Ishizuka, T. (2007). Relations between syntactic encoding and co-speech gestures: implications for a model of speech and gesture production. *Language and Cognitive Processes*, 22, 1212-1236.
- Klineberg, O. (1940). Emotional expression in Chinese literature. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 33, 517-520.
- Knapp, M. L., & Hall, J. A. (1997). The effects of gesture and posture on human communication. In M. L. Knapp, & J. A. Hall, *Nonverbal Communication in Human Interaction*. Fort Worth, TX: Harcourt Brace College Publishers.
- Kotthoff, H., & Spencer-Oatey, H. (2007). *Handbook of Intercultural Communication*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Kramsch, C. J. (2006). *Language and Culture*. Oxford: Oxford University Press.
- Krauss, R. M., & Hadar, U. (1999). The role of speech-related arm/hand gestures in word retrieval. In R. Campbell, & L. Messing, *Gesture, speech, and sign* (pp. 93-116). Oxford: Oxford University Press.
- Kudoh, T., & Matsumoto, D. (1985). Cross-cultural examination of the semantic dimensions of body postures. *Journal of Personality and Social Psychology*, 48 (6), 1440-1446.
- Ladewig, S. H., & Bressemer, J. (2013). A linguistic perspective on the notation of gesture phases. In C. Müller, A. Cienki, E. Fricke, S. Ladewig, D. McNeill, & S. Tessendorf, *Body - Language - Communication: An International Handbook on Multimodality in Human Interaction, Volume 1* (pp. 1060-1079). Berlin/Boston: De Gruyter Mouton.
- LaFrance, M., & Mayo, C. (1978). Cultural aspects of nonverbal communication. *International Journal of Intercultural Relations/Communication*, 2, 71-89.

- Leeds-Hurwitz, W. (1987). The social history of the "Natural History of an Interview": A multidisciplinary investigation of social communication. *Research on Language and Social Interaction*, 20, 1-51.
- Levine, D. R., & Adelman, M. B. (1993). *Beyond language: Cross-cultural communication*. Englewood Cliffs, N. J.: Prentice Hall Regents.
- Levinson, S. (2006). Cognition at the heart of human interaction. *Discourse Studies*, 8 (1), 85-93.
- Lewis, M., & Haviland-Jones, J. M. (2004). *Handbook of Emotions*. London/New York: The Guilford Press.
- Lewis, P. A., & Miall, R. C. (2003). Brain activation patterns during measurement of sub- and supra-second intervals. *Neuropsychologia*, 41 (12), 1583-1592.
- Lindblom, J., & Ziemke, T. (2007). Embodiment and social interaction: A cognitive science perspective. In T. Ziemke, J. Zlatev, & R. M. Frank, *Body, Language and Mind* (pp. 129-163). Berlin: De Gruyter Mouton.
- Lopes, A. P. (2011). Legal Translation and Interpreting, and Forensic Linguistics: What needs to be changed in Portugal. *Apresentação feita no âmbito da IAFL10 Conference*. Birmingham.
- Lopes, A. P. (2012a). Analysis of multimodality in face-to-face interaction applied in a multicultural criminal context. *Apresentação feita no âmbito da 6ICOM - International Conference on Modality*. Londres.
- Lopes, A. P. (2012b). Do body movements matter in a criminal context? *Apresentação feita no âmbito da Conferência Internacional de Linguística Forense*. Porto.
- Lopez, J. (2004). *La credibilidad del testimonio infantil ante supuestos de abuso sexual: indicadores psicosociales*. Universidad de Girona: Tese de Doutoramento.
- Louro, M. (2005). *Comunicação discursiva entre actores judiciais - Estudo da Psicologia das Motivações Ajurídicas*. Universidade Lusófona: Tese de Mestrado.

- Louw, B. (1993). Irony in the text or Insincerity in the Writer? The Diagnostic Potential of Semantic Prosodies. In M. Baker, G. Francis, & E. Tognini-Bonelli, *Text and Technology: In Honour of John Sinclair* (pp. 157-176). Amsterdam: John Benjamins.
- Lucy, J. (1996). The Scope of Linguistic Relativity: An Analysis and Review of Empirical Research. In J. Gumperz, & S. Levinson, *Rethinking Linguistic Relativity* (pp. 37-69). Cambridge: Cambridge University Press.
- Lucy, J. A. (1996). The Scope of Linguistic Relativity: An Analysis and Review of Empirical Research. In J. J. Gumperz, & S. C. Levinson, *Rethinking Linguistic Relativity* (pp. 37-69). Cambridge: Cambridge University Press.
- Mahl, G. F. (1968). Gestures and body movements in interviews. In J. M. Shlien, *Research in Psychotherapy* (pp. 295-346). Washington DC: American Psychology Association.
- Mallery, G. (1881). *Sign Languages Among North American Indians Compared with that Among Other Peoples and Deaf Mutes*. Washington: Government Printing Office.
- Marquardt, N., & Greenberg, S. (2015). *Proxemic Interactions: From Theory to Practice*. Morgan and Claypool Publishers.
- Marshall, C., & Rossman, G. B. (1995). *Designing Qualitative Research*. London: Sage.
- Mateus, M. H. (2005). Estudando a melodia da fala - traços prosódicos e constituintes prosódicos. *Palavras - Revista da Associação de Professores de Português*, 28, 79-98.
- Mateus, M. H., & al., e. (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Mateus, M. H., Andrade, A., Viana, M. C., & Villalva, A. (1991). *Fonética, Fonologia e Morfologia do Português*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Matoesian, G. M. (2010). Multimodality and forensic linguistics: Multimodal aspects of victim's narrative in direct examination. In M. Coulthard, & A. Johnson, *The Routledge Handbook of Forensic Linguistics* (pp. 541-557). London/New York: Routledge.

- Matoesian, G. M. (2010). Multimodality and forensic linguistics: Multimodal aspects of victim's narrative in direct examination. In M. Coulthard, & A. Johnson, *The Routledge Handbook of Forensic Linguistics* (pp. 541-557). London/New York: Routledge.
- Matsumoto, D. (2001). Culture and Emotion. In D. Matsumoto, *The Handbook of Culture and Psychology* (pp. 171-194). New York: Oxford University Press.
- Matsumoto, D., Keltner, D., Shiota, M. N., Frank, M. G., & O'Sullivan, M. (2008). What's in a face? Facial expressions as signals of discrete emotions. In M. Lewis, J. M. Haviland-Jones, & L. Feldman Barrett, *Handbook of emotions* (pp. 211-234). New York: Guilford Press.
- Maynard, D. W. (2006). Comment - bad news and good news: losing vs. finding the phenomenon in legal settings. *Law and Social Inquiry*, 31 (2), 477-497.
- Mayr, A. (2008). *Language and Power: an introduction to institutional discourse*. London/New York: Continuum.
- McCafferty, S. G. (2002). Gesture and creating zones of proximal development for second language learning. *The Modern Language Journal*, 86 (2), 192-203.
- McClave, E. Z. (2000). Linguistic functions of head movements in the context of speech. *Journal of Pragmatics*, 32, 855-878.
- McCullough, S., & Emmorey, K. (2009). Categorical perception of affective and linguistic facial expressions. *Cognition*, 110 (2), 208-221.
- McNeill, D. (1985). So you think gestures are nonverbal? *Psychological Review*, 92 (3), 350-371.
- McNeill, D. (1992). *Hand and Mind: What Gestures reveal about Thought*. Chicago: Chicago University Press.
- McNeill, D. (2000). *Language and Gesture*. Cambridge: Cambridge University Press.
- McNeill, D. (2005). *Gesture and Thought*. Chicago: Chicago University Press.
- McNeill, D. (2013). Gesture as a window onto mind and brain, and the relationship to linguistic relativity and ontogenesis. In C. Müller, A. Cienki, E. Fricke, S.

- Ladewig, D. McNeill, & S. Tessendorf, *Body - Language - Communication: An International Handbook on Multimodality in Human Interaction, Volume 1* (pp. 28-54). Berlin/Boston: De Gruyter Mouton.
- McNeill, D., & Duncan, S. (2000). Growth points in thinking-for-speaking. In D. McNeill, *Language and Gesture* (pp. 141-161). Cambridge: Cambridge University Press.
- Mehrabian, A. (1972). *Nonverbal communication*. New Jersey: Transaction Publishers.
- Melinger, A., & Levelt, W. J. (2004). Gesture and the communicative intention of the speaker. *Gesture*, 4, 119-141.
- Merinero, S. I. (1996). La comunicación no verbal en la enseñanza del español como lengua extranjera. *ASELE*, 271-275.
- Miller, T. (2010). Obtido de http://www-users.cs.umn.edu/~tmill/5002_mirror_neurons.pdf.
- Miller, T. (2010). *Mirror Neurons, The Mirror System, and Human Language*. http://www-users.cs.umn.edu/~tmill/5202_mirror_neurons.pdf.
- Mineiro, A., Duarte, L., Pereira, J., & Morais, I. (2009). Adding other pieces to the Portuguese Sign Language lexicon puzzle. *Cadernos de Saúde 1, Especial Línguas Gestuais*, 83-98.
- Moeschler, J. (1985). Dialogisme et dialogues: pragmatique de l'énoncé vs pragmatique du discours. *Tranel*, 9, 7-43.
- Moeschler, J. (1987). Structure, dynamique et complétude conversationnelles. In P. Bange, *L'analyse des interactions verbales. La dame de Caluire : une consultation* (pp. 123-156). Berne: Peter Lang.
- Moeschler, J. (1989). Marques linguistiques, interprétation pragmatique et conversation. *Cahiers de Linguistique Française*, 10, 43-76.
- Mol, L., Krahmer, E., Mars, A., & Swerts, M. (2012). Adaptation in gesture: converging hands or converging minds? *Journal of Memory and Language*, 66, 249-264.

- Molinsky, A. L., Krabbenhoft, M. A., Ambady, N., & Choi, Y. S. (2005). Cracking the Nonverbal Code: Intercultural Competence and Gesture Recognition Across Cultures. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 36 (3), 380-395.
- Mondada, L. (2013). Multimodal interaction. In C. Müller, A. Cienki, E. Fricke, S. Ladewig, D. McNeill, & S. Tessendorf, *Body - Language - Interaction: An International Handbook on Multimodality in Human Interaction, Volume 1* (pp. 577-588). Berlin/Boston: De Gruyter Mouton.
- Moody, E., & McIntosh, D. (2006). Imitation in Autism Findings and Controversies. In S. Rogers, & J. H. Williams, *Imitation and the Social Mind* (pp. 71-88). New York: Guilford Press.
- Morel, M. A., & Danon-Boileau, L. (1998). *Grammaire de l'intonation. L'exemple du français*. Paris: Ophrys.
- Morett, L. M., Gibbs, R. W., & MacWhinney, B. (2012). The Role of Gesture in L2 Learning: Communication, Acquisition, and Retention. *11th Conceptual Structure, Discourse, and Language Conference*. Vancouver.
- Mori, J., & Hayashi, M. (2006). The Achievement of Intersubjectivity through Embodied Completions: A Study of Interactions Between First and Second Language Speakers. *Applied Linguistics*, 27 (2), 195-219.
- Morris, D., Collett, P., Marsh, P., & O'Shaughnessy, M. (1979). *Gestures: Their Origins and Distribution*. New York: Stein and Day.
- Müller, C. (1998). Gestures with Speech. Cultural history, Theory, Comparison. In H. Kalverkämper, R. Krüger, & R. Posner, *Body - Culture - Communication*. Berlin: Berlin Verlag.
- Müller, C., & Posner, R. (2004). *The semantics and pragmatics of everyday gestures*. Berlin: Weidler.
- Müller, C., Cienki, A., Fricke, E., Ladewig, S., McNeill, D., & Tessendorf, S. (2013). *Body - Language - Communication: An International Handbook on Multimodality in Human Interaction, Volume 1*. Berlin/Boston: De Gruyter Mouton.

- Müller, C., Cienki, A., Fricke, E., Ladewig, S., McNeill, D., & Tesselndorf, S. (2014). *Body - Language - Communication, Volume 2*. Berlin/Boston: De Gruyter Mouton.
- Mumby, D. K., & Clair, R. P. (1997). Organizational Discourse. In T. Van Dijk, *Discourse Studies, Volume 2: Discourse as Social Interaction* (pp. 181-205). London: Sage.
- Münstenberg, H. (1908). *On the witness stand: Essays on psychology and crime*. New York: McClure.
- Nadel, J. (2006). Does Immitation Matter to Children with Autism? In S. Rogers, & J. H. Williams, *Imitation and the Social Mind* (pp. 118-134). New York: Guilford Press.
- Niemeier, S., Campbell, C. P., & Dirven, R. (1998). *The Cultural Context in Business Communication*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- Norris, S. (2013). Multimodal (inter)action analysis: An integrative methodology. In C. Müller, A. Cienki, E. Fricke, S. Ladewig, D. McNeill, & S. Tesselndorf, *Body - Language - Communication: An International Handbook on Multimodality in Human Interaction, Volume 1* (pp. 275-286). Berlin/Boston: De Gruyter Mouton.
- Nöth, W. (1995). *Handbook of Semiotics*. Bloomington/Indianapolis: Indiana University Press.
- Ortony, A., Gerald, L. C., & Collins, A. (1990). *The Cognitive Structure of Emotions*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Ozcaliskan, S. (2012). When gesture does and does not follow speech in describing motion. *Supplement to the Proceedings of the 36th Boston University Conference on Language Development*. Boston.
- Özyürek, A. (2000). The influence of addressee location on spatial language and representational gestures of direction. In D. McNeill, *Language and gesture* (pp. 64-83). Cambridge: Cambridge University Press.
- Pfau, R., & Steinbach, M. (2006). Pluralization in Sign and in Speech: A Cross-Modal Typological Study. *Linguistic Typology*, 10/2, 135-182.

- Pickering, M. J., & Garrod, S. (2004). Toward a mechanistic psychology of dialogue. *Behavioral and Brain Sciences*, 27, 169-225.
- Pierson, H. D., & Bond, M. H. (1982). How do Chinese bilinguals respond to variations of interviewer language and ethnicity? *Journal of Language and Social Psychology*, 1, 123-139.
- Pinker, S. (1994). *The Language Instinct*. New York: Harper Perennial Modern Classics.
- Poggi, I. (2013). Mind, hands, face, and body: A sketch of a goal and belief view of multimodal communication. In C. Müller, A. Cienki, E. Fricke, S. Ladewig, D. McNeill, & S. Tessendorf, *Body - Language - Communication: An International Handbook on Multimodality in Human Interaction, Volume 1* (pp. 627-647). Berlin/Boston: De Gruyter Mouton.
- Poiares, C. (2003). Psicologia do Testemunho: Contribuição para a aproximação da verdade judicial à verdade. *Revista Jurídica da Universidade Portucalense Infante D. Henrique*, 77-94.
- Poyatos, F. (1993). *Paralanguage: A Linguistic and Interdisciplinary Interactive Speech and Sounds*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Poyatos, F. (1994). *La comunicación no verbal: cultura, lenguaje y conversación, Volume I*. Madrid: Istmo.
- Poyatos, F. (1994). *La comunicación no verbal: cultura, lenguaje y conversación, Volume II*. Madrid: Istmo.
- Poyatos, F. (2002). *Nonverbal Communication across Disciplines: Paralanguage, kinesics, silence, personal and environmental interaction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- Quintiliano, M. F. (1920). *The Institutio Oratoria of Quintilian, trad. inglesa de H. E. Butler*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Rizzolatti, G., & Craighero, L. (2005). Mirror neuron: a neurological approach to empathy. In J.-P. Changeux, A. Damásio, & W. Singer, *Neurobiology of Human Values* (pp. 107-123). Berlin: Springer-Verlag.

- Rizzolatti, G., Fogassi, L., & Gallese, V. (2001). Neurophysiological mechanisms underlying the understanding and imitation of action. *Nat. Rev. Neurosci*, 2, 661-670.
- Roberson, D., & Davidoff, J. (2000). The categorical perception of colors and facial expressions: the effect of verbal interference. *Memory and Cognition*, 28 (6), 977-986.
- Roberson, D., Damjanovic, L., & Pilling, M. (2007). Categorical perception of facial expressions: evidence for a "category adjustment" model. *Memory and Cognition*, 35 (7), 1814-1829.
- Roberson, D., Pak, H., & Hanley, J. R. (2008). Categorical perception of colour in the left and right visual field is verbally mediated: evidence from Korean. *Cognition*, 107 (2), 752-762.
- Roulet, E. (1980). *Langue maternelle et langues secondes: vers une pédagogie intégrée*. Paris: Hatier-Credif.
- Ruesch, J., & Kees, W. (1956). *Nonverbal Communication: Notes on the Visual Perception of Human Relations*. Berkeley/Los Angeles: University of California Press.
- Ruiz, E. (2009). *Discriminate or Diversify*. Maryland, USA: PositivePsyche.biz.
- Sapir, E. (1962). *Culture, Language and Personality: Selected Essays*. Berkeley/Los Angeles: University of California Press.
- Schane, S. A. (2006). *Language and the Law*. London: Continuum.
- Schefflen, A. E., & Schefflen, A. (1972). *Body language and the social order*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall Trade.
- Schegloff, E. A. (1984). On Some Questions and Ambiguities in Conversation. In J. M. Atkinson, & J. Heritage, *Structures of Social Action: Studies in Conversation Analysis* (pp. 28-52). Cambridge: Cambridge University Press.
- Schegloff, E. A. (2007). *Sequence organization in interaction: a primer in conversation analysis*. Cambridge: Cambridge University Press.

- Scherer, K. R., & Ekman, P. (1982). *Handbook of methods in nonverbal behavior research*. New York: Cambridge University Press.
- Schiffrin, D. (1987). Discovering the context of an utterance. *Linguistics*, 25 (1), 11-32.
- Schiffrin, D. (1994). *Approaches to discourse*. Oxford: Blackwell.
- Schiffrin, D. (1994). *Approaches to Discourse* . Oxford: Blackwell.
- Schiffrin, D. (2001). Discourse markers: Language meaning and context. In D. Schiffrin, D. Tannen, & H. Hamilton, *Handbook of Discourse Analysis* (pp. 54-75). Oxford: Basil Blackwell.
- Selting, M., & al., e. (2011). A system for transcribing talk-in-interaction: GAT 2. *Gesprächsforschung*, 12, 1-51.
- Selting, M., & Couper-Kuhlan, E. (2001). *Studies in interactional linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- Shuter, R. (1976). Proxemics and Tactility in Latin America. *Journal of Communication*, 26 (3), 46-52.
- Shuy, R. W. (1996). *Language Crimes: use and abuse of language evidence in the courtroom*. Oxford: Blackwell.
- Shuy, R. W. (1998). *The language of confession, interrogation and deception*. London: Sage.
- Shuy, R. W. (2001). Discourse Analysis in the Legal Context. In D. Tannen, H. E. Hamilton, & D. Schiffrin, *The Handbook of Discourse Analysis* (pp. 437-452). Oxford: Blackwell Publishing.
- Shuy, R. W. (2005). *Creating Language Crimes: how law enforcement uses (and misuses) language*. Oxford: Oxford University Press.
- Shuy, R. W. (2006). *Linguistics in the courtroom: a practical guide*. Oxford: Oxford University Press.
- Shuy, R. W. (2010). *The Language of Defamation Cases*. Oxford: Oxford University Press.

- Sinclair, J. M., & Coulthard, M. (1975). *Towards an analysis of discourse: the English used by teachers and pupils*. Oxford: Oxford University Press.
- Sobral, J., Arce, R., & Prieto, A. (1994). *Manual de Psicologia Jurídica*. Barcelona: Edições Paidós.
- Sousa-Silva, R. (2014). Investigating academic plagiarism: A forensic linguistics approach to plagiarism detection. *International Journal for Education Integrity*, 10 (1), 31-41.
- Sousa-Silva, R., Laboreiro, G., Oliveira, E., Grant, T., Sarmiento, L., & Maia, B. (2011). twazn me!!! ;(' Automatic Authorship Analysis of Micro-Blogging Messages. *16th International Conference on Applications of Natural Language to Information Systems*.
- Spencer-Oatey, H. (2000). *Culturally Speaking: Managing Rapport Through Talk Across Cultures*. London/New York: Continuum.
- Spencer-Oatey, H. (2011). Achieving Mutual Understanding for Effective Intercultural Management .
http://www2.warwick.ac.uk/fac/cross_fac/globalpeople/resourcebank/researchpapers, 1-15.
- Spencer-Oatey, H., & Franklin, P. (2009). *Intercultural Interaction: A Multidisciplinary Approach to Intercultural Communication*. Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- Spencer-Oatey, H., & Kotthoff, H. (2007). *Handbook of Intercultural Communication*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Streeck, J. (2013). Praxeology of gesture. In C. Müller, A. Cienki, E. Fricke, S. Ladewig, D. McNeill, & S. Tessendorf, *Body - Language - Communication: An International Handbook on Multimodality in Human Interaction, Volume 1* (pp. 674-688). Berlin/Boston: De Gruyter Mouton.
- Svartvik, J. (1968). *The Evans Statements: A case for forensic linguistics*. Gothenburg: University of Gothenburg Press.

- Talmy, L. (1985). Lexicalization patterns: semantic structure in lexical form. In T. Shopen, *Language Typology and Syntactic Description: Grammatical Categories and the Lexicon, volume 3* (pp. 57-149). Cambridge: Cambridge University Press.
- Talmy, L. (2000). *Toward a Cognitive Semantics*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Tiersma, P. (1999). *Legal Language*. Chicago/London: University of Chicago Press.
- Ting-Toomey, S., & Oetzel, J. G. (2002). Cross-Cultural Face Concerns and Conflict Styles: Current Status and Future Directions. In W. B. Gudykunst, & B. Mody, *Handbook of International and Intercultural Communication* (pp. 143-164). London/New Delhi: Sage Publications.
- Tomasello, M., & Call, J. (1997). *Primate Cognition*. Oxford: Oxford University Press.
- Turell, M. T. (2009). The Task and Role of the Forensic Linguist in Giving Evidence. In M. Amengual, M. Juan, & J. Salazar, *New Perspectives on English Studies* (pp. 49-64). Ciutat de Mallorca: Universitat de les Illes Balears.
- Turell, M. T. (2010). Investigación, docencia y práctica profesional en Lingüística Forense. In E. Garayzábal, M. Jiménez, & M. Reigosa, *Panorama actual de la Lingüística Forense en el ámbito legal y policial. Teoría y práctica*. (pp. 32-44). Madrid: Universidad Autónoma de Madrid.
- Turell, M. T. (2012). Lingüística forense: el llenguatge ens delata! In G. Colón, & L. Gimeno, *La lingüística i les seues aplicacions en la societat* (pp. 141-166). Castelló de la Plana: Publicacions de la Universitat Jaume I.
- Tylor, E. (1865). *Researches into the Early History of Mankind*. London: John Murray.
- Vale, R., & Galhano-Rodrigues, I. (2015). Gestures of a child with hearing loss in two different interactional settings (por publicar). Universidade de Warwick: Poster apresentado em: Child Language Symposium.
- Van Dijk, T. (2001). Critical Discourse Analysis. In D. Schiffrin, D. Tannen, & H. E. Hamilton, *The Handbook of Discourse Analysis* (pp. 352-371). Oxford: Blackwell.

- Van Dijk, T. A. (1998). *Ideology: a multidisciplinary approach*. London: SAGE Publications Ltd.
- Visalberghi, E., & Fragaszy, D. (2002). Do monkeys ape? Ten years later. In K. Dautenhahn, & C. L. Nehaniv, *Imitation in animals and artifacts* (pp. 471-479). Cambridge, MA: MIT Press.
- Vrij, A. (2000). *Detecting lies and deceit: the psychology of lying and the implications for professional practice*. Chichester: John Wiley and Sons Ltd.
- Vrij, A. (2008). *Detecting lies and deceit: pitfalls and opportunities*. Chichester: John Wiley and Sons Ltd.
- Wallbott, H., & Scherer, K. R. (1995). Cultural determinants in experiencing shame and guilt. In J. Tangney, & K. Fischer, *Self-Conscious Emotions: the Psychology of Shame, Guilt, Embarrassment and Pride* (pp. 465-488). New York: Guilford.
- Watson, O. M. (1970). *Proxemic behavior: a cross-cultural study*. The Hague: Mouton.
- Watzlawick, P., Beavin, J. H., & Jackson, D. D. (1967). *Pragmática da Comunicação Humana*. São Paulo: Cultrix.
- Weigand, E. (1999). Misunderstanding: the standard case. *Journal of Pragmatics*, 31, 763-785.
- Weigand, E. (2004). *Emotion in Dialogic Interaction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- Whorf, B. L. (1956). *Language, thought, and reality: selected writings*. Cambridge: Technology Press of Massachusetts Institute of Technology.
- Wilcox, S. (2004). Gesture and language: Cross-linguistic and historical data from signed languages. *Gesture*, 4 (1), 43-75.
- Wilcox, S. (2013). Speech, sign, and gesture. In C. Müller, A. Cienki, E. Fricke, S. Ladewig, D. McNeill, & S. Tessendorf, *Body - Language - Communication: An International Handbook on Multimodality in Human Interaction, Volume 1* (pp. 125-134). Berlin/Boston: De Gruyter Mouton.

- Williams, R. F. (2013). Cognitive Anthropology: Distributed cognition and gesture. In C. Müller, A. Cienki, E. Fricke, S. Ladewig, D. McNeill, & S. Tessendorf, *Body - Language - Communication: An International Handbook on Multimodality in Human Interaction, Volume 1* (pp. 240-257). Berlin/Boston: De Gruyter Mouton.
- Wodak, R. (2001). What CDA is about - a summary of its history, important concepts and its developments. In R. Wodak, & M. Meyer, *Methods of Critical Discourse Analysis* (pp. 1-14). London: Sage.
- Wundt, W. (1901). *Sprachgeschichte und Sprachpsychologie. Mit Rücksicht auf B. Delbrücks "Grundfragen der Sprachforschung"*. Leipzig: Engelmann.
- Zagar-Galvão, E. (2009). Speech and Gesture in the Booth: A Descriptive Approach to Multimodality in Simultaneous Interpreting. *Translation and the (Trans)formation of Identities (CETRA Research Seminar in Translation Studies)*.
- Zagar-Galvão, E. (2015). *Gesture in Simultaneous Interpreting from English into European Portuguese: An Exploratory Study*. Universidade do Porto: Tese de Doutoramento.
- Zagar-Galvão, E., & Galhano-Rodrigues, I. (2010). The importance of listening with one's eyes: A case study of multimodality in simultaneous interpreting. In J. Días-Cintas, A. Matamala, & J. Neves, *New Insights into Audiovisual Translation and Media Accessibility: Media for All 2*. (pp. 241-253). Amsterdam/New York: Rodopi.
- Zagar-Galvão, E., & Galhano-Rodrigues, I. (2015). Nonverbal communication: Body language, prosody. In F. Pöchhacker, *Routledge Encyclopedia of Interpreting Studies* (pp. 280-281). New York: Routledge.
- Zellner, B. (1994). Pauses and the temporal structure of speech. In E. Keller, *Fundamentals of speech synthesis and speech recognition* (pp. 41-62). Chichester: John Wiley.
- Zhao, J. (2006). The communicative functions of gestures in L2 speech. *SLAT: Working Papers in Linguistics, 13*, 1-17.

Zlatev, J. (2009). The Semiotic Hierarchy: Life, Consciousness, Signs, Language. *Cognitive Semiotics*, 4, 169-200.

Zlatev, J. (2009). The Semiotic Hierarchy: Life, Consciousness, Signs, Language. *Cognitive Semiotics*, 4, 169-200.

Zlatev, J. (2013). Levels of embodiment and communication. In C. Müller, *Body - Language - Communication: An International Handbook on Multimodality in Human Interaction, Volume 1* (pp. 533-550). Berlin/Boston: De Gruyter Mouton.

Zlatev, J. (2013). Levels of embodiment and communication. In C. Müller, A. Cienki, E. Fricke, S. Ladewig, D. McNeill, & S. Tessendorf, *Body - Language - Communication: An International Handbook on Multimodality in Human Interaction, Volume 1* (pp. 533-550). Berlin/Boston: De Gruyter Mouton.

7. ANEXOS

7.1. INQUÉRITOS REALIZADOS A INVESTIGADORES CRIMINAIS DA POLÍCIA JUDICIÁRIA E A JUÍZES

1. Conhece o método de interrogatório criminal americano Reid?

Sim Não

Respostas

Todos os inquiridos responderam afirmativamente.

2. Se sim, o que pensa do mesmo?

Considero-o muito útil e devia ser aplicado/adaptado aos interrogatórios em Portugal.

Considero-o muito útil, mas acho que em Portugal não funcionaria.

Considero-o pouco útil para o contexto português.

Considero-o pouco útil no geral.

Respostas

Dois dos inquiridos consideram-no pouco útil para o contexto português e os restantes três consideram-no pouco útil no geral.

3. Quando interroga um suspeito/testemunha, costuma seguir algum método de interrogatório?

Sim Não

(se respondeu que sim, indique qual/descreva-o)

Respostas

Dois dos inquiridos afirmam que seguem um método de interrogatório quando interrogam um suspeito/testemunha.

Resposta afirmativa 1:

“Sigo o Manual de técnicas de entrevista e interrogatório, M. F. Antunes, EPJ, Loures”

Resposta afirmativa 2:

“Preparação dos elementos/provas existentes;

Realizar um conjunto de perguntas que têm de ser feitas;

Estudar o indivíduo a entrevistar, quer pelo seu perfil social/profissional/criminal;

À sua chegada e entrada no gabinete ter uma conversa informal que pode versar sobre qualquer assunto que seja pertinente ao momento, inclusive falar informalmente acerca do processo, obtendo assim respostas para quando se passar á fase da escrita formal ser detentor já de informação que o vai vincular. Em sùmula, fazê-lo falar, criar empatia, quebrar o gelo, tornarmo-nos amigáveis e assim obter informação.

Já no interrogatório formal, escrito, sempre em ambiente de “dois homens a conversar”, dando-lhe inclusive razão em pormenores, ajudar a explicar/justificar outros, virando a conversa com elementos comuns a ambos (família, negócios, deveres, cultura geral, que todos somos homens e cometemos erros mas que temos de os assumir, tipo: “como empresário ou autor do crime compreendo-o, mas como elemento policial não posso aceitar, etc., etc., levando-o a “baixar a guarda” e a conversar... Vai confessando.

Por vezes, durante o interrogatório, fazer a mesma pergunta várias vezes, tipo esqueci-me que já a tinha feito, aumentando a autoestima do interrogado levando-o a abrir-se, pois julga que está a falar com indivíduo menos esperto.

No final, em face da sua confiança e grau de recetividade da minha parte, ele “abre-se e fala demais”, sendo esse o objetivo, obtendo a confissão.

Mais ainda, a conversa/interrogatório tem de terminar “como amigos dentro do possível”, ele com um sentimento de culpa, mas ao mesmo tempo, orgulhoso, pois foi homem e assumiu as suas responsabilidades.

Dizer-lhe que, com calma, o processo irá seguir a sua tramitação sempre em seu benefício, pois até assumiu e chegou a hora de se justificar e, com isso, mostrar o seu bom íntimo/caráter, as suas razões.

Se o interrogatório correu menos bem e, pelo meio, houve alguma palavra menos agradável o sujeito tem de ser mentalizado de que tal aconteceu por sua exclusiva culpa, sua teimosia em não assumir de imediato as suas responsabilidades.”

4. Existe algum método de interrogatório criminal vigente em Portugal?

Sim Não

(se sim, indique qual e descreva-o sucintamente, tendo em conta os pontos/fases principais desse mesmo método)

Respostas

Apenas um dos inquiridos afirma existir um método de interrogatório criminal vigente em Portugal.

Resposta afirmativa 1:

“Responder às seguintes perguntas:

O que aconteceu, onde aconteceu, quando aconteceu, como aconteceu e porque aconteceu;

1 - Preparação do interrogatório com informação;

2 - Criar empatia com o sujeito;

3 - Fazer as perguntas;

4 - Confrontar o sujeito com os factos;

5 - Após esta demonstração científica, ele “quebrar” e confessar.”

5. Se não existe nenhum método de interrogatório criminal em Portugal, considera que deveria existir?

Sim Não

Respostas

Dos cinco inquiridos, quatro consideram que deveria existir um método de interrogatório criminal em Portugal.

6. Na sua formação escolar/académica, recebeu formação sobre como interrogar suspeitos/testemunhas?

Sim Não

Respostas

Todos os cinco inquiridos responderam afirmativamente.

7. Se respondeu afirmativamente à questão anterior, considera suficiente a formação que recebeu?

- Considero-a suficiente para exercer as minhas funções.
- Considero-a insuficiente para exercer as minhas funções.
- Considero necessária mais formação e formação mais aprofundada nesta área.

Respostas

Todos os cinco inquiridos consideram ser necessário haver mais formação e formação mais aprofundada nesta área.

8. Se respondeu negativamente à questão 6, considera necessário haver formação nesta área do interrogatório e da inquirição criminal?

- Sim Não

Respostas

Todos os cinco inquiridos responderam afirmativamente.

Tabela 25 – Inquérito realizado aos Inspetores da Polícia Judiciária sobre interrogatórios criminais.

1. Há quanto tempo trabalha como juiz?

- + de 10 anos - de 10 anos

Respostas

Três dos inquiridos responderam trabalhar há mais de 10 anos e um há menos de 10 anos.

2. Quando interroga um arguido ou inquire testemunhas, o que tem em conta para chegar a conclusões? Baseia-se em quê?

Respostas

Resposta 1

“No âmbito do processo criminal, vigora entre nós o princípio da livre apreciação da prova (cf. artº 127º do Código de Processo Penal). Tal consagração legal não significa que o julgador possa proceder arbitrária e caprichosamente à avaliação da prova, ou que a lei lhe ofereça a faculdade de julgar como lhe aprouver, sem provas ou mesmo contra as provas produzidas.

Antes pelo contrário, este princípio significa antes que o tribunal deve julgar segundo a consciência que formou. E essa convicção é formada, não em obediência a regras preestabelecidas, a quadros, critérios ou ditames impostos por lei, mas sim através da influência que as provas produzidas exerceram no espírito do julgador, após as ter apreciado e avaliado segundo critérios de valoração racional e lógica, segundo a sua experiência, sendo que, neste particular aspecto, não pode deixar de dar-se a devida relevância à percepção directa que a imediação e a oralidade conferem ao julgador.

Com efeito, a convicção do julgador é formada pela análise dos testemunhos, em função das razões de ciência, do posicionamento social, profissional ou familiar face às partes, das certezas, das lacunas, das contradições, das hesitações, das inflexões de voz, do estado de espírito aparentado, da “linguagem” revelada, pela postura e comportamento físico em geral, da coerência de raciocínio e, designadamente, da seriedade e sentido de responsabilidade demonstrados.

Todos estes elementos constituem um acervo de informação verbal e não verbal rica, imprescindível e incindível para a apreciação e valoração da prova produzida. Tendo em atenção tudo o que ficou dito, no seu critério de livre apreciação, o tribunal pode mesmo, v.g., considerar provado um facto afirmado no depoimento de uma única testemunha, embora perante ele tenham deposto, em sentido contrário, várias testemunhas.

Por outro lado, um depoimento prestado, sujeito à crítica do julgador, pode ser considerado todo verdadeiro ou todo falso, mas podem, também, ser aceite como verdadeiras certas partes, negando-se crédito a outras (cf. neste sentido Enrico Altavilla, in Psicologia Judiciária, Vol. II, Coimbra, 3º Ed., p. 12).

*Por outro lado, tudo quanto ficou dito deverá, ainda, passar por um outro crivo: **as regras da experiência, do senso comum, do normal acontecer.***

Conforme ensinava Cavaleiro Ferreira, “as normas de experiência são definições ou juízos hipotéticos de conteúdo genérico, independentes do caso concreto “sub judice”, assentes na experiência comum, e por isso independentes dos casos individuais em cuja observação se alicerçam, mas para além dos quais têm validade”.

Ademais, refere o mesmo autor que, “a livre convicção é um meio de descoberta da verdade, não uma afirmação infundada da verdade”, portanto, “uma conclusão livre, porque subordinada à razão e à lógica, e não limitada por prescrições formais exteriores”(in Curso de Processo Penal, II, págs. 27 e 30).

A propósito da melhor interpretação a conceder ao artigo 127º do Código de Processo Penal, escreveu Figueiredo Dias, “Se a verdade que se procura é uma verdade político – jurídica e se uma das funções primaciais de toda a sentença (“maxime” da penal) é a de convencer os interessados do bem fundado da decisão, a convicção do juiz há-de ser, é certo, uma convicção pessoal (...) mas, em todo o caso, também ela uma convicção objectivável e motivável, portanto capaz de impor-se aos outros (in Direito Processual Penal, Volume I, pág. 205). E essa convicção “objectivável e motivável” faz-se por apelo às regras de experiência que, nos dizeres de M. Taruffo, “são noções da experiência comum, quer dizer, aquele conjunto de noções, informações, regras, máximas, apreciações, que representam o património da cultura média que habitualmente se designa como “senso-comum” (in “La motivazione della sentenza”, Pádua, 1975, pág. 242).”

Resposta 2

“São vários os fatores a atender, devendo sempre fazer-se uma apreciação crítica e conjugada de todos os depoimentos ouvidos (e de outros meios de prova, como sejam documentos, perícias, reconhecimentos, etc.) sobre a mesma situação fáctica. Ouvindo um arguido ou uma testemunha há que atender à coerência do relato produzido, à sua correspondência com a normal ordem das coisas (segundo regras de experiência), à

aparente espontaneidade com que o depoimento é prestado, ao interesse que eventualmente o declarante tenha no resultado da lide (falando, aqui, principalmente de testemunhas, uma vez que os arguidos serão sempre interessados no resultado do processo), à razão de ciência que apresente (falando, uma vez mais, e principalmente, de testemunhas) para conhecer diretamente a situação em análise.”

Resposta 3

“Ponto de partida é sempre a matéria de facto controvertida (na área cível) ou os factos que conformam o objecto do processo, constantes da acusação ou do despacho de pronúncia (na área criminal).

A partir daí, é necessário fazer a ponderação conjugada de toda a prova produzida.

No que respeita à prova testemunhal, por exemplo, torna-se imperioso que as testemunhas detenham conhecimentos pessoais e directos sobre os factos em discussão. Detendo-os, aprecio a espontaneidade dos depoimentos, a sua coerência e a objectividade das testemunhas, assim como a postura destas, dando prevalência, naturalmente, à tranquilidade, à serenidade e ao descomprometimento, quer relativamente às partes, quer relativamente à factualidade que se encontra em apreciação.

No fundo, o que se procura é privilegiar a busca da verdade material, com base em depoimentos que se reputam honestos e rectos.”

Resposta 4

“Assertividade e regras da experiência.”

3. Costuma prestar mais atenção ao que o inquirido diz oralmente, ou também costuma prestar atenção aos movimentos do corpo do mesmo (gestos, expressões faciais, movimentos das mãos, braços, pernas, tronco, cabeça)?

Respostas

Resposta 1

“Conforme decorre da resposta anterior, a credibilidade acerca da autenticidade de um determinado facto não se limita ao simples verbalizar desse mesmo facto, sendo, por isso, absolutamente correcto que toda a postura corporal do inquirido deve ser considerada e, além do mais, um outro elemento.

Por regra, a animosidade/agressividade e a tentativa de, emotivamente, responder às perguntas de forma parcial (de forma a ocultar os segmentos que prejudicam a parte que indicou tal testemunha), mostram uma testemunha parcial e interessada na questão.”

Resposta 2

“A imediação é fundamental para formar a convicção probatória do julgador, regendo-se este pelo princípio da livre apreciação da prova. Caso contrário, bastaria ouvir um depoimento gravado ou ler um depoimento escrito (sendo certo que, em algumas situações processualmente previstas, é isso que sucede). É na presença de quem depõe que o julgador melhor pode avaliar a espontaneidade do depoimento e, com isso, atribuir maior ou menor credibilidade a determinada testemunha. Os movimentos do depoente são importantes, principalmente na apreciação conjugada que deles devemos fazer com as próprias declarações que são produzidas e com os demais fatores a atender. Uma testemunha que se apresente nervosa pelo simples facto de estar a depor em tribunal é, em princípio, percecionada pelo julgador de uma forma diferente daquela outra que se mostre nervosa por estar, conscientemente, a mentir em tribunal. Da mesma forma, um depoimento de uma testemunha que se mostre genuinamente segura e convicta é, em princípio, sentido de uma forma diferente daquele que é feito por alguém que apenas quer aparentar segurança e convicção. E isso só é possível porque, para além dos restantes fatores referidos, também se atende aos movimentos do corpo da mesma. Por exemplo, um desvio de olhar em direção da pessoa que é sua conhecida em busca de um sinal de confirmação para o que se disse, evidencia, muitas vezes, insegurança e falta de espontaneidade.”

Resposta 3

“É necessária uma conjugação de todos os factores enunciados, não existindo, em rigor, primazia de uns sobre os outros.”

Resposta 4

“Sim.”

4. Já tomou alguma decisão conclusiva em relação a um inquirido com base numa avaliação sua dos movimentos do corpo desse mesmo inquirido?

Respostas

Resposta 1

“Já e, por se mostrar pertinente, envio segmento de uma decisão que proferi no processo [XXX]⁷² – Tribunal Judicial de [YYY].

Nesse processo, para justificar porque dei como provados determinados factos e como não provados outros escrevi, naquela altura (há cerca de 4 anos), o seguinte:

«Na verdade, o testemunho de [ZZZ], fotógrafo que se encontrava no local (como todos os arguidos nisso acordam) assemelhou-se-nos artificial e, em dados momentos, perdeu aderência com aquilo que é o normal desenrolar das coisas da vida. Com efeito, para além da testemunha se ter limitado a desfiar toda a versão que foi apresentada pelo arguido [WWW] de modo, como dito, artificial e não convincente, a dado momento apresentou tiradas que, razoavelmente, não acontecem. De facto, não se nos assemelha crível, conforme nos pretendeu transmitir a testemunha, que o arguido [WWW], depois de ter sido apodado de “burro” e, na tese da testemunha, ter sido

⁷² Nesta resposta, foram omitidos, por motivos de protecção e salvaguarda da identidade, os nomes reais dos locais e dos indivíduos intervenientes.

agredido pelo arguido [HHH], se tenha mantido impávido e sereno, sem pronunciar uma única palavra ou esboçado um gesto que fosse. Na realidade, já se sabe que num contexto de altercação, as coisas não se passam desta forma, visto que nestas ambiências, a dado momento, a língua “funciona” de modo tão ou mais lesto do que as próprias mãos, sobretudo quando, salvo o devido respeito, tal postura omissiva em nada se ajusta à personalidade do arguido [WWW], na medida em que, de modo algum, passou despercebido ao Tribunal a atitude desafiante que o mesmo fez questão de adoptar ao longo das duas sessões de julgamento, manifestada na forma como se sentava de braços estirados nas costas do banco, como provocatoriamente bamboleava uma flor entre os dedos das mãos, no modo como olhava os outros dois arguidos ou mesmo como, por vezes, respondia a instância do Tribunal.»

Resposta 2

“Respondo positivamente, pese embora nunca o tenha feito apenas e só com base nessa avaliação. Ou seja, esse é mais um fator de apreciação a atender e a conjugar de forma crítica com outros.”

Resposta 3

“Sim. Gesticular efusivamente pode denotar nervosismo; olhar com frequência para o próprio advogado pode transparecer insegurança; franzir o sobrolho traduz, em regra, animosidade e pouco descomprometimento relativamente à matéria de facto em discussão, tudo simples exemplos de como movimentos do corpo ou expressões faciais podem condicionar a apreciação e valoração da prova.”

Resposta 4

“Sim.”

5. Independentemente de ter por hábito prestar atenção aos movimentos do corpo de um inquirido, considera que prestar atenção a estes elementos é pertinente e útil numa investigação criminal?

Respostas

Resposta 1

“Pelo que resulta das respostas anteriores, em sede de julgamento, tal atenção é essencial.

Já em sede de investigação criminal (fase do processo) anterior ao julgamento (inquérito criminal), penso que tal atenção poderá revelar-se igualmente útil, dado que, em função da maior ou menor credibilidade que se consiga assacar numa testemunha, por efeito desses movimentos do corpo, a investigação poderá tomar novos rumos e, deste modo, alcançar a verdade material.”

Resposta 2

“Sim, na perspetiva de poder abrir novas pistas de investigação. Não, na perspetiva de poder fundamentar, só por si, conclusões de natureza criminal.”

Resposta 3

“Partindo do princípio de que o conceito de “investigação criminal” não se atém ao inquérito (da exclusiva responsabilidade do Ministério Público), antes se encontra associado a uma noção mais ampla de busca da verdade material, sem dúvida que reveste utilidade e é pertinente tomar em conta os movimentos do corpo do interrogado.”

Resposta 4

“Sim.”

6. No caso de normalmente ter em conta os movimentos do corpo de um inquirido nas suas análises e investigações de um crime, em que se baseia para chegar às suas conclusões? Baseia-se na sua experiência empírica, por exemplo? Se sim, considera que tal é suficientemente fiável e credível para servir de base às suas conclusões?

Respostas

Resposta 1

“Para além de me basear na experiência empírica/regras do normal acontecer, evito fundar, exclusivamente, a minha conclusão apenas nisso, procurando, assim, amparo e estribo noutros meios de prova (outros depoimentos ou documentos), que sirvam para corroborar a minha conclusão.”

Resposta 2

“A experiência empírica resultante das mais diversas situações da vida (pessoal e profissional) é um pilar fundamental da leitura que faço dos movimentos do corpo de um interrogado. É nela, em larguíssima medida, que sustento a minha apreciação a esse nível, não obstante o conhecimento, mais teórico, que possa obter através de obras de psicologia forense ou através da frequência de ações de formação nessa área.”

Resposta 3

“Interpretando o conceito de “investigação criminal” nos moldes acima descritos, é indubitável que a experiência empírica também serve (e muito) para tirar ilações quanto à verificação de um crime. Não existindo regras ou fórmulas matemáticas para alcançar uma conclusão na ciência do direito, ela depende de múltiplos factores: experiência pessoal, movimentos do corpo do inquirido e também, porque não dizê-lo, de factores inteiramente subjectivos, muito pouco sindicáveis, como a própria intuição,

sendo que todo o juízo sobre o facto requer uma fundamentação rigorosa, a fim de não ser confundido com arbitrariedade.”

Resposta 4

“Sim. É claro que só por si não é suficiente, devendo recorrer igualmente a elementos objectivos que o processo disponha.”

7. Se costuma prestar atenção aos movimentos do corpo de um inquirido, em que elementos em particular normalmente se concentra (gestos, expressões faciais, movimentos das mãos, braços, pernas, tronco, cabeça)? Especifique, por favor, quais os elementos. Acrescente outros, se necessário.

Respostas

Resposta 1

“Usualmente, presto atenção ao registo da voz (serenidade ou animosidade), ao nervosismo demonstrado nas mãos, à forma como evita o contacto ocular com quem o interroga ou como, quando a questão é embaraçosa, procura auxílio no rosto do advogado da parte contrária.”

Resposta 2

“Costumo ter em atenção o olhar (se é direto ou não), as expressões faciais (se apresenta semblante contraído, tenso, se emocionado, se enraivecido, etc.), eventuais tremuras das mãos e das pernas, sorrisos despropositados ou cúmplices.”

Resposta 3

“Não me centro em qualquer elemento em particular, antes na pessoa como um todo. Todavia, estando os inquiridos, em regra, sentados quando prestam depoimento (à excepção dos arguidos, os quais prestam declarações de pé), é natural que se preste

maior atenção às expressões faciais, ao olhar, assim como ao movimento dos braços, dada a relativa imobilidade do resto do corpo.”

Resposta 4

“Expressões e cabeça.”

8. Tem por hábito prestar atenção também a situações em que os inquiridos tremem as mãos, os braços, as pernas, transpiram, gaguejam, sorriem, hesitam na fala, aos momentos de silêncio entre falas? Especifique, por favor, em quais destes elementos se costuma centrar. Acrescente outros, por favor, se necessário.

Respostas

Resposta 1

“Para além dos já referidos na resposta antecedente, as hesitações no discurso são relevantes para um juízo de descredibilização quando atinentes às razões de ciência da testemunha. Todavia, dizendo respeito a apelos de memória, podem ser até naturais e fatores de espontaneidade no depoimento. A testemunha que não deixe escapar quaisquer pormenores no seu depoimento e, principalmente, que a eles se refira sem ser instada para tanto, apresenta-se, geralmente, com um défice de espontaneidade, o qual pode vir a ser comprometedor para a sua credibilidade.”

Resposta 2

“Todos os referidos elementos são muito importantes.

A postura do interrogado é matéria-prima para, em qualquer instante, dele poder ser feito um juízo valorativo ou conclusivo. Até mesmo no próprio momento da sua entrada na sala de audiências, altura em que – pelo modo como caminha, como observa o que o rodeia, como olha para o julgador – podem ser retiradas ilações quanto à respectiva

confiança ou insegurança, ao seu temor ou descontração, abonando-o ou não em termos de credibilidade.

Ainda assim, no tempo em que se encontram diante de nós, é fundamental conseguir destringir as características que são próprias do interrogado das que surgem única e exclusivamente da circunstância de estar a ser ouvido em Tribunal. Concretizando, é perfeitamente natural que uma pessoa nervosa ou ansiosa tenha tendência para falar apressadamente, para gaguejar ou “tropeçar” no discurso, sem que isso signifique que esteja a faltar à verdade.”

Resposta 3

“Quando hesitam na fala.”

Resposta 4

“Sim. É claro que só por si não é suficiente, devendo recorrer igualmente a elementos objectivos que o processo disponha.”

9. Considera que os juízes estão preparados/têm formação para fazer este tipo de leitura de forma sustentada e credível (ler e interpretar os movimentos do corpo de um inquirido)?

Respostas

Resposta 1

“Nesse aspecto específico – movimentos do corpo – não há formação específica.”

Resposta 2

“Têm a preparação que teoricamente lhes foi (ou não) dada e a que possam, por iniciativa própria, procurar, bem como a experiência empírica que vão adquirindo ao

longo do seu percurso profissional e da sua vida pessoal. Pelo que conheço em relação à formação de juízes, e apelando à minha experiência pessoal, é incomensuravelmente muito mais significativa a preocupação na formação técnica dos juízes do que a que possa haver quanto à leitura de movimentos do corpo dos interrogados.”

Resposta 3

“Estão tão preparados como qualquer outro cidadão que, em qualquer situação corrente da sua vida, tem necessidade de compreender o seu interlocutor.

Estão em causa qualidades pessoais, atributos da própria pessoa, não capacidades meramente funcionais.”

Resposta 4

“Não.”

10. Considera necessária a existência de Profissionais com formação específica, académica e credível na leitura e interpretação dos movimentos do corpo humanos (Linguistas Forenses com especialidade em Movimentos do corpo) que possam colaborar directamente com o Sistema Judicial?

Respostas

Resposta 1

“Embora inexistentem, seria uma ideia interessante, essencialmente, em sede de investigação criminal.”

Resposta 2

“Em situações de investigação criminal e/ou na qualidade de peritos nomeados para procederem a determinada peritagem nessa área, julgo que seriam uma importante

mais-valia. Nunca, porém, na qualidade de coadjutores do julgador na decisão por este a proferir quanto à matéria de facto a julgar. A apreciação da prova deve ser efetuada unicamente pelo julgador.”

Resposta 3

“Sinceramente, não me parece necessário.

Estando em causa atributos pessoais na apreensão da prova, para que serve um excelente Linguista Forense com especialidade em Movimentos do corpo se o julgador – que é quem tem a última palavra – não possui tais capacidades?

Se não as tem, de nada vale um bom linguista forense, como de nada vale um bom código, um bom computador ou uma boa pasta para carregar tais bons códigos e computador.

Mais vale rigor e exigência acrescida na selecção dos candidatos a juízes, pondo o acento tónico não só nas suas qualidades técnicas como também nos seus atributos humanos.

Diferentemente, se já tem tais capacidades, parece-me que o julgador terá um duplo trabalho com a presença de um linguista forense: apreender e depurar a prova produzida e, num segundo passo, apreender e depurar a análise que outrem fez da prova produzida diante dos seus próprios olhos; compreender a natureza humana do inquirido e, num segundo momento, compreender a natureza humana do linguista forense.

Diria mesmo que a apreensão, a ponderação, a análise e o julgamento da prova constitui, positivamente, o acto mais íntimo, mais individual e necessariamente solitário da função de juiz.

E também o mais importante, pois o mais é “mera” aplicação do direito aos factos extraídos da prova.”

Resposta 4

“Sim.”

11. Se sim, qual considera que seria a posição geral do Sistema Judicial perante tais Profissionais? Considera que seriam aceites e que a sua presença seria bem-vinda e recomendável numa Sala de Audiências?

Respostas

Resposta 1

“Antevejo algumas dificuldades de implementação da ideia, devido à impossibilidade de contraditar as conclusões a que esse perito chegaria pelos advogados de defesa.”

Resposta 2

“Na perspetiva referida na resposta que antecede, creio que seriam bem aceites pela «família» judicial. Para além disso, não creio.”

Resposta 3

“Não.”

Resposta 4

“Sim.”

Tabela 26 – Respostas dos juízes ao inquérito sobre movimentos do corpo

1. Trabalha como investigador da Polícia Judiciária há mais ou menos de 10 anos?

+ de 10 anos - de 10 anos

Respostas

Três dos inquiridos responderam trabalhar há mais de 10 anos e os restantes três há menos de 10 anos.

2. Quando inquire um suspeito, o que o leva a considerar que ele é culpado ou não? Em que se baseia para tirar conclusões?

Respostas

Resposta 1

“A culpa baseia-se nas provas/elementos recolhidos durante a investigação em causa. O interrogatório é efectuado tendo em conta essas mesmas provas/elementos. Poderá criar-se a convicção de que o interrogado é ou não culpado.”

Resposta 2

“Quando partimos para a audição de um indivíduo na qualidade de arguido (suspeito) é porque antecipadamente recolhemos informação/prova, que pode ser pericial ou testemunhal, de que determinada pessoa é suspeita da prática de determinado ilícito.

Um OPC nunca decide se determinado indivíduo é culpado ou inocente, limita-se apenas a recolher elementos de prova que permitam ao Juiz avaliar se determinado indivíduo é ou não culpado/autor da prática de determinados actos que possam configurar determinado tipo de crime.”

Resposta 3

“Não cabe ao investigador decidir pela culpabilidade do interrogado. As conclusões são retiradas da matéria factual/indícios constantes do processo. O papel do

investigador não se confunde com o do julgador e a imparcialidade deve imperar quando se desenvolve a diligência de interrogatório.”

Resposta 4

“Quando se interroga um suspeito, pode-se estar na posse de mais ou menos elementos/indícios, que possam eventualmente criar uma convicção mais forte da sua, ou não, culpabilidade, mas o investigador nessa fase do inquérito nunca decide, nem é essa a sua função, se o suspeito é ou não culpado.”

Resposta 5

“Na maior parte das vezes, nos elementos de prova previamente recolhidos.”

Resposta 6

“Para além dos movimentos do corpo, o que importa é o interrogatório verbal, a produzir resultado positivo com a confissão dos factos, o que preferencialmente devia acontecer em conjugação com outros elementos probatórios.”

3. Quando o inquirido fala, a que é que, na sua contribuição, presta atenção? (marcar a importância da atenção numa escala de 1-5, em que 1 diz respeito a pouca atenção e 5 a muita atenção)

Conteúdo das frases (o que ele diz)

Respostas

1 resposta 3; 5 respostas 5

Características da voz

Respostas

4 respostas 3; 1 resposta 4; 1 resposta 5

Outros sinais. Quais? (Descrever com pormenor)

Respostas

Resposta 1

“Postura física.”

Resposta 2

“Comportamento durante o interrogatório/contradições.”

Resposta 3

“Nervosismo/ expressão corporal.”

Resposta 4

“O olhar e a forma como se movimenta.”

Resposta 5

“Nervosismo; irritação; deslante; transpiração; rubores.”

Resposta 6

“Manutenção ou desvio do olhar.”

4. Já tomou alguma decisão conclusiva em relação a um inquirido com base nos elementos que referiu na pergunta 3?

Respostas

Resposta 1

“Sim, com base nesses elementos poderá criar-se a convicção de culpa do interrogado.”

Resposta 2

“Com base nos elementos referidos na pergunta 3 já criei, por diversas vezes, convicção de que determinado sujeito pode estar ou não a mentir ou ocultar elementos relevantes para a investigação.

As decisões só devem ser tomadas mediante a recolha de mais e melhores elementos de prova material e/ou testemunhal.”

Resposta 3

“A convicção do julgador não deve relevar no processo crime. No entanto, e porque enquanto o investigador não é um ser autómato, é indissociável da profissão em causa que o contacto com os arguidos por vezes permita ainda que de forma puramente subjectiva criar uma convicção. Os elementos referidos em 3 poderão ser preponderantes na formação dessa convicção.”

Resposta 4

“Na minha perspectiva, creio que se pode ficar mais ou menos convicto da veracidade do seu testemunho, embora de facto, o que mais importa para efeitos de prova, é a conjugação da prova material, com todos os outros factores que possam existir.”

Resposta 5

“Normalmente as minhas conclusões não são nunca só retiradas em função do interrogatório, uma vez que, na maior parte das vezes, o suspeito ou não fala, ou tenta minimizar as suas condutas, ou mente.”

Resposta 6

“Sim.”

5. Independentemente de ter por hábito prestar atenção a esses elementos, considera que o facto de lhes prestar atenção é pertinente e útil numa investigação criminal?

Não considero útil nem pertinente.

Considero pouco útil e pertinente.

Considero útil e pertinente.

Considero muito útil e pertinente.

Respostas

Um dos inquiridos considera que é pouco útil e pertinente, dois dos inquiridos consideram útil e pertinente e três dos inquiridos consideram muito útil e pertinente.

6. No caso de normalmente ter em conta esses elementos, em que se baseia para chegar às suas conclusões? Baseia-se na sua experiência empírica, por exemplo?

Respostas

Resposta 1

“Tem por base a experiência adquirida não só na actividade profissional que desempenho (experiências do dia a dia/formação durante o curso de inspectores/formação contínua), bem como experiências que advêm do facto de

vivermos em sociedade, pelo que aprendemos a lidar com diversos seres humanos e a compreender o seu comportamento.”

Resposta 2

“Baseio-me na minha experiência profissional.”

Resposta 3

“As conclusões deverão basear-se nos elementos objectivos recolhidos no âmbito da investigação e não nos elementos subjectivos ou na experiência do investigador, sob pena da “contaminação” da investigação. Apesar das matrizes de investigação se fundarem também em regras da experiência comum, elas deverão ser meros quadros de actuação, a balizarem a investigação, não podendo ditar princípios estanques e supra críticos.”

Resposta 4

“Baseia-se, por um lado, na minha experiência empírica, profissional e, por outro, nos conhecimentos de psicologia judiciária adquiridos na formação inicial, no Curso de Inspectores Estagiários.”

Resposta 5

Não respondeu.

Resposta 6

“Baseio-me na experiência de casos idênticos, na possível confissão dos factos e nos elementos de prova recolhidos no inquérito.”

7. Se sim, considera que tal é suficientemente fiável e credível para servir de base às suas conclusões?

- Considero que não é credível.
- Considero pouco credível.
- Considero credível.
- Considero muito credível.

Respostas

Um dos inquiridos considera que é pouco credível e cinco consideram credível.

8. Em que medida são importantes os movimentos de várias partes do corpo de um inquirido?

- Não são importantes.
- São pouco importantes.
- São importantes.
- São muito importantes.
- São indispensáveis.

Respostas

Um dos inquiridos considera que são pouco importantes, dois inquiridos consideram que são importantes e três consideram que são muito importantes.

9. Se tiver respondido “são importantes”, “são muito importantes” ou “são indispensáveis” na questão anterior, que movimentos considera mais importantes? Especifique com pormenor as características desses movimentos.

Respostas

Resposta 1

“A postura em si. A forma como fala. O olhar. A posição das mãos. Vários elementos que em conjunto podem indicar se o interrogado estará ou não a mentir e poderão

indicar a melhor forma de orientar o interrogatório (sempre tendo em conta os elementos já apurados durante a investigação).”

Resposta 2

“O tipo de discurso utilizado (muito ou pouco pormenorizado, histórias demasiado elaboradas); a colocação das mãos durante o discurso; a forma de olhar enquanto responde a determinadas perguntas; o nervoso “miudinho” que os deixa algo desconfortáveis.”

Resposta 3

“A forma como movimenta as mãos/cabeça/pernas; a evidenciação de trejeitos ou tiques.”

Resposta 4

“Esta resposta está directamente ligada à anterior.”

Resposta 5

Não respondeu.

Resposta 6

“As observações dos movimentos são um complemento a outros factores que podem contribuir para a percepção sobre o que realmente aconteceu, nomeadamente no que pode ser entendido como a verdade dos factos narrada, por exemplo, na confissão do autor.”

10. Considera que os investigadores criminais da Polícia Judiciária/juízes estão preparados/têm formação para fazer este tipo de interpretação (a de identificar e interpretar movimentos do corpo de forma sustentada e credível)?

- Não estão preparados/não têm formação.
- Estão pouco preparados/têm pouca formação.
- Estão preparados/têm formação.
- Estão bem preparados/têm boa formação.
- Estão muito bem preparados/têm muito boa formação.

Respostas

Um dos inquiridos julga que não está preparado ou não têm formação, dois dos inquiridos consideram-se pouco preparados ou com pouca formação e os restantes três inquiridos são da opinião que estão preparados e têm formação suficiente.

11. Considera necessária a existência de Profissionais com formação específica, académica e credível na identificação e interpretação dos movimentos do corpo humanos (Linguistas Forenses com especialidade em movimentos do corpo) que possam colaborar directamente com o Sistema Judicial?

- Não considero necessário.
- Considero pouco necessário.
- Considero necessário.
- Considero muito necessário.
- Considero indispensável.

Respostas

Um dos inquiridos não considera ser necessário, outro considera ser pouco necessário e os restantes quatro consideram ser necessário.

12. Qual considera que seria a posição geral do Sistema Judicial perante tais Profissionais? Considera que seriam aceites e que a sua presença seria bem-vinda e recomendável numa Esquadra de Polícia/Tribunal?

- Considero que não seriam bem aceites.
- Considero que seriam pouco aceites.
- Considero que seriam aceites.
- Considero que seriam muito bem aceites.
- Considero que seriam vistos como mais-valias.

Respostas

Um dos inquiridos considera que não seriam bem aceites, dois consideram que seriam bem aceites e três dos inquiridos são da opinião que seriam muito bem aceites.

Tabela 27 – Respostas dos investigadores criminais da Polícia Judiciária ao inquérito sobre movimentos do corpo

7.2. INQUÉRITOS REALIZADOS NO ÂMBITO DO ESTUDO DE CASO 1 – EXPERIÊNCIA 2

1. What do you think people were talking about?

Respostas

Resposta 1

“A prior disagreement.”

Resposta 2

“Immigration – people not feeling accepted.”

Resposta 3

“Discussion; disagreement; serious. Some kind of issue involving people with very diferente points of view.”

Resposta 4

“Discussing a serious topic that is making people uncomfortable. Perhaps a disagreement between two people, while the rest feel uncomfortable/bored.”

2. What do you think people were feeling while they were talking?

Respostas

Resposta 1

“Uncomfortable”.

Resposta 2

“Deeply angry and passionate.”

Resposta 3

“Tense, frustrated, passionate, discomfort, aggressive at times.”

Resposta 4

“Passionate, annoyed, bored, awkward, uncomfortable, fed up, ready to leave.”

3. What is your overall perception and ideas about this interaction?

Respostas

Resposta 1

“A disagreement between two parties – with no attempt by no intermediar to bring it to a resolution.”

Resposta 2

“Group uncomfortable with themselves and the discussion.”

Resposta 3

“Not particularly amicable. Awkward. Negative atmosphere.”

Resposta 4

“Negative experience.”

4. What were your initial thoughts when watching this video and what do you think now that you have watched it?

Respostas

Resposta 1

“The same thing.”

Resposta 2

“That it’s a conflicting debate where the right side feels persecuted.”

Resposta 3

“To be honest, didn’t change much. Still seems like confrontational atmosphere, negative, etc.”

Resposta 4

“Thought it was a business/teachers’ meeting at first, but then began to doubt myself.”

Tabela 28 – Respostas dos ingleses sobre o vídeo português

1. Do que acha que as pessoas estão a falar?

Respostas

Resposta 1

“Falam sobre um assunto sério.”

Resposta 2

“As pessoas falam sobre algo calmo e sério.”

Resposta 3

“Conversam sobre uma matéria formal, séria.”

Resposta 4

“Um assunto sério. Parecem estar numa reunião calma, num ambiente formal”.

2. O que acha que as pessoas estavam a sentir enquanto falavam? Como descreve o seu comportamento?

Respostas

Resposta 1

“Algumas pessoas estão mais entusiasmadas do que outras.”

Resposta 2

“Têm uma postura formal. Há uma educação e formalidade evidentes.”

Resposta 3

“Alguns gesticulam mais do que outros.”

Resposta 4

“Algumas pessoas demonstram impaciência.”

3. Qual a sua percepção e ideias gerais sobre esta interação?

Respostas

Resposta 1

“O ambiente é calmo e formal.”

Resposta 2

“Ambiente formal e muito educado.”

Resposta 3

“Uma reunião numa empresa ou escola.”

Resposta 4

“Um encontro/reunião formal.”

4. O que pensou sobre esta interação no início da visualização deste vídeo e o que pensa agora que o terminou de ver?

Respostas

Resposta 1

“Penso o mesmo: ambiente formal”

Resposta 2

“O mesmo. Todos estão muito calmos e quietos, embora uns sejam mais comunicativos do que outros.”

Resposta 3

“A mesma coisa.”

Resposta 4

“O mesmo: tudo muito formal e calmo.”

Tabela 29 – Respostas dos portugueses sobre o vídeo inglês

1. What do you think people were talking about?

Respostas

Resposta 1

“I think the people were talking about a work situation, or a problem with two points of view.”

Resposta 2

“I think the people may have been discussing a course – possibly an interaction between tutors and students?”

Resposta 3

“I do not know. Initially I had assumed that it was a general business meeting. As time progressed it appeared that the leftmost four people were acting as a group distinct from the remainder of the attendees. The meeting seemed to progress with the people on the right sharing a viewpoint, the group on the left quizzing them, the people on the right then discussed their response and reached consensus. The group on the left listened to the consensus view being described at length by the attendee in the yellow tie and, latterly, the attendee dressed in green. It may be that some problem was being worked out. Every so often the group's attention was drawn off-screen, perhaps to an unseen speaker or a video. One of the leftmost group of four, the attendee third from the left, rarely looked to the off-screen source. This suggested some familiarity with its content? At the very beginning of the video, which is outside the timeframe we were to consider, a blue-shirted person is seen operating the camera and seen moving off-screen. This could be the off-screen attention-grabber.”

Resposta 4

“The people were talking about issues in a work place or possibly about politics. Another topic they could have been talking about was differences of age how they are perceived by others in the world.”

2. What do you think people were feeling while they were talking?

Respostas

Resposta 1

“Some of the people were more articulate than others and were annoying others by their forcefulness. A couple of people seemed indifferent to what was being said.”

Resposta 2

“I think that the people were feeling that they had a point to make when they were speaking but I also think that they were feeling at ease - as if they knew each other.”

Resposta 3

“The farthest left and farthest right attendee looked somewhat disinterested in the proceedings. There was a general affability amongst attendees with no overt signs of hostility. For example, there was an easy turn-taking by speakers with little attempts by attendees to speak over one another. There was also a lot of body language indicating agreement with or investment in the current speaker such as leaning towards the speaker or nodding in agreement. The attendee second from the left became animated at times in a manner suggesting they had a particular point to raise. The attendees towards the right of the screen appeared to be finding each other amusing or pleasing to listen to in that there were nods of agreement or smiles from right-side attendees when other right-side attendees were speaking. The group of four to the left, by contrast, started by looking for agreement from each other as they spoke. This

behaviour became less pronounced as the video continued suggesting, perhaps, the reaching of a consensus.”

Resposta 4

“At first there was quite a calm atmosphere and everyone was feeling comfortable. As the discussion proceeded I could see that some of the people were starting to feel frustrated that they could not get their message across or get the others to understand their point of view. There were also some people who were either bored or didn't have an opinion on the subject being discussed.”

3. What is your overall perception and ideas about this interaction?

Respostas

Resposta 1

“There certainly seemed to be two conflicting sides to what was being discussed. The table seemed to be divided into two halves. Some had very little to add to what was being said, while others were making lots of gestures to try and put emphasis on their opinion.”

Resposta 2

“My overall perception about the interaction was that it was friendly and informal. Some participants were laughing now and again as if joking with one another. I think that there were differing opinions as most people had something to say.”

Resposta 3

“My idea of the meeting was that there was some issue which needed addressing which was in some way related to, or raised by, the attendees on the left. The attendees on the right were there to facilitate progress on rectifying the issue. In terms of perceptions: I

spent much of the video wondering why a meeting taking place, according to the clock, at 3:30pm would have what looked like a plate of sandwiches or fruit provided. Also almost an entire bottle of orange juice had been drunk but there were no cups beyond the one I assume the attendee in pink had been using for cola. Perhaps this indicates the meeting had been going on long before the meeting? I was also confused at the blackouts but the clock on the wall didn't seem to indicate large sections of the meeting had been removed. It was also notable that only one attendee had any form of reference material in front of them. This perhaps indicates the person who was chairing the meeting?"

Resposta 4

"It seems the people have been selected to talk about certain points and possibly at the beginning the gentleman with the tie explains his concerns and asks for feedback."

4. What were your initial thoughts when watching this video and what do you think now that you have watched it?

Respostas

Resposta 1

"I was aware everyone periodically looked to one corner of the room and so I am wondering if they were being prompted to create a reaction by another person in the room."

Resposta 2

"My initial thoughts were that the video was of a poor quality and the lack of sound makes it difficult to gauge what is actually going on? I thought it could have been an induction course of some sort, a social services meeting, a course at a Job Centre? After having watched the video I am curious as to what the interaction was actually about."

Resposta 3

“Initially I had assumed that it was a general business meeting. As time progressed my impression was that there was some issue which needed addressing which in some way was related to the attendees on the left. The attendees on the right were there to facilitate progress on rectifying the issue. Before I had watched the video, I wondered why it had been encoded with a codec dating from the early 90s. Not being able to help myself, I re-encoded it, which has dropped its size by an order of magnitude. Now I have watched it, I assume it's a recording by an ancient teleconferencing system.”

Resposta 4

“It seemed at first they were having a meeting in a work place. Discussing some issues about the work place and staff members. Then my opinion changed as the people would stop their discussion and refer to a person who does not appear in the video. This made me think that they were given a certain point to debate.”

Tabela 30 – Respostas dos ingleses sobre o vídeo inglês

1. Do que acha que as pessoas estão a falar?

Respostas

Resposta 1

“Estão a falar sobre outras pessoas, a julgar ou a criticar.”

Resposta 2

“Parece ser uma reunião de uma empresa, na qual o senhor de vermelho está a mostrar o seu ponto de vista sobre algo e a senhora de verde parece discordar.”

Resposta 3

“Inicialmente, o senhor de camisola vermelha parece estar a apresentar às restantes pessoas algo com uma determinada sequenciação/ordem. Todos parecem estar a ouvi-lo atentamente, até que ele diz algo que gera uma certa confusão/desentendimento na sala. Parecem estar a conversar sobre um tema do interesse de todos, mas sobre o qual nem todos têm a mesma opinião.”

Resposta 4

“Estavam a debater ideias e pontos de vista diferentes numa reunião de trabalho.”

2. O que acha que as pessoas estavam a sentir enquanto falavam? Como descreve o seu comportamento?

Respostas

Resposta 1

“Os da esquerda estavam desinteressados, os da direita pareciam interessados e intervinham na conversa, pareciam discordar.”

Resposta 2

“O senhor de vermelho parece inicialmente preocupado em transmitir aos outros o que está a dizer, mas a certa altura fica frustrado, talvez por não o estar a conseguir. A senhora de vermelho e o senhor ao seu lado parecem no geral desinteressados do resto. O senhor mais à esquerda parece nervoso, pelos gestos que faz com as mãos. A senhora de verde parece estar a ouvir atentamente até que a certa altura fica irritada com o que o senhor de vermelho está a dizer. O segundo senhor mais à esquerda parece nervoso pela forma como olha para quem está a falar e logo de seguida volta a olhar para as próprias mãos. A senhora ao lado da de verde parece estar a rir-se aos 23 segundos do vídeo.”

Resposta 3

“Da esquerda para a direita:

- Apesar de parecer interessado, parece querer manter-se imparcial;
- Parece querer manter-se afastado da discussão;
- Embora não seja muito visível, parece que o sujeito tem alguma relevância sobre o tema abordado, mas parece estar inseguro;
- Desinteresse sobre o tema abordado;
- Parece estar completamente desatento à conversa;
- Embora o tema não pareça ser do seu interesse, pretende mostrar-se atenta;
- Está ativa, atenta e interessada no tema, mas discorda do que foi dito e manifesta a sua opinião de forma segura e convicta;
- Ouve o que está a ser dito inicialmente, mas, a certo ponto, decide afastar-se da discussão quando esta se inicia;
- Ao falar ao mesmo tempo que os restantes intervenientes, parece-me que sente que toma partido de um dos lados e argumenta em favor do mesmo;
- Pretende mostrar que tem razão em relação ao que está a dizer, mostrando-se seguro e convicto do mesmo.”

Resposta 4

“As pessoas do lado esquerdo estavam calmas e indiferentes e as pessoas do lado direito estavam a sentir necessidade de afirmar as suas ideias.”

3. Qual a sua percepção e ideias gerais sobre esta interação?

Respostas

Resposta 1

“Parece ser uma reunião em que se opina sobre algum evento passado e se fazem juízos de valor sobre uns e os outros.”

Resposta 2

“Parece ser uma conversa entre um grupo, na qual algumas pessoas estão em desacordo. E os dois senhores mais à esquerda parecem agir de forma diferente do resto do grupo.”

Resposta 3

“Parece-me que existem duas opiniões opostas, pelas quais alguns dos intervenientes tentam argumentar.”

Resposta 4

“A senhora de verde está a discordar ou a concordar em algum aspeto da conversa com o senhor de vermelho, uma vez que se voltou para ele para lhe responder. Os demais parecem desinteressados, uma vez que o casal do fundo está numa conversa particular e os da esquerda estão apáticos. Poderão estar a ser repreendidos ou simplesmente não tem nada a ver com eles e não estão a prestar atenção.”

4. O que pensou sobre esta interação no início da visualização deste vídeo e o que pensa agora que o terminou de ver?

Respostas

Resposta 1

“No início parecia difícil de perceber o vídeo sem som, mas, analisando bem os gestos e as expressões faciais, dá para ter uma ideia vaga das emoções e talvez do objetivo da conversa.”

Resposta 2

“Inicialmente estava mais focado na forma como agia o senhor de vermelho, mas agora acho que os dois senhores mais à esquerda são os que agem de forma diferente do resto do grupo.”

Resposta 3

“No início pensei que iria assistir a uma reunião, onde todos estavam ativos e onde existia ordem pois até ao 9º segundo nada me levaria a dizer o contrário. Após ter terminado o vídeo, fiquei com ideia de que teria sido uma reunião confusa, sem ordem e onde predominam pontos de vista diferentes.”

Resposta 4

“No início, pensei que se tratara de uma reunião de trabalho, em que o senhor de vermelho estaria a explicar algo e os outros muito atentos. No final, achei que o senhor de vermelho estava revoltado e a senhora de verde concordava ou discordava dele, enquanto os demais estariam desinteressados.”

Tabela 31 – Respostas dos portugueses sobre o vídeo português

7.3. CONVENÇÕES DO GAT

7.3.1. SINAIS DE TRANSCRIÇÃO PROSÓDICA (UTILIZADOS NAS TRANSCRIÇÕES DO PRESENTE TRABALHO)

Sinais de transcrição prosódica	Significado
(.)	Micropausa
(-), (--), (---)	pausa curta, pausa média e pausa longa (de cerca de 0.24-0.75 segundos)
((riso))	indicação de riso
?	movimento de altura de tom – ascendente alto
´	variações de altura de tom – ascendente

-	variações de altura de tom – em suspenso (constante)
<<f>	variações de intensidade e de velocidade da fala – forte, alto
<<ff>	variações de intensidade e de velocidade da fala – fortíssimo, muito alto
<<p>	variações de intensidade e de velocidade da fala – piano, baixo
<<pp>	variações de intensidade e de velocidade da fala – pianíssimo, muito baixo
<<all>	variações de intensidade e de velocidade da fala – allegro, rápido
<<len>	variações de intensidade e de velocidade da fala – lento

(Galhano-Rodrigues, 2007: 769-771)

7.3.2. SINAIS DE ANOTAÇÃO DOS GESTOS

Sinais de anotação dos gestos	Significado
AABB	maiúsculas marcando intervalos de ênfase prosódico
[]	parêntesis retos, destacando as fases da preparação até ao movimento de retração do gesto
Negrito	salientando o momento do golpe do gesto
<u>Sublinhado</u>	fazendo referência às fases das paragens pré e pós-golpe

(McNeill, 1992)

7.3.3. RESUMO DAS PRINCIPAIS CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO DO GAT

Minimal transcript

Sequential structure

[]	overlap and simultaneous talk
[]	In- and outbreaths
°h / h°	in- / outbreaths of appr. 0.2-0.5 sec. duration
°hh / hh°	in- / outbreaths of appr. 0.5-0.8 sec. duration
°hhh / hhh°	in- / outbreaths of appr. 0.8-1.0 sec. duration

Pauses

(.)	micro pause, estimated, up to 0.2 sec. duration appr.
(-)	short estimated pause of appr. 0.2-0.5 sec. duration
(--)	intermediary estimated pause of appr. 0.5-0.8 sec. duration
(---)	longer estimated pause of appr. 0.8-1.0 sec. duration
(0.5)/(2.0)	measured pause of appr. 0.5 / 2.0 sec. duration (to tenth of a second)

Other segmental conventions

and_uh	cliticizations within units
uh, uhm, etc.	hesitation markers, so-called "filled pauses"

Laughter and crying

haha hehe hihi	syllabic laughter
((laughs)) ((cries))	description of laughter and crying
<<laughing >>	laughter particles accompanying speech with indication of scope
<< : -) <so>	smile voice

Continuers

hm, yes, no, yeah	monosyllabic tokens
hm_hm, ye_es,	bi-syllabic tokens
no_o	
?hm?hm	with glottal closure, often negating

Other conventions

((coughs))	non-verbal vocal actions and events
<<coughing>>	...with indication of scope
()	unintelligible passage
(xxx), (xxx xxx)	one or two unintelligible syllables
(may i)	assumed wording
(may i say/let us say)	possible alternatives
((unintelligible))	unintelligible passage with indication of appr. 3 sec.
duration	
((...))	omission in transcript
→	refers to a line of transcript relevant in the argument

Basic transcript

Sequential structure

= fast, immediate continuation with a new turn or segment (latching)

Other segmental conventions

:	lengthening, by about 0.2-0.5 sec.
::	lengthening, by about 0.5-0.8 sec.
:::	lengthening, by about 0.8-1.0 sec.
?	cut-off by glottal closure

Accentuation

SYLlable	focus accent
!SYL!lable	extra strong accent

Final pitch movements of intonation phrases

?	rising to high
,	rising to mid
-	level
;	falling to mid
.	falling to low

Other conventions

<<surprised>> interpretive comment with indication of scope

Fine Transcript Accentuation

SYLlable	focus accent
sYllable	secondary accent
!SYL!lable	extra strong accent

Pitch jumps

↑	smaller pitch upstep
↓	smaller pitch downstep
↑↑	larger pitch upstep
↓↓	larger pitch downstep

Changes in pitch register

<<l>>	lower pitch register
<<h>>	higher pitch register

Intrilinear notation of accent pitch movements

`SO	falling
´SO	rising
¯SO	level
^SO	rising-falling
˘SO	falling-rising
↑`	small pitch upstep to the peak of the accented syllable
↓´	small pitch downstep to the valley of the accented syllable
↑¯SO bzw. ↓¯SO	pitch jumps to higher or lower level accented syllables

↑↑`SO bzw. ↓↓´SO larger pitch upsteps or downsteps to the peak or valley of the accented syllable

Loudness and tempo changes, with scope

<<f >>	forte, loud
<<ff>>	fortissimo, very loud
<< p>>	piano, soft
<< pp>>	pianissimo, very soft
<<all>>	allegro, fast
<<len>>	lento, slow
<<cres>>	crescendo, increasingly louder
<< dim>>	diminuendo, increasingly softer
<<acc>>	accelerando, increasingly faster
<< rall>>	rallentando, increasingly slower

Changes in voice quality and articulation, with scope

<<creaky>>	glottalized
<<whispery>>	change in voice quality as stated

(Selting *et al.*, 2011: 37-39)

7.3.4. VÍDEOS RELATIVOS À EXPERIÊNCIA 2

No CD-ROM que se junta ao presente trabalho, estão gravados os quatro vídeos referentes à Experiência 2. Não se incluem os vídeos relativos à Experiência 1, pois, conforme já foi afirmado, a sua reduzida qualidade de imagem e de som não possibilitam uma visualização adequada e confortável. No entanto, estão disponíveis para consulta.